Michael Löwy (org.)

REVOLUÇÕES

BOITEMPO
EDITORIAL

Michael Löwy
organização

REVOLUÇÕES

tradução
Yuri Martins Fontes

inclui posfácio de Michael Löwy
Revoluções brasileiras?

BOITEMPO
EDITORIAL

Copyright © Boitempo Editorial, 2009
Copyright © Michael Löwy, 2000, 2009

Edição original: *Révolutions* (Paris, Hazan, 2000).

Coordenação editorial	Ivana Jinkings
Editor-assistente	Jorge Pereira Filho
Assistência editorial	Elisa Andrade Buzzo, Frederico Ventura e Gustavo Assano
Tradução	Yuri Martins Fontes
Revisão da tradução	Mariana Echalar
Revisão	Camilla Bazzoni de Medeiros
Capa e diagramação	Antonio Kehl
Produção	Marcel Iha

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R35

Revoluções / Michael Löwy, organização ; tradução Yuri Martins Fontes. - São Paulo : Boitempo, 2009.
il.

Tradução de: Révolutions
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7559-147-5

1. Revoluções - História - Obras ilustradas. 2. Revoluções - História - Século XX - Obras ilustradas. 3. História universal - Obras ilustradas. 4. História moderna - Século XX - Obras ilustradas. I. Löwy, Michael, 1938-.

09-4770. CDD: 303.6409
CDU: 316.423.3(09)

11.09.09 18.09.09 015213

Cet ouvrage, publié dans le cadre de l'Année de la France au Brésil et du Programme d'Aide à la Publication Carlos Drummond de Andrade, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Etrangères et Européennes. "França.Br 2009" l'Année de la France au Brésil (21 avril – 15 novembre) est organisée:
- en France, par le Commissariat général français, le Ministère des Affaires Etrangères et Européennes, le Ministère de la Culture et de la Communication et Culturesfrance;
- au Brésil, par le Commissariat général brésilien, le Ministère de la Culture et le Ministère des Relations Extérieures.

Este livro, publicado no âmbito do Ano da França no Brasil e do programa de auxílio à publicação Carlos Drummond de Andrade, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e Europeias. "França.Br 2009" Ano da França no Brasil (21 de abril a 15 de novembro) é organizado:
- na França, pelo Comissariado geral francês, pelo Ministério das Relações Exteriores e Europeias, pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e por Culturesfrance;
- no Brasil, pelo Comissariado geral brasileiro, pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério das Relações Exteriores.

É vedada, nos termos da lei, a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: novembro de 2009

BOITEMPO EDITORIAL
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373 05442-000 São Paulo SP
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869
editor@boitempoeditorial.com.br
www.boitempoeditorial.com.br

Sumário

Advertência 7
A revolução fotografada 9
A Comuna de Paris, 1871 21
A Revolução Russa de 1905 69
A Revolução Russa de 1917 109
A Revolução Húngara, 1919 167
A Revolução Alemã, 1918-1919 209
A Revolução Mexicana, 1910-1920 265
As Revoluções Chinesas, 1911 e 1949 319
A Guerra Espanhola, 1936 369
A Revolução Cubana, 1953-1967 451
A história não terminou 521
Posfácio à edição brasileira – Revoluções brasileiras? 533
Bibliografia 543
Crédito das imagens 547
Sobre os autores 549

Advertência

Este livro reúne pela primeira vez, ao que nos consta, uma abundante documentação fotográfica sobre os principais movimentos revolucionários, da Comuna de Paris aos nossos dias. A revolução é etimologicamente uma reviravolta: inverte as hierarquias sociais ou, antes, recoloca no lugar um mundo que se encontra do avesso... Por uma questão de coerência, escolhemos as revoluções "clássicas", revoluções sociais de inspiração igualitária que visavam distribuir a terra e as riquezas, abolir as classes e entregar o poder aos trabalhadores: a Comuna de Paris, a Revolução Mexicana de 1910–1920, as duas Revoluções Russas (1905 e 1917), as Revoluções Alemã e Húngara de 1919, a Revolução e a Guerra Civil Espanhola (1936–1937), as Revoluções Chinesas e a Revolução Cubana.

Portanto, fomos obrigados a deixar de lado outros movimentos revolucionários não menos importantes, porém de natureza diferente: as revoluções democráticas, antiburocráticas e antitotalitárias (por exemplo, a Revolução Húngara de 1956) e as revoluções anticoloniais, as lutas de libertação nacional (por exemplo, a Revolução Indochinesa e a Revolução Argelina). A distinção não é absoluta, já que nessas outras formas de revolução existe também uma dimensão social inegável, mas trata-se, em última análise, de fenômenos diferentes.

O último capítulo passa em revista uma série de eventos revolucionários – distintos, em certa medida, das revoluções no sentido pleno do termo – dos últimos trinta anos: Maio de 1968, a Revolução dos Cravos em Portugal (1974–1975), a Revolução Nicaraguense (1978–1979), a queda do Muro de Berlim (1989) e a sublevação zapatista de Chiapas (1994–1995).

Vestígios das barricadas da rua Royale, 1848.

A revolução fotografada

Michael Löwy

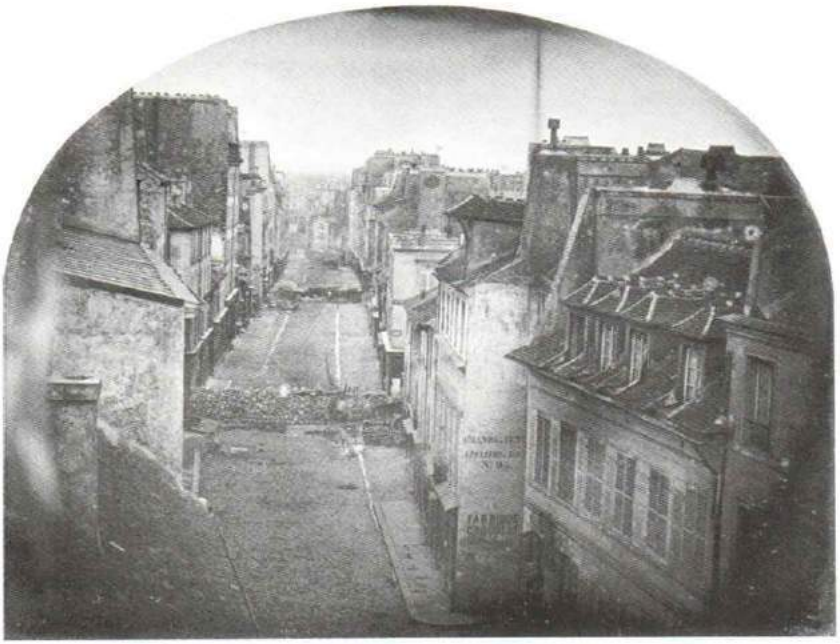
Duas barricadas obstruem uma rua estreita. Os combatentes estão invisíveis. Esperam um ataque iminente. A barreira mais próxima do fotógrafo, construída com paralelepípedos e as rodas de uma carruagem, parece atravessada por uma lança que poderia ser uma haste de bandeira (vermelha?). A rua está vazia. Quase se escuta o silêncio da espera.

Essa barricada não deixa de parecer com a da rua de Saint-Maur, em junho de 1848, descrita por Victor Hugo, em *Os miseráveis*:

> Esse muro foi edificado com paralelepípedos. Era reto, correto, frio, perpendicular, nivelado a esquadro, retificado com barbante, alinhado a fio de chumbo. [...] A rua estava deserta a se perder de vista. Todas as janelas e todas as portas fechadas. [...] Não se via ninguém, não se ouvia nada; nem um grito, nem um ruído, nem um suspiro. Um sepulcro.[1]

---

[1] Victor Hugo, *Les misérables* (Paris, Flammarion, 1979, v. 3), p. 200-1. [Ed. bras.: *Os miseráveis*, trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros, 3. ed., São Paulo, Cosac Naify, 2009.] Hugo contribuirá muito para a construção da barricada como mito revolucionário. Certamente, ele se refere às barricadas de 1832, que ocupam a praça principal na narrativa de *Os miseráveis*, mas também faz referência às construções dos insurgentes de junho de 1848, como a da entrada do subúrbio de Saint-Antoine, descrito ora como um monstro, ora como um monumento sagrado: "Era desmesurada e viva; e como das costas de uma besta elétrica, soltava fagulhas de raio. O espírito da revolução cobria com sua nuvem o pico onde troava essa voz do povo que se assemelha à voz de Deus; uma majestade estranha desprendia-se desse titânico monte de escombros" (ibidem, p. 199).



Barricadas antes do ataque, rua Saint-Maur, 25 de junho de 1848.

A mesma barricada no dia seguinte: o cenário após a batalha. A rua fervilha de gente: militares, tropas de choque, ambulantes. Passeiam entre as barricadas, esburacadas, mas ainda inteiras. Os insurgentes estão ausentes: mortos, fugidos, presos? O que é certo é que foram vencidos.

Esses dois daguerreótipos*, tirados de uma janela em 25 e 26 de junho de 1848 por um certo Thibaut, sobre o qual não se sabe muita coisa, estão entre os primeiros registros fotográficos de uma revolução.

* Fotografia obtida por um processo inventado por Louis Daguerre, em 1839, que consistia em fixar a imagem numa película de prata. (N. T.)

Barricadas após o ataque, rua Saint-Maur, 26 de junho de 1848.

Data da mesma época um terceiro registro, feito por Hippolyte Bayard: a barricada destruída da rua Royale. É uma imagem melancólica: do sonho utópico dos insurgentes, não resta senão a ruína, montes de pedras dispersas. A rua parece deserta, mas a presença de algumas carroças e carrinhos de mão parece indicar que alguém se prepara para repavimentá-la. A batalha terminou. A ordem reina em Paris.

É enorme o contraste entre essas primeiras imagens de barricadas revolucionárias, esplêndidas, mas imóveis, enigmáticas e distantes, e aquelas de Barcelona, em julho de 1936, quase um século depois. Os sacos de areia

substituíram os paralelepípedos. O fotógrafo não está mais numa sacada, mas bem mais próximo, ou mesmo no meio dos insurgentes. E, sobretudo, veem-se os rostos dos combatentes, os sorrisos, as mãos desajeitadas que seguram o fuzil ou o punho erguido. Contudo, apesar das mudanças, a barricada está sempre lá, sinônimo de sublevação popular, de iniciativa revolucionária. Não é por acaso que o hino da CNT [Confederação Nacional do Trabalho], o grande sindicato anarquista, começa com o chamado: *"A las barricadas! A las barricadas!"*

Nova mudança de cenário: estamos em maio de 2008. Os paralelepípedos são de novo arrancados do chão, e os rebeldes, quase todos jovens, em alegre solidariedade, erguem uma barricada. Mas dessa vez, ao contrário de Barcelona em 1936 ou de Paris no século XIX, não há mais fuzis. Não se mata o inimigo, há escárnios, zombarias, às vezes alguém o arranha ao lançar uma pedra. Há muito barulho e fumaça, mas a queda da barricada não conduz mais à execução dos rebeldes, fuzilados pelas forças da ordem: o combate acaba com a dispersão dos jovens, que logo se reagrupam noutra parte.

Voltemos um instante às barricadas de junho de 1848, as primeiras da história fotográfica das revoluções. Elas constituem uma guinada histórica: o início "da guerra civil entre o capital e o trabalho", escreverá Marx. E introduzem um novo significado à palavra revolução: não mais uma simples mudança na forma do Estado, mas uma tentativa de subversão da ordem burguesa[2].

Qual era a eficácia político-militar da barricada? Para Auguste Blanqui – de todos os revolucionários do século XIX este é, sem dúvida, aquele que mais refletiu sobre a questão –, a eficácia é indispensável para o triunfo da sublevação, desde que se saiba tirar as lições da derrota de junho de 1848. Como explica detalhadamente em suas *Instructions pour une prise d'armes* (1869) [Instruções para uma tomada pelas armas], é imperativo organizar uma rede entre as barricadas assim como é preciso erguê-las de modo que sejam

[2] Karl Marx, *Les luttes de classe en France, 1848-1850* (Paris, Éditions Sociales, 1948), p. 59 e 63. [Ed. bras.: *As lutas de classes na França (1848-1850)*, São Paulo, Global, 1986.]

indestrutíveis, usando não menos do que 9186 paralelepípedos por muralha[3]. Friedrich Engels, ao contrário, é mais cético. Em seu célebre texto de 1895, insiste logo de início na ideia de que a barricada tem um efeito mais moral do que material: visa abalar o moral das tropas governamentais. De seu ponto de vista, o aperfeiçoamento técnico dos fuzis e da artilharia, assim como as novas ruas modernas, retas e largas (Haussmann!), são elementos desfavoráveis às barricadas[4].

Essas considerações técnicas e táticas não impediram que as barricadas ressurgissem no coração das crises revolucionárias. Na Europa ocidental – às vezes também na América Latina e na Rússia, mas não na Ásia –, a barricada é quase consubstancial com a noção de revolução: desde o princípio do século XIX até maio de 1968 e mais além, surge como a materialização simbólica do ato insurrecional. Como subversão petrificada, ergue-se no meio da cidade, guarnecida de bandeiras e fuzis, num enfrentamento desigual com a metralha e os canhões das forças da ordem.

Momento mágico, luz inesquecível que escapa do desenrolar casual das sucessões ordinárias, a revolução é assunto de imagem, mais que de conceito. Sobrevive e propaga-se pela imagem e, desde o fim do século XIX, (também) pela imagem fotográfica[5].

É claro que as fotografias não podem substituir a historiografia, mas elas captam o que nenhum texto escrito pode transmitir: certos rostos, certos gestos, certas situações, certos movimentos. A fotografia possibilita que se veja, de modo concreto, o que constitui o espírito único e singular de cada revolução. Alguns críticos negam o valor cognitivo das fotografias de acontecimentos. Por exemplo, o grande teórico do cinema Siegfried Kracauer tinha

[3] Auguste Blanqui, *Instructions pour une prise d'armes* (Paris, Éditions de la Tête des Feuilles, 1972), p. 51.

[4] Friedrich Engels, "Introduction" (1895), em Karl Marx, *Les luttes de classes en France*, cit., p. 33-4.

[5] Ver Daniel Bensaïd, *Le pari mélancolique* (Paris, Fayard, 1997), p. 281-3.

convicção de que a foto não permite conhecer o passado, mas somente "a configuração espacial de um instante". Num ensaio de 1927, chega a denunciar as revistas ilustradas como "uma ferramenta de protesto contra o conhecimento"[6]! Essa opinião é compartilhada, meio século depois, por Susan Sontag, em seu livro *Sobre a fotografia*: citando Brecht, segundo o qual uma foto das usinas Krupp não revela praticamente nada sobre essa instituição capitalista, ela afirma que somente a maneira narrativa pode permitir a compreensão. Para ela, a fotografia, "afinal de contas, nunca pode nos trazer nenhum conhecimento de ordem ética ou política"[7].

Esse ponto de vista me parece bastante discutível. É verdade que a fotografia não pode substituir a narrativa histórica, mas isso não a impede de ser um instrumento insubstituível de conhecimento histórico, que torna visíveis aspectos da realidade que frequentemente escapam aos historiadores. A foto das usinas Krupp não acrescenta nada, mas a do senhor Krupp cumprimentando Hitler, em companhia de outros industriais e banqueiros, é um documento fascinante sobre a cumplicidade entre capitalistas alemães e nazismo.

A contribuição específica da documentação fotográfica é posta em evidência, com muita perspicácia, pelo antropólogo e historiador Marc Augé:

> As fotos de imprensa ou agências [...] colocam a História no presente, restituindo-lhe a espessura, a contingência, a imprevisibilidade. O indivíduo, o acontecimento, a anedota ocupam todo o seu espaço e isso não significa que a História não tenha sua importância: uma das tarefas do historiador, se deseja compreender uma época, é precisamente imaginar o presente dela, fazer o inventário de suas possibilidades, escapar da ilusão retrospectiva.[8]

---

[6] Siegfried Kracauer, *Die Photographie* (1927) (Frankfurt, Suhrkamp, 1990, Schriften, vol. 5.2), p. 92-3. Ver os comentários críticos bastante pertinentes de Enzo Traverso sobre esse ensaio em seu livro *Siegfried Kracauer: itinéraire d'un intellectuel nomade* (Paris, La Découverte, 1994), p. 92-6.

[7] Susan Sontag, *Sur la photographie* (Paris, Christian Bourgois, 1993), p. 38. [Ed. bras.: *Sobre a fotografia*, São Paulo, Companhia das Letras, 2004.]

[8] Marc Augé, *Paris, années 30 (Roger-Viollet)* (Paris, Hazan, 1996), p. 10. Ver também p. 11: "A força da fotografia instantânea se sustenta também no fato de propor ao nosso olhar cenas

Afirmar a importância da fotografia para o conhecimento dos eventos revolucionários não implica que se trate de um documento puramente objetivo. Cada uma dessas imagens é ao mesmo tempo objetiva – como imagem do real – e profundamente subjetiva, pois traz, de um modo ou de outro, a marca de seu autor. Seria preciso toda a ingenuidade – tingida de positivismo – do fotógrafo, pintor e teórico húngaro Lásló Moholy-Nagy para acreditar, em 1925, na plena objetividade da fotografia: "O aparelho fotográfico é a mais segura ferramenta que nos permite começar a ter uma visão objetiva. Cada um será obrigado a ver o que é verdadeiro do ponto de vista ótico, o que se explica por si, o que é objetivo, antes de poder formular uma posição subjetiva"[9]. Esse método abstrai a carga subjetiva que resulta da personalidade, da cultura ou das opções políticas do fotógrafo. Como escreve Cordelia Dilg a propósito de suas fotos da Revolução Nicaraguense: "Nenhuma foto é produzida sem intenção. Eu escolho o objeto, decido o instante da tomada, determino a forma estética e completo as fotos com uma legenda (um texto)"[10].

A escolha da documentação nesse trabalho por vezes é arbitrária, como em toda seleção desse tipo. Mas, por sua diversidade e riqueza, apresenta uma imagem plural de cada revolução, naquilo que tem de universal e em sua especificidade histórica, cultural e nacional. Vemos aparecer a revolução não como uma abstração, uma ideia, um conceito, uma "estrutura", mas como uma ação de seres humanos vivos, homens e mulheres que se insurgem contra uma ordem que se tornou insuportável.

---

que não são mostradas pelos historiadores [...]: não somente as atitudes, as expressões fugidias em que se podem ler a alegria, o medo, a dúvida de um ator dessa história que se está construindo, mas também, e ainda mais, os gestos, os movimentos, a energia ou a perplexidade de todos aqueles por meio dos quais ela se constrói [...]".

[9] Lásló Moholy-Nagy, citado em Susan Sontag, *Sur la photographie*, cit., p. 235.

[10] Cordelia Dilg, *Nicaragua, Bilder der Revolution* (Colônia, Pahl-Rugenstein, 1987), p. 2. Ela acrescenta a seguinte explicação, nada insignificante: "Essas legendas podem mudar o significado da fotografia e são, portanto, uma parte da informação".

Encontramos nessa pilha de documentos verdadeiras obras de arte e simples instantâneos, trabalhos profissionais e outros de amadores. Não quisemos privilegiar a obra de alguns fotógrafos célebres: as cenas mais surpreendentes, mais belas ou mais "históricas" não são obra em geral de anônimos? Recorremos a múltiplos recursos: agências de notícias, sem dúvida, mas também museus, arquivos, coleções particulares – não só em Paris, mas também em Budapeste e México, Amsterdã e Berlim, passando por Praga e Munique. O conjunto, fruto de dois anos de pesquisas intensas, oferece uma viagem no tempo e no espaço revolucionário, um mergulho numa história que está longe de acabar[11].

As fotos são, ainda, mais polissêmicas que os textos: podem ser interpretadas de diferentes maneiras, bastando um título para modificar seu significado, ou mesmo transformá-la em seu contrário[12]. Os registros que encontramos estão frequentemente mal legendados: parte importante da pesquisa consiste em atribuir-lhes um título preciso. Walter Benjamin insistia, com razão, na importância das legendas e via nas das montagens de Heartfield um exemplo de utilização do texto como "pavio que aproxima as faíscas críticas da massa de imagens"[13].

No nascimento da fotografia, no século XIX, os setores mais conservadores das classes dominantes se horrorizaram com a nova descoberta. O *Leipziger Stadtanzeiger*, diário alemão de tendência chauvinista, denunciava essa arte diabólica vinda da França: "Querer fixar imagens fugidias de espelho não é somente uma impossibilidade, como solidamente provaram os trabalhos da ciência alemã, mas o projeto em si é

[11] Digo "nós", mas é maneira de dizer: esse trabalho foi realizado por nossa documentalista, Helena Staub.

[12] Um exemplo recente bastante conhecido é a foto de uma pilha de cadáveres de vítimas da ditadura de Somoza sendo incinerados que, graças ao *Figaro*, se tornou uma imagem de índios miskitos assassinados pelos sandinistas...

[13] Walter Benjamin, *Pariser Brief (2): Malerei und Photographie* (1936) (Frankfurt, Suhrkamp Verlag, 1980, Gesammelte Schriften), p. 505. [Ed. port.: "Cartas a Paris (2): pintura e fotografia", em *A modernidade*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2007.]

blasfematório. O homem foi criado à imagem de Deus e essa imagem não pode ser fixada por nenhuma máquina humana"[14].

Do outro lado da barricada também havia desconfiança, mas por outras razões. Até os anos 1920, a prática da fotografia era extremamente limitada nos meios operários, socialistas ou revolucionários: estes últimos são objetos, mas não sujeitos dos instantâneos. A maioria das imagens da Comuna de Paris, das duas Revoluções Russas ou da Revolução Alemã de 1918–1919 foi feita por fotógrafos profissionais, que trabalhavam na maior parte das vezes para a imprensa burguesa. Daí a desconfiança que às vezes se observa no rosto dos combatentes fotografados – ainda mais que, em caso de derrota da insurreição, esse material documental podia facilmente servir às forças repressivas para identificar os revolucionários. Roland Barthes remete ao "poder mortífero" da fotografia e cita um exemplo de 1871: "Alguns partidários da Comuna pagaram com a vida pela complacência de posar em cima das barricadas: vencidos, foram reconhecidos pelos policiais de Thiers e quase todos fuzilados"[15].

Alguns desses fotógrafos profissionais simpatizavam com a causa revolucionária, mas seu trabalho estava submisso a restrições externas. Assim, por exemplo, existem dezenas de fotos da execução de dez reféns feitos pelos revolucionários em Munique, em 1919, e somente duas das 1,5 mil pessoas mortas pela repressão entre janeiro e março do mesmo ano em Berlim[16].

À medida que se avança no tempo, a fotografia torna-se não apenas um espelho – necessariamente deformador – dos eventos revolucionários, mas

---

[14] Leipziger Stadtanzeiger, citado em Walter Benjamin, "Petite histoire de la photographie" (1931), em *Poésie et révolution* (Paris, Denoël, 1971), p. 16. [Ed. bras.: "Pequena história da fotografia", em *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*, 10. ed., São Paulo, Brasiliense, 1996.]

[15] Roland Barthes, *La chambre claire: note sur la photographie* (Paris, Cahiers du cinéma, Gallimard/Seuil, 1980), p. 25. [Ed. bras.: *A câmara clara*, 7. ed., São Paulo, Nova Fronteira, 2000.]

[16] Ver Dietehart Krebs, "Einleitung" e "Revolution und Fotografie", em Thomas Friedrich, Tatjana Schmolling et al., *Revolution und Fotografie, Berlin 1918/1919* (Berlim, Dirk Nishen, 1989), p. 9-24.

também um ator histórico, um instrumento de combate. Cada campo, nos enfrentamentos ou nas guerras civis, utiliza a fotografia como meio de propaganda, símbolo de união, sinal de reconhecimento. E, é claro, as fotografias das revoluções anteriores inspiram cada nova revolução[17].

Algumas fotos mostram os dirigentes, os líderes, os "cabeças" das revoluções. Esses personagens emblemáticos são quase sempre os vencidos: Auguste Blanqui, Emiliano Zapata, Rosa Luxemburgo, Leon Trotski, Ernesto Che Guevara, Carlos Fonseca. Walter Benjamin não estava errado quando insistiu na força messiânica das vítimas, dos vencidos da história, dos antepassados martirizados como fonte de inspiração para as gerações seguintes. Mas a maioria dessas imagens é povoada por multidões anônimas, por desconhecidos: o povo insurgente. São artesãos parisienses, marinheiros russos, trabalhadores alemães ou húngaros, milicianos espanhóis, camponeses chineses, indígenas mexicanos. Se, como sublinha Trotski em sua *História da Revolução Russa* (1932), "o traço mais incontestável da revolução é a intervenção direta das massas nos acontecimentos históricos"[18], esse traço devia ser necessariamente impresso no papel sensível dos fotógrafos. O que a objetiva capta em movimento, em ação, é a transformação dos excluídos, dos oprimidos, das "classes subalternas" em protagonistas de sua própria história, sujeitos de sua própria emancipação. Os fotógrafos registram, preto no branco, o momento histórico privilegiado em que a longa cadeia da dominação se interrompe. A sequência descontínua dessas interrupções revolucionárias constitui a tradição dos oprimidos, tradição que remonta a tempos muito anteriores à intervenção de Daguerre.

---

[17] Eis como Walter Benjamin descreve essa qualidade: "A mais exata técnica pode conferir a seus produtos um valor mágico que nenhuma imagem pintada poderia ter agora para nós. [...] Na maneira de ser singular desse minuto, há muito passado, aninha-se ainda hoje o futuro, e tão eloquente que, por um olhar retrospectivo, podemos reencontrá-lo". Ver Walter Benjamin, "Petite histoire de la photographie", cit., p. 19.

[18] Leon Trotski, *Histoire de la Révolution Russe* (Paris, Seuil, 1950), p. 13. [Ed. bras.: *História da Revolução Russa*, São Paulo, Paz e Terra, 1980.]

As fotos de revoluções – sobretudo se foram interrompidas ou vencidas – possuem assim uma poderosa carga utópica[19]. Revelam ao olhar atento do observador uma qualidade mágica, ou profética, que as torna sempre atuais, sempre subversivas. Elas nos falam ao mesmo tempo do passado e de um futuro possível.

[19] Uma fotografia poderia ser um fator decisivo numa revolução? É o que propõe, na forma de ficção, um filme norte-americano recente, inspirado na Revolução Nicaraguense, *Sob fogo cruzado* (1983), de Roger Spottiswoode. O principal dirigente da insurreição é morto num confronto com o exército (a exemplo de Carlos Fonseca, fundador da Frente Sandinista, em 1976). A ditadura triunfa e proclama que a rebelião foi subjugada. Os camaradas, que conseguiram salvar o corpo do líder, pedem a um fotógrafo amigo que os ajude numa manobra: ele o fotografa sentado, lendo um jornal, o que dá a ilusão de que está vivo. A foto, publicada em toda a imprensa, inflama os insurgentes e o povo, que derrubam a tirania. O cenário é imaginário, mas nem por isso menos crível.

1871

A Comuna de Paris

Gilbert Achcar

A Comuna de Paris

A Comuna parisiense de 1871 é certamente a mais prestigiosa e mítica das revoluções abortadas. É também o primeiro dos grandes episódios revolucionários que ostentou a bandeira vermelha a ser fotografado. De fato, a Comuna foi contemporânea do advento da fotografia dita instantânea, que requeria um tempo de pose breve o bastante para permitir apreender a atmosfera de uma ocasião ou de um evento, sempre que era possível fazer os participantes posarem alguns instantes. Mas esse tempo necessário era ainda muito longo, e o material fotográfico muito pesado e incômodo para poder captar imagens ao natural.

Esses limites técnicos tiveram duas consequências para a representação da Comuna pela imagem: as artes gráficas geralmente se impõem à fotografia na iconografia de numerosos trabalhos ilustrados que lhe foram consagrados, enquanto a essas mesmas fotografias se adicionam fotomontagens, às vezes grosseiras, as quais buscam dissimular as limitações da arte fotográfica principiante por meio de uma reconstituição artificial. Essa combinação de duas técnicas de representação, na confluência de duas grandes épocas de materialização visual da memória histórica, contém, de certo modo, a resposta mais sensata para um debate que opôs apaixonadamente os historiadores da Comuna: teria sido o canto do cisne do ciclo revolucionário iniciado em Paris, em 1789, ou um evento

anunciador das revoluções do século XX? A resposta é simplesmente que a Comuna, à semelhança de sua iconografia, diz respeito a duas épocas ao mesmo tempo...

Tudo começa quando, nas primeiras horas de 18 de março de 1871, as tropas do governo de Adolphe Thiers tentam tomar os canhões estacionados pela Guarda Nacional nos distritos do norte e do leste de Paris, e especialmente os que estão no morro de Montmartre. Esses canhões, destinados a proteger Paris contra o exército de ocupação prussiano, espalhado ao norte e ao leste dos limites da cidade, foram em grande parte adquiridos pela Guarda Nacional por meio de uma subscrição. Já contrariada pelas condições humilhantes da paz assinadas pelo governo com o invasor em 26 de fevereiro, ratificadas em 1º de março pela maioria monarquista da Assembleia Nacional recém-eleita, a população de Paris, majoritária e radicalmente republicana, sofreu uma série de vexações econômicas e repressivas, que culminaram com a "descapitalização" de fato da cidade e com a decisão da Assembleia, em 10 de março, de instalar-se em Versalhes.

Então, no dia 18 de março, Paris entra em rebelião. A Guarda Nacional – organizada em federação de acordo com o duplo princípio da elegibilidade e da revogabilidade e comandada por um Comitê Central – bem como a população dos subúrbios populares de onde saiu mobilizam-se para pôr em xeque a operação do exército governamental. Em Montmartre, guardas nacionais e soldados confraternizam-se com os fuzis para o alto diante da objetiva do fotógrafo, para testemunhar esse momento de grande alegria insurrecional. Dois generais – Lecomte, que se distinguiu pela brutalidade à frente de uma das brigadas lançadas ao assalto do morro, e Thomas, que se destacou logo após a sangrenta repressão aos operários parisienses em junho de 1848 – são fuzilados por uma multidão exaltada. Thiers ordena a evacuação de Paris durante a noite: o Estado transfere-se para Versalhes, seguido da maior parte das classes abastadas do oeste parisiense.

Em 18 de março, as barricadas de Paris mudam de significado: não é mais contra o exército prussiano que a população se agita em volta dos montes de paralelepípedos, mas contra o exército da reação francesa. Não é mais em nome de uma pátria em perigo, mas em nome da República que precisa ser salva, e mesmo em nome da "República universal", e sobretudo em nome da Comuna. O "viva a Comuna!" dispara de todas as partes, toque de reunir dos parisienses, mais do que nunca decididos a conquistar sua autonomia, com o risco de ver o conjunto das coletividades locais francesas obter a deles no contexto de uma república federalista.

Como parecem orgulhosos e confiantes em suas barricadas, esses guardas nacionais que exibem clarins e tambores, bandeira vermelha ao vento, em poses diversas, em guarda ou descanso, de pé ou de cócoras, o sabre desembainhado apontado para a terra ou para o céu. Não inspiram horror, com suas barricadas improvisadas e seus rostos bonachões ou ingênuos. Nessa ocasião, curiosos, homens ou mulheres, juntam-se à pose, como para sublinhar o clima de quermesse que emana desses primeiros momentos, um clima amistoso, ilustrado pelo menino que um guarda segura pela mão diante da barricada da rua Saint-Sébastian. Essas imagens mostram bem o que foi a Comuna: muito entusiasmo, pouca disciplina, bons sentimentos, eficácia duvidosa, um povo em armas e não uma "armada popular".

Por entre as fotos das barricadas, em que a Paris plebeia é eriçada, nenhuma é mais teatral e mais simbólica (involuntariamente) que a do cruzamento do bulevar de Belleville com a rua de Ménilmontant, na qual se destaca o letreiro de um *magasin de nouveautés**: "Aos trabalhadores". Essa é efetivamente a Paris dos trabalhadores – operários, empregados de escritório, artesãos e pequeno-burgueses – que se insurgiram, sob o comando de um Comitê Central da Guarda Nacional, cujos membros são na maioria operários e mais de dois quintos são filiados à Associação

* Literalmente, loja de novidades. Refere-se a um tipo de estabelecimento comercial, surgido em princípios do século XIX, caracterizado pela ampla variedade de artigos ofertados. (N. E.)

Internacional dos Trabalhadores, a famosa AIT, dirigida de Londres por um exilado alemão de nome Karl Marx.

Essa recém-nascida que é a Paris da Comuna estava equipada com uma "Casa Marx", como parece sugerir outra foto, sobre a qual nos perguntamos se o simbolismo não seria um efeito buscado pelo fotógrafo, já que não há outra justificativa aparente. Na realidade, os "internacionalistas" parisienses estão longe de ser "marxistas". A maioria adere aos ideais anarquistas, próximos da teoria de Proudhon ou de Bakunin. Uma minoria no Comitê Central afirmava-se partidária de Blanqui, os outros membros são simplesmente republicanos mais ou menos radicais, muitos deles nostálgicos do jacobinismo.

Na noite de 18 de março, a Guarda Nacional ocupa pouco a pouco todos os prédios administrativos e militares de Paris, desertados pelos governistas. O Comitê Central – situado na rua Basfroi, não longe da Bastilha, e protegido por barricadas, como a da rua de Charonne reforçada com canhões – decide durante a noite instalar-se na prefeitura, lugar tradicional do poder parisiense, até a eleição de um novo governo municipal. A praça da prefeitura, por sua vez, está transformada em fortaleza, cercada de barricadas como as da avenida Victoria e orientada para oeste, onde estão dispostas algumas dezenas de canhões.

A vitória é rápida e surpreendente – inesperada, para resumir. Thiers não quis arriscar, temendo que suas tropas fossem contaminadas pela revolta parisiense. Preferiu recuá-las em Versalhes, deixando Paris entre seu exército e o exército prussiano, de modo que pudesse preparar a reconquista da cidade rebelde. Ele deseja dominar a capital para esmagar sem piedade a desagradável tendência da plebe à revolução. (Thiers era especialista nessa matéria: ministro do Interior sob a Monarquia de Julho, fez o Exército intervir para reprimir os operários e o povo republicano de Paris, insurgidos em abril de 1834 contra a sua decisão de privá-los da liberdade de associação. Sob suas ordens, as tropas do general Bugeaud, futuro conquista-

dor sanguinário da Argélia, massacram os manifestantes da rua Transnonain, em 14 de abril, num dia sangrento reproduzido por Daumier em uma de suas mais famosas litografias.)

A Guarda Nacional, originalmente milícia suplementar, viu-se investida do dia para a noite da responsabilidade de substituir todos os aparelhos de Estado em Paris, tanto militares como administrativos. Thiers ordenou deliberadamente a evacuação, contando com a anarquia como um dos fatores que contribuiriam para a subjugação dos parisienses. É à extensão dessa responsabilidade, ao menos tanto quanto aos princípios democráticos caros aos insurgentes, que se deve atribuir a pressa do Comitê Central em transmitir o poder a uma Comuna eleita.

As eleições comunais são realizadas em 26 de março, após uma curta semana de campanha eleitoral durante a qual a Federação da Guarda Nacional e a AIT recordam os objetivos de por que se enfrentam.

Comitê Central: "O que pedíamos? A manutenção da República como governo, único possível e indiscutível. O direito comum para Paris, isto é, um conselho comunal eleito. A supressão da chefatura de polícia [...]. A supressão do exército permanente e o direito de vós, Guarda Nacional, ser a única a assegurar a ordem em Paris. O direito de nomear todos os nossos chefes".

Conselho federal das seções parisienses da AIT: "O que pedimos? A organização do crédito, do comércio, da associação, a fim de assegurar ao trabalhador o valor integral de seu trabalho; a instrução gratuita, laica e integral; o direito de reunião e de associação, a liberdade absoluta de imprensa, a do cidadão; a organização do ponto de vista municipal dos serviços de polícia, força armada, limpeza, estatística etc."

Esse era o programa da "revolução comunal". As eleições de 26 de março forneceram oitenta cadeiras, das quais uma é atribuída a Blanqui, detido na província. Por considerar a nova Assembleia revolucionária demais para o seu gosto, dezenove eleitos republicanos moderados renunciam logo depois, e eleições complementares são organizadas em 16 de abril. No fim das

contas, 79 eleitos tomam posse na Comuna, dos quais 21 operários, 16 empregados de escritório, 9 artesãos e 25 praticantes de profissões intelectuais ou liberais. Trinta e quatro membros são afiliados à AIT, em igual proporção à da participação "internacionalista" no Comitê Central da Guarda Nacional, o que mostra uma constância na divisão das simpatias políticas do povo revoltoso de Paris. O restante, ou seja, a maioria, é composto de blanquistas e republicanos neojacobinos e socialistas moderados.

A Comuna pôs mãos à obra em meio a uma cacofonia evidente desde os primeiros dias que só fez crescer. Aplicará essencialmente o duplo programa que seus membros haviam fixado, com muita improvisação, hesitação, alguns equívocos e grande devoção. Supressão (simbólica) do exército permanente, moratória das dívidas e dos aluguéis, separação de Igreja e Estado, estabelecimento de um teto salarial para os funcionários públicos, requisição de moradias vagas, interdição de multas e retenções sobre salários, bem como do trabalho noturno nas padarias, anulação de pequenas dívidas contraídas em casas de penhores etc. A obra administrativa e social da Comuna é absolutamente notável, se levarmos em conta as condições em que se realizou e a pouca qualificação da maioria do pessoal de que dispunha.

Revolução política e social cuja ponta de lança é uma milícia pouco conforme com os critérios da arte da guerra, a Comuna aposta em primeiro lugar e acima de tudo no contágio revolucionário de seu exemplo e na indignação suscitada entre republicanos de toda sorte pela maneira de agir do governo Thiers e da Assembleia Nacional monarquista. Despachará mensageiros para as cidades de província, e organizará até mesmo um lançamento de balões para jogar panfletos endereçados "Aos trabalhadores do campo" e que terminavam com a proclamação deste triplo objetivo: "Terra para o camponês, ferramenta para o operário, trabalho para todos".

A esperança dos membros da Comuna não era vã. Na esteira do 18 de março parisiense, movimentos e tentativas comunalistas declararam-se sucessivamente em Lyon, Marselha, Saint-Étienne, Toulouse, Narbonne,

Le Creusot e Limoges. Contudo, todas acabam em fracassos mais ou menos graves. Desde os primeiros dias de abril, ficou claro que Versalhes levaria a melhor sobre o resto da França. Como a grande maioria dos membros da Comuna julgavam a capitulação inadmissível, Paris sozinha não teve outra escolha senão manter-se firme e preparar-se para o confronto, que se sabe inelutável, com os versalheses.

O conflito pendia inexoravelmente para o terreno predileto da reação versalhesa, no qual tinha vantagem certa, com um exército aguerrido nas expedições coloniais e contra o inimigo prussiano e em busca de um bode expiatório para a dolorosa derrota diante deste. Enquanto os preparativos versalheses vão de vento em popa, a defesa parisiense se afunda numa doce anarquia que os sucessivos delegados de Guerra designados pela Comuna não conseguirão superar: Cluseret, Rossel e em seguida Delescluze. Os dois primeiros, militares de formação, demitiram-se um após o outro, exasperados com a total ausência de disciplina de uma Guarda em que cada homem se pretende chefe, já que pode eleger seus chefes e, além do mais, não sabe mais a que comando se votar: à Comuna, ao seu delegado de Guerra, à sua comissão executiva, à sua comissão militar ou ao Comitê Central mantido pela Federação da Guarda Nacional, sem falar dos conselhos regionais? Enquanto isso, a Comuna acumula derrotas diante de um exército versalhês que aperta o cerco em torno de Paris.

Mesmo em Paris, os guardas nacionais posam e relaxam. É muito expressiva a foto de um grupo descansando, em que se misturam atitudes de soldados e posturas de veranistas, imberbes e barbudos, barbas negras e barbas brancas, e algumas merendeiras. Os guardas em primeiro plano, indolentemente deitados no chão, sonham cerca de um século antes com a praia pavimentada?

Há também os que posam sozinhos para o fotógrafo, às vezes diante de um cenário em *trompe l'oeil*: o oficial, a merendeira, o chefe da frota, a parisiense

anônima, uma daquelas que a reação versalhesa chamará de "*pétroleuses*"*, acusadas de terem provocado os incêndios da semana final. Vê-se também, de braços vigorosamente cruzados num notável paralelismo, Tranquil, com seu olhar terrível e seu chapéu de "turco", membro do Comitê de Vigilância encarregado de ir atrás dos refratários, depois que a Comuna decretou, em 6 de abril, a incorporação de todos os homens de 19 a 40 anos na Guarda Nacional; e a cidadã Hortense David, com sua boina de marinheiro e seu ar de "força tranquila", que nos faz pensar que, se a Comuna tivesse sido avançada o suficiente para incorporar as mulheres igualmente na Guarda, o curso dos acontecimentos talvez fosse outro... Poucos combatentes da Comuna destacaram-se tanto nas batalhas como algumas mulheres, das quais a mais célebre foi a heroica Louise Michel.

Excluídas do direito de elegerem e serem eleitas para as responsabilidades políticas pelos homens, ainda imbuídos dos preconceitos de sua época, as mulheres da Comuna não terão um papel menos notável, não somente no emprego tradicional de merendeiras, mas também por meio de suas organizações e comitês próprios, dos quais os mais conhecidos são a União das Mulheres pela Defesa de Paris e pelos Cuidados aos Feridos e o Comitê de Vigilância das Cidadãs de Montmartre, assim como em certas organizações e clubes mistos, como o Clube da Revolução, cujos debates realizados na igreja Saint-Bernard, no 18º distrito, eram presididos por Louise Michel...

É na praça Vendôme que se encontra a sede do estado-maior da Guarda Nacional, diante da qual vemos pavonear-se o major da praça, Simon Mayer. Ambos os acessos estão obstruídos: ao norte, na rua da Paix, por uma barricada de ar bonachão, como seus guardiões; ao sul, na rua de Castiglione, pela qual poderiam vir os versalheses, por uma verdadeira fortificação, muito mais imponente. Os acessos a oeste da praça Vendôme e do 1º distrito também são munidos de fortificações impressionantes, como

* Termo usado na época para designar as incendiárias, ou "queroseneiras" da Comuna de Paris. (N. T.)

a da rua Royale e, a mais maciça de todas, a da praça da Concorde, na esquina da rua Saint-Florentin com a rua de Rivoli, artéria central de Paris que leva diretamente à prefeitura, onde se instala a Comuna.

A principal atração da praça Vendôme, porém, é a coluna erguida em seu centro em honra a Napoleão I, cuja demolição foi decretada pela Comuna, essa "antítese do Império" (Karl Marx), já em 12 de abril, por considerá-la "um monumento à barbárie, um símbolo de força bruta e falsa glória, uma afirmação do militarismo, uma negação do direito internacional, um insulto permanente dos vencedores aos vencidos, um perpétuo atentado a um dos três grandes princípios da República francesa, a fraternidade". Criou-se toda uma história em torno da demolição por instigação, entre outros, do pintor Gustave Courbet, um dos membros mais ativos da Comuna nos domínios do ensino e das belas-artes.

O engenheiro encarregado de executar a sentença, membro do "Clube Positivista", comprometeu-se a derrubar a coluna em 5 de maio, aniversário da morte de Bonaparte. Diante da expectativa, as pessoas posam para o fotógrafo e para a história ao pé da coluna condenada, antes e depois de erguido o andaime que servirá para baixá-la. Guardas nacionais e alguns civis posicionam-se juntos. Os semblantes são mais graves, não só porque a ocasião é solene, mas também porque já é maio e teme-se o desfecho da epopeia comunal. Pelos civis que se veem nessas fotos, aos pés da coluna, pode-se verificar a diversidade social dos parisienses da Comuna: de boinas operárias a cartolas, passando por chapéus-coco e moles, há chapéus de todas as classes sociais.

A derrubada da coluna é adiada para 16 de maio. Nesse meio tempo, a Comuna fez outra demolição: a do palacete de Thiers, na praça Saint-Georges, como uma vingança simbólica cuja inutilidade – não há dúvida de que a Assembleia Nacional compensará generosamente o chefe de seu Executivo – mostra a raiva impotente que toma conta dos parisienses ante a intransigência de Versalhes e a crueldade de suas tropas, que fuzilavam os membros da Comuna que caíam em suas mãos.

Chega o 16 de maio, dia do acontecimento mais fotografado da breve história da Comuna de Paris. Uma série de imagens feitas nesse dia mostram as etapas para derrubar a coluna Vendôme. Uma vez no chão, as pessoas se empoleiraram em sua base para brandir a bandeira vermelha. A estátua de Napoleão I, jazendo por terra e protegida de estragos, é a ocasião para novas fotos de grupos que posam para a posteridade. Nos dias seguintes, depois que os destroços da coluna foram reordenados, as pessoas vêm de toda Paris para admirar esse desafio simbólico à tirania, última e acanhada satisfação antes do assalto dos versalheses. O imperador jazia por terra... "Para repor o mestre em seu pedestal, foi preciso um andaime de 30 mil cadáveres" (Lissagaray).

Desde que as tropas de Versalhes tomaram os fortes de Issy e de Vanves, em 8 e 13 de maio, depois de arrasá-los sob um dilúvio de fogo, sabe-se que o assalto é iminente. Começou no domingo 21 de maio, às 15 horas, pelo sudoeste de Paris. A "semana sangrenta" foi da segunda-feira 22 de maio até o domingo 28 de maio, às 11 horas. Os versalheses avançam metódica e implacavelmente contra a cidade, de oeste a leste, precedidos de descargas de canhões; massacrando os parisienses a baioneta, fuzil e metralhadora, às dezenas, centenas e milhares, combatentes e não combatentes (três quartos deles, segundo Lissagaray), homens, mulheres, crianças e velhos. Em 24 de maio, o principal dispositivo de defesa do 1º distrito é tomado: é a trava central de uma linha de defesa que atravessa Paris de norte a sul, nas duas margens do Sena, e à noite é rechaçada para o eixo que passa pela Prefeitura, tomada naquele mesmo dia. Nos quatro dias seguintes, o avanço das tropas versalhesas fecha-se como uma prensa sobre o último reduto do leste parisiense, as barricadas de Belleville, que caem em 28 de maio, no meio do dia.

À medida que recuavam diante do rolo compressor versalhês, os defensores de Paris ateavam fogo nos locais de riqueza e poder – bairros nobres, Ministério das Finanças, Palácio da Justiça, Chefatura de Polícia etc. –, iniciando inúmeros incêndios aos quais se juntam, num gigantesco braseiro, os incêndios causados pelos bombardeios dos agressores. Paris

queima. Os membros da Comuna, enfurecidos, assassinam as poucas dezenas de reféns que detinham desde abril. Os combates farão algumas centenas de vítimas nas fileiras dos agressores: ao todo, quase mil mortos do lado dos versalheses... contra 20 mil mortos aproximadamente do lado dos parisienses – dos quais ao menos 17 mil foram executados após um simulacro de julgamento durante a "semana sangrenta", se levarmos em consideração os números admitidos pela "justiça" militar, aos quais se somam cerca de três mil mortos em combate.

Do furor dessa semana apocalíptica, restam apenas, à guisa de testemunho, as fotos tiradas após os acontecimentos, mostrando as ruas, os bairros e os prédios devastados em Paris, provavelmente os primeiros registros de uma cidade destruída pela guerra, e já tão parecidos com os que verá o século XX. Se houvesse uma estética da desolação, a foto da rua Royale devastada levaria o primeiro prêmio: enquadramento notável, com uma carreta de canhão à esquerda, um poste e um quiosque estranhamente de pé entre os escombros no centro, uma árvore calcinada e algumas pranchas e janelas à direita. Na parte visível de um letreiro, figura "lique": a rua Royale teria sido rebatizada de rua da République sob a Comuna?

As únicas fotos que trazem vestígios das matanças, dadas as limitações técnicas da época, são as dos cadáveres no hospital ou nos caixões. Os corpos alinhados no necrotério inauguram um martirológio fotográfico do movimento revolucionário, cuja imagem mais midiatizada no século XX será a do cadáver de Che Guevara, tirada na Bolívia. Aqui, os mártires são inúmeros, arranjados numa perspectiva macabra. São anônimos, em sua maioria. Os que tiveram o "privilégio" de ser enterrados em caixões improvisados trazem etiquetas numeradas. Os outros, isto é, a grande maioria das vítimas, foram jogados (às vezes ainda vivos) em valas comuns.

> Como o enterro desse exército de mortos superava todas as forças, tentou-se bani-lo. As casamatas estavam repletas de cadáveres; espalharam-se substâncias incendiárias e improvisaram-se fornos crematórios; estes vomitavam uma papa. Em Buttes-Chaumont, armou-se uma fogueira colossal, encharcada de

> querosene e, durante dias, uma fumaça espessa, nauseabunda, empenachou os monumentos. (Lissagaray)

Ao menos 40 mil pessoas, homens, mulheres e crianças, serão detidas, um terço delas encarcerado em prisões e fortes da região parisiense, como essas mulheres que vemos numa fotomontagem, na prisão de Chantiers, em Versalhes (onde esteve Louise Michel). Os outros dois terços são enviados para barcaças, fortes e ilhas do litoral atlântico.

> A transferência efetua-se por via ferroviária, em condições frequentemente abomináveis. Os prisioneiros são embarcados em vagões de mercadorias ou de animais, em grupos de trinta ou quarenta, com um bujão de água para dez e duas rações de pão para cada um, e são cuidadosamente trancados. A viagem dura de 24 a 32 horas, durante as quais a fome, a sede, a falta de ar, a impossibilidade de deitar-se para dormir transformam alguns transportados em loucos furiosos, que provocam brigas por vezes mortais. (Serman)

Os prisioneiros esperavam sua vez em condições de detenção terríveis até serem "julgados" em Versalhes ou Paris, para onde eram transferidos dessa mesma maneira. Outra fotomontagem mostra o Conselho de Guerra em Versalhes reunido sob um crucifixo. Os processos prosseguirão até 1874. Os conselhos de guerra pronunciaram 13.450 condenações (3313 delas à revelia), compreendendo 270 à morte, 410 a trabalhos forçados, 3989 à deportação para locais fortificados e 3507 à deportação simples. Os condenados que sobreviveram ao transporte desembarcaram na Nova Caledônia ao fim de uma viagem de mais de cinco meses no fundo de um porão, dentro de jaulas ou cubas, a ferros...

Sem dúvida, a Comuna ter sido precursora das revoluções do século XX é discutível, mas é incontestável que a repressão comandada por Adolphe Thiers prefigurou as piores atrocidades dentre todas que esse século trágico conheceria.

Cronologia

1870

02/09: Capitulação de Napoleão III em Sedan.

04/09: Proclamação da República. Governo da Defesa Nacional.

1871

08/02: Eleição da Assembleia Nacional.

17/02: Thiers é eleito chefe do governo.

01/03: Ratificação da paz pela Assembleia Nacional.

10/03: A Assembleia decide instalar-se em Versalhes.

18/03: A Guarda Nacional recusa-se a entregar seus canhões. Paris se revolta. O governo troca Paris por Versalhes.

19/03: O Comitê Central da Guarda Nacional convoca eleições para a Comuna de Paris.

26/03: Eleições comunais.

29/03: A Comuna decreta a abolição do exército permanente.

06/04: Criação do Exército de Versalhes comandado por Mac-Mahon.

16/04: Eleições complementares na Comuna.

30/04: Demissão de Cluseret, delegado de Guerra da Comuna. Rossel o substitui.

08/05: Tomada do forte de Issy pelos versalheses.

09/05: Demissão de Rossel. Delescluze o substitui.

12/05: Destruição da casa de Thiers em Paris.

13/05: Tomada do forte de Vanves pelos versalheses.

16/05: Derrubada da coluna Vendôme.

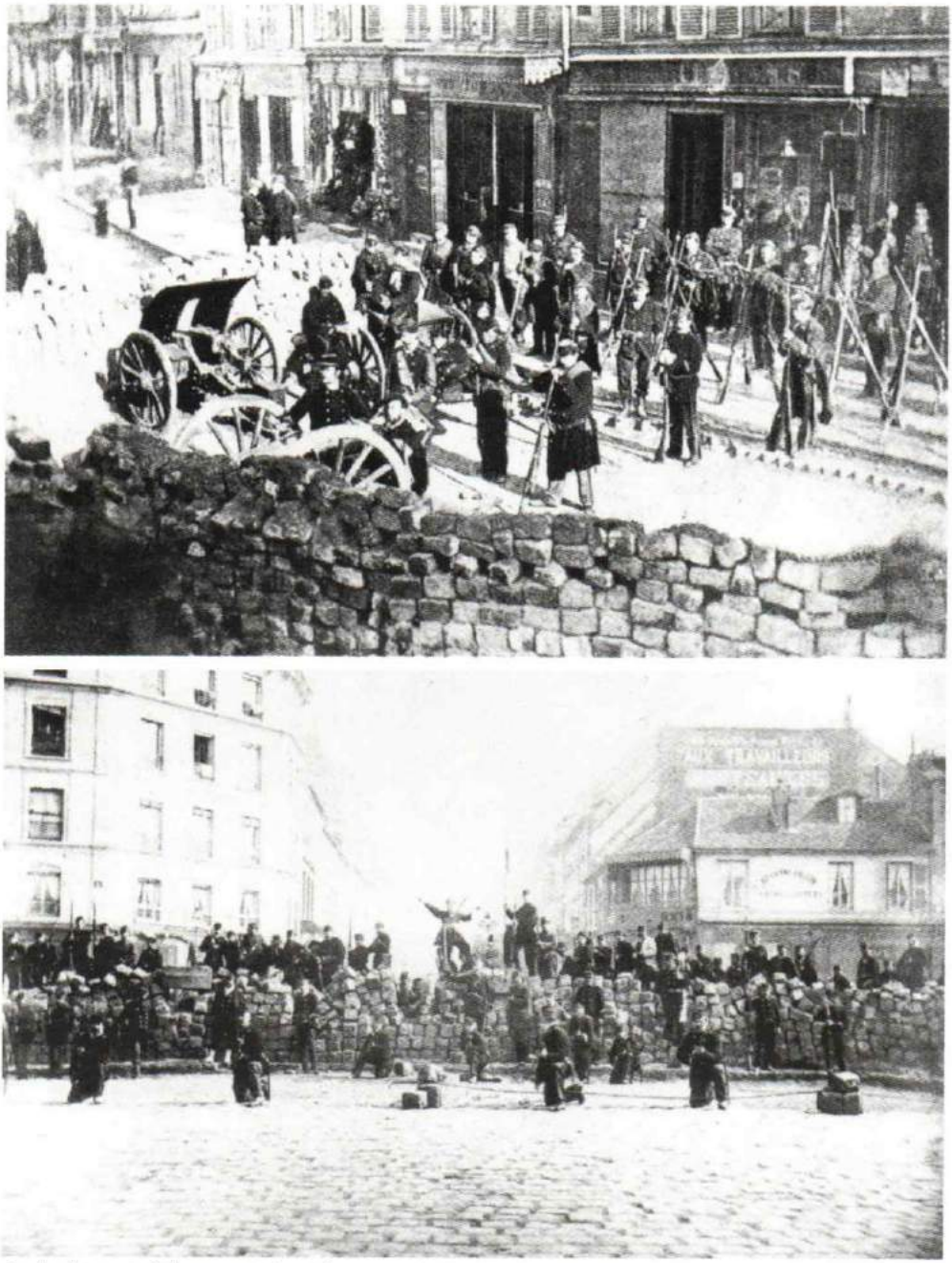
21/05: Início do assalto versalhês contra Paris.

22-28/05: "Semana sangrenta". Paris é incendiada: 20 mil mortos entre os parisienses, 17 mil deles executados; 40 mil prisões, que resultam em 13.450 condenações.

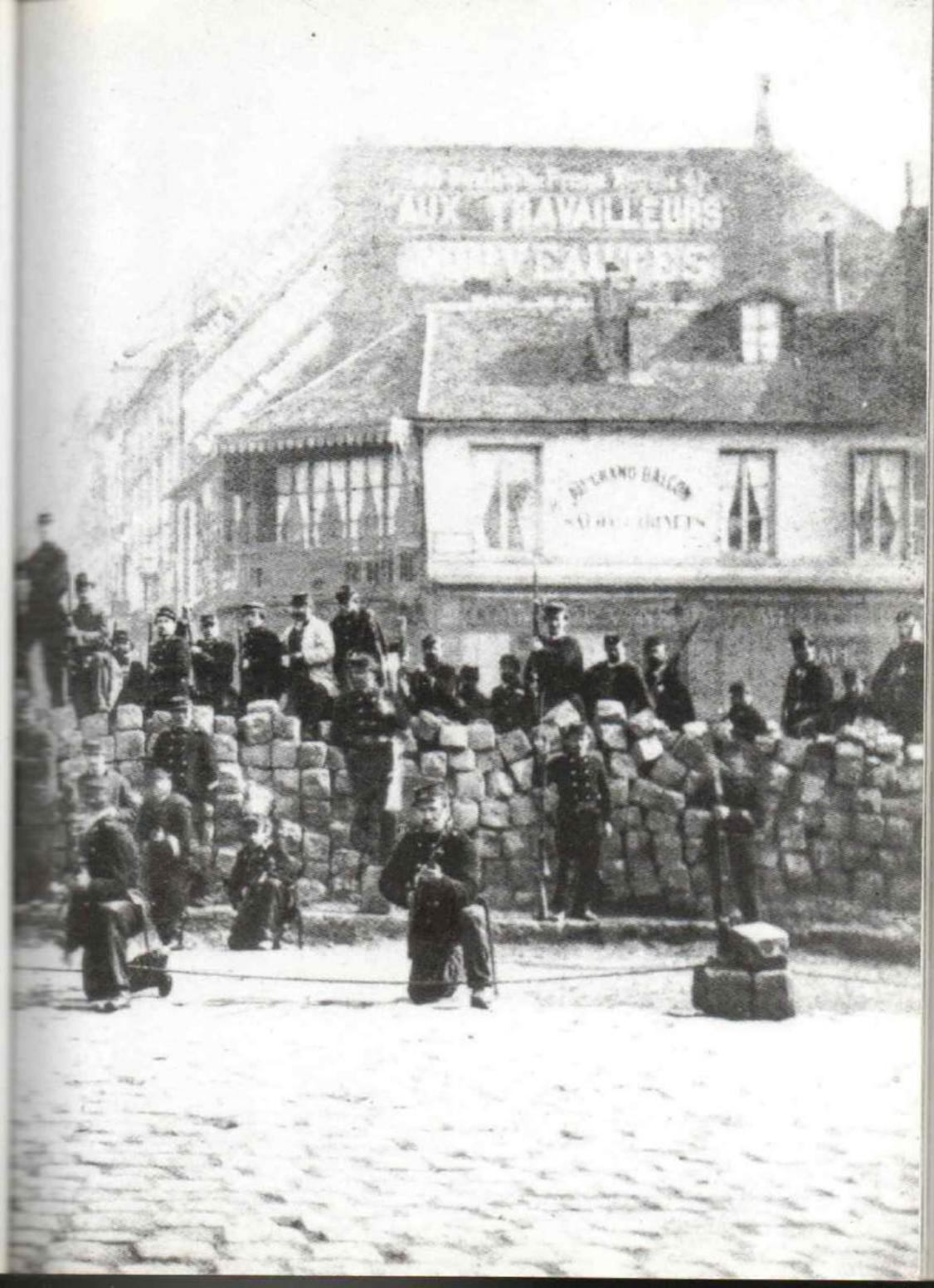
Acima e ao lado: A Guarda Nacional é o elemento motor do início da Comuna. **Acima:** Um acampamento no sopé do morro de Montmartre. **Ao lado:** Uma bateria da artilharia no topo do morro.

Página dupla anterior: Parque de artilharia no morro de Montmartre, em 18 de março de 1871. A tentativa de Thiers de tomar os canhões comprados por subscrição da Guarda Nacional detona a insurreição. Os generais Lecomte e Thomas, que comandam as tropas governamentais, são fuzilados.

Página dupla seguinte: Barricada da rua Saint-Sébastien, em 18 de março de 1871. Do Temple ao Saint-Antoine, os bairros populares estão no coração dos acontecimentos desde o início até o fim (nos primeiros dias, o Comitê Central da Guarda Nacional instala-se na rua Basfroi e, quando a prefeitura de Paris é tomada pelos versalheses, os sobreviventes da Comuna ocupam a subprefeitura do 11º distrito).



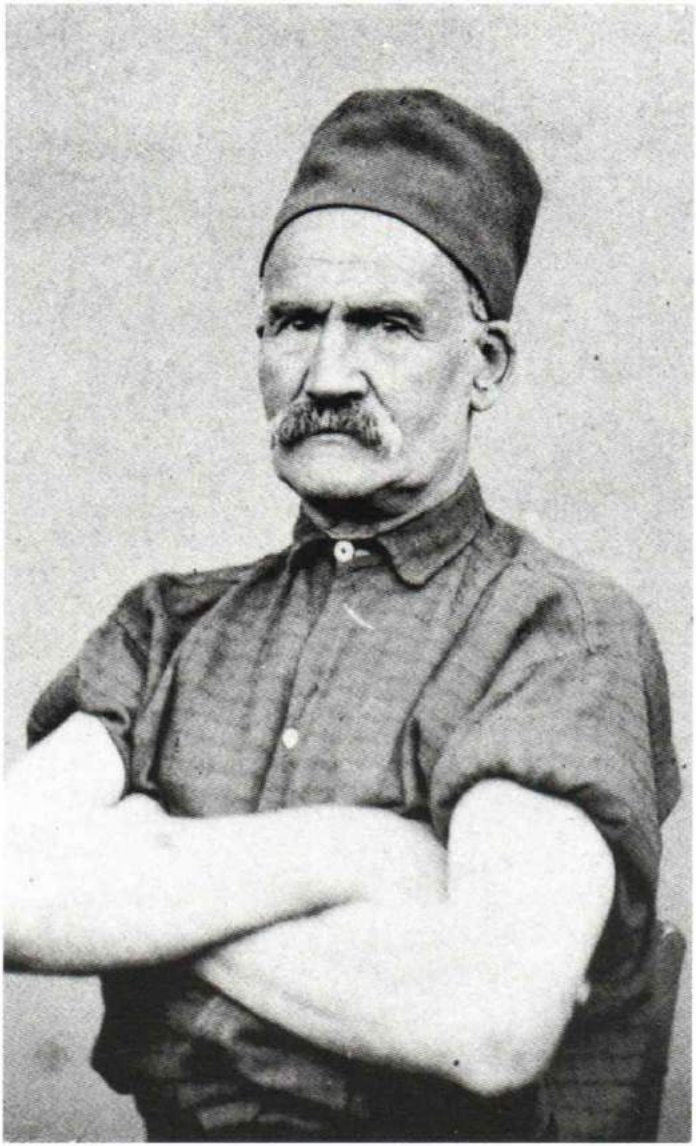
Barricadas na Paris insurgente de 18 de março de 1871. **No alto:** Rua de Abbesses, em Montmartre. **Abaixo:** Esquina da rua e do bulevar de Ménilmontant (**ao lado**, em detalhe).



Bernaert, chefe da frota da Comuna.

Uma certa Hortense David.

Uma merendeira.



Tranquil, membro do Comitê de Vigilância.

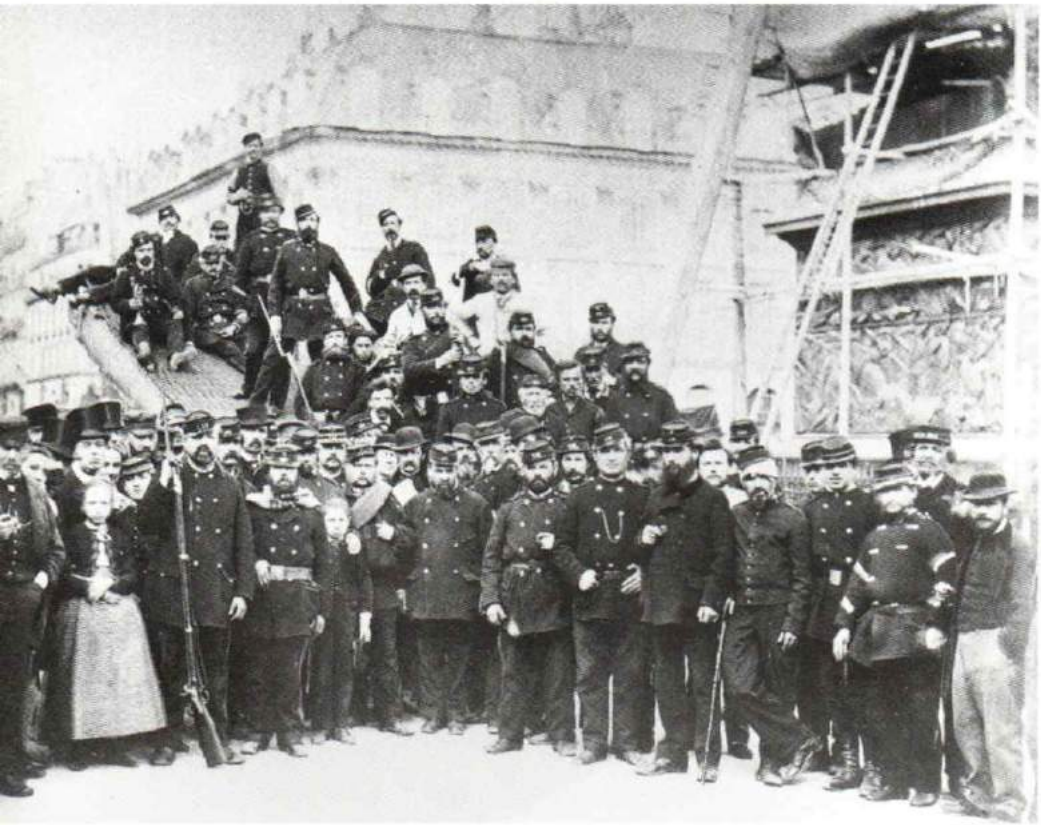
Ao la

Págir

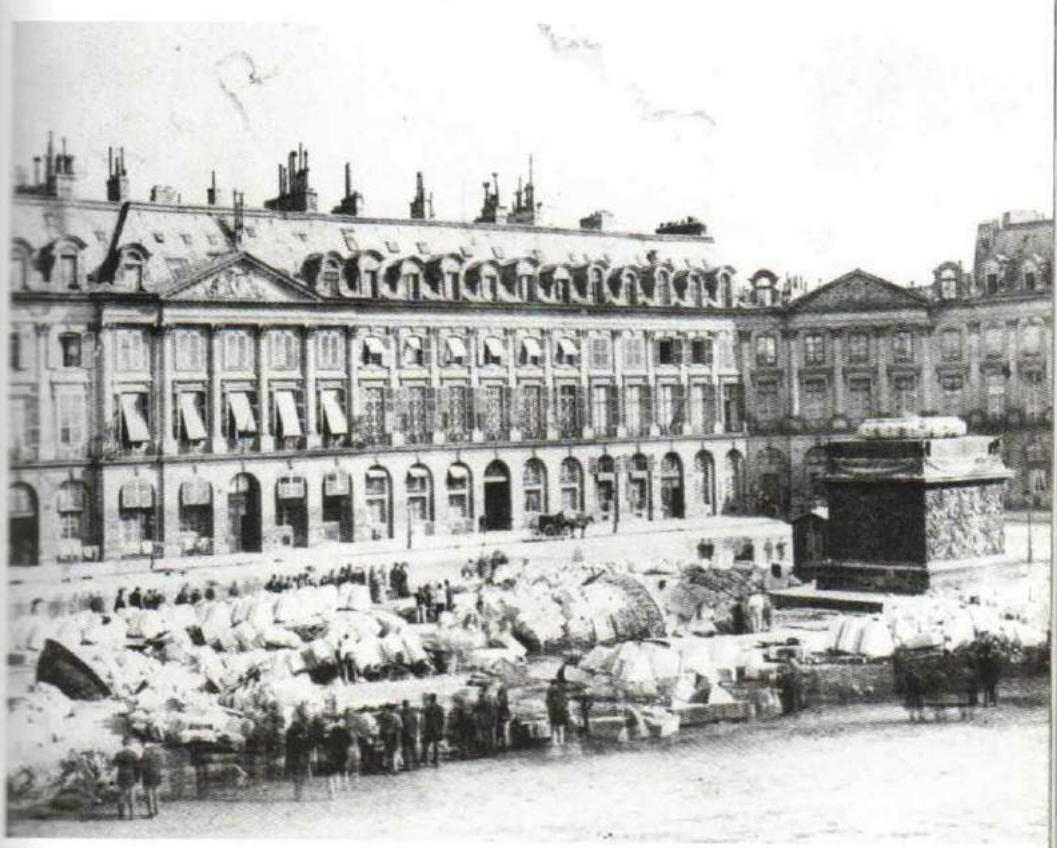
Na praça Vendôme, Simon Meyer, comandante da praça, posa para a posteridade.

Ao lado: Os preparativos para derrubar a coluna Vendôme, em 16 de maio de 1871.

Página dupla anterior: Um grupo de guardas nacionais.

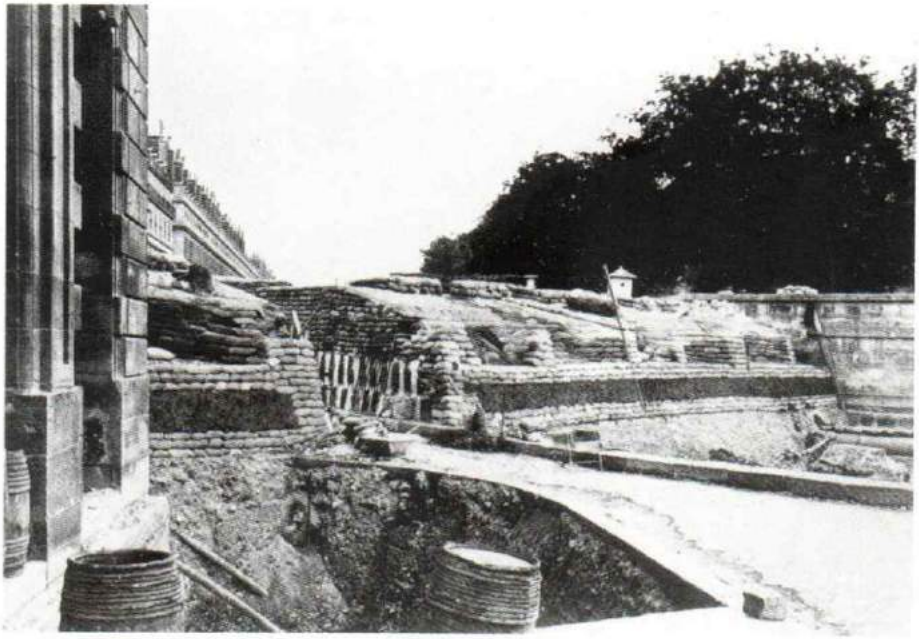


Um grupo de guardas nacionais ao pé da coluna Vendôme enquanto se preparava para derrubá-la.



A coluna Vendôme já no chão.

Página dupla seguinte: Pose em volta da estátua de Napoleão e dos escombros da coluna Vendôme.



Defesa de Paris contra os versalheses.

No alto: Esquina da rua de Castiglione com a rua de Rivoli.

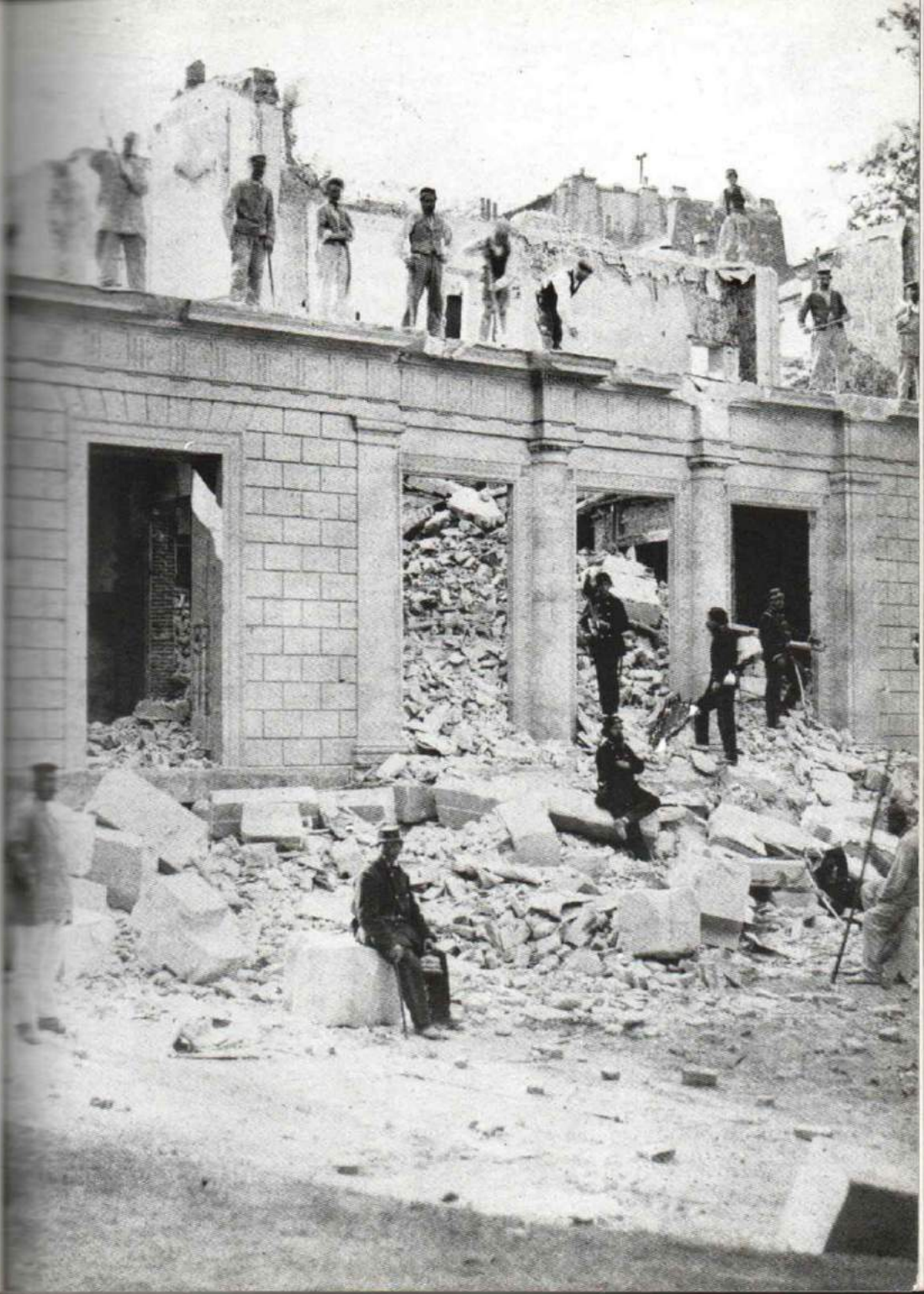
Abaixo: Barricada elaboradíssima na esquina da rua Saint-Florentin com a praça da Concorde.

Ao lado: Barricada da rua de Castiglione.

Ruínas da Comuna.

Acima: Saguão do Palácio de Justiça.

Ao lado: Como represália, a Comuna ordenou a destruição da casa de Thiers, na praça Saint-Georges.



Ruínas

Ao lad

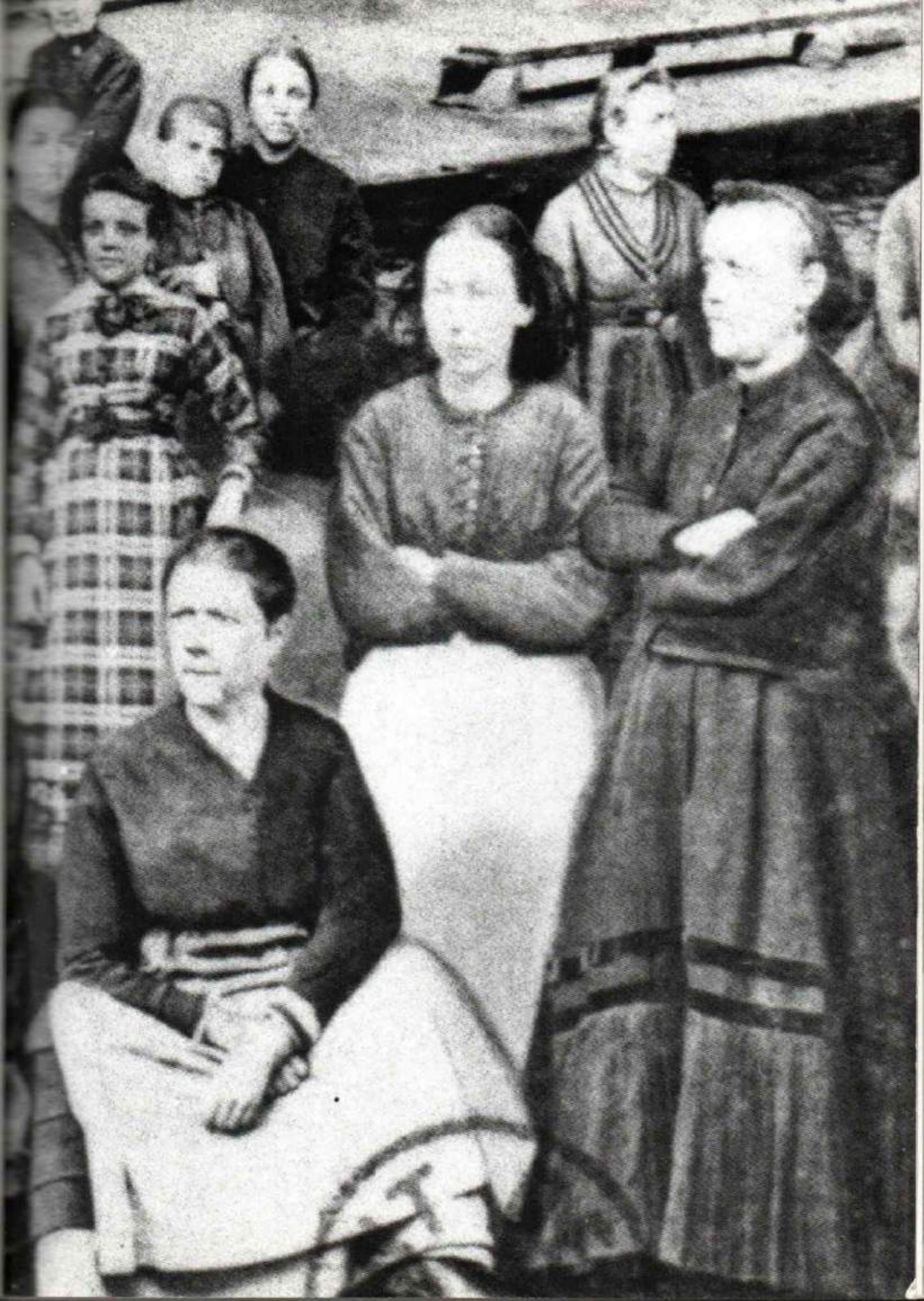
De cim
da rua
Pont-N
mais a

Ruínas da Comuna.

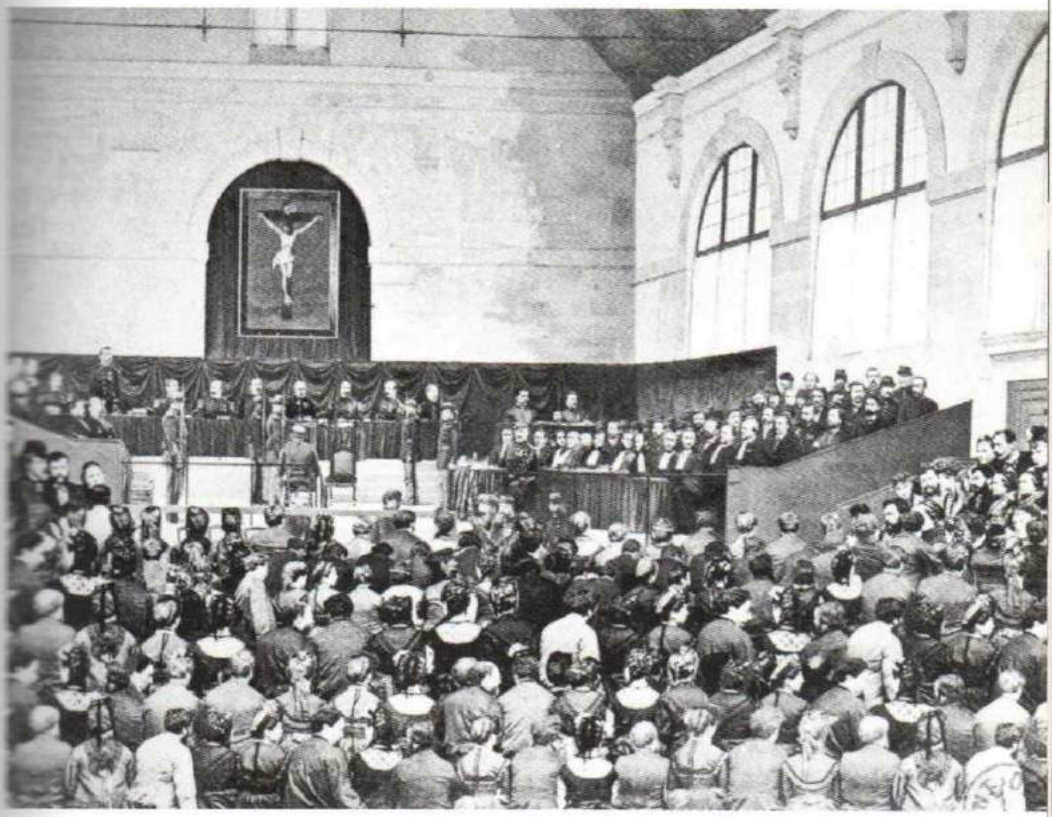
Ao lado: Rua Royale.

De cima para baixo: Esquina da rua de Rivoli com a Pont-Neuf; rua de Rivoli mais a oeste; e rua de Lille.

O presídio de Chantiers, em Versalhes, em 15 de agosto de 1871. Entre as prisioneiras, Louise Michel (**ao lado:** em pé no centro), que será deportada para a Nova Caledônia.



No alto: Caixões de membros da Comuna fuzilados. **Abaixo:** Um canto da sala dos fuzilados em 17 de maio de 1871, num hospital.



Conselho de Guerra em 8 de setembro de 1871. Entre os acusados estava Gustave Courbet, julgado no caso da coluna Vendôme.

1905

A Revolução Russa

Gilbert Achcar

A Revolução Russa de 1905

As derrotas militares das classes dominantes favorecem naturalmente as insurreições das classes dominadas. Confirmando a regra, a Revolução Russa de 1905 também foi produto de uma derrota. Na verdade, foram os reveses do exército e da frota czaristas na guerra russo-japonesa, desencadeada em 1904, que incitaram o descontentamento das cidades e dos campos do Império Russo, curvados sob o fardo de uma terrível miséria. A revolta social estourou naquele ano de 1904 como um estrondo de trovão que precede a descarga do raio: este não tardaria a cair.

A capitulação das forças russas em Porto Artur, em 20 de dezembro, depois de um longo e terrível cerco, suscita uma forte comoção no país. Em meio a esse clima tenso, a direção das fábricas de construção mecânica Poutilov, uma das mais importantes de São Petersburgo, não havia encontrado solução melhor em resposta às reivindicações dos operários, do que demitir quatro deles, acusados de serem os líderes do movimento. Irritados, os operários das fábricas de Poutilov paralisam o trabalho em 3 de janeiro, e conclamam a classe trabalhadora da capital a imitá-los.

Em menos de uma semana, a greve se generaliza. Era previsto que culminaria, no domingo 9 de janeiro, numa imensa procissão operária que, partindo de diversos pontos da cidade e dos subúrbios operários, convergiria para o Palácio de Inverno. Ali, o dirigente desse vasto movimento, o carismático

pope Gapone – chefe da União dos Operários das Fábricas e Usinas de São Petersburgo, criada originalmente pela polícia –, entregará ao czar Nicolau II uma petição redigida de modo suplicante e ameaçador, e com mais de 150 mil assinaturas de operários. Liberdades públicas, devolução gratuita de terras aos camponeses, jornada de oito horas, instrução obrigatória e Assembleia Constituinte eleita por sufrágio universal: a petição contém uma lista de reivindicações explosivas endereçadas ao czar, "como a um pai", na louca esperança de que este aquiescerá. Caso contrário, concluía a petição, "estamos decididos a morrer aqui, nesta praça, diante do Teu palácio..."

E foi exatamente o que aconteceu. Os manifestantes pacíficos, alguns dos quais até com ícones e retratos do czar, são recebidos por salvas mortíferas, que fazem várias centenas de mortos. O sangue dos operários, em contraste com a brancura do inverno russo, transforma o domingo 9 de janeiro de 1905 num "domingo vermelho". A foto em que se vê a multidão refluir, como levada por uma forte borrasca diante do cordão de tropas que apontam suas armas, ilustra de maneira notável a narração de um testemunho desse dia terrível.

> Repelida ligeiramente por cada salva, como por uma rajada de vento, em parte pisoteada, sufocada, esmagada, essa multidão imensa se reagrupava imediatamente depois sobre os cadáveres, os moribundos, os feridos, empurrada por novas massas que chegavam, chegavam sempre pela retaguarda... E novas salvas de tempos em tempos sacudiam essa massa viva com um arrepio de morte... Isso durou muito tempo: até o momento em que, as ruas adjacentes estando livres enfim, a multidão pôde escapar. (Voline)

Trens transportarão os cadáveres em plena noite para fora da cidade, onde serão enterrados em valas comuns, sem que fosse possível contar o número de vítimas. A greve geral continuará por vários dias em São Petersburgo e se estenderá, ao longo das semanas seguintes, a várias cidades e regiões do Império Russo. No momento em que chega enfim à capital, os operários – encarregados de distribuir às famílias dos grevistas e das vítimas do "domingo vermelho" os fundos recolhidos por um escrevente, de nome Georges Nossar, aliás, Khroustalev – têm a ideia de promover, pelas fábricas da capital, a eleição de um comitê representativo, que será batizado de *soviet* (conselho, em

russo) dos delegados operários. O soviete deverá interromper suas atividades alguns dias mais tarde, diante da repressão governamental.

A onda de greves de janeiro e fevereiro será seguida por outra na primavera, durante a qual os operários têxteis de Ivanovo-Voznesensk, a "Manchester russa", situada na região de Moscou, em greve desde 12 de maio, criam, três dias mais tarde, um soviete de delegados operários que os historiadores considerarão, injustamente, o primeiro. Entretanto, de modo incontestável, foi o primeiro soviete fotografado da história. É uma bela imagem a dos operários contra um fundo de árvores em plena floração primaveril, comprimindo-se para aparecer na foto, os primeiros estendidos no chão, outros agachados ou de joelhos, e os últimos de pé. O fotógrafo não pôde enquadrar senão dois terços dos 151 membros do soviete de Ivanovo-Voznesensk: suspeita-se, pelo modo como a imagem do grupo foi cortada na borda esquerda, que uma parte dos delegados ficou fora do quadro. A presença de algumas mulheres no grupo (certamente bem menos numerosas proporcionalmente do que as operárias da indústria têxtil) denota um avanço em relação à Comuna de Paris.

Ao mesmo tempo que se forma o soviete de Ivanovo-Voznesensk, a frota russa do Báltico, enviada a fim de socorrer Porto Artur, é destruída no largo das ilhas Tsoushima, no estreito da Coreia – derrota esmagadora que coloca fim à guerra entre a Rússia e o Japão. O capítulo seguinte dessa fermentação revolucionária atingirá, naturalmente, a própria frota, ou antes, o que restou dela. Às fábricas Poutilov se somará outro nome lendário da Revolução de 1905: o do Potemkin, o encouraçado mais moderno da frota russa do mar Negro. Mais do que o acontecimento em si, cuja importância é, sobretudo, mostrar a extensão da revolta às forças armadas, foi o magnífico filme realizado vinte anos depois por Serguei Eisenstein que inseriu o episódio do encouraçado Potemkin entre os mitos revolucionários dos tempos modernos. O filme pôde inspirar-se em imagens que imortalizaram o acontecimento.

Que contraste o que opõe os oficiais a seus marujos, reunidos na ponte para duas fotos de grupo bem distintas: de um lado, a pose altiva dos oficiais, aos quais se junta o capelão do navio; de outro, os marujos, cuja

atitude mostra bem suas origens humildes. No centro das duas fotos, o almirante faz figura de czar, chefe da aristocracia, pai do povo: um resumo eloquente da sociedade russa da época que traduz bem esta constatação de um contemporâneo: "O antagonismo entre os simples marujos e a casta aristocrática dos oficiais da Marinha, fechada a qualquer intruso, é mais profundo que aquela que existe entre os soldados de infantaria e seus oficiais, em parte saídos do povo" (Trotski).

O motim do Potemkin eclode em 14 de junho, no largo de Odessa, exatamente um mês depois da derrota de Tsoushima. Recusando-se a comer a carne estragada que os oficiais querem impor-lhes, os marujos passam da insubordinação à insurreição, exasperados com a brutalidade dos comandantes: um deles matou seu porta-voz. Os amotinados lançam alguns oficiais ao mar, bem como o capelão que os defendia, e içam a bandeira vermelha. Esses marujos insurgentes, que uma foto mostra reunidos sob os canhões do encouraçado, elegem um comitê que será dirigido pelo marujo socialista Matioushenko. Na manhã seguinte, o Potemkin aporta em Odessa: há vários dias, a cidade e o porto estavam entregues a greves e tumultos que haviam desembocado numa greve geral, na véspera do motim. Os marujos, dos quais uma parte deixou o navio, desembarcam o corpo do camarada assassinado. Uma foto mostra Matioushenko em terra com um de seus camaradas, ambos com expressão séria.

A multidão presente no porto não para de crescer até o momento em que eclode um violento tumulto, acompanhado da pilhagem dos armazéns e de um vasto incêndio. Sob instrução do czar, o governador da cidade decreta lei marcial e manda o Exército intervir na noite de 15 para 16 de junho. A repressão é terrível, mais mortífera ainda que a do "domingo vermelho"; estima-se em 2 mil o número de mortos e 3 mil o de feridos. Isolados, na impossibilidade de estender o motim ao restante da frota do mar Negro, os marinheiros do Potemkin afastam-se da costa. Em 25 de junho, com o fim das provisões, e após vários dias de errância, os amotinados se rendem às autoridades romenas do porto de Constança diante da promessa de que serão deixados em liberdade. É aqui que vemos novamente Matioushenko em terra, numa atitude que mescla bravata e tristeza, rodeado de oficiais e

militares romenos, dos quais se pode adivinhar com que curiosidade deviam observar esse "líder" revolucionário.

O banho de sangue de Odessa interrompeu a agitação urbana por um tempo, mas a ebulição social cresceu nos campos no início do verão. É para desarmar essa agitação que o czar publica seu manifesto de 6 de agosto, anunciando a convocação, para janeiro de 1906, de uma nova Duma* de Estado eleita por sufrágio censitário, indireto e por ordem, de modo a privilegiar não somente a aristocracia e a burguesia em detrimento dos operários, mas também o campesinato, que o poder acredita ser firme aliado. A atitude do delegado camponês de pés descalços, em posição de sentido diante de "seu" deputado, sentado num banco, testemunha bem a sobrevivência da servidão nos costumes rurais. Que contraste com a atitude de Matioushenko!

Mas os acontecimentos não tardarão a desdobrar-se com mais força ainda nas cidades onde, no outono, eclode o que a partir de então será chamado de Revolução de 1905, no sentido estrito da designação. Dessa vez a fagulha partiu de Moscou, mais precisamente de uma tipografia cujos compositores haviam iniciado uma greve em 19 de setembro. O movimento não tarda a se estender ao conjunto dos operários de tipografia da cidade, e depois a outros setores, com bandeiras vermelhas e manifestações, até a intervenção dos cossacos. De Moscou, o movimento ganha São Petersburgo no começo de outubro: os operários de tipografia primeiro e os ferroviários em seguida. Mas as greves são ainda esporádicas e o movimento teve dificuldade para deslanchar, como parece ilustrar a foto de operários reunidos em pequenos grupos diante das portas de uma empresa em São Petersburgo. Os trabalhadores das fábricas Poutilov ocupam novamente a vanguarda da luta. Nesse ínterim, a greve dos ferroviários toma novo impulso diante dos rumores de repressão e estende-se progressivamente ao conjunto da rede ferroviária do país.

Incitados pelo exemplo dos ferroviários, os operários de diversas cidades entram em greve. A partir de 10 de outubro, o movimento toma as feições de

* Congresso ou Assembleia Legislativa russa, também conhecida por Câmara Baixa. (N. T.)

uma greve geral panrussa de caráter político, ornada de bandeiras vermelhas. A reivindicação central do movimento é a eleição de uma Assembleia Constituinte por sufrágio universal direto, mas os grevistas não hesitam em exigir o fim da monarquia. Em 13 de outubro, o soviete dos operários delegados de São Petersburgo reconstitui-se e, com o passar dos dias, criam-se sovietes na maior parte das cidades e dos centros industriais da Rússia.

Diante do rumo dos acontecimentos, o czar vê-se obrigado a fazer concessões. Redige um novo manifesto, publicado na noite de 17 de outubro, pelo qual promete as liberdades fundamentais e acena com a perspectiva de sufrágio universal e controle parlamentar sobre o poder legislativo governamental. No dia seguinte, os habitantes da capital, divididos entre a perplexidade e a alegria de ter alcançado uma vitória, dirigem-se em massa à universidade imperial, que havia se transformado no local privilegiado das reuniões políticas públicas.

> Formou-se nos passeios um imenso funil, através do qual a multidão numerosa escoava com impaciência. Todo mundo se esforçava para aproximar-se do balcão, do alto do qual deviam falar os oradores. Esse balcão, as janelas e o mastro da universidade estavam ornados de bandeiras vermelhas. [...] As boinas azuis dos estudantes e as bandeiras vermelhas eram manchas claras nessa multidão de 100 mil almas. Reinava um silêncio absoluto, todo mundo queria ouvir os oradores. [...] Todos terminaram seus discursos convidando a multidão a reunir-se, às quatro horas, na perspectiva Nevski, em frente à catedral de Kazan, para de lá ir para a frente das prisões para exigir a anistia. (Trotski)

Fotografias testemunham esse 18 de outubro, a reunião em frente à universidade, bem como a maré humana na perspectiva Nevski.

Outro momento forte desses dias de outubro de 1905 ocorre em Moscou, bastião da fração bolchevique do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, ao contrário de São Petersburgo, onde a fração menchevique é mais influente: o imponente funeral do militante bolchevique Bauman, assassinado em 18 de outubro, apenas alguns dias depois de libertado do cárcere. Em 20 de outubro, uma longa procissão de várias dezenas de milhares de operá-

rios atravessa as ruas de Moscou, precedida de faixas de veludo vermelho, das quais a primeira ostenta em letras douradas a célebre exortação final do *Manifesto Comunista* à união dos proletários e a segunda, o nome do partido. O caixão de Bauman é carregado nos ombros dos militantes e rodeado por membros de uma guarda que formava um cordão. Os bolcheviques haviam exigido que a polícia fosse retirada das ruas no dia do funeral.

Alguns dias depois, a mobilização deu sinais de apatia e a greve cessa. A reação czarista é mobilizada para fazer frente ao movimento de outubro. Ela havia recorrido, como de costume, à escória da sociedade, organizada em bandos criminosos cuja especialidade é cometer *pogroms**, principalmente contra judeus, demonizados e acusados de conspirar contra o czar. Centenas de sinistros *pogroms* antissemitas ocorreram apenas no mês de outubro, instigados pelas autoridades locais e pelos partidários incondicionais do czarismo, que se designam como "patriotas". Centenas e até milhares de pessoas são massacradas; milhares de outras mutiladas. O mais mortífero dos *pogroms* foi o que ensanguentou a cidade de Odessa, entre 18 e 21 de outubro, matando mais de quinhentas pessoas.

Fotos preservaram o terrível espetáculo das vítimas dessas carnificinas, alinhadas no chão, imagens que evocam a "semana sangrenta" de Paris, em 1871. Além dos judeus, os "patriotas" massacraram em grande número toda sorte de oponentes do czar, atacando em especial as manifestações. Em Baku, investiram contra os armênios não ortodoxos, acusados de apoiar a oposição, matando sessenta e transformando a cidade num campo de batalha.

O motim que eclode em 26 de outubro na base naval de Kronstadt, situada nas proximidades de São Petersburgo, é sufocado dois dias depois. O poder czarista declara estado de sítio no território da Polônia e, em seguida, em outras regiões onde haviam ocorrido sublevações camponesas. A repressão é particularmente dura nas províncias bálticas, onde vilarejos inteiros são incendiados pelas tropas czaristas como represália aos incêndios

* Palavra de origem russa usada para designar ataques e confrontos violentos contra uma comunidade ou minoria. (N. E.)

provocados por camponeses revoltados nas casas senhoriais. A contraofensiva repressiva atinge então o ápice.

É nesse contexto que o soviete dos operários da capital convoca novamente, em 1º de novembro, uma greve geral em solidariedade aos amotinados condenados à morte, assim como à Polônia. A greve será interrompida em 7 de novembro, depois que o governo dá garantias quanto ao destino dos marujos. Quatro dias depois, eclode uma nova rebelião na frota do mar Negro, em Sebastopol. A cidade estava em ebulição havia já algum tempo, com contatos crescentes entre operários e marujos. A tentativa de reprimir o movimento, em 11 de novembro, não tem sucesso e leva ao motim. A partir daí, a cidade inteira é paralisada por uma greve, facilitando a união entre operários, marujos e soldados. É constituído um soviete dos delegados marinheiros, operários e soldados, e as bandeiras vermelhas surgem em alguns navios da frota que se juntam à insurreição. Dentre estes, encontram-se tanto o Potemkin – rebatizado de Panteleimon pelo almirantado – como o cruzador Otchakov.

Os condenados do ex-Potemkin, detidos numa barcaça ancorada na grande baía de Sebastopol, são libertados em 14 de novembro, sob os hurras dos marinheiros da frota. No dia seguinte, porém, uma vez recuperado o poder, veio a contraofensiva. É decretado estado de sítio na cidade e as ruas são ocupadas pelas tropas legalistas. Os navios amotinados são intimados a se render e, em seguida, submetidos a um bombardeio intenso por parte da artilharia costeira e dos navios sob controle do almirantado. O Potemkin, sem condições de responder, iça a bandeira branca, mas o Otchakov tenta resistir e sofre um dilúvio de tiros cuja violência se vê muito bem pela imagem pungente dos pais dos marujos juntos na praia, alguns ajoelhados, suplicando para os marujos serem poupados. Ainda que o cruzador, por sua vez, tenha rapidamente de render-se, ele continuará a ser bombardeado, até chocar-se contra a costa. Os amotinados que sobrevivem às bombas e aos tiros são detidos. Posteriormente, alguns serão executados.

A lei marcial é imposta a seguir em diversas regiões do país. Entusiasmado, o governo manda deter, em 26 de novembro, o presidente do soviete de

São Petersburgo, Nossar-Khroustalev. Este é substituído por um secretariado temporário, constituído de três membros, cuja figura de proa é um certo Lev Davidovich Bronstein, aliás, Trotski, que atua em estreita ligação com seu irmão mais velho e mentor, o social-democrata alemão de origem russa, Alexandre Helphand, aliás, Parvus. Num manifesto financiado e inspirado por Parvus, e com apoio da União dos Camponeses e dos partidos socialistas, o soviete conclama por medidas de represália fiscal e financeira a fim de pressionar o poder. Este reage no dia seguinte, 3 de dezembro, ordenando a detenção dos 267 membros do soviete da capital em plena reunião. Os que conseguiram escapar da detenção reúnem-se sob o comando de Parvus e conclamam à greve geral.

Ao mesmo tempo, distúrbios agitam a guarnição militar de Moscou, cujo soviete também decide convocar uma greve geral insurrecional. A greve estende-se rapidamente e os delegados dos soldados unem-se ao soviete da cidade. Moscou cobre-se de barricadas improvisadas. Com exceção do material utilizado – toda a sorte de objetos nesta, muitos paralelepípedos naquela –, as barricadas de Moscou se parecem muito com as de março de 1871 em Paris, em especial no tocante à orgulhosa atitude dos insurgentes ao erguer a bandeira vermelha.

Como em Paris, embora numa escala muito menor, a repressão será terrível: a cidade, cercada por tropas vindas como reforço da capital e de Varsóvia, é sistematicamente bombardeada, as ruas são metralhadas, enquanto "milícias patrióticas" contribuem para o massacre. O bairro operário de Presnia será o último reduto de insurreição. Foi invadido em 17 de dezembro, após violentos bombardeios. No dia 18, tudo está acabado: o soviete decide cessar a greve e as tropas começam a desmanchar as barricadas e desobstruir as ruas, por onde o desfile das patrulhas mostra que a ordem czarista havia sido restabelecida.

> Os soldados da guarda que foram enviados para "domar a revolta", e cometeram seus primeiros feitos pelo caminho, haviam recebido a seguinte ordem: "Não fazer detenções. Não ter clemência!" Não encontraram resistência em nenhuma parte. Nem um tiro foi dado contra eles. No entanto, mataram cerca

> de 150 pessoas na via férrea. Fuzilavam sem processo algum. Arrastavam os feridos para fora dos vagões-hospital e acabam com eles. Os cadáveres ficavam ali mesmo, insepultos. (Trotski)

Uma imagem mostra um pelotão de execução em ação num bosque. Os fotógrafos quiseram transmitir um testemunho do horror da matança, mostrando famílias que tentavam identificar seus familiares entre os cadáveres que cobriam o chão, ou mulheres aos prantos diante de um necrotério improvisado.

A repressão à insurreição de Moscou fez ao todo quase um milhão de mortos e vários milhares de feridos entre os insurgentes e a população. Os acontecimentos em Moscou vão repercutir nas províncias bálticas e em certas regiões industriais do Cáucaso, onde a repressão também será violenta. Uma foto mostra o vice-rei do Cáucaso escoltado por seus cossacos, em visita ao campo deixado em ruínas pelo ataque das tropas contra os operários insurgentes.

O essencial da Revolução de 1905 termina com o ano, em dezembro. Dos 51 membros do soviete de São Petersburgo que passarão pelos tribunais, 15 serão condenados à deportação perpétua na Sibéria, dentre eles Trotski e Parvus. Nesse grupo de detidos a caminho da deportação, acompanhados por parentes e guardiões, distingue-se um barbudo de trajes pretos e boina branca, Parvus, ao lado de um homem mais velho, de barba branca e chapéu preto, o socialista Lev Deutch, veterano do marxismo russo. Vemos ambos pela frente e de perfil, enquanto uma mulher, coberta com um véu negro como uma religiosa ortodoxa, vira-se para o fotógrafo e mostra a língua, com ar de malícia. Outra foto mostra Trotski na Sibéria, numa pose à Napoleão, na primeira fileira de um grupo de deportados políticos. Ele acabará fugindo pela segunda vez em sua vida, seguido depois de Parvus e de Deutch – já para este será a quarta fuga!

Nem todos os atores da Revolução de 1905 deportados para a Sibéria – em especial, os amotinados militares, os camponeses revoltosos e os "terroristas" – tiveram destino tão suportável quanto o dos dirigentes políticos. Foi o caso

dos degredados de todas as idades que viviam acorrentados como animais na ilha de Sacalina. Não parecem vencidos, contudo; seus rostos exibem, ao contrário, uma grande dignidade. Esse é o sinal de que a Revolução de 1905, apesar de abortada, deixou uma marca indelével na consciência de muitos: a da legitimidade do combate contra o regime czarista execrado. É por isso que aparecerá retrospectivamente como um "ensaio geral".

Cronologia

(As datas são fornecidas aqui segundo o antigo calendário juliano, então adotado na Rússia, por isso com treze dias de atraso em relação ao calendário gregoriano.)

1904

20/12: Capitulação das forças russas em Porto Artur.

1905

03/01: Greve das fábricas Poutilov e em seguida greve geral em São Petersburgo.

09/01: "Domingo vermelho" em São Petersburgo.

15/05: Derrota russa em Tsoushima.

14-15/06: Motim no encouraçado Potemkin.

15-16/06: Repressão sangrenta dos tumultos de Odessa, 2 mil mortos.

06/08: Manifesto do czar convocando uma nova Duma para janeiro de 1906.

19/09: Greve dos operários de tipografia de Moscou.

10/10: Greve geral panrussa.

13/10: Constituição do soviete dos delegados operários de São Petersburgo. Ampliação da criação de sovietes.

17/10: Novo manifesto do czar. Promessas democráticas.

18-21/10: *Pogrom* antissemita de Odessa.

26/10: Motim de Kronstadt.

28/10: Repressão do motim. Estado de sítio na Polônia.

01-07/11: Greve geral em Kronstadt e na Polônia, em resposta à convocação do soviete de São Petersburgo.

11-15/11: Motim da frota e insurreição em Sebastopol.

26/11: Detenção do presidente do soviete de São Petersburgo.

03/12: Detenção dos membros do soviete.

07-18/12: Insurreição de Moscou. Repressão sangrenta: mil mortos.

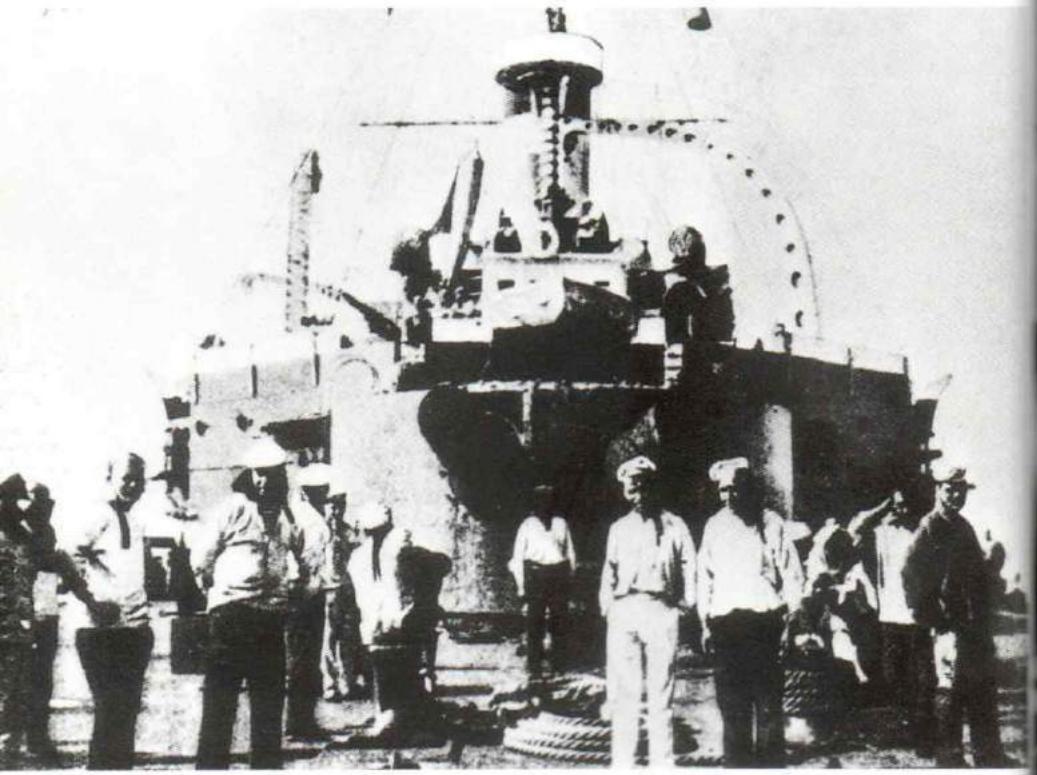
Greve nas fábricas de armamento Poutilov em São Petersburgo, em janeiro de 1905.

Página dupla anterior: Em São Petersburgo, durante a manifestação de 9 de janeiro de 1905 (que marca o início da revolução), a tropa atira contra os manifestantes e faz centenas de mortos e feridos. Esse dia ficou conhecido como "domingo vermelho".

Grupo de operários em São Petersburgo antes do início dos conflitos, em janeiro de 1905.

Manifestação em outubro de 1905. Lê-se nos cartazes: "Abaixo a monarquia!" e "Proletários de todo o mundo, uni-vos!"

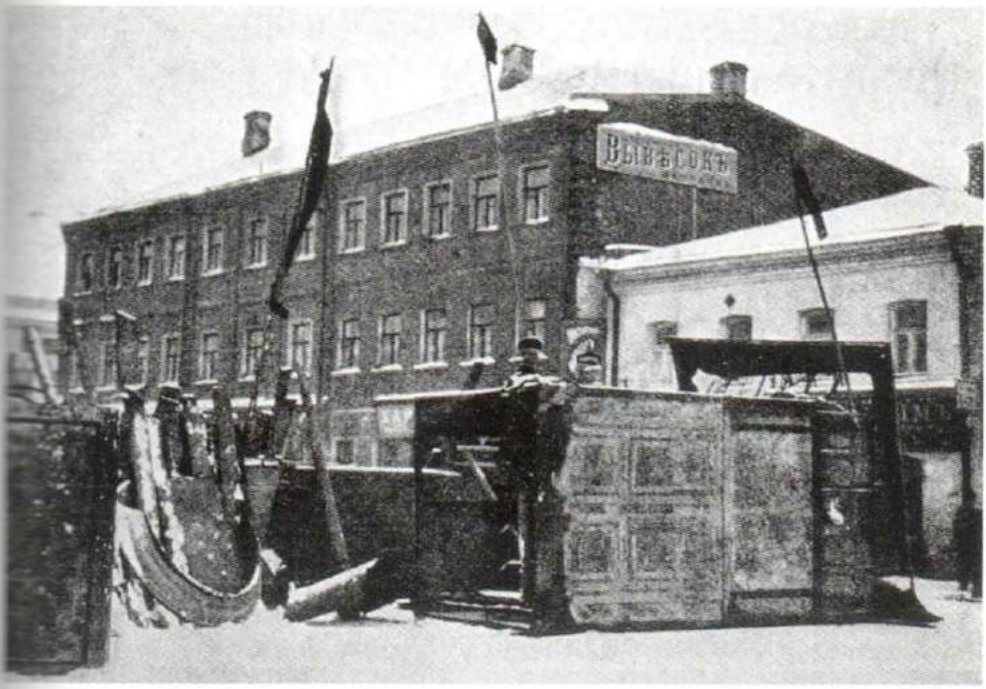
O soviete dos operários da indústria têxtil de Ivanovo-Voznesensk, em maio de 1905 (foto montada).

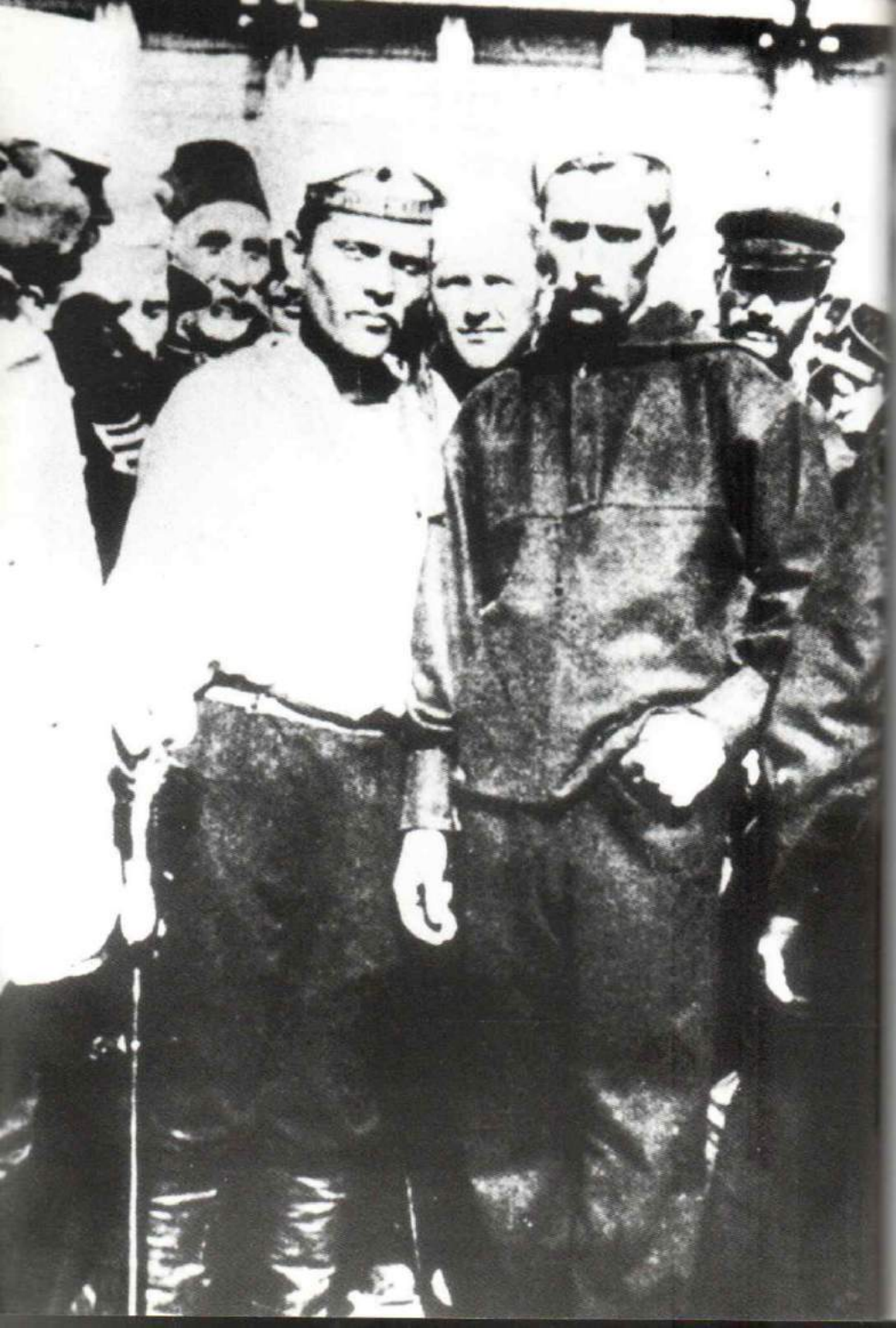


Página dupla anterior e acima: Marujos (acima) e oficiais (página anterior) do encouraçado Potemkin antes do motim, em junho de 1905.

Ao lado: Um grupo de amotinados a bordo do encouraçado Potemkin em Odessa, em 15 de junho de 1905.

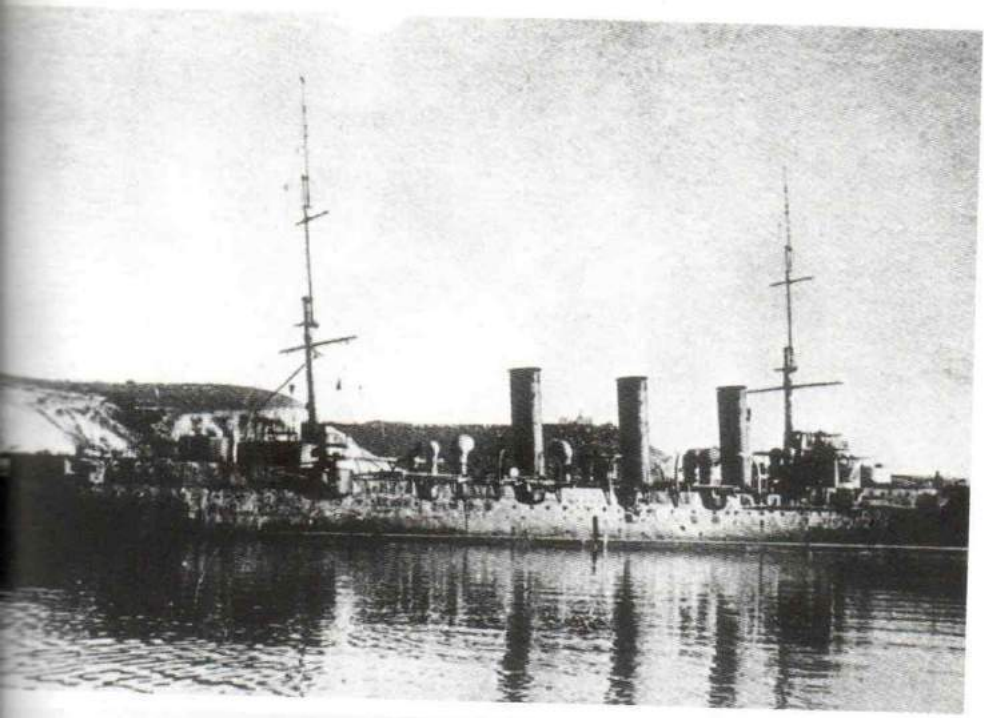
Acima e ao lado: Combates de rua em Moscou, em outubro de 1905.





No alto:

Ao lado: O
no encour



Alto: O encouraçado Otchakov, cuja tripulação se amotinou em novembro de 1905, diante de Sebastopol.

Abaixo: A população de Sebastopol reza durante o bombardeio do encouraçado Otchakov, em novembro de 1905. Os amotinados só se renderão depois que o navio pegar fogo.

...do: O marujo Matioushenko, líder do motim, e seus camaradas
...couraçado, diante de Odessa, em 15 de junho de 1905.

Ao lado
queixas

O príncipe Worentzof-Dachkof, vice-rei do Cáucaso, é escoltado por seus cossacos durante visita às ruínas da cidade industrial de Balakhmy, após os combates entre os operários e o Exército.

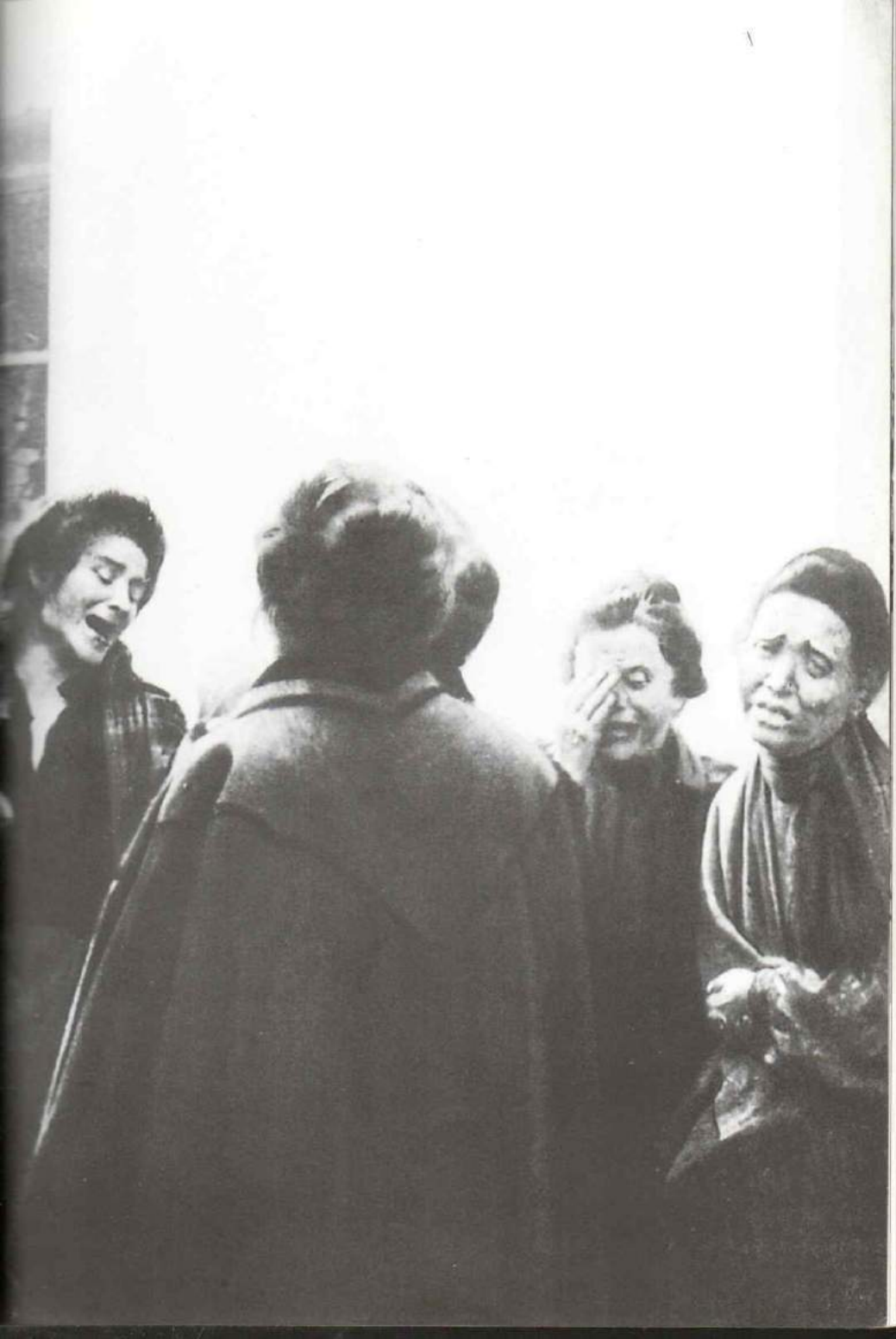
Ao lado: Um delegado camponês de pés descalços expõe queixas a um deputado, em 1905.

No alto: A população contempla os cadáveres das vítimas dos confrontos com a polícia.

Abaixo: Vítimas dos *pogroms* antissemitas de Jekaterinoslaw, em 11 de outubro de 1905.

Vítimas dos *pogroms* antissemitas de Odessa, de 18 a 21 de outubro de 1905.

Página dupla seguinte: Após os confrontos entre os operários e o Exército, mulheres choram diante de um necrotério improvisado.



Acima e ao lado: Partida para a Sibéria dos condenados ao exílio. No centro, vestido de preto e com uma boina branca, o social-democrata alemão Parvus.

Página dupla anterior: Pelotão de execução num bosque, em novembro de 1905.

Grupo de prisioneiros durante a repressão que se seguiu às revoltas de 1905. Leon Trotski é o primeiro a partir da esquerda.

Prisioneiros da ilha de Sacalina.

1917

A Revolução Russa

Rebecca Houzel e Enzo Traverso

A Revolução Russa de 1917

A Rússia soviética valorizou a imagem, colocou-a no centro de seu sistema de representações e transformou-a em um dos pilares da ordem socialista. Estatuária, iconografia e desenhos privilegiaram o símbolo e o mito. A mais de noventa anos de distância, a Revolução de 1917 permanece carregada de uma aura considerável, mesmo que nas correntes dominantes da opinião pública seu valor tenha sofrido uma inversão radical: de prenúncio de uma onda libertária de alcance universal – comparável a 1789 –, Outubro se transformou em data de nascimento dos totalitarismos modernos. Voltar às imagens do ano crucial de 1917, da queda do regime dos czares em fevereiro à tomada do Palácio de Inverno oito meses depois, pode ter um efeito salutar. Examinar os fragmentos do tempo, analisar os instantâneos que se fazem da história ajuda a revisitar o evento, despojando-o da camada espessa de projeções retrospectivas, a princípio hagiográficas e logo demonizantes.

O único que escapará dessas guerras de memória, pelo menos até um período bastante recente, é o czar Nicolau II. Ele estava ausente da cidade no momento do levante de fevereiro, por isso subestima sua importância. Inconsciente da dinâmica dos acontecimentos, por fim é obrigado a abdicar. É um colapso surpreendente e repentino após a repressão sangrenta da qual foi causador. Uma fotografia célebre, datada do início

de 1917, em que aparece rodeado da família – a mulher Alexandra e os cinco filhos –, tornou-se o símbolo do Antigo Regime. Uma estranha impressão de calma, de tranquila segurança, quase de confiança, emana dessas figuras. Nenhum traço de inquietude ensombrece o rosto do czar, nada permite prever as reviravoltas que o aniquilariam (e a sua família) alguns meses depois. Outra foto o mostra avançando, de uniforme, em direção ao comboio imperial. Não sabe que em breve, naquele mesmo lugar, assinará sua renúncia. Podemos vê-lo sozinho, ao lado de um trem parado em pleno campo. O condutor o espera e o observa por trás da porta envidraçada: ele não representa mais que a si mesmo. Sua execução, em julho de 1918, marcará um ponto sem retorno. Contudo, exceto entre uma minoria de aristocratas exilados, ela não produzirá a mesma comoção que tomou conta da Europa após a decapitação de Luís XVI. Nicolau II não terá um Edmund Burke, um Joseph de Maistre para idealizar seu legado e celebrar sua memória. Essa pode ser a razão por que, nesses velhos registros, ele nunca aparece sob uma luz trágica, mas apenas como uma peça de museu.

À parte alguns desses registros, o czar está praticamente ausente das imagens da revolução; seu retrato está gravado nas memórias como símbolo de uma época passada. As fotos de 1917 são, em primeiro lugar, as de um levante, grandioso e trágico como qualquer revolução: as vítimas das marchas de fevereiro, estendidas no chão coberto de neve, depois enterradas e pranteadas, e mais tarde transformadas em heróis; o desaparecimento no canal de Fontanka dos vestígios do passado czarista que ruiu de um só golpe, em fevereiro, em consequência da insurreição; a imponente perspectiva Nevski coberta por cadáveres após a repressão de uma manifestação em julho; a tomada do Palácio de Inverno, que concentrou no imaginário coletivo o conjunto do processo revolucionário; o cruzador Aurore, vindo atirar tardiamente contra fortaleza do antigo poder. Sob um olhar mais atento e distanciado, esses registros que forjaram nossa memória do século XX revelam a aspereza do contexto social, político e mesmo geográfico dessa

revolução: o frio, a miséria, a guerra, a repressão. Em primeiro lugar, o frio, porque o clima tem uma importância particular nessas regiões, dá o ritmo da vida cotidiana russa, envolve as multidões de soldados e operários que se vestem com casacos pesados, cobrem a cabeça com uma *chapka**, calçam com botas os pés que afundam na neve meses a fio. O jornalista norte-americano John Reed, testemunha da insurreição em Petrogrado, relata como a cidade, em 18 de novembro, celebrou a chegada da neve:

> Pela manhã, quando despertamos, as bordas das janelas estavam vestidas de branco e os flocos de neve desciam num turbilhão tão denso que não se via nada a três metros. A lama tinha desaparecido; num piscar de olhos, a cidade sombria tornou-se ofuscante de brancura. [...] Apesar da revolução, e ainda que a Rússia inteira tenha se atirado vertiginosamente num futuro desconhecido e terrível, a chegada da neve encheu a cidade de alegria.

Outubro e novembro são meses difíceis, a chuva pode ser constante e gelada, a lama densa e pegajosa, o céu de um cinza persistente. Fevereiro do ano de 1917 passa sob uma camada espessa de neve que dificulta o deslocamento, mas dá uma luminosidade particular à cidade, diferente do cinzento do outono ou do inverno enlameado e úmido. As fotos mostram, assim, a pregnância das condições climáticas que moldam, na mente russa, uma temporalidade diferente daquela da Europa ocidental, uma percepção diferente do tempo que escoa.

Frio e miséria. No começo do ano de 1917, o país está imerso numa crise econômica: são instituídos cupons de racionamento, especialmente para a farinha, que depois de fevereiro se vê em grandes sacos, na frente do Palácio Tauride, para ser distribuída aos pobres. Todos os dias formam-se filas intermináveis de gente que espera conseguir algum alimento. O país está fraco e mergulhado numa guerra que não era dele. A presença da guerra na história desse ano memorável é múltipla. Pesa sobre a vida inteira do país, que chora seus soldados mortos no *front*. Estava no âmago das diferentes

* Gorro típico russo, com abas laterais de pele para proteger do frio. (N. T.)

crises que marcaram o processo revolucionário russo, no centro dos debates entre partidários e adversários.

Na sequência das marchas de fevereiro, que provocam a renúncia de Nicolau II, o governo Kerenski se deparou com a desorganização do exército. Os soldados rapidamente aderiram à ideia de uma paz sem anexação. Nos meses de março e abril, os movimentos de confraternização se intensificam, sendo dispersos a tiros de canhão ou de fuzil pelos oficiais da artilharia russa. Em meados de maio, o II Exército contabiliza cerca de 80 mil desertores. A imagem de um soldado erguendo a coronha contra um desertor, difundida pelos serviços de propaganda do exército, mostra a importância extrema dos conflitos que cruzam as tropas.

No mês de junho, houve uma manifestação sob pressão dos soldados que queriam opor-se à política de Kerenski e à sua vontade de assumir as rédeas do exército desorganizado. Em julho, com a notícia da contraofensiva alemã, os soldados da guarnição de Petrogrado decidem preparar a insurreição. Duas grandes manifestações ocorrem em 3 e 4 de julho: uma chega ao Palácio Tauride, sede da Duma; a outra reúne operários, soldados e marinheiros de Kronstadt diante do soviete. Como consequência da crise, o governo é reorganizado uma vez mais por Kerenski. Uma foto mostra seu retorno triunfal a Petrogrado. O carro avança lentamente em meio a uma imensa multidão que veio saudar o salvador da nação, ameaçada pelos bolcheviques. É uma massa compacta, desorganizada, completamente desarmada e bem mais elegante que os operários e os soldados que desde fevereiro haviam se tornado donos das ruas. Percebem-se alguns oficiais de uniforme, dispersos numa multidão de aspecto sobretudo burguês, vestidos com roupas de verão e usando chapéus de palha para se proteger do sol, como para num passeio. Essa imagem reconstitui a atmosfera de um efêmero parêntese, em que as camadas superiores da sociedade parecem, enfim, ter recuperado a confiança nas instituições e festejam seus heróis, antes de serem definitivamente varridas pelo turbilhão revolucionário.

Desenvolvem-se conflitos entre os comitês de soldados, que se espalham insensivelmente, e o governo provisório, que tenta retomar as rédeas do exército, graças em particular à formação de batalhões de choque, aqueles mesmos que posam diante do Palácio de Inverno. Batalhões originalmente de mulheres tiveram várias de suas unidades compostas por homens, animados por um patriotismo descomedido. Uma foto imortaliza a última defesa do governo Kerenski, na véspera da tomada do Palácio de Inverno. As mulheres são quase irreconhecíveis debaixo dos pesados uniformes masculinos; imóveis na frente da câmera, somente os rostos revelam o sexo. A frente da cena é ocupada por oficiais que não renunciaram a exibir suas medalhas no momento em que são chamados a defender um poder agora inexistente. Entre esse pequeno grupo de oficiais e o batalhão feminino, o grosso do exército parece ter evaporado. Mas a principal figura militar de 1917 é incontestavelmente Kornilov, promovido a generalíssimo no mês de julho. Uma foto mostra-o ao lado das tropas, em pleno campo. Ar marcial, teso como um poste, enfiado num uniforme muito sóbrio, sem nenhuma condecoração, ele ambiciona reunificar um exército que, a partir de então, tomou feições de um bando de rebeldes. Seguro de sua posição, tenta impor-se e falha, causando uma reviravolta na situação política: os ministros "cadetes", que o apoiavam, renunciam e os bolcheviques, que resistiram ao *putsch* [golpe de estado] com a maioria do soviete, de repente puderam estender sua influência.

Foi na sequência da crise que a desorganização do exército atinge seu apogeu e se formam alianças mais fortes e mais coerentes entre os soldados, os operários – meio em que as ideias bolcheviques avançam – e os camponeses. As imagens de confraternização entre os diferentes protagonistas da revolução desenham a dinâmica dos eventos do ano de 1917. O exército se funde com a sociedade, que se arma por sua vez. As fotos das cidades revelam uma presença maciça de fuzis. Entre fevereiro e outubro, os soldados e os operários armados reformulam a paisagem urbana. Os guardas vermelhos, criados na Revolução de 1905 e recuperados em março de 1917, desfilam pelas ruas de Petrogrado e Moscou. Apesar dos esforços, o governo provisório de Kerenski

não consegue desarmá-los; deslocamentos e treinamentos fazem parte da vida cotidiana da capital. Alguns instantâneos revelam o prazer dos guardas vermelhos em posar para a objetiva, conscientes de sua importância. As imagens são trabalhadas: sérios, tomam lugar no veículo de maneira precisa. As silhuetas desenham uma coreografia bem pouco funcional, mas certamente bastante impressionante. O comboio percorre as ruas da cidade: a revolução entra em cena. Outros, fotografados sem seu conhecimento durante um momento de descanso, aparecem sem solenidade, mais sorridentes e descontraídos, conversando, sentados ao lado dos fuzis. Os guardas vermelhos também protegem o imponente Instituto Smolny, antigo convento e escola de moças, mantido pela própria czarina e depois ocupado pelos revolucionários. O fotógrafo pegou-os postados atrás de pesadas metralhadoras. Aplicado, o estado-maior posa para a câmera, como numa foto de escola.

As manifestações também são armadas. Os fuzis despontam à frente da multidão que se alastra pelas ruas. Como em toda revolução, a massa, a maré humana, está no centro dos eventos e invade o espaço. Desfila, reivindicativa; sobeja, como em fevereiro, no Palácio Tauride; reúne-se em assembleia e depois, como de hábito, continua simplesmente a tomar as ruas de Petrogrado, agarrando-se aos bondes, cuja circulação barulhenta marca o ritmo da vida da cidade. A multidão ora aparece estática – os homens parecem imóveis sob suas boinas –, ora agitada – mãos se estendem para apanhar panfletos ou jornais –, mas nunca indiferente. As feições em geral são austeras. Segundo narram numerosos historiadores e cronistas, a queda do czarismo provocou uma explosão de alegria e esperança no país. Bem raras, no entanto, são as imagens de regozijo: diante do fotógrafo, os manifestantes parecem conscientes do momento histórico que presenciam, o que confere certa solenidade a sua postura. A revolução não é vivida sob o signo da alegria. Nenhuma foto capta um instante de transgressão jubilosa: estamos em Petrogrado, no antípoda de uma revolução tropical. Certas fotos rapidamente difundidas pela imprensa no Ocidente revelam os excessos da revolução de fevereiro (repetidos em outubro), quando os in-

surgentes saquearam algumas residências aristocráticas e destruíram móveis e quadros, que então pareceram indissociáveis dos emblemas do regime czarista. Mas esses excessos são absolutamente marginais: mostram o caos da situação, o impulso espontâneo das massas, difícil de ser controlado pelos dirigentes, muito mais do que anunciam o terror revolucionário, cujo advento coincide apenas com o início da guerra civil.

As fotos das assembleias de massa em Petrogrado – o soviete dos soldados na Duma, o congresso dos camponeses ao receber uma delegação de soldados vinda do *front*, na Casa do Povo, ou ainda uma reunião de soldados e marinheiros na grande sala de Catarina – são um testemunho da efervescência da sociedade civil ao longo desse ano extraordinário. Revelam o aprendizado da democracia, no fogo da ação, por operários e camponeses que, livres em um só golpe de um jugo social e político esmagador, descobrem-se sujeitos da história. A "democracia" é muito particular nessas assembleias. Os oradores, num clima eletrizante, sucedem-se na tribuna; vencia a eloquência e a demagogia às vezes marcava presença. As decisões adquirem frequentemente um caráter plebiscitário, mas também se manifestam forças irresistíveis, que nunca fazem da multidão um objeto passivo. Os oradores eram aplaudidos em salas abarrotadas, pois sabiam encontrar as palavras para dizer aquilo que a multidão queria ouvir, estabelecendo com ela uma osmose total. Em sua autobiografia, Trotski deixou uma descrição impressionante das reuniões que presidia no Circo Moderno:

> Minha plateia era de operários, soldados, laboriosas mães de família, jovens de rua, os oprimidos, a ralé da capital. Não havia espaço para um alfinete, as pessoas se amontoavam. Meninos subiam nos ombros dos pais. Crianças pequenas mamavam o seio materno. Ninguém fumava. As galerias superiores ameaçavam ceder por causa da sobrecarga. Para chegar à tribuna, eu precisava passar por uma estreita fileira de corpos, e algumas vezes fui carregado nos braços. A atmosfera, cheia de respirações e expectativas, rebentava em gritos, nesses brados apaixonados tão habituais no Circo Moderno. A minha volta, em cima de mim, cotovelos estreitamente comprimidos, peitos, cabeças... Eu falava como do fundo de uma quente caverna de corpos humanos. [...] Ne-

> nhum cansaço poderia subsistir sob a tensão eletrizante daquela aglomeração humana. A multidão queria saber, compreender, encontrar seu caminho. Em alguns momentos, acreditávamos sentir nos lábios a pergunta arrebatadora dessa multidão fundida num só ser. Então, os argumentos concebidos de antemão, as palavras preparadas cediam, retiravam-se sob a autoritária pressão das empatias, e outras palavras saíam da sombra, outros argumentos já armados, não previstos pelo orador, mas necessários à massa. E, então, o próprio orador tinha a impressão de ouvir alguém que falava muito perto dele, de não poder seguir seu pensamento, e sua única preocupação era que seu outro, como um sonâmbulo, não caísse do balcão ao som de sua voz de arrazoador.

Mas as reuniões de Trotski no Circo Moderno representam apenas uma das múltiplas faces da massa. Há uma foto perturbadora do 1º de Maio de 1917 em Moscou, na futura Praça Vermelha, em frente ao Kremlin. Numa espécie de cruzamento cronológico, a multidão revolucionária – uma mistura de tropas, soldados a cavalo, passeatas operárias – adquire um perfil familiar, o da coreografia tradicional do socialismo real. Somente a ausência de tanques, de uma tribuna de *apparatchiks** e de grandes retratos de Lenin e Stalin pendurados nas fachadas dos edifícios nos lembra que tudo isso ainda está por vir. O czarismo celebrou sua glória nesse mesmo lugar. A revolução apropria-se dele, mudou seu significado, mas a geometria das passeatas que o permeiam revela de súbito a imagem do futuro e, ao mesmo tempo, a força de um atavismo histórico que inegavelmente insere o ano de 1917, contra a sua vontade, num longo período braudeliano. Essa é a única foto que sugere uma continuidade entre o espírito emancipador de 1917 e o totalitarismo de Stalin.

As fotos certamente contribuem para a criação de mitos, mas também podem desvendar seus bastidores. Por exemplo, ao nos lembrar que, por trás do cenário reluzente da revolução, com suas manifestações, suas ações espontâneas, suas multidões em ação e também, como vimos, com sua própria *mise-en-scène*, existe a realidade bem mais morna e prosaica de uma

* Termo usado para designar funcionários do Partido Comunista ou do governo. (N. E.)

miséria que se perpetua, sempre igual a si mesma, a despeito da sociedade que se revolta e a denuncia. Um instantâneo mostra uma cantina popular sombria, sem janelas, onde um cozinheiro, de pé ao lado de uma enorme panela, distribui tigelas de sopa (a *kacha*, um cozido de trigo sarraceno). Alguns dos presentes viram-se para a objetiva; têm aspecto de mendigos famintos e cansados, mas são operários que ganham poucos rublos por mês. É chocante o contraste entre esse triste recinto e o clima eletrizante que impera do lado de fora. Foi preciso a sensibilidade crítica de um fotógrafo desconhecido que resolveu instalar seu aparelho nesse lugar, desprezando as ruas onde tudo parecia se decidir, para "iluminar" de maneira tão impiedosa o avesso do cenário.

Do lado de fora, os dirigentes revolucionários recém-chegados do exílio ou da deportação siberiana não eram os únicos oradores. Nas assembleias populares, eram os organizadores, os delegados dos operários, dos soldados e dos camponeses, e os líderes oriundos da massa que tomavam a palavra na maioria das vezes. O historiador Isaac Deutscher interpretou essas intervenções como prova do despertar dos vencidos da história. Podiam ser analfabetos e grosseiros, mas queriam ser ouvidos. A revolução, escreve Deutscher, é precisamente "esse momento breve, mas carregado de sentido, quando os humildes e os oprimidos têm, enfim, direito à palavra, e esse momento redime séculos de opressão".

A multidão é ruidosa nas assembleias reunidas em diferentes locais da cidade; é masculina na maioria das vezes, nos instantâneos, embora as mulheres tenham desempenhado um papel importante durante todo o ano de 1917. O dia 23 de fevereiro, primeira data significativa da revolução, ficou marcado na memória como "a jornada das operárias". Às mulheres que se manifestam, juntam-se os operários das fábricas Poutilov, despedidos após uma greve. A manifestação arrasta muitos empregados de escritório; operários saem de seus bairros para ir ao centro da cidade e afirmar suas reivindicações: pão, trabalho, paz e o fim do czarismo. As mulheres têm igualmente papel decisivo na manifestação do dia seguinte, que conduz os

operários dos bairros de Vyborg, da ilha Vassilievski e de Petrogradski rumo ao centro para desfilar na perspectiva Nevski. Nos dias seguintes, os subúrbios operários continuam a inundar as ruas da capital, até o domingo, quando a repressão despenca sobre eles. As vítimas, em número de 150 nesse dia, são homenageadas e enterradas. A cerimônia realiza-se em 23 de março de 1917 no Campo de Marte, ao som de uma marcha fúnebre. Markovitch fez o seguinte relato:

> Lentamente, a passos ritmados e sérios, o cortejo avançava. À frente, os milicianos, depois os caixões, cobertos com bandeiras vermelhas, sobre os ombros dos operários. Em seguida, vinham, em perfeita ordem e recolhidas, as organizações operárias, os estudantes, a multidão de parentes, amigos e desconhecidos, marchando quase a passo numa longa fila calma, religiosa, sem padres, primeiro enterro civil na ortodoxa Rússia. A marcha fúnebre revolucionária entoava suas frases musicais, cujas palavras cada qual repete em sua alma com emoção intensa, embora sem lágrimas.

Os milicianos da Guarda Vermelha tentam manter sem sucesso a pose marcial. Avançam em fileiras cerradas, mas, apesar do esforço, não parecem um exército disciplinado, enquadrado e submisso a uma hierarquia. Visivelmente, trata-se de uma nova atividade para eles, imprevisível poucas semanas antes. Seus fuzis parecem longos e finos como varas, ou talvez se trate simplesmente de objetos pouco familiares, que manejam e transportam como se fossem ancinhos.

A multidão reencontra as figuras da revolução. Amontoa-se ao redor de Lenin, regressado do exílio após a revolução de fevereiro. Depois do retorno, ele aparece muito elegante, com um casaco bem cuidado e um guarda-chuva na mão no meio daqueles que vieram recebê-lo, diferente do retrato esboçado por John Reed, que o descreve usando "um casaco gasto e calças demasiado compridas". Após anos de exílio, seus trajes parecem mais de acordo com as ruas de Zurique do que com as da São Petersburgo insurgente. Depois disso, nós o veremos mais frequentemente com um casaco russo tradicional, uma *chapka* ou uma boina de operário. No cenário da cidade, sua silhueta se des-

taca do alto das tribunas de madeira instaladas para as reuniões de massa. Não há microfones, nem alto-falantes na tribuna. Todos os olhares se dirigem para essa pequena figura que se agita ao longe. Imagina-se o fotograma de um filme mudo; suas palavras não alcançam a grande maioria das pessoas reunidas na praça. A imagem de Lenin – assim como a de Dzerjinski, o militante polonês a quem será confiada a organização do terror revolucionário e a quem se deve a criação da temível Tcheka – será sacralizada na *mise-en-scène* soviética; a de Trotski, ao contrário, será apagada das memórias e dos instantâneos reconstituídos no período stalinista.

A imagem-símbolo da Revolução Russa – gravada para sempre na memória do século XX – mostra uma multidão de silhuetas armadas que, na aurora de 25 de outubro (7 de novembro), toma de assalto o Palácio de Inverno. A fumaça que sai do grande portal indica um tiro de canhão; mas os assaltantes avançam correndo, com o fuzil na mão, dispersos; nenhum corpo jaz por terra. Durante várias décadas, essa foto ilustrou, para milhões de homens e mulheres, o ideal de um assalto ao céu necessário e possível, o que Ernest Bloch chamará de uma "utopia concreta". Para outros, a começar pelo escritor italiano Curzio Malaparte, objeto de sarcasmo de Trotski em seu livro *História da Revolução Russa*, esse instantâneo constituiria a prova do *putsch* de outubro, não uma insurreição, mas a admirável execução de uma técnica golpista. Em outra foto, um grupo de guardas vermelhos, visivelmente dispostos conforme uma cenografia de guerra cuidadosamente estudada, finge disparar contra o Palácio. Todas as reportagens sublinham, entretanto, que 25 de outubro foi um dia entre os mais calmos do ano de 1917. Para os protagonistas da época, que vemos aqui brandindo suas armas, trata-se de uma virada, como tantas outras que já haviam ocorrido no decorrer daquele ano. O mito se assentará mais tarde sobre essas figuras, heroificadas por uns e estigmatizadas por outros. O momento é importante; os guardas vermelhos que posam para legar um testemunho aos arquivos da história têm consciência disso, mas ninguém pode prever o que se passará em seis meses ou em dois anos. A longa onda

de 1917 se propagará durante várias décadas, mas a explosão social que a engendrou será rapidamente sufocada. Essas imagens encontrarão seu prolongamento estético nos filmes de Eisenstein e seu sopro inspirará muitas páginas de John Reed, Trotski e Soukhanov. Quanto aos russos, eles reviverão sua paródia monumental e caricaturesca todos os anos, em Moscou, nos desfiles na Praça Vermelha.

Cronologia

(As datas são fornecidas aqui segundo o antigo calendário juliano, então adotado na Rússia, por isso com treze dias de atraso em relação ao calendário gregoriano.)

1917

27/02: Queda do czarismo. Insurreição em São Petersburgo (Petrogrado). Formação dos primeiros sovietes dos operários e dos soldados.

02/03: Criação do governo provisório sob a direção do príncipe Lvov, um liberal, após a abdicação de Nicolau II.

03/04: Retorno de Lenin, exilado na Suíça. Publicação das *Teses de abril*, que propõem uma oposição radical ao governo provisório.

24/03: Os Estados Unidos entram na guerra.

24-27/04: Durante sua VII Conferência, os bolcheviques aprovam as *Teses de abril*.

04/05: Chegada de Trotski, exilado nos Estados Unidos.

03-21/06: I Congresso Panrusso de Sovietes, quando os socialistas-revolucionários se impõem aos bolcheviques.

03-04/07: Revolta dirigida pelos bolcheviques e reprimida pelo governo provisório, cuja direção é assumida no dia 27 de julho pelo socialista-revolucionário Kerensky. Lenin se refugia na Finlândia.

Setembro: Fracasso da tentativa contrarrevolucionária dirigida pelo general Kornilov. Os sovietes organizam a defesa de Petrogrado.

12-14/09: Campanha de Lenin no partido bolchevique pela insurreição, à qual se opõem Zinovev e Kamenev.

10/10: O Comitê Central do partido bolchevique aprova a decisão pela insurreição.

25/10: Tomada do Palácio de Inverno pelas guardas vermelhas. Queda do governo provisório. Fuga de Kerensky.

26/10: O II Congresso Panrusso de Sovietes aprova a insurreição e confere o poder ao Conselho dos Comissários do Povo, presidido por Lenin.

02/11: Declaração do direito à autodeterminação nacional para todos os povos do Estado russo.

25/11: Eleição para Assembleia Constituinte. Os bolcheviques obtêm 9 milhões de votos entre 36 milhões de eleitores.

02/12: Armistício germano-russo. Começo das negociações de Brest-Litovsk.

1918

06/01: Dissolução da Assembleia Constituinte.

No alto: Confraternização entre o povo e os soldados nas ruas de Petrogrado.

Abaixo: Barricadas erguidas em Moscou.

Ao lado: Barricadas erguidas em Moscou durante a Revolução de 1917.

Páginas 124-5: Homens que ganham alguns rublos por mês comem um prato de *kacha* num *traktir*.

Páginas 126-7: Soldado russo ameaça desertores com a coronha de seu fuzil.

Durante a crise de abril, soldados percorrem as ruas de Petrogrado brandindo bandeiras vermelhas.

Petrogrado durante a revolução de fevereiro. Uma saraivada de tiros acaba de ser disparada de uma janela.

Soldados junto de uma barricada em Petrogrado.

Soldados invadem a sala de leitura da Duma em Petrogrado, em abril de 1917.

Página dupla seguinte: Enterro das vítimas da revolução de fevereiro no Campo de Marte, em Petrogrado, em 23 de março de 1917.

ратская могила.

дныя похороны жертвъ

No alto: Enterro das vítimas da revolução de fevereiro em Moscou (março de 1917).

Abaixo: Soldados abrem uma cova diante do Palácio de Inverno para enterrar as vítimas da revolução de fevereiro (março de 1917).

...ado: Retratos oficiais e águias imperiais jogados no canal ...taka, em Petrogrado (fevereiro de 1917).

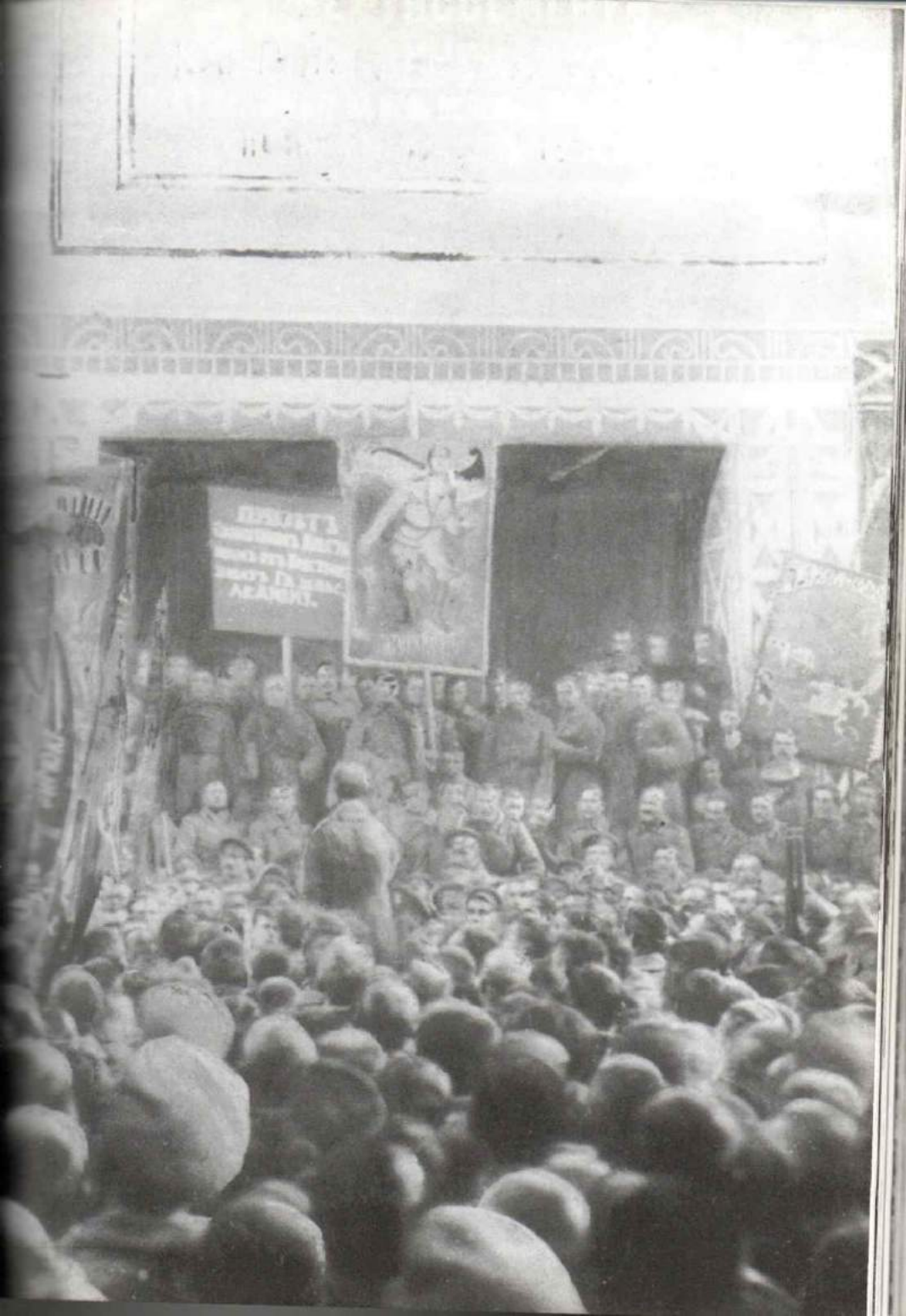
A Guarda Vermelha desfila durante o enterro das vítimas da revolução de fevereiro, em Petrogrado, em 23 de março de 1917.

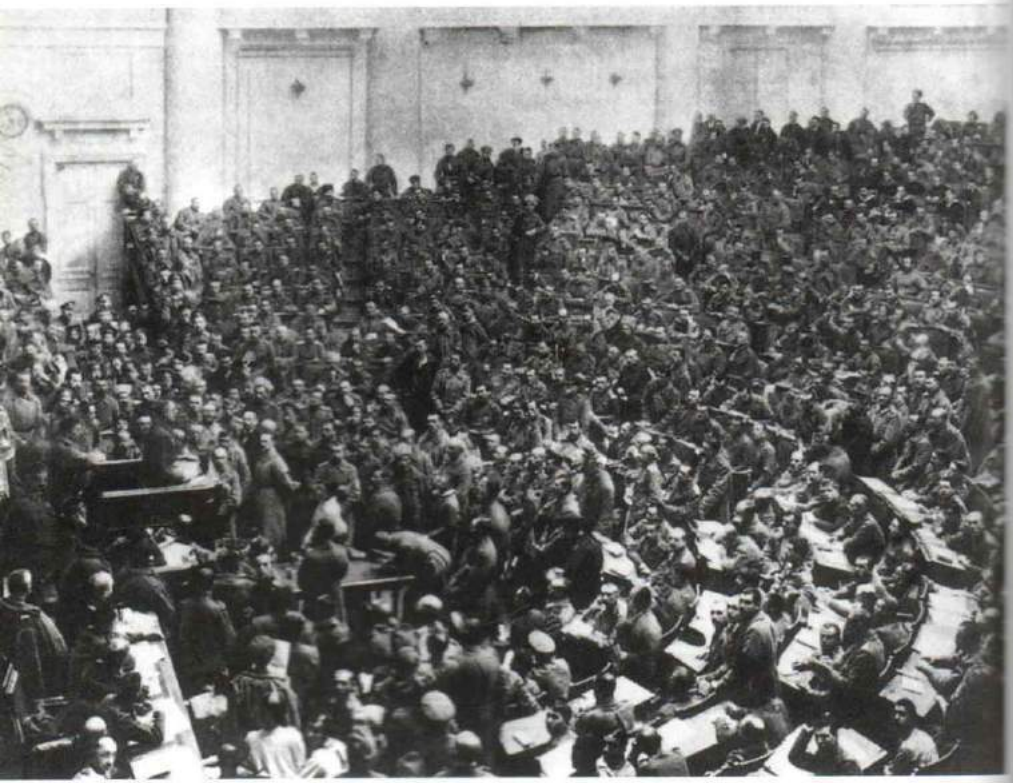
Ao lado: Rua de Petrogrado durante a revolução de fevere

Páginas 140-1: Sacos de farinha são distribuídos aos pobres em frente ao Palácio Tauride, em Petrogrado (março de 1917).

Páginas 142-3: Soldados delegados do *front* vêm saudar os delegados camponeses, reunidos em congresso na Casa do Povo.

НОТАРІУСЪ П. СОКОЛОВЪ





Assembleia do soviete de Petrogrado na sala da Duma, em março de 1917.

Manifestação de mulheres nas ruas de Petrogrado, em abril de 1917.

Após o sucesso da ofensiva do início de julho, Kerenski é saudado pela multidão em sua chegada a Petrogrado.

No *front*, o governo provisório presta juramento.

Um agitador bolchevique discute com um soldado do exército do general Kornilov.

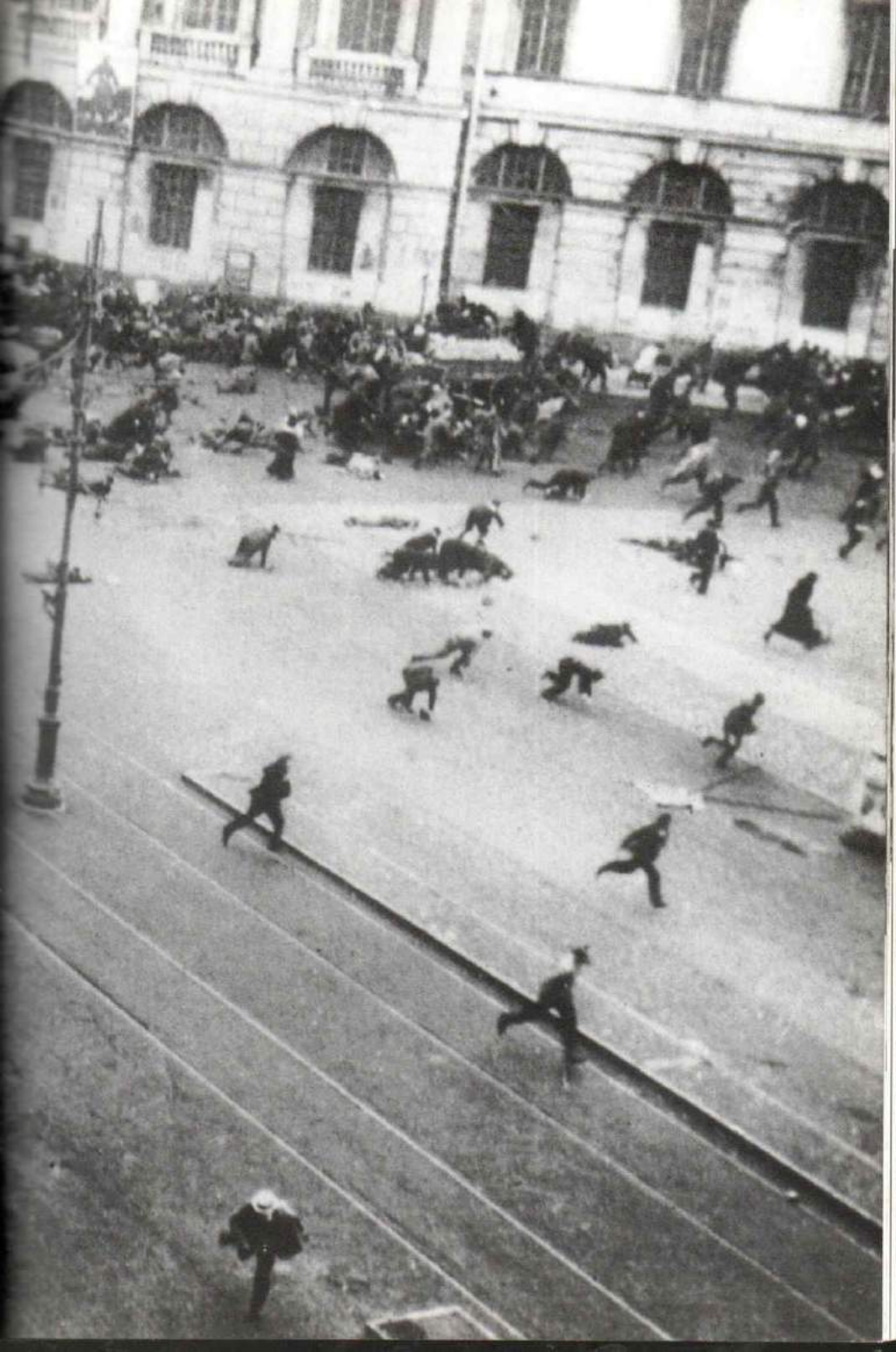
lado: O general Kornilov, comandante
remo do Exército Branco.

Durante a revolução, em Petrogrado, civis suspeitos são revistados, em março de 1917.

Durante a revolução de março, a milícia nacional e os operários bolcheviques armaram-se roubando o arsenal. Apesar dos reiterados apelos do governo, eles recusam-se a depor as armas (março de 1917).

ПЕТРОГР.

ИНЫЙ ЗАВОДЪ



Após o exílio na Suiça, Lenin passa por Estocolmo (abril) antes de regressar a Petrogrado, em 23 de outubro.

Páginas 152-3: Manifestação de operários da fábrica de armamentos de Petrogrado, em julho de 1917.

Páginas 154-5: Uma manifestação é dispersada a tiros de canhão na avenida Nievski, em Petrogrado, em julho de 1917.

Lenin dirige-se a uma multidão em Petrogrado.

O czar Nicolau II diante do trem imperial, no quartel-general; nesse trem, ele assina sua renúncia.

...ado: Oficin...
...Petrogrado...

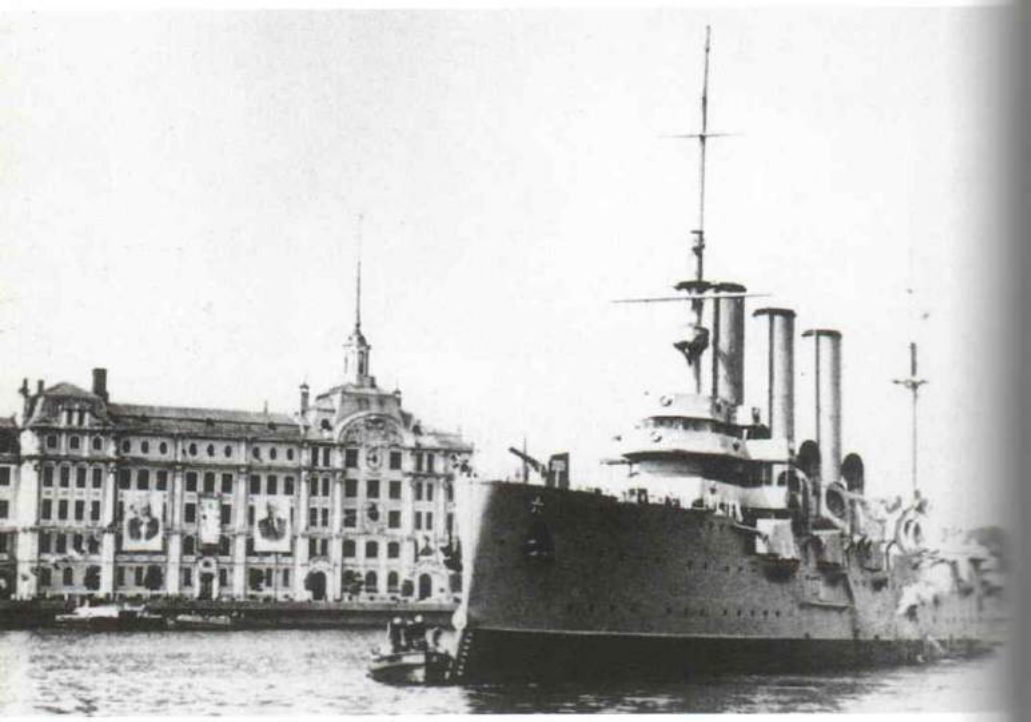
O czar trabalhando.

...lado: Oficinas da fábrica Poutilov
...Petrogrado, em novembro de 1917.

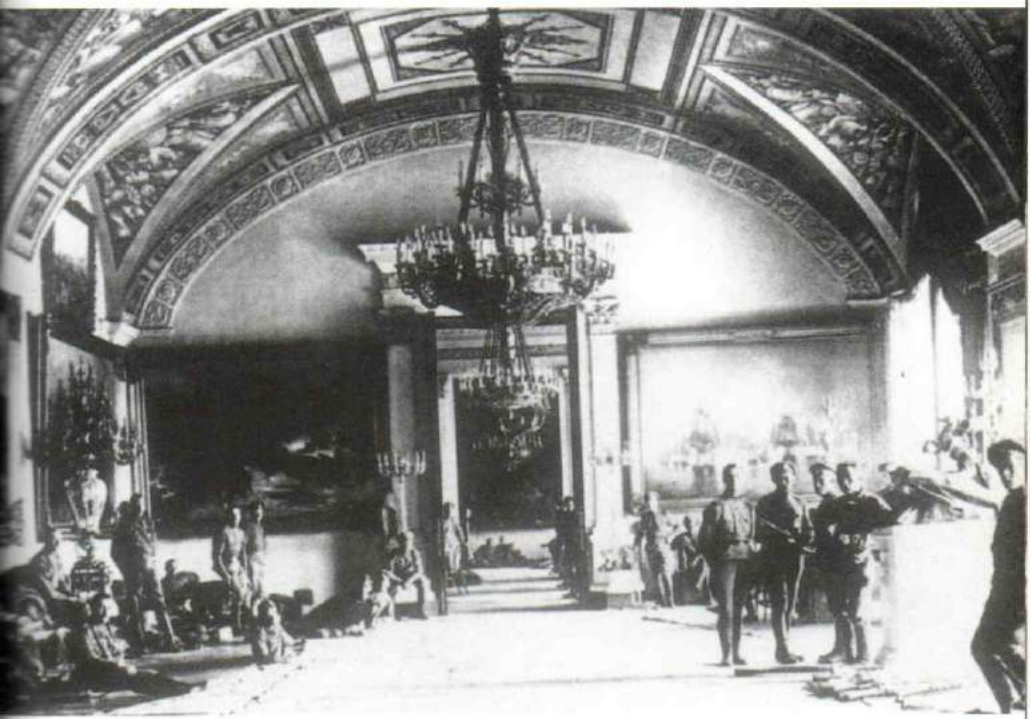
O ataque ao Palácio de Inverno em Petrogrado, em outubro de 1917.

No alto: A tomada do Palácio de Inverno, em 7 de novembro de 1917.

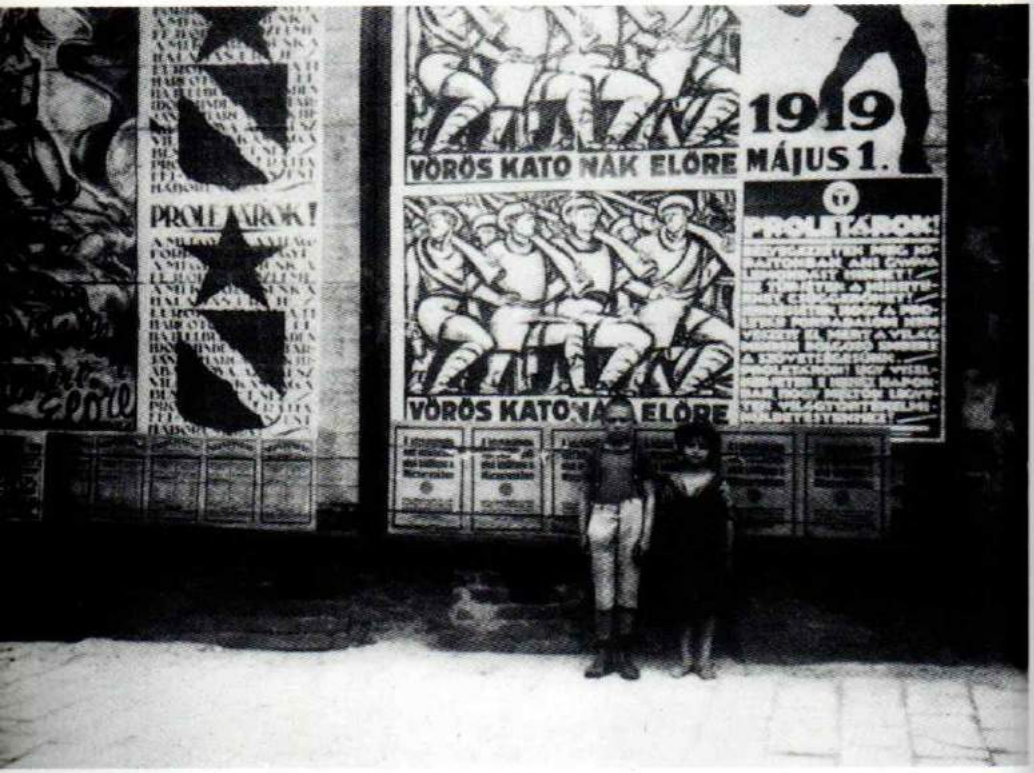
Abaixo: Um batalhão feminino, última defesa do Palácio de Inverno, em outubro de 1917.



O cruzador Aurora, em 7 de novembro de 1917, diante do Palácio de Inverno.



Soldados numa sala do Palácio de Inverno, em novembro de 1917.

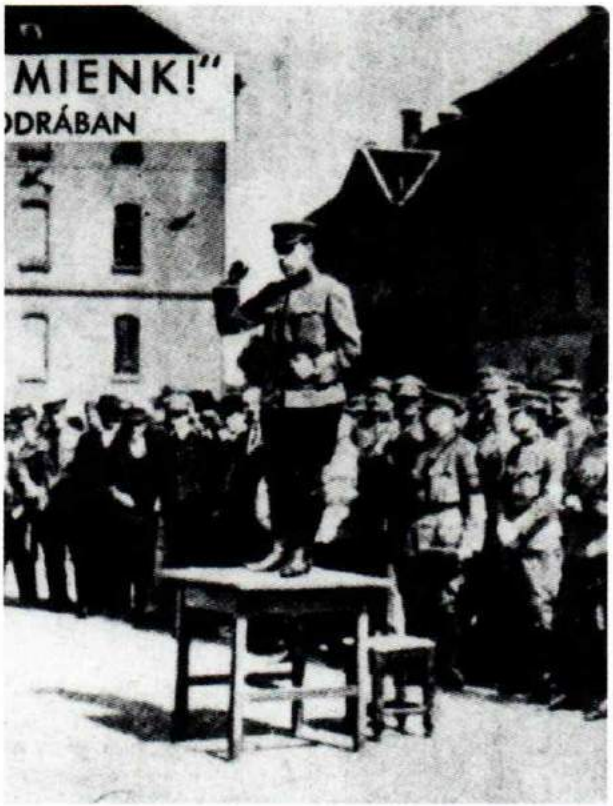


Em Budapeste, duas crianças posam diante de um cartaz de Béla Uitz em homenagem à Guarda Vermelha.

Membros do governo durante um encontro popular em Kassa (atual Kosice, na Eslováquia), em 10 de junho de 1919.

Distribuição de cupons de alimentação numa agência responsável, em Budapeste, em maio de 1919.

Página dupla anterior: Na praça do Parlamento, uma atriz do Teatro Nacional declama poemas revolucionários, em 31 de maio de 1919.



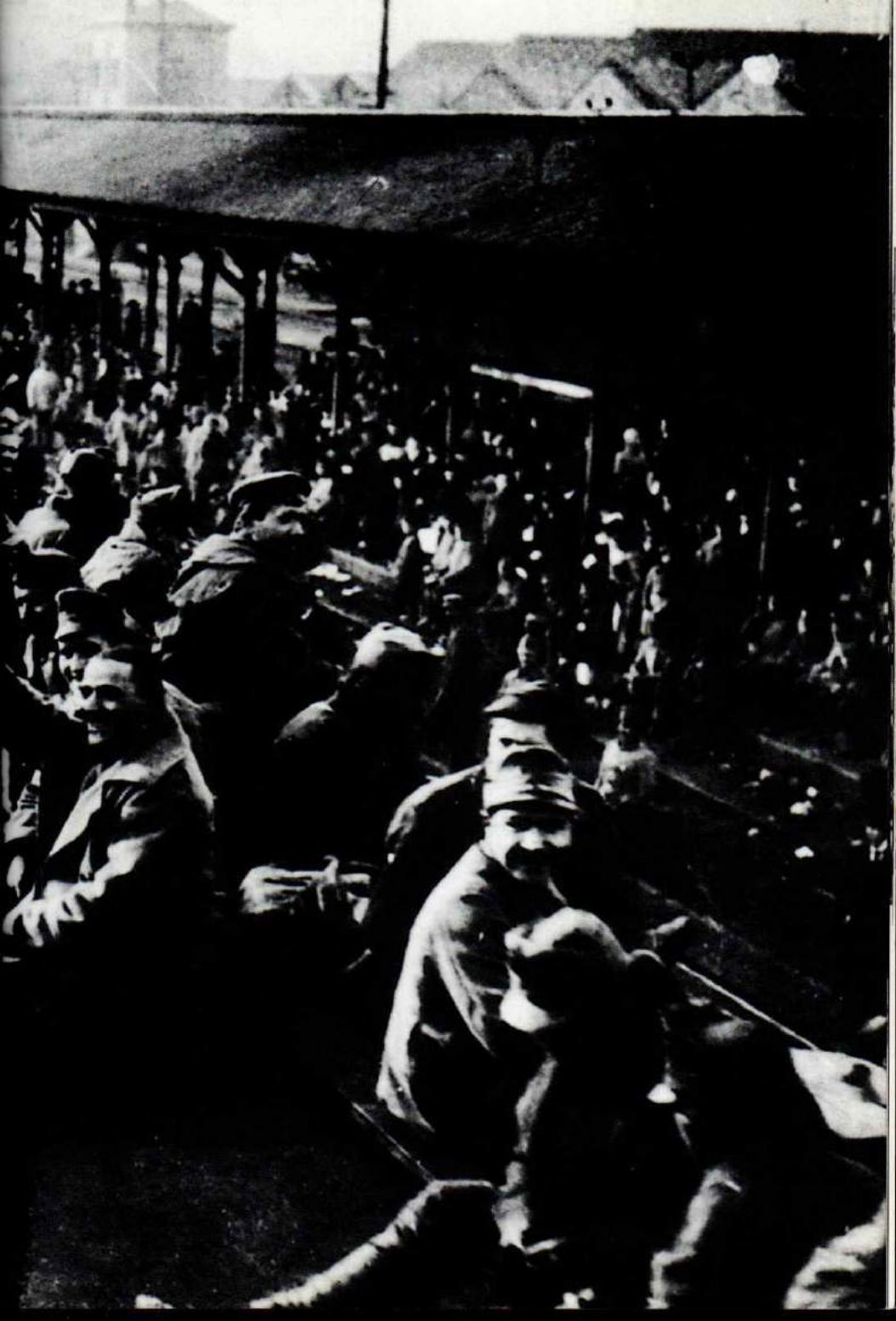
No pátio de um quartel, um oficial comunista toma a palavra, em 1919.

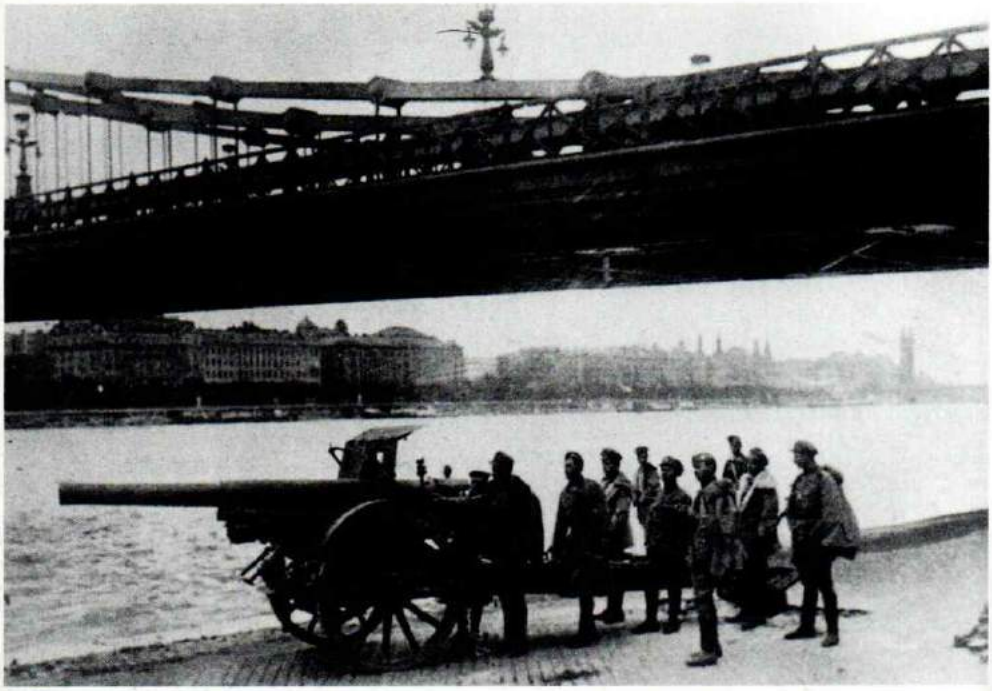
PUSZTÍTSATOK
EL A TŐKÉT
HOGY ROMJAIN
FELÉPÍTHESS
SUK A VILÁG
NEMZETKÖZI
KOMMUNISTA
TÁRSADALMAT
9 1 9
CIGÁRA LERA

Jovens estudantes vendem livros revolucionários, em 1919.

Página dupla anterior: No 1º de Maio de 1919, a população passa pelo Arco do Triunfo da praça Andrassy, decorado com os bustos de Karl Liebknecht e Karl Marx.

Diante do monumento do Milênio, em Budapeste, Joszef Pogany, comissário do povo para as Forças Armadas, exorta a multidão a engajar-se no Exército Vermelho, em maio de 1919.





Págin
romeu

Págin
Budaj

Págin
Budaj

Ao lado e acima: Soldados do Exército Vermelho às margens do rio Danúbio, em 1919.

Páginas 196-7: Soldados do Exército Vermelho partem para combater os romenos e os checos, que eram apoiados pelas potências ocidentais, em 1919.

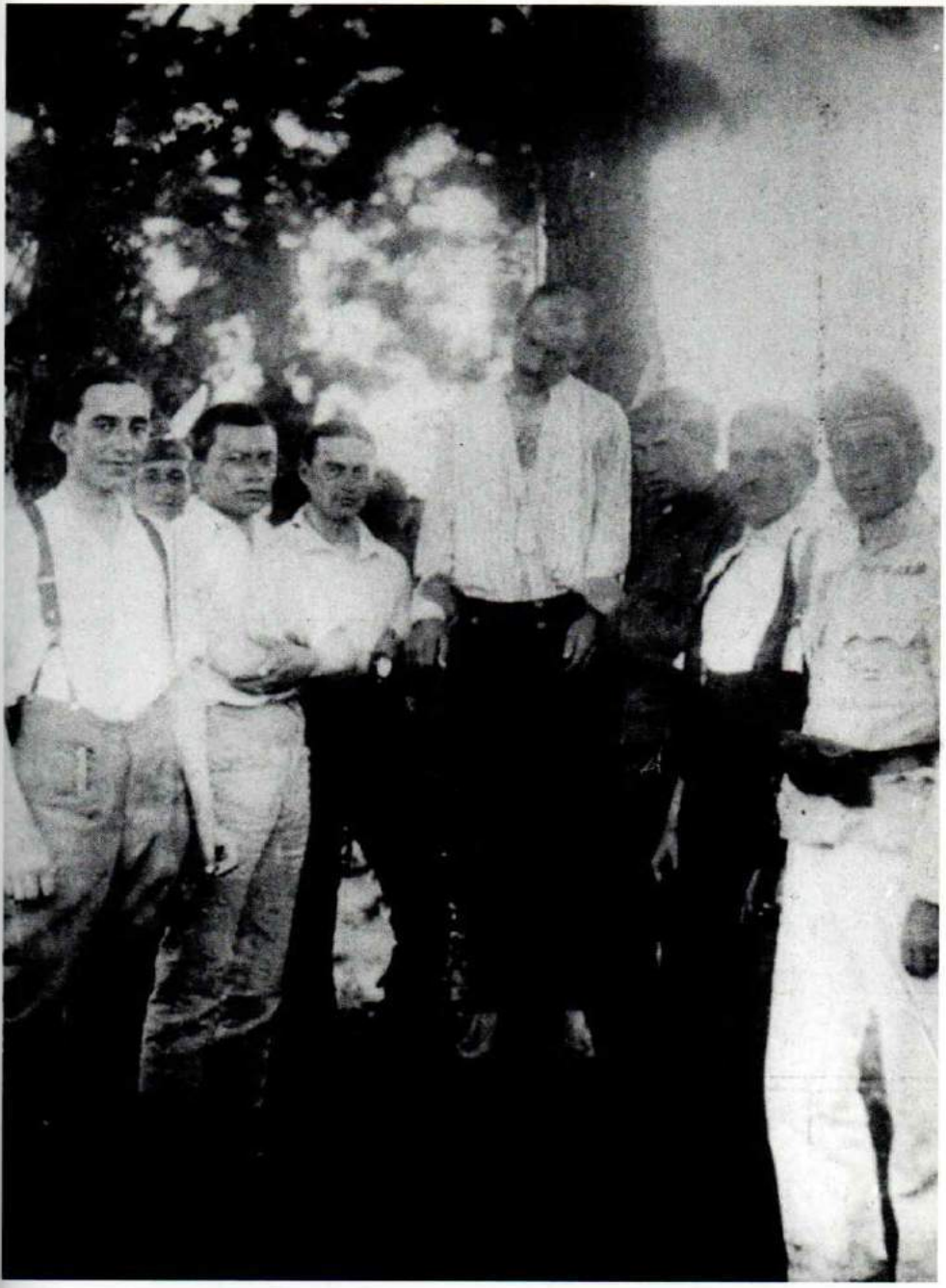
Páginas 198-9: Voluntários do Exército Vermelho desfilam pelas ruas de Budapeste, em 1919.

Páginas 200-1: Soldados revolucionários percorrem de caminhão as ruas de Budapeste, em maio de 1919.

O regente Horthy. Após o golpe de Estado, ele estabeleceu um regime autoritário no país que durou até 1945. Aqui, foto de 5 de março de 1920.

Na Budapeste ocupada, patrulhas de soldados romenos equipados à francesa percorrem as ruas, em agosto de 1919.

Acima e ao lado: Após a extinção da República dos Conselhos, os suspeitos de simpatizar com o comunismo foram perseguidos pelos contrarrevolucionários: o "terror branco" teve início no fim de 1919.



1918-1919

A Revolução Alemã

Enzo Traverso

A Revolução Alemã

Berlim, 24 de dezembro de 1918, véspera de Natal. Uma pequena multidão de curiosos posa para a objetiva do fotógrafo, no castelo de Potsdam, no dia seguinte aos combates em que os marinheiros revoltados expulsaram as tropas governamentais. A seus pés, diante da cena, jazem as colunas destruídas do monumento imperial, o Kaiser-Wilhelm-Denkmal. As crianças são colocadas em primeiro plano, as mulheres à margem, quase ocultas, alguns soldados se postam no meio, mas a maioria desse grupo de passivos observadores dos acontecimentos é formada por senhores de casacos e chapéu-coco, imóveis, com as mãos nos bolsos, tentando assumir um ar distinto. O momento é solene e grave, quase ninguém ousa esboçar um sorriso. Eles não participaram dos combates, não foram protagonistas de um momento extraordinário da história, do qual se limitam a observar os vestígios, mas compreendem a importância de tudo. A velha Alemanha imperial não existe mais, uma nova ordem, ainda muito incerta e precária, está nascendo. Eles têm consciência disso e querem marcar presença. Milhares de fotos tiradas em Berlim durante o inverno de 1918–1919 dão rosto a essa multidão de testemunhas indecisas, hesitantes, ou mesmo atordoadas, que aparecem após os combates, imóveis e de certa forma suspensas entre os soldados e os operários, de um lado, e o exército encarregado da repressão, de outro.

Eles assistiram ao início de uma revolução. Ora, toda revolução começa pela derrubada da antiga ordem, pela reviravolta total das instituições, das hierarquias sociais e dos modos de vida, abre caminho através do caos e da confusão. Toda revolução abala fortemente o conjunto da sociedade; o antigo desaparece, o novo ainda não tem forma, está por ser construído. As visões do futuro divergem, os conflitos surgem, os confrontos continuam. As revoluções são muitas vezes sangrentas. Entre novembro de 1918 e 1º de maio de 1919, data do epílogo da República dos Conselhos da Baviera, a Alemanha viveu um desses períodos de transição violentos, traumáticos, exaltantes e terríveis ao mesmo tempo.

Como datar o começo da República de Weimar? No momento da queda do Império wilhelminiano, em novembro de 1918? Em fevereiro de 1919, com a ascensão de Friedrich Ebert à presidência? Ou em agosto do mesmo ano, na promulgação da nova Constituição? A saída social e institucional da revolução continuava ligada, porém, a outros acontecimentos, tais como a repressão da sublevação espartaquista, em janeiro de 1919, e a da República dos Conselhos da Baviera, quatro meses depois. A queda do antigo regime imperial, o nascimento da República e o esmagamento da revolução enredam-se no desenrolar dos acontecimentos; o parto de uma nova ordem dá-se contra o movimento social; revolução e contrarrevolução caminham juntas, espreitam-se, chocam-se e confrontam-se até que uma esmague a outra. São numerosos os que hesitaram longamente antes de escolher de que lado ficar.

Em novembro de 1918, tudo é ainda possível. No dia 9, às 14 horas, o social-democrata Philipp Scheidemann proclama a República do alto do Reichstag; duas horas depois, o líder espartaquista Karl Liebknecht anuncia a "República socialista" da sacada do castelo de Berlim. A República de Weimar nascerá da derrota sangrenta dessa revolução social, anunciada por Liebknecht e Rosa Luxemburgo, que queria seguir o exemplo do Outubro de 1917, talvez também para romper seu isolamento e impedir seu declínio. A república devia surgir das ruínas de um império e das cinzas de uma revolução aniquilada, como se, no início do século XX, a Alemanha não pudesse se renovar

senão na continuidade de sua história, na trilha do que numerosos historiadores chamaram de um *Sonderweg* germânico, isto é, evitando qualquer ruptura "por baixo", como em 1848 e 1870. Ora, não são os mecanismos institucionais da república nascente, seus homens e seus lugares, e sobretudo essa tentativa abortada de revolução social, de transformação radical da sociedade alemã "por baixo" que a fotografia capta, descreve, registra, imortaliza e, à sua maneira, interpreta. Se há imagens restituídas pela fotografia dessa guinada crucial da história da Alemanha, imagens que moldaram nossa memória do acontecimento e se tornaram, para retomar a fórmula de Pierre Nora, "lugares de memória", não são as dos debates parlamentares, mas antes as das multidões revolucionárias, dos combates de rua, das barricadas. O herói da revolução certamente não é Friedrich Ebert, o primeiro presidente da República, mas Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, seus mártires.

A Revolução Alemã é a primeira desse século – com as da Rússia e do México, em 1917 – a ter sido largamente midiatizada. Já antes de Weimar, sob o Império wilhelminiano, a Alemanha é uma das capitais europeias da edição. Em Berlim, são publicados não somente várias dezenas de jornais diários – ainda muito austeros na época, com caracteres góticos e avaros em imagens –, mas também várias revistas semanais ilustradas. Todas as agências de notícias dispõem de fotógrafos titulares. As imagens das manifestações de rua, das barricadas, dos combates, das passeatas de operários armados que percorrem as ruas de Berlim e tomam os antigos palácios imperiais, ocupam as manchetes da *Berliner Illustrierte Zeitung* e do *Weltspiegel*. As reportagens fotográficas que mostram a história *in fieri* tornam-se, assim, um aspecto incontornável da própria revolução. As imagens publicadas contribuem para produzir o acontecimento, para forjar a percepção dos fatos, como se permitissem aos protagonistas se olharem num espelho. A esperança, o temor e o terror têm assim um rosto.

As imagens propagam o acontecimento e ampliam seu impacto. Não são neutras, pois interpretam os fatos que mostram, orientam e moldam sua recepção. As fotos do Congresso dos Conselhos de operários e soldados, reunidos em

dezembro nas imensas salas do Parlamento prussiano, Prinz-Albert-Strasse, terão uma difusão menor do que as imagens da ocupação espartaquista da grande editora Mosse, antigo bastião da *Judenpresse*, segundo fotos do nacionalismo alemão, e agora apresentada como vítima das pilhagens bolcheviques. A mídia apresenta os insurgentes como "liebknechtianos fanáticos", agitadores contratados pela União Soviética, ou mesmo anarquistas judeus. Essa campanha de ódio contra os operários revoltados será descrita por Rosa Luxemburgo em palavras que dizem tudo: "uma atmosfera de *pogrom*".

Uma imprensa ilustrada esquerdista só verá o dia alguns anos mais tarde, após o fim da inflação e a estabilização da República de Weimar. As mesmas imagens das aglomerações e das multidões armadas serão utilizadas então para celebrar uma outra epopeia da revolução, a do Partido Comunista Alemão (KPD) "nascido na luta". "*Im Kampf sind wir geboren*", anuncia *Der Rote Stern* em dezembro de 1928, sob a foto de um encontro, em janeiro de 1919, para celebrar o décimo aniversário de nascimento do KPD.

No entanto, não foi preciso esperar a imprensa comunista de Willi Münzenberg para que a revolução aparecesse em sua dimensão épica e, poderíamos acrescentar, mítica. Desde novembro de 1918, a Alemanha tinha consciência de estar vivendo uma grande guinada em sua história. A fotografia registra essa reviravolta e revela, ao mesmo tempo, que seus protagonistas sabem perfeitamente que estão vivendo um acontecimento extraordinário, fora do comum, que rompe com o tempo linear, perturba a regularidade da cronologia, marca a irrupção de uma temporalidade qualitativa e nova. O Império caiu, a guerra acabou, o povo toma as ruas, os que pagaram o preço mais alto pela guerra e pela derrota não aceitam mais se submeter às antigas elites dominantes, querem assumir o controle do futuro da nação. As fotos de novembro e dezembro de 1918 mostram a confusão e a euforia do acontecimento.

Uma semana depois da queda do Império wilhelminiano, já era possível comprar nas ruas de Berlim as imagens da revolução em forma de cartões postais de 8,5 cm por 13,5 cm, a preços que variavam de 5 a 25 *pfenning*.

Desde o fim do século XIX, os cartões postais tiveram grande difusão na Alemanha. Durante a guerra, os soldados do *Reich* enviaram vários milhões deles para casa. Não espanta que a imagem da revolução tenha sido imediatamente apropriada pela sociedade que a engendrou, sob a forma de um cartão postal. A fotografia contribui assim – graças às estruturas ainda embrionárias, mas reais de uma sociedade de massa moderna – para criar os arquivos da imagem do tempo presente. Capta um momento épico da história, que é vivido como tal por seus protagonistas. Muitas vezes temos a impressão de que as multidões em movimento têm consciência da presença do fotógrafo, que olham para a objetiva. De fato, ele teria dificuldades para passar despercebido. Na maioria dos casos, trabalhava com máquinas bastante incômodas, que tinham de ser apoiadas sobre tripés e colocadas em lugares estratégicos, em acontecimentos decisivos. Às vezes, utilizava Ica-Rekord portáteis, as de mais fácil manejo na época, mas ainda bem mais volumosas que as máquinas atuais. Sem dúvida, a presença do fotógrafo contribuiu para conferir certa solenidade às ações que ele captava. Algumas barricadas, erguidas com os rolos de papel das grandes gráficas ocupadas, parecem incongruentes, como se tivessem sido erguidas de propósito para satisfazer uma exigência do fotógrafo. Os operários e os soldados posam para a objetiva. Depois de ter erguido a barricada, antes do começo dos confrontos, eles simulam o combate, imóveis em posturas de guerreiro absolutamente artificiais. Essa pantomima da revolução acompanha a revolução real, com seu cortejo de sangue e mortes. É precisamente por se tratar de um acontecimento sério que é necessário imortalizá-lo, é porque se tem consciência de seu caráter histórico que é necessário mostrar sua dimensão épica e heroica, ou mesmo, por vezes, fabricar uma imagem estereotipada. Assim, vemos em torno de um tanque de guerra, sobre um estrado, diante do castelo de Potsdam, um grupo de marinheiros revolucionários posar para o fotógrafo: alguns estão com as mãos nos bolsos ou apoiadas na cintura, pernas ligeiramente afastadas, como que para um retrato de estúdio; outros brandem a espada ou agarram o fuzil, prontos para atirar, como se a batalha já tivesse começado. Diante da objetiva do fotó-

grafo, os protagonistas da revolução transformam-se literalmente em atores do "teatro" da história.

As fotografias das marchas de novembro mostram multidões que invadem ruas e praças, tomadas de euforia e preocupação, num estado de agitação febril. A página foi virada, o futuro é desconhecido. As imagens da sublevação de janeiro – iniciada contra a opinião dos líderes do Spartakusbund, Rosa Luxemburgo em primeiro lugar, que não podem abandonar o movimento e, por isso, aceitam assumir sua liderança, mas consideram que não havia condições suficientes para uma revolução socialista – mostram uma revolta trágica e desesperada. Ninguém ri, os rostos estão tensos, as passeatas dos operários armados que percorrem as ruas de Berlim dão a impressão de uma grande desorganização, como se ninguém estivesse à altura de controlar os acontecimentos, nem pressentir verdadeiramente o que acontecerá. Nenhum rosto radiante de felicidade, como em Paris, sob a Frente Popular, ou em Barcelona, no começo da guerra civil; nenhuma moça beijando os soldados libertadores, como em Paris em 1944 ou na Itália no ano seguinte. Em suma, não vemos o lado transgressor e alegre dos acontecimentos históricos vividos como rupturas libertárias. A Revolução Alemã de 1918–1919 nasceu de uma derrota militar; a república que ela traz ao mundo nasceu de outra derrota, a da própria revolução. Ninguém se diverte, nem o povo cujas condições de vida só fazem piorar, nem os *Vernunftrepublikaner*, os "republicanos pela razão" que se resignam às novas instituições, mas no fundo de seu coração sentem saudade do Império, nem os revolucionários esmagados em sangue que sonham com uma democracia dos Conselhos, nem os social-democratas que, depois de ter lutado pela república, tornaram-se os principais responsáveis pela repressão, nem, enfim, os bandos contrarrevolucionários, os corpos francos [Freikorps] que descontam na violência assassina contra os vermelhos, os anarquistas e os "judeu-bolcheviques" as frustrações de uma guerra perdida. As imagens dos cadáveres de espartaquistas executados – muitas vezes apresentados pela imprensa como criminosos comuns – causam arrepios e mostram a face mais feroz do ter-

ror. Entre janeiro e março de 1919, apenas a capital contará cerca de 2 mil vítimas da repressão.

Uma foto mostra os Freikorps posando para um retrato coletivo, reunidos no hotel Éden no dia seguinte ao assassinato de Rosa Luxemburgo. Quanto aos chefes de governo, eles aparecem raramente em público. As fotos não os mostram como líderes carismáticos aclamados pelas multidões, mas como homens de Estado, sempre extremamente sérios, reunidos para buscar meios de controlar acontecimentos que lhes escapam. O contraste entre Noske e Scheidemann, ambos de casaca, fotografados no cenário pomposo do interior dos palácios do governo, e Liebknecht ou Ledebour, pegos no momento em que se dirigem às imensas multidões, em cima de um caminhão, ao lado de uma metralhadora, ou na sacada de um imóvel ocupado, chama particularmente a atenção. Esse quadro trágico raramente é ilumina-do por imagens de pessoas felizes. Apenas uma mostra um episódio de confraternização revolucionária numa praça de Berlim, em que soldados alemães e franceses posam de braços dados para um retrato. Estão cercados por uma pequena multidão, numa atmosfera de alegria. Entre eles, esboçando timidamente um sorriso, um atirador senegalês.

O caráter trágico dessa revolução, é preciso insistir nesse aspecto, é sublinhado pela austeridade do cenário das imagens. No fim da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha mostra um rosto muito mais wilhelmiano que weimariano. A grande Berlim dos anos 1920, a mais moderna e vistosa das metrópoles europeias, a cidade das luzes, da propaganda, das boates, dos teatros de variedades, dos cafés, dos cinemas e do lazer, a Berlim descrita por Walter Rutmann em seu filme, de 1927, *Berlim: sinfonia de uma metrópole* e analisada por Siegfried Kracauer em seu ensaio *O ornamento da massa* ainda não havia nascido. As imagens da revolução mostram uma cidade extremamente austera, cinza, triste, ainda impregnada do estilo pomposo da época do Kaiserreich, com pouquíssimos automóveis, letreiros luminosos, grandes lojas e anúncios publicitários. Os imóveis destruídos pelos tiros de canhão, ocupados pelos operários e pelos soldados ou defendidos pelas tropas gover-

namentais têm um ar de século XIX. Os atiradores posicionados no topo da porta de Brandeburgo e escondidos atrás de seus monumentos de estilo irremediavelmente datado parecem encarnar a defesa anacrônica de uma ordem que acabou.

Esse charme de um acontecimento de outra época também emana das multidões revolucionárias. Ao lado dos soldados de uniforme, muitas vezes marinheiros, nunca vemos operários com roupas de trabalho, e são poucas as fábricas ocupadas (como em Petrogrado ou em Turim, na mesma época). As passeatas espartaquistas que tomam as ruas de Berlim também não evocam *O Quarto Estado*, de Pelizza da Volpedo*. Não há povo em farrapos, não há excluídos. Os operários alemães não são os "amaldiçoados da terra" nem gente abandonada à própria sorte que não teria nada a perder. Os espartaquistas tampouco são a massa de desempregados que integrarão as fileiras do KPD depois da grande crise de 1929; são trabalhadores especializados, em geral artesãos que possuem um alto nível de qualificação. A profissão lhes dá um sentimento de dignidade e uma identidade social muito forte que se revelam em todas as imagens dessa revolução. Podemos vê-los ajoelhados ao lado de uma metralhadora, em cima de uma barricada ou desfilando com fuzil a tiracolo, quase em roupas de domingo. Fazem questão de mostrar sua dignidade também no vestuário, mostrar certa respeitabilidade, como se para combater não pudessem renunciar ao chapéu-coco, ao casaco e à gravata. São raros os que não têm bigode. Não possuem nem a arrogância nem a desenvoltura das classes abastadas, mas seus gestos revelam a segurança das classes trabalhadoras, a autoconfiança que possuem aqueles que exercem um trabalho manual.

Sabemos que as mulheres desempenharam um papel importante na Revolução Alemã, um papel relatado pela imprensa, pelas crônicas e pelos testemunhos, porém, nas fotos da época, elas aparecem somente de modo muito marginal. Não parece que estiveram nas barricadas ou que participaram dos

* Referência à clássica pintura do italiano Giuseppe Pelizza da Volpedo (1868–1907). (N. T.)

combates de rua. Podemos vê-las nas imagens de passeatas e grandes ajuntamentos como figurantes. Os operários e os soldados devem achar que revolução não é assunto para saias, pelo menos em sua dimensão militar. Os fotógrafos aparentemente aceitam esse lugar comum. Se não causa espanto não ver mulheres entre os corpos francos ou as tropas governamentais destacadas para proteger o Reichstag, com seus uniformes e capacetes, em compensação é surpreendente não ver mulheres intervindo na luta. Em suma, não há milicianas armadas, como na Espanha, ou simpatizantes segurando metralhadoras, como nas fotos da insurreição de Turim, em 1945, sem falar das guerrilhas latino-americanas da segunda metade do século. A mulher independente e emancipada que estamos acostumados a identificar, em nossas representações, com a herança da República de Weimar – a primeira na Europa ocidental a ter estendido o direito de voto às mulheres – não nasceu ainda. Não há *Bubikopf* à Louise Brooks. Uma imagem mostra quatro mulheres da Cruz Vermelha, divertindo-se com a atenção inabitual que um fotógrafo quis lhes consagrar. Seu olhar trai um espanto sincero e espontâneo diante dessa entrada inesperada na cena de um drama coletivo do qual, ao menos superficialmente, elas deviam permanecer à parte.

Extremamente notável também é o paradoxo entre a praça central ocupada por Rosa Luxemburgo no imaginário que fazemos da Revolução Alemã de 1918–1919 e sua ausência quase total das fotos da época. Ela nunca é vista discursando para uma multidão ou dirigindo uma manifestação. Uma única foto, publicada no *Illustrierte Familienzeitung* no começo de 1919, mostra Rosa alguns meses antes, na saída da prisão, de chapéu e guarda-chuva. Sua influência é subterrânea; é ela que, da clandestinidade, dirige a *Die Rote Fahne*, jornal diário do Spartakusbund em que são publicados seus editoriais inflamados. O papel de Rosa na revolução é revelado em toda sua extensão nas fotos de seu funeral: primeiro, em 25 de janeiro de 1919, o caixão vazio, ao lado do de Karl Liebknecht; depois, em 13 de junho, quase cinco meses depois, quando as águas do Landwehrkanal devolvem seu corpo. Todos os operários berlinenses estão lá, a Frankfurter Alee cobre-se de gente.

Quanto a Liebknecht, ele é onipresente nas fotos dos dias mais agitados. Multidões imensas o escutam em Tiergarten, diante do arsenal, diante do palácio do Ministério do Interior, durante um protesto contra a destituição de Eichhorn, chefe da polícia de Berlim favorável à sublevação operária. Na época, não há alto-falantes e, sem dúvida, a maioria dos presentes não chega a ouvir suas palavras; várias pessoas sobem nas árvores para vê-lo. Ele está de pé em cima de um bonde; de todos os lados, os olhos se dirigem para ele. As fotos dessa aglomeração testemunham a ênfase de seu discurso, sublinham a amplitude de seus gestos de grande orador. Podemos fazer uma vaga ideia da atmosfera elétrica dessas assembleias, lendo os textos de seus discursos, frequentemente publicados na *Die Rote Fahne*, em que evoca o juízo final, compara a revolução a uma erupção vulcânica, incita o proletariado a vingar seus mártires e a resgatar os vencidos da história, anuncia aos responsáveis pela repressão – o trio Ebert, Noske e Scheidemann – que já foram condenados pela justiça proletária... No próprio dia de seu assassinato, em 15 de janeiro de 1919, ele já é um mártir. Uma foto mostra seu cadáver na prisão de Moabit, pouco depois de sua execução pelos Freikorps. Jaz estendido sobre uma mesa de madeira, nu sob uma manta que o cobre até a metade do torso, com a cabeça levantada e o rosto e o peito crivados de balas. Lembramos imediatamente da foto de outro cadáver, o de Che Guevara, feita nas montanhas da Bolívia cinquenta anos depois. Uma mesma aura de mártir desprende-se da imagem desses corpos inanimados.

A emoção que sentimos diante dessa foto de Liebknecht no necrotério de Moabit tem a ver talvez com a tendência atual – assinalada em especial por Tzvetan Todorov – que consiste em deslocar a atenção dos heróis para as vítimas. Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo foram ambas as coisas ao mesmo tempo; desde então, só podemos olhar suas fotos como retratos de dois heróis sacrificados. O mínimo que se pode dizer é que as fotos dos responsáveis por sua morte não suscitam a mesma emoção. Gustav Noske, cujo retrato feito por Willy Römer sai na capa do *Berliner Illustrierte Zeitung* de 2 de março de 1919, logo depois da repressão da revolta espartaquista,

aparece como uma figura de mármore, um homem de Estado congelado numa atitude de fria e impiedosa firmeza. Os soldados que posam ao redor de tanques, metralhadoras e canhões, durante as batalhas de rua de janeiro de 1919, no bairro da imprensa, dão uma impressão de organização e disciplina, exatamente o contrário do ar de improvisação e de amadorismo que transparece nos operários, para os quais brandir uma arma não tinha nada de usual. Assim como os oficiais prussianos parecem um tanto cômicos com seus capacetes pontudos – que evocam ao mesmo tempo os retratos de Bismarck e os quadros de Grosz –, as tropas governamentais, com seus capacetes que aos observadores de hoje lembram a Wehrmacht – a Segunda Guerra Mundial e a ocupação alemã, portanto – suscitam uma antipatia imediata e espontânea. Várias fotos os mostram brandindo um cartaz ameaçador, que diz: "*Halt! Wer weitergeht wird erschossen!*" [Alto! Quem continuar será morto!]. Decididamente, é preferível o dos operários berlinenses, em 9 de novembro, voltado aos soldados do quartel de Oulans: "*Brüder! Nicht schiessen!*" [Irmãos! Não atirem!]. Estão armados, mas procuram confraternizar com as tropas.

A repressão que desaba sobre os espartaquistas em Berlim, entre janeiro e março, estende-se, no início de maio, a Munique, onde os conselhos operários haviam tomado o poder um mês antes, na tentativa desesperada de impedir um golpe nacionalista. Depois da eliminação do carismático chefe dos republicanos bávaros, Kurt Eisner, morto por um oficial de extrema-direita, o poder cai nas mãos dos comunistas, minoritários e isolados, que capitalizam a emoção e a indignação suscitadas por esse acontecimento. A experiência berlinense da *Rätedemokratie* será ainda mais efêmera que a comandada por Béla Kun em Budapeste, exatamente na mesma época. As duas se afogarão num banho de sangue. No entanto, a República dos Conselhos Operários da Baviera prova que o abalo revolucionário atravessa a Alemanha inteira, para além da capital. Se os nacionalistas recrutam em todo o país as tropas voluntárias que esmagarão os "sovietes" bávaros, é também porque, aos seus olhos, estes últimos parecem encarnar o espectro

do "judeu-bolchevismo". Entre os comissários do povo desse governo revolucionário improvisado, encontra-se uma maioria de intelectuais judeus.

Em 1919, o jornal socialista independente *Die Freiheit* publica uma série de cartões-postais da revolução, entre eles os retratos de dois dirigentes da República dos Conselhos de Munique: o dramaturgo e comandante do Exército Vermelho, Ernst Toller, que será preso, e o crítico literário Gustav Landauer, um dos primeiros a serem assassinados. Por trás dos pequenos óculos metálicos, vemos um rosto fino e pontudo, emoldurado por cabelos longos e uma barba de profeta judeu de outros tempos. Captamos em seu olhar a tensão espiritual que deu origem ao seu engajamento e ao seu sacrifício. A exemplo dos retratos de Rosa Luxemburgo e de Karl Liebknecht, o seu foi disseminado desde 1919, sob a forma de uma *Freiheit-Postkarte*, como uma espécie de ícone revolucionário. Sob o regime da República Democrática Alemã, essas imagens dos insurgentes de 1918–1919 serão muitas vezes utilizadas a fim de legitimar e enobrecer a triste corte de seus epígonos. As revoltas de Berlim e de Munique cumprirão a função de anjos da guarda da ideologia oficial; suas fotos ficarão lado a lado com os retratos de Walter Ulbricht e Erich Honecker. Também essa época acabou. Essas imagens são hoje lugares de memória de uma Alemanha estranha, ou mesmo estrangeira, na paisagem mental dos europeus desse início de século, uma Alemanha onde o Deutschmark [marco alemão] não vale nada, onde os operários armados invadem as ruas e a revolução, para retomar as palavras de Ernest Bloch, tornou-se uma utopia concreta e possível.

Cronologia

1918

29/11: Agitação na Marinha de guerra no Báltico, em Wilhelmhaven.

03/11: Motim dos marinheiros de Kiel.

08/11: Revolução em Munique; proclamação da República da Baviera sob a direção do socialista Kurt Eisner.

09/11: Revolução em Berlim. Criação dos conselhos dos operários e dos soldados. Fuga de Guilherme II para a Holanda. No Reichstag, o social-democrata Philipp Scheidemann proclama a República. Criação de um governo provisório dirigido pelo social-democrata Friedrich Ebert. Ao mesmo tempo, Karl Liebknecht, que acaba de ser libertado, proclama a "República socialista" durante uma grande manifestação operária em Berlim.

04/12: Início da formação dos corpos francos.

07/12: Manifestação armada dos espartaquistas em Berlim, após uma tentativa abortada de golpe contrarrevolucionário.

25/12: Os operários espartaquistas de Berlim ocupam as instalações do jornal social-democrata *Vorwärts*.

29/12: Os membros do Partido Social-Democrata Independente (USPD) abandonam o governo. O social-democrata Noske é nomeado ministro da Guerra.

30/12: Congresso de fundação do Partido Comunista Alemão (KPD), que une os espartaquistas de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo às outras correntes revolucionárias alemãs.

1919

04/01: O chefe da polícia de Berlim, o socialista independente Eichhorn, é demitido. Início dos levantes.

05/01: Início da insurreição em Berlim, dirigida pelos espartaquistas.

06-12/01: O exército e os corpos francos restabelecem a ordem em Berlim.

15/01: Assassinato de Karl Liebknecht e de Rosa Luxemburgo.

26/01: Eleições para a Assembleia Nacional.

11/02: Ebert é o presidente da República. O social-democrata Scheidemann preside um governo de coalizão.

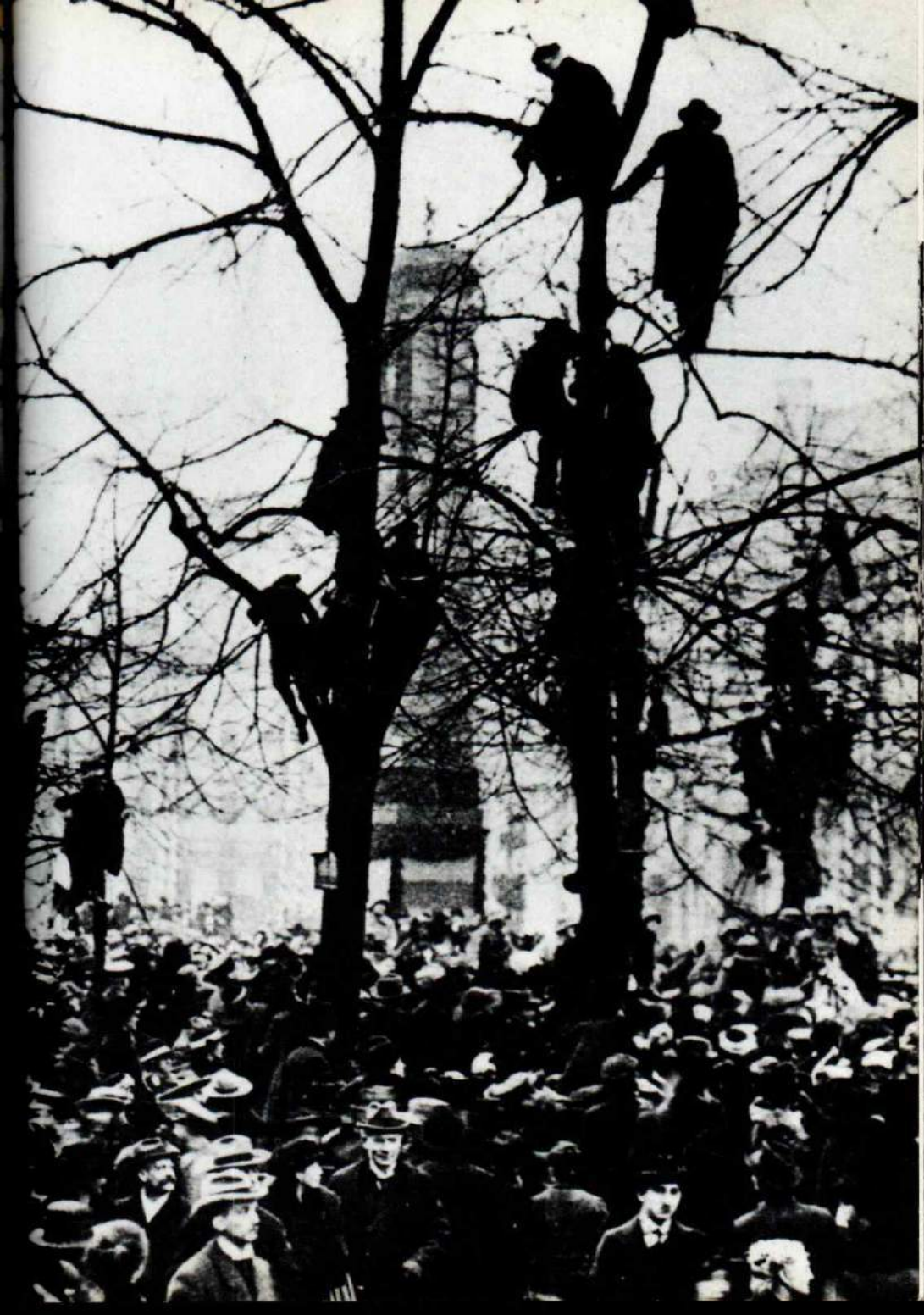
03-08/03: Interdição do jornal comunista *Die Rote Fahne*. Greve geral duramente reprimida em Berlim por ocasião da "semana sangrenta".

10/03: Detenção e assassinato do dirigente comunista Leo Jogiches. Paul Levi assume a direção do KPD.

31/03: Greve geral no Ruhr.

07/04: Proclamação da República dos Conselhos Operários na Baviera, cujo comando é logo assumido pelos comunistas. Criação de um exército vermelho bávaro comandado pelo escritor comunista Ernst Toller.

01/05: Os corpos francos ocupam Munique. Repressão das forças revolucionárias.



Conversa entre operários e soldados revolucionários em dezembro de 1918.

Página dupla anterior: A multidão recebe as tropas que retornam do *front*, em 10 de dezembro de 1918.

Em 9 de novembro de 1918, operários berlinenses dirigem-se aos soldados do quartel de Oulans: "*Brüder! Nicht schiessen!*" [Irmãos! Não atirem!].

Soldados alemães e prisioneiros franceses em Berlim, em novembro de 1918.

Na manhã de 9 de novembro de 1918, milhares de trabalhadores fazem manifestações em Berlim.

Soldados e operários em frente à porta de Brandeburgo, em 9 de novembro de 1918.

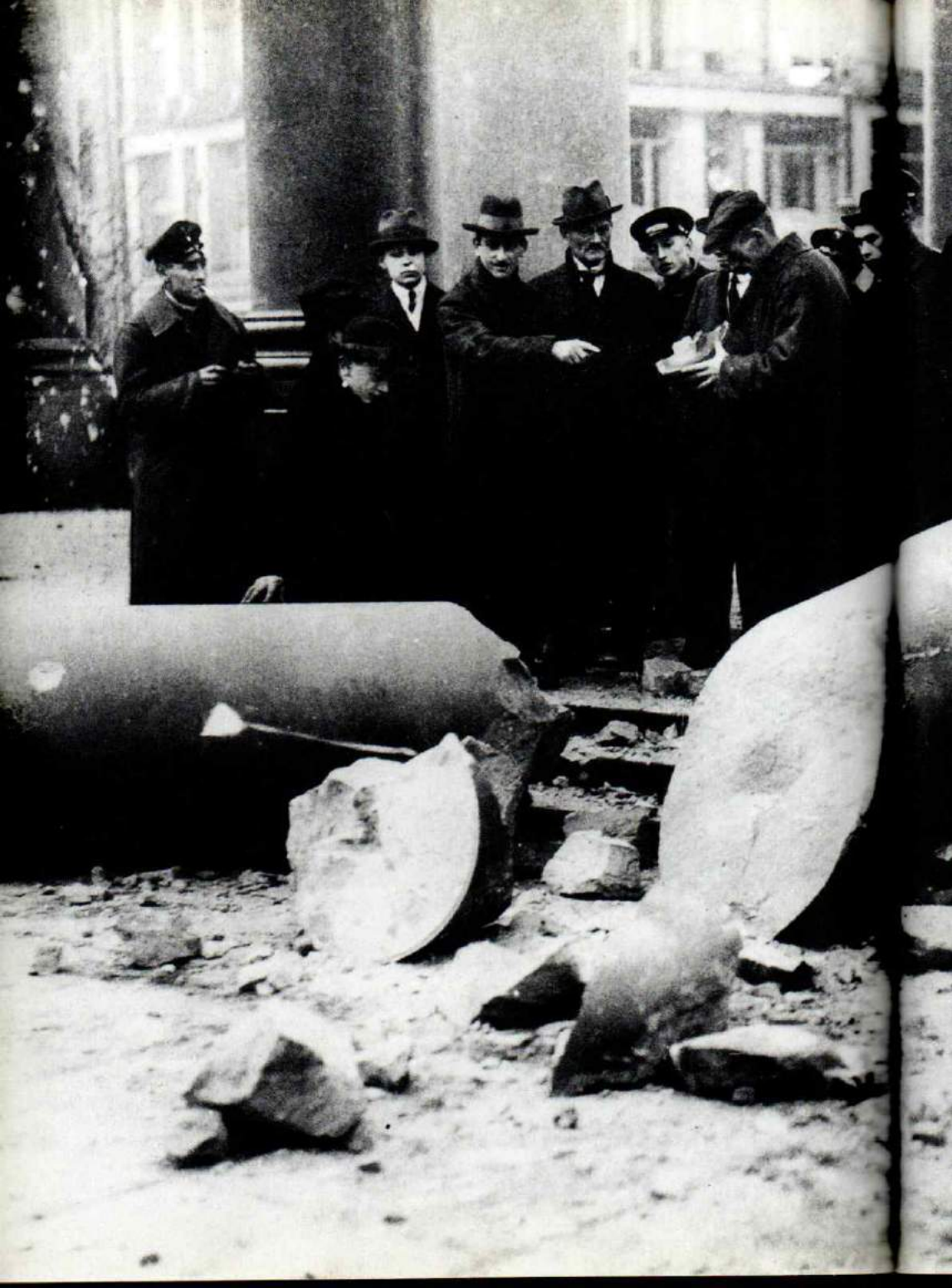
Diante do castelo de Berlim, marinheiros e soldados revolucionários posam sobre um tanque.

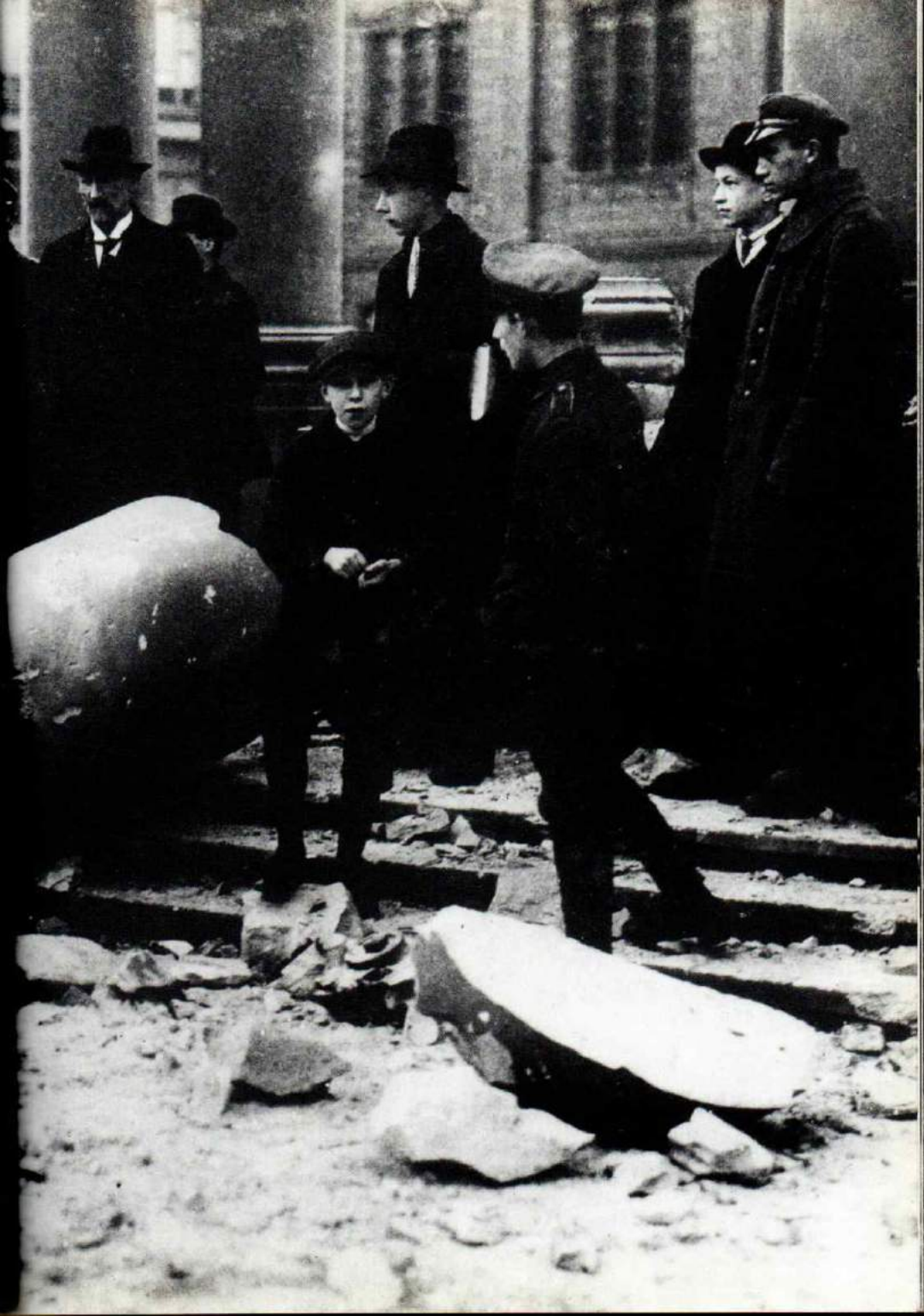
Soldados e marinheiros revolucionários em posição de defesa no interior do castelo de Berlim, em 24 de dezembro de 1918.

Páginas 232-3: Um soldado toma a palavra durante a grande manifestação de janeiro de 1919 para celebrar a fundação do Partido Comunista Alemão (KPD).

Páginas 234-5: Manifestação de 9 de novembro de 1918. Um marinheiro carregando uma bandeira vermelha conduz a passeata. Durante a manifestação, Karl Liebknecht, futuro fundador do KPD, proclamará a "República Socialista".

As tropas governamentais sitiam o castelo.





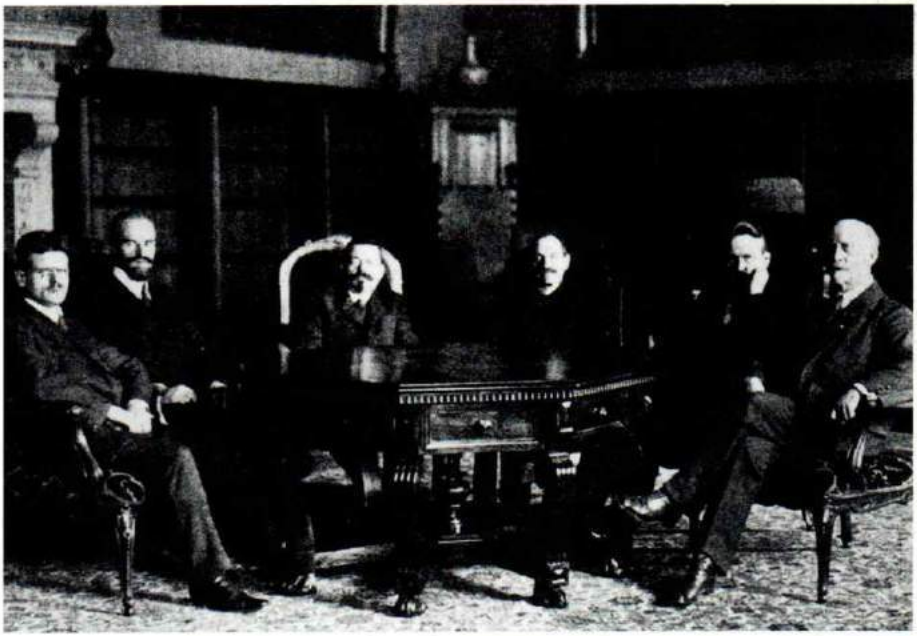
Funeral dos marinheiros mortos durante os combates, em 29 de dezembro de 1918.

Página dupla anterior: Após os combates de dezembro de 1918, a população observa as colunas destruídas do castelo.

O marinheiro Tost (membro do USPD, Partido Social-Democrata Independente) toma a palavra durante o funeral dos marinheiros mortos nos combates.

Página dupla seguinte: Refeitório dos marinheiros revolucionários na estrebaria do castelo.

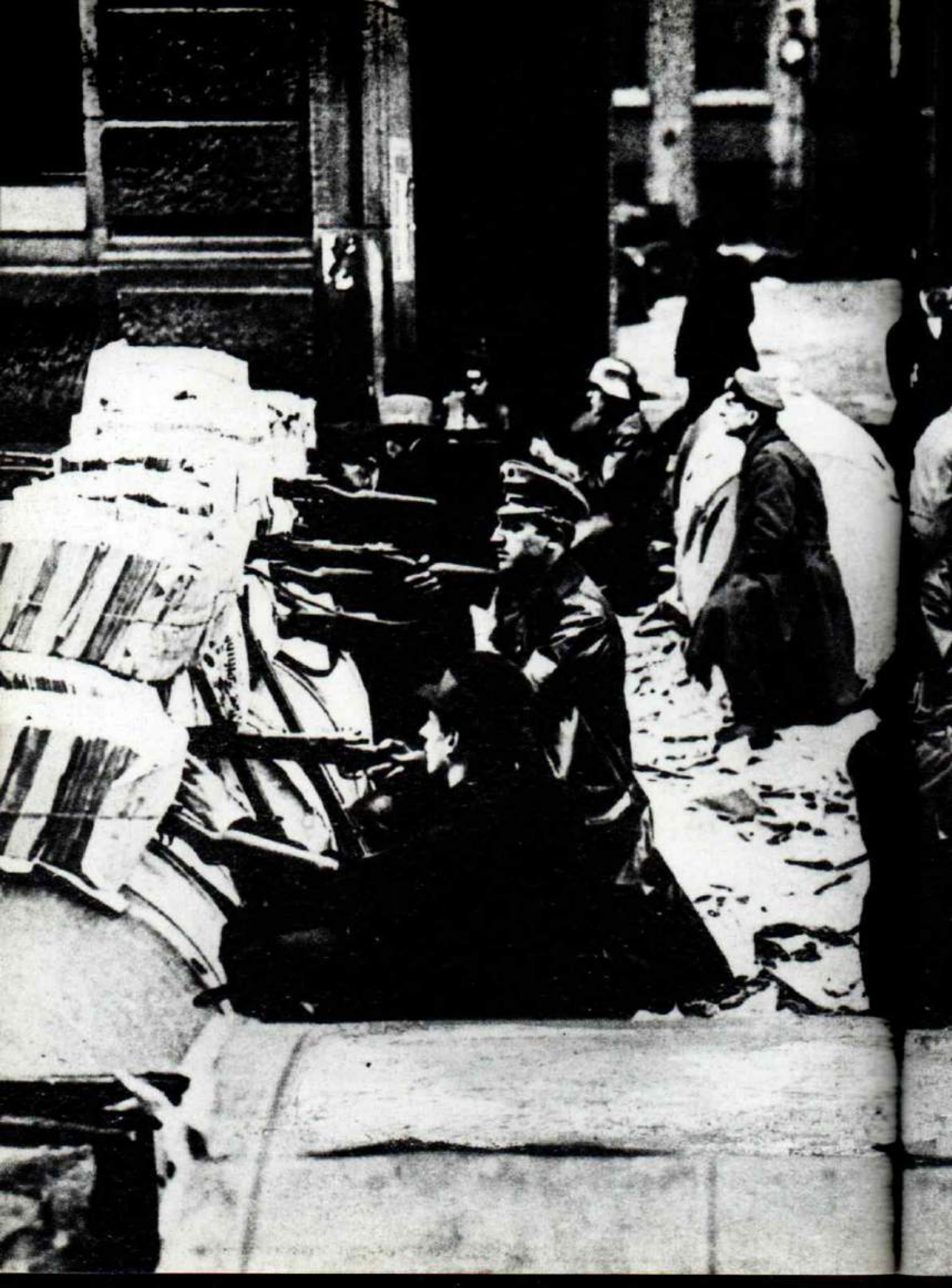
Ao l
a pa
sold



No alto: O conselho dos mandatários do povo, em 11 de novembro de 1918. *Da esquerda para a direita*: Emil Barth, Otto Landsberg, Friedrich Ebert, Hugo Haase, Wilhelm Dittman e Philipp Scheidemann.

Abaixo, *da esquerda para a direita*: Friedrich Ebert, chefe do governo socialista que depois reprimirá a insurreição espartaquista, Scheuch, ministro da Guerra, o general Lequis e Wermuth, prefeito de Berlim.

Ao lado: Karl Liebknecht, fundador do KPD (Partido Comunista Alemão), toma a palavra diante do Ministério do Interior, durante uma manifestação de soldados pela desmobilização imediata, em 4 de janeiro de 1919.



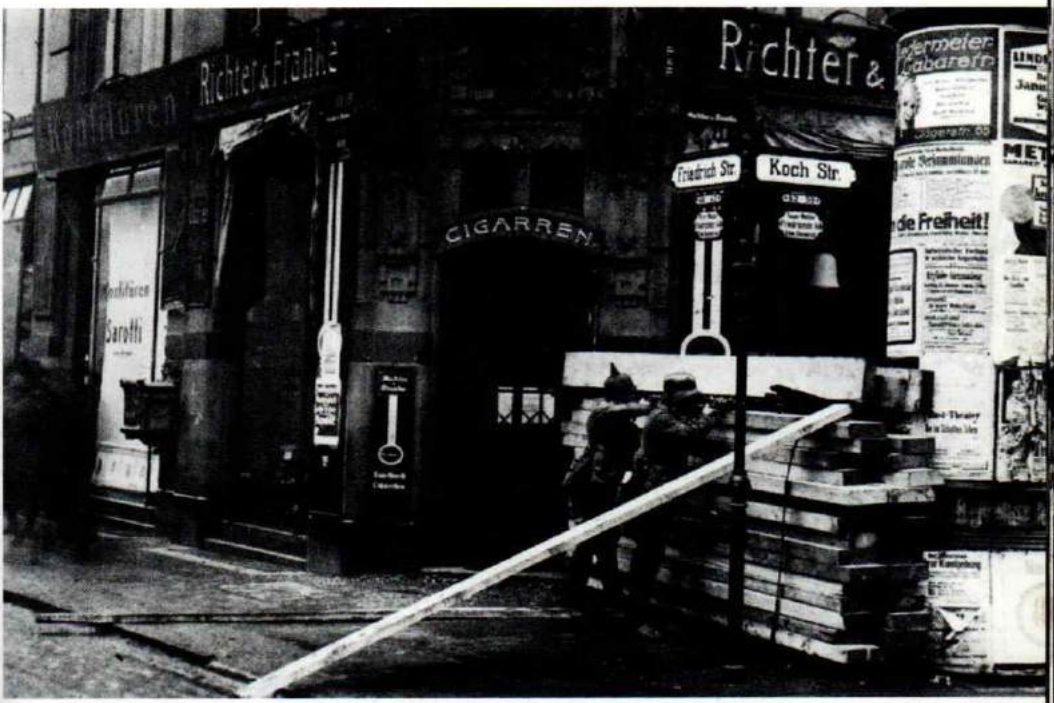
Berliner Strassenkämpfe

Spartak
im Anma
den Vorw
Text. Mich

Acima, ao lado e páginas 250-1: Combates de rua em Berlim durante o levante espartaquista, em janeiro de 1919.

Páginas 246-7: O levante espartaquista. Barricadas no bairro da imprensa, em janeiro de 1919.

Páginas 248-9: Durante a insurreição, tropas governamentais em frente ao Reichstag, em março de 1919.

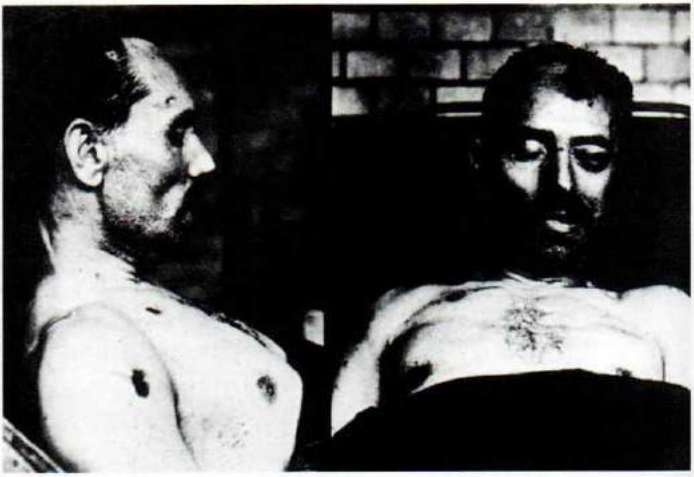

Richter &
Friedrich Str.
Koch Str.
CIGARREN
de Freiheit!

O exército governamental reprime a insurreição espartaquista.

Página dupla anterior: Durante a insurreição espartaquista, tropas governamentais no alto da porta de Brandeburgo, em janeiro de 1919.

Halt!
Wer weitergeht
wird erschos

Acima e ao lado: A repressão da insurreição espartaquista, em março de 1919.



No alto, à esquerda: O crítico literário Gustav Landauer, comissário do povo para a Cultura na República bávara.

No alto, à direita: O cadáver de Karl Liebknecht no presídio de Moabit, pouco após seu assassinato, em 15 de janeiro de 1919.

Abaixo: Rosa Luxemburgo.

Ao lado: Funeral de Karl Liebknecht e de Rosa Luxemburgo (cujo caixão está vazio), em janeiro de 1919.

Acima e ao lado: Soldados e marinheiros revolucionários executados pelo Exército, em Lichtenberg, em março de 1919.

Standrechtlich erschossen

1910-1920

A Revolução Mexicana

Bernard Oudin

A Revolução Mexicana

São fotos em preto e branco, mas o que choca de imediato é a cor. A Revolução Mexicana é uma revolução colorida. Céu azul, terra ocre e árida, cavalos, *sombreros*, peitos cruzados pelas cartucheiras, tudo isso exala paixão, barulho, estampidos, quase uma festa, à imagem da música que a acompanha. Se os cantos revolucionários russos lembram uma procissão na neve, a *Cucaracha* evoca mais uma dança latino-americana que uma marcha militar. Sim, uma festa, mas uma festa trágica. Pois a Revolução Mexicana também é cor de sangue, suor, miséria, ódio e traição. Um milhão de vítimas entre os 15 milhões de habitantes que o México então contava: um balanço terrível que subtrai desses anos de morte o que poderiam aparentar de lúdico e pitoresco. Embora certamente haja nas cavalgadas no deserto e nos ataques aos trens um lado *western* que o cinema não deixou de explorar.

Cor, mas também movimento. Graças ao progresso da fotografia, finalmente se podia captar o deslocamento de uma multidão, o galope de um cavalo. Misturando autenticidade e beleza, o grande artista Agustin Victor Casasola (1874–1938) nos legou as mais célebres imagens da Revolução Mexicana. Como a que fez em maio de 1914, na Cidade do México, do embarque de cavalos num trem militar. Tudo está lá: contraste violento dos *sombreros* brancos, que se destacam na sombra das roupas e dos vagões; enquadramento quase perfeito demais, como se um diretor de cena tivesse

indicado a cada protagonista o lugar que deveria ocupar; clima de extraordinária verdade. Sente-se a poeira nos rostos, ouve-se o relincho dos animais. Somos como o menino em primeiro plano, à esquerda, filho de oficial talvez, cuja idade e aparência burguesa mostram claramente que está ali de curioso, e contempla a cena fascinado.

Aqui, a maioria dos personagens está de costas. Mas quando encaram a objetiva, como se comportam? Alguns mantêm os velhos modos, sobretudo os chefes. Para satisfazer às exigências dos jornalistas e, ao mesmo tempo, as de seu próprio ego, eles fazem pose. Quando é preciso, sabem se mostrar diplomatas e bancar os melhores amigos do mundo. A Revolução Mexicana não é senão uma longa sequência de meias-voltas e inversões de alianças. Num piscar de olhos, nós nos perdemos nela. Como nessa foto feita em agosto de 1914, na fronteira dos Estados Unidos com o México, em que posam lado a lado Obregón, Villa e o general norte-americano Pershing. Todo mundo parece muito contente. A tirania do general Huerta, o assassino de Madero, acaba de cair sob os violentos ataques do general Obregón e da lendária "divisão do Norte", de Pancho Villa. Jogando ao menos por uma vez contra as ditaduras locais, o tio Sam deu o golpe de misericórdia, ao desembarcar seus soldados em Veracruz. No ano seguinte, Villa e Obregón se encontrarão no mesmo campo, mas dessa vez um contra o outro. Obregón perderá um braço, mas ganhará a batalha. Dois anos depois, em 1916, furioso com o apoio dos Estados Unidos ao seu adversário, Villa fará uma incursão mortífera em território norte-americano. E é Pershing quem responderá, penetrando no México, mas sem conseguir pôr as mãos em Villa.

Mas as cenas sorridentes são raras. Quando um chefe faz pose, é para exibir o mais marcial de seus ares. Estamos em um país latino, o "machismo", no sentido espanhol do termo, é de praxe. *Macho* adquiriu em nossos dias, no Ocidente, um sentido quase injurioso. No México, o termo é sinônimo de virilidade e de coragem, em oposição a *manso*, isto é, frouxo. Ganha quem ostentar o ar mais belicoso, mesmo que nas formas mais caricaturais. Villa, e mais ainda Zapata, exibem em muitas de suas fotos uma impressio-

nante parafernália de guerreiro, revólver e facão na cintura, cinta de metralhadora a tiracolo.

Orozco, chefe dos *colorados*, que trairá a revolução para se aliar a Huerta, também faz figura de macho, mas numa versão mais terna. Posando com seu fuzil e suas cartucheiras, lembra aquelas fotos amareladas dos famosos foras da lei do faroeste, tão diferentes da imagem que Hollywood passou. Bem mais comovente é o menino de uniforme, equipado e armado da cabeça aos pés, que fixa a objetiva com orgulho, mas simulando a indolência de um militar aguerrido. Posar é fingir, então? Nem sempre. O capitão Samano, que nesse dia de janeiro de 1917 sorri com as mãos no bolso e fumando um charuto, não tem mais tempo para trapaças: está contra um muro e encara um pelotão de execução. Quem era ele? De que lado estava? O que fez? Pouco importa. Ele se tornou o símbolo de uma época terrível, em que o valor da vida humana estava em sua cotação mais baixa. Símbolo também de um desafio ao destino. Ele só queria mostrar a língua para os seus carrascos? Ou pensava com seus botões que esse minuto de verdade era o momento mais interessante de sua existência? Diante dessa foto, é impossível não pensar em sua mexicanidade, nas estranhas relações que esse povo cultiva com a morte. O ricto do capitão Samano é o mesmo dos esqueletos zombeteiros e dos bonequinhos de açúcar do Dia dos Mortos.

Mesmo quando não têm a intensidade desse homem que vai morrer, os rostos mexicanos, conhecidos e anônimos, são sempre expressivos. Como aquele não por quem, mas contra quem tudo aconteceu. Velho elegante e grande soldado, o general Porfirio Díaz lembra um pouco Philippe Pétain*. Em sua juventude, cobriu-se de glória nas fileiras juaristas, retomando Puebla das tropas do imperador Maximiliano. Em 1910, aos 80 anos, tem boa presença. Está a alguns meses da queda, mas crê ser imortal. Tem algumas desculpas: 35 anos de poder pessoal não predispõem um ditador a cultivar

* Philippe Pétain (1856–1951), chefe de Estado da França durante o regime de Vichy (1940–1944). (N. E.)

dúvidas. Mesmo suas origens indígenas, visíveis em retratos antigos, se apagaram com a velhice e com os bigodes brancos. Tem a seu favor um verniz de grandeza e um balanço que não é de todo negativo. Quase analfabeto, teve o bom senso de confiar as rédeas da economia a tecnocratas – eram chamados de *científicos* – que conseguiram garantir ao país, e sobretudo à capital, um início de modernização e desenvolvimento industrial. Mas de resto o porfiriato foi um pesadelo. Tirania de um ditador senil e de um punhado de grandes proprietários de terra. O termo "desigualdades sociais" seria ainda largamente insuficiente para descrever o *status* de quase servidão em que os *hacendados* mantinham os trabalhadores rurais, muitos dos quais eram humildes camponeses expropriados de suas terras.

Do outro lado, os três homens que dali a alguns meses põem fim ao reino de Díaz. O mais importante não é o mais conhecido. Ao lado de personalidades tão resplandecentes como Pancho Villa ou Emiliano Zapata, Francisco Madero sofre de um "déficit de imagem". Primeiro, fisicamente. Esse homem baixinho, de cavanhaque, atitude reservada e roupas corretas, destoa nesse contexto. Aparência de professorzinho perdido no meio de caubóis ferozes dispostos a afiar suas facas em seu crânio largo de pensador. Quão eloquente é a sua última foto, tirada nas ruas da Cidade do México, onde ele tenta reunir seus últimos partidários. Está a cavalo, como para estabelecer melhor a autoridade que lhe escapa. Mas conserva a casaca preta, o colarinho duro e, de maneira derrisória, agita o chapéu-coco... Politicamente, Francisco Madero tem poucas coisas em comum com Salvador Allende, mas o fim trágico os aproxima. Ambos foram traídos por um chefe do Exército em quem tinham toda confiança, ambos foram cercados em seu palácio presidencial e morreram pelas balas de assassinos de uniforme.

A aparência franzina de Madero esconde uma ideologia sectária e rigorosa? Nada disso. Era certamente um homem de convicções, mas é um moderado, que foi levado a se radicalizar apenas pela intransigência de Díaz. Não é menos odiado pelos conservadores. Oriundo de uma rica família israelita, idealista, estudou no estrangeiro e reuniu nele três boas razões para ser

desprezado: intelectual, judeu e traidor perante sua classe social. As três razões que, em outros tempos e sob outros céus, valerão o mesmo ódio a um Léon Blum ou a um Pierre Mendès-France. Mas os ativistas mais avançados também não tardariam a rejeitar Madero. Quem era ele? Um homem cheio de boas intenções, mas tímido e desajeitado, que não percebeu a extensão e a urgência das reformas que deveriam ser feitas? Ou o cínico representante de uma revolução "burguesa", firmemente decidido a mantê-la em limites estreitos, como analisam os marxistas puros e duros? O certo é que ele é o contrário de um revolucionário. Legalista até os ossos, recusou-se a suceder diretamente a Díaz e esperou o veredicto das urnas para assumir a presidência. Reformas? Sem dúvida, mas dentro da ordem e da legalidade. Um discurso que os camponeses espoliados e as hordas famélicas dos campos não podiam entender. Rapidamente, Madero encontra Zapata em seu caminho e, para combatê-lo, comete a loucura de aliar-se aos seus piores inimigos, os conservadores e o Exército, que aproveitarão a primeira ocasião para derrubá-lo.

Mais uma vez, as fotos são eloquentes. Quando Madero faz sua entrada em Cuernavaca, posando em seu automóvel, Zapata está a pé, quase anônimo no meio do cortejo. Mas quando este último visita Madero, não é mais hora para deferências. O encontro deve ter sido tão tempestuoso que os dois homens evitam se olhar. Madero baixa a cabeça com um ar cansado e Zapata se vira para a objetiva com uma visível expressão de cólera.

Dizia-se de Emiliano Zapata que ele era "o homem mais puro da Revolução Mexicana". A noção de pureza deve ser usada com cuidado, sobretudo em matéria de política, em que acarretou muitas fantasias e horrores. Contudo, se a trouxermos de volta às noções simples de sinceridade e honestidade, podemos, com efeito, aplicá-la a Zapata, que permanece como uma das raras figuras verdadeiramente interessantes desse período. Íntegro, o que era raro (o cínico Obregón dizia: "Não conheço um general que resista a um tiro de canhão de 50 mil pesos"), foi também um dos únicos que jamais traiu seu campo ou seus ideais. Não admira nessas

condições que tenha suscitado devoções profundas e tenha feito de seu Estado de Morelos um campo fortificado onde era impossível vencê-lo, salvo por traição e assassinato.

Sem ser um intelectual ou um ideólogo, tem ideias fortes e coerentes. O "plano de Ayala" de reforma agrária, sintetizado no lema "*Tierra y Libertad*", propõe o confisco de um terço das propriedades dos *hacendados*.

O que suas fotos nos mostram é mais inesperado. A despeito de um gosto muito mexicano por *sombreros* gigantescos, casacos bordados e botas de couro trabalhadas, o rosto de Zapata oferece um contraste total com essa indumentária. Modesto, reservado a ponto de se falar com algum exagero de seu "mistério", ele parece carregar uma eterna melancolia. Em nenhuma imagem ele é visto sorrindo. Tem atitudes de introvertido, de solitário, o que é raro num grande líder. Somente os olhos penetrantes, quase febris, deixam transparecer uma paixão mal contida, sempre pronta a se exprimir.

São também os olhos de um homem que passou por provas. Emiliano Zapata não tinha nada de um marginal. Pequeno proprietário, prefeito de seu vilarejo, foi levado à revolta pelos abusos dos *hacendados*. A partir de então, sua violência foi extrema e valeu-lhe dos adversários o apelido de "Átila do Sul". Irredentista, combateu todos os presidentes no poder, sem exceção, e jamais, salvo breves intervalos, depôs as armas entre 1911 e seu assassinato em 1919. Sua última foto é de seu cadáver, tirada para cessar de vez qualquer rumor de que tivesse sobrevivido. Paradoxalmente, quase daria a impressão inversa: com a cabeça erguida, ele parece apenas adormecido entre três homens que se comprimem para aparecer na foto. Somente um quarto homem faz uma expressão condizente, erguendo os olhos para o céu como um personagem de El Greco.

Bom estrategista, mas melhor ainda como combatente obstinado, Zapata deixou uma lenda dúplice, guerreira e política. Não admira que em 1994 os revoltosos de Chiapas o tenham escolhido como bandeira, proclamando-se "zapatistas", em vez de "villistas".

Villa e Zapata... Esses dois homens cujos nomes foram tantas vezes associados tinham poucas coisas em comum na realidade. As origens de Pancho Villa, como as de sua revolta, são obscuras. Segundo alguns, ele teria matado o filho de um grande proprietário que havia "desonrado" sua irmã. Segundo outros, essa mesma irmã e a mãe teriam sido massacradas por soldados do exército federal. Villa é a força bruta.

Duro com seus homens, sobretudo com seus inimigos, por quem não tem nenhuma misericórdia, ele não tem um programa e menos ainda uma ideologia, mas um gênio tático que fez dele um dos mais fascinantes capitães da história. Capaz de partir para a guerra contra o ditador Huerta com oito companheiros e de um ano depois estar à frente de uma divisão e destroçar o exército federal. Sedento de glória e propaganda, recebe jornalistas e cineastas dos Estados Unidos. Muito tempo antes do subcomandante Marcos, compreendeu que uma revolução moderna devia ser midiática... Em dezembro de 1914, Villa e Zapata conhecem seu momento de glória ao desfilar lado a lado pelas ruas da Cidade do México. O acontecimento foi filmado. Mas a foto mais célebre é aquela feita por Casasola no Palácio Nacional, em que os dois homens posam no meio de seus respectivos estados-maiores. Salta à vista o contraste entre Villa, corado e jovial, sentado com muita naturalidade na cadeira presidencial, e Zapata, sombrio e fechado, como se estivesse constrangido de estar ali. Jamais combateram um ao outro, mas também jamais encontraram um verdadeiro campo de entendimento.

Atrás dos atores principais, perfilam-se homens cujo papel foi mais determinante para o futuro do México, mas ficam longe da mesma notoriedade.

Líder dos "constitucionalistas", veterano das lutas contra Díaz e Huerta, Venustiano Carranza, com seu olhar glacial e sua barba de velho sábio, poderia oferecer à revolução um rosto mais apresentável que "o Centauro do Norte" e "o Átila do Sul". Assim, aproveitando a desunião destes dois, quando mostrou as próprias cartas e ganhou, os Estados Unidos se apres-

saram em reconhecê-lo. Mas a aparência era enganosa. O escritor espanhol Blasco Ibañez, recebido por Carranza em seu gabinete presidencial, espantou-se ao vê-lo carregando um revólver sob a casaca. Isso não impediu que fosse derrubado e assassinado por sua vez.

Obregón tem pouco da aparência feroz de um guerreiro, mesmo quando está de uniforme. No entanto, não lhe falta talento militar e, ao contrário do que se esperava, venceu o invencível Pancho Villa. Sua ascensão à presidência marca uma relativa estabilização política e a entrada da Revolução Mexicana numa fase "termidoriana". O que não quer dizer reacionária. Medidas sociais, certa prosperidade econômica decorrente do petróleo e sobretudo um esforço notável de alfabetização se devem ao seu regime, cujos aspectos mais revolucionários, aliás, visavam a Igreja Católica. Isso pode causar surpresa hoje, já que os padres e mesmo os bispos da América Latina têm causas comuns com os elementos mais progressistas. Não era assim nos anos 1920, quando fé e revolução acertavam suas contas a tiros de fuzil. A Revolta dos Cristeros será um dos episódios mais sangrentos desse período. Obregón perderá a vida aí, assassinado durante um banquete por um fanático do Cristo Rei.

Esses eram os chefes. Mas e os outros, "os pequenos, os obscuros, os sem-patente"? Eles também estão nas fotos, e com que presença! Mesmo que a maioria deles nem pareça se aperceber disso. Entretanto, os fotógrafos da época, com seus pesados aparelhos e seus tripés, não eram nada discretos. Quando muito, os combatentes trepados na traseira de um vagão lançam a Casasola – mais uma vez ele – um olhar indiferente, desprovido de qualquer pose. Somos nós que nos interessamos por eles, e sobretudo pelo personagem central, cujos trajes surpreendentes aliam a cartucheira do guerreiro, sem dúvida voluntário, ao terno preto e ao chapéu-coco próprios do civil. Quanto ao casal sentado nos trilhos, sem dúvida eles têm mais o que fazer do que olhar para a objetiva. O mesmo vale para a *soldadera* inclinada no degrau do vagão, que está mais interessada no que está acontecendo na frente do trem do que no homem que a fotografa.

Uma palavra sobre essas *soldaderas* que se veem em numerosas imagens. A presença delas, insólita para nós, não tinha nada de excepcional. Mesmo as unidades regulares do exército federal eram seguidas de uma multidão de mulheres, jovens e velhas, esposas legítimas ou raparigas de soldados. Elas se encarregavam de cuidar e alimentar seus homens, suprindo as carências, para não dizer a inexistência, da intendência e do serviço de saúde. Nas fileiras revolucionárias, não era raro que também pegassem em armas, e Jack London, que cobriu os fatos para a revista *Collier's*, fez delas um retrato pouco tranquilizador: "Quando uma *soldadera* se aproxima, eu não gostaria de ser uma galinha perdida ou um inimigo ferido, jazendo no campo de batalha".

Outro elemento que salta aos olhos: a frequente presença de trens. A guerra civil mexicana foi um conflito ferroviário em que os trilhos não serviam somente para o transporte das tropas. O exército federal possuía trens blindados, várias vezes atacados por Zapata. Tal como os generais da Primeira Guerra Mundial, Villa instalou seu comando num vagão. Suas duas campanhas de 1913–1914 contra Huerta e de 1915 contra Obregón ocorreram ao longo da linha que une a Cidade do México ao norte do país por Guadalajara, Zacatecas, Chihuahua e Ciudad Juárez. E como esquecer a tomada surpresa dessa cidade, em 1915? Villa avisou a guarnição federal por telégrafo da chegada de reforços e enviou-lhe um trem que, tal como o cavalo de Troia, trazia seus próprios soldados...

Algumas imagens alucinantes, enfim, lembram o grande esquecido da Revolução Mexicana: o proletariado das cidades. Não que o movimento operário não tenha existido. Na época de Porfirio Díaz, já haviam ocorrido greves nas minas ou na indústria têxtil, muitas vezes reprimidas com sangue. Mas o México de 1910 permanecia pouco industrializado e, muitas décadas antes que a China, deu o primeiro exemplo moderno de uma revolução essencialmente rural. Afora os "dez dias trágicos" de 1913, a capital foi poupada pelos acontecimentos. Mesmo a entrada de Villa e Zapata na Cidade do México, em 1914, ocorreu sem incidentes. Os burgueses apavorados se embarricaram em casa, mas os zapatistas se contentaram em bater à porta para pedir

comida. A foto mais insólita da revolução (feita mais uma vez por Casasola) mostra os camponeses zapatistas de rostos ferozes, mas em atitude tímida, sentados no restaurante da loja Sanborns, diante de garçonetes uniformizadas. Face a face, o México das cidades e dos campos.

Oitenta anos depois, outros "zapatistas" retomaram as armas contra o governo numa província afastada, da qual fizeram um santuário, como Zapata fizera de seu Estado de Morelos. Certamente, o México de hoje não tem muito que ver com o de Porfirio Díaz, mas o fosso entre a modernização da capital e a miséria do campo continua abissal. E não é por acaso que os índios de Chiapas apelam novamente para os longínquos heróis da Revolução de 1910.

Cronologia

1909: Com a proximidade das eleições de 1910, Madero cria o Partido Nacional Antirreeleicionista para opor-se à oitava eleição do presidente Porfirio Díaz, ditador de fato desde 1876.

1910: Em junho, Madero é preso, mas foge em outubro, enquanto Díaz é reeleito sem oposição. Em 13 de novembro, prevendo uma sublevação maderista, a repressão cai sobre os oponentes do regime. Madero foge para os Estados Unidos.

1911: A rebelião se estende para o Norte, onde Madero, de volta ao México, encontra aliados (Villa, Orozco, Carranza), enquanto um novo foco de insurreição surge no sul, com Zapata. Em maio, Villa toma Ciudad Juárez e Zapata, Cuautla. No dia 25, depois dos "acordos de Juárez", Díaz renuncia oficialmente e parte para o exílio. Em 7 de junho, Madero entra na Cidade do México. É eleito presidente em 6 de novembro, mas no mesmo mês Zapata retoma as armas contra ele, estimando seu programa insuficiente.

1912: Em março, Orozco, chefe dos colorados, também se revolta contra Madero. Em compensação, Villa permanece fiel, mas entra em conflito com o chefe do exército federal, o general Huerta, que o manda prender. Villa foge em dezembro e vai para os Estados Unidos.

1913: O Exército e os conservadores que apoiaram Madero durante alguns meses se voltam contra ele. Na Cidade do México, no fim dos "dez dias trágicos" de fevereiro, o general Huerta toma o poder e manda assassinar Madero. Huerta obtém a adesão inesperada de Orozco, mas Villa volta ao México em março e

assume o comando da rebelião. Toma de assalto Torreon e Ciudad Juárez. De sua parte, Zapata prossegue contra Huerta a luta que travava contra Madero.

1914: Zapata se apodera de Chilpancingo e de Jojutla e sitia Cuernavaca. Em 21 de abril, os Estados Unidos desembarcam seus *marines* em Veracruz. Em 23 de junho, Villa obtém a vitória decisiva de Zacatecas e Huerta foge para o estrangeiro. Villa e Zapata entram lado a lado na Cidade do México, em 3 de dezembro. Um presidente provisional, Eulalio Gutiérrez, presta juramento.

1915: Instala-se a discórdia entre os vencedores. Zapata deixa a Cidade do México e retira-se para Morelos. Villa faz o mesmo em Chihuahua. Carranza, que formou um governo provisório em Veracruz com o apoio de Obregón, cassa o presidente Gutiérrez e toma o poder. A guerra civil se reacende entre Villa e Obregón; este obtém uma série de vitórias e repele o adversário para o norte. Em outubro, os Estados Unidos reconhecem o governo de Carranza.

1916: Em março, incursão de Villa em território norte-americano. O general Pershing vai ao seu encalço, mas sem conseguir estabelecer contato. Em Morelos, o exército federal recupera a capital do estado, Cuernavaca, mas Zapata explode o trem Cuernavaca–Cidade do México; quatrocentos mortos.

1917: Zapata retoma a ofensiva em janeiro. Em 5 de fevereiro, uma nova Constituição é proclamada: o mandato do presidente, eleito por quatro anos, não é mais renovável. Em 1º de maio, Carranza torna-se presidente.

1918: O país é pacificado, exceto Morelos, onde Zapata continua a lutar.

1919: Em 10 de abril, Zapata é morto numa emboscada. De sua parte, Villa retoma as armas.

1920: Carranza, a despeito da Constituição, tenciona se candidatar. Em 15 de maio, é derrubado por Obregón e assassinado durante a fuga. Em 28 de julho, Villa aceita depor as armas e retira-se com honras para seu rancho, em Durango. Os dois anos seguintes são relativamente tranquilos sob a presidência de Obregón.

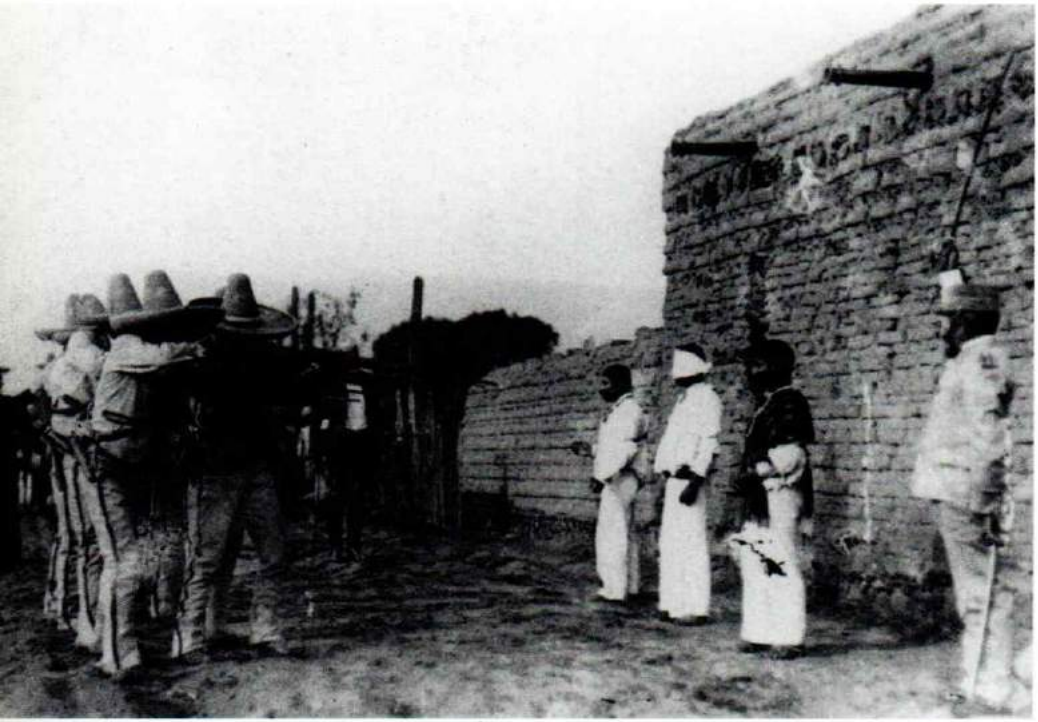
1923: Assassinato de Villa em Parral, em 23 de julho. Em dezembro, Obregón reprimiria uma tentativa de golpe de Estado por parte dos militares.

1924: Plutarco Calles sucede a Obregón. O conflito entre o governo e os católicos, que predominará na década seguinte, intensifica-se.

1925: Início da Revolta dos Cristeros, que durante quatro anos ensanguenta novamente o México.

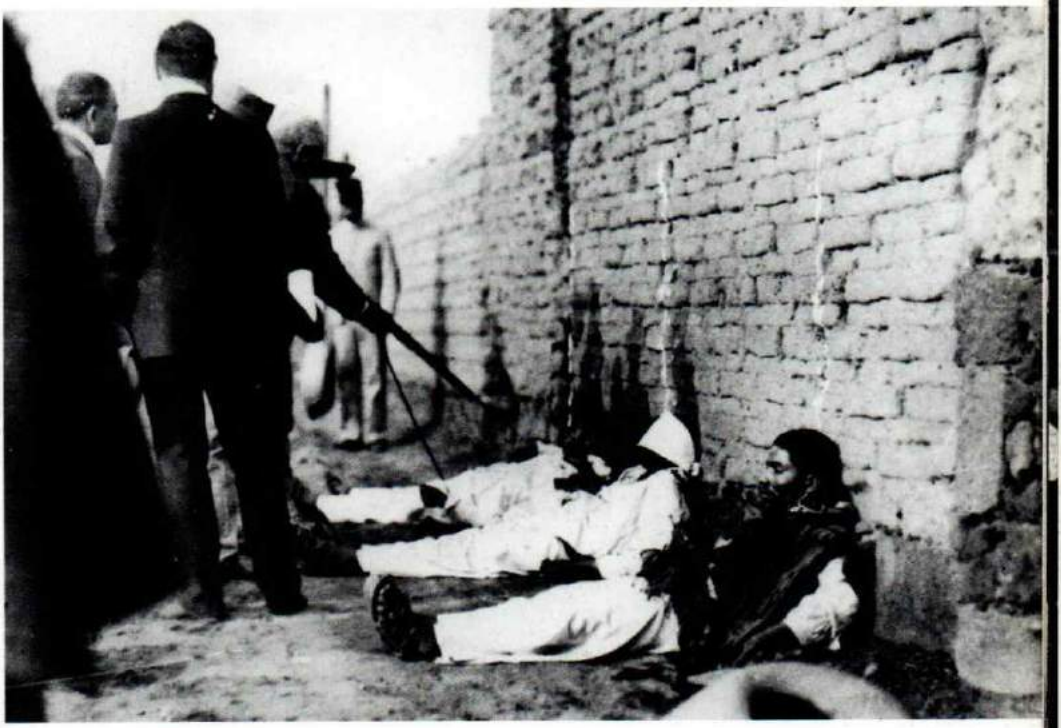
1928: Logo depois de se reeleger presidente, Obregón é assassinado por um estudante católico.

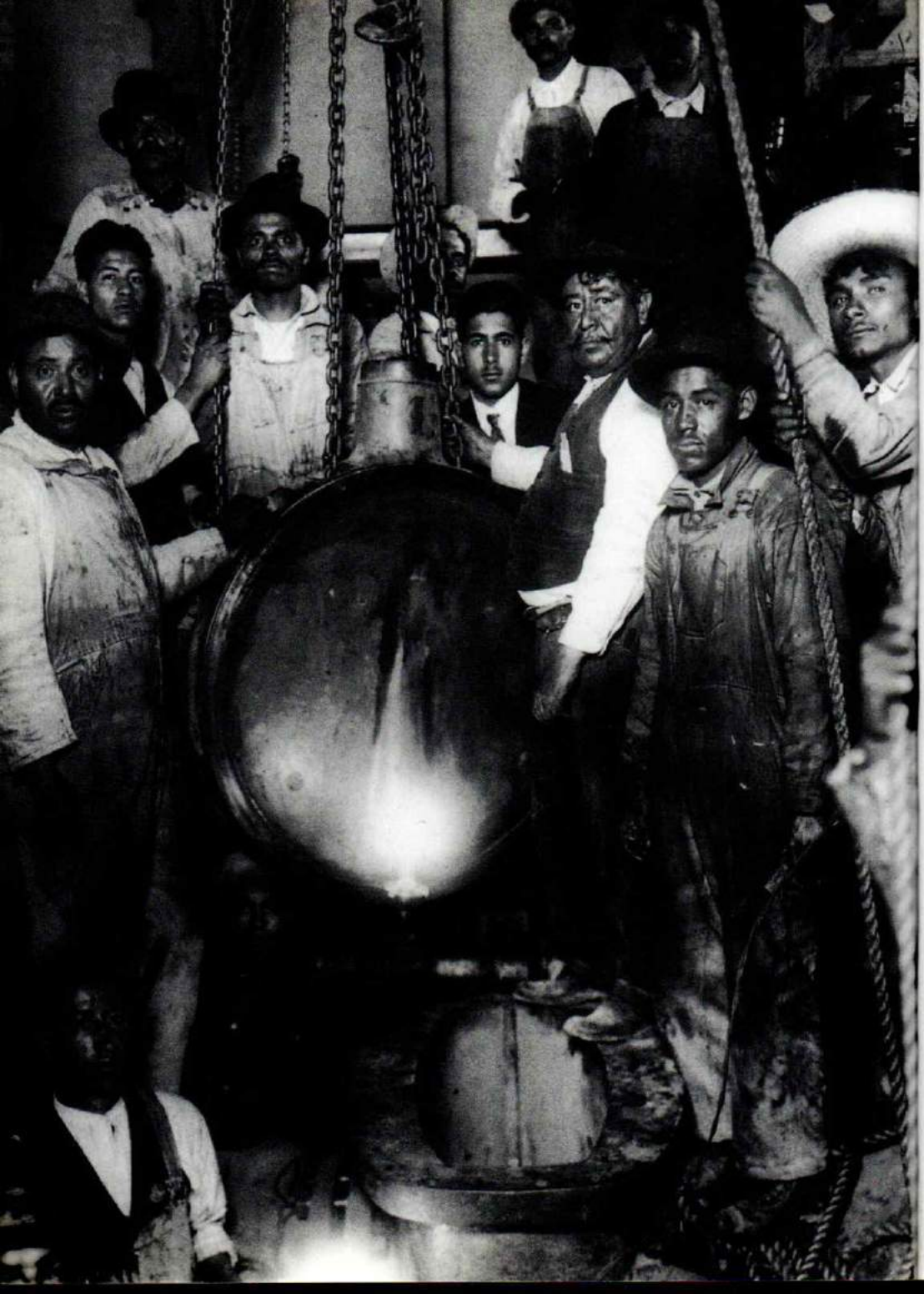
1929: Em junho, derrota final dos Cristeros e retorno à calma.

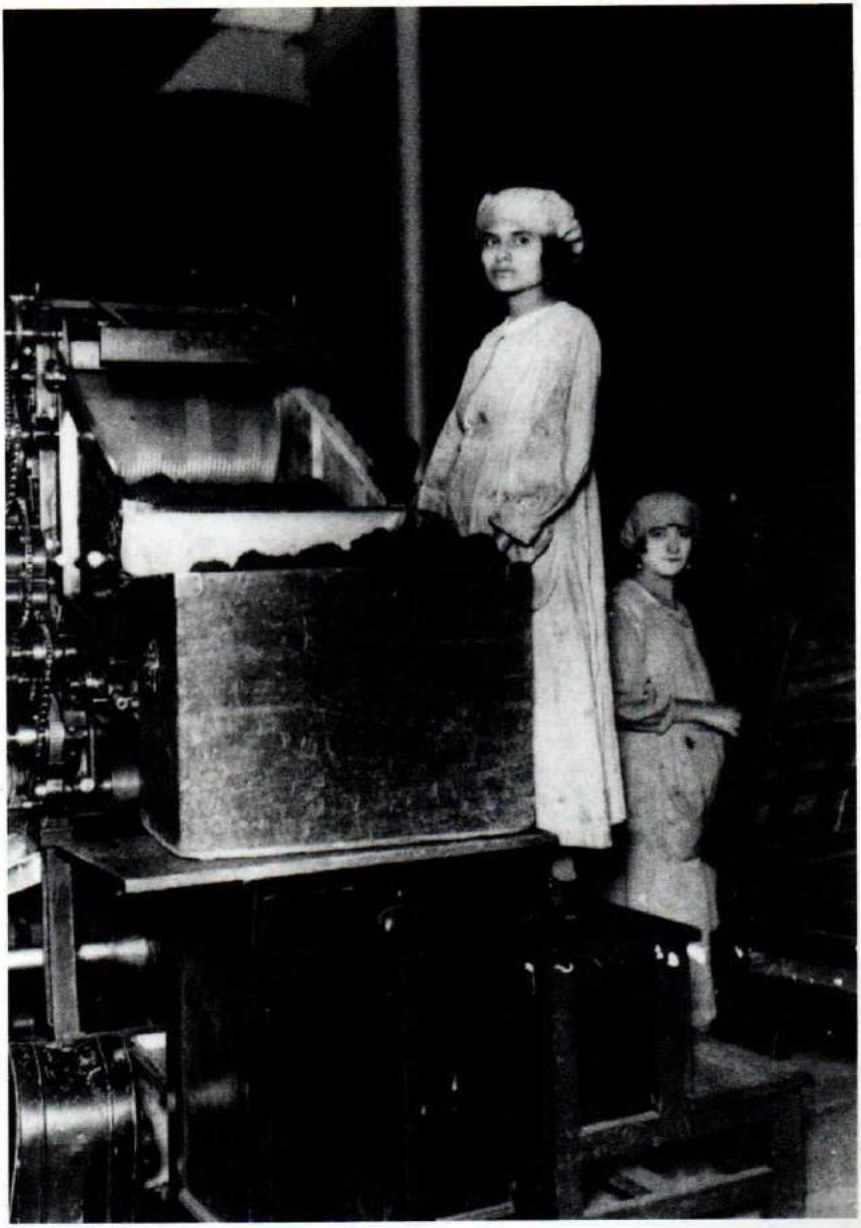


Acima e ao lado: Embora essas fotografias datem de 1909, quando ocorrem os primeiros distúrbios, essas cenas fizeram parte da vida cotidiana dos mexicanos por mais de vinte anos. Tanto de um lado como de outro, não houve misericórdia e a guerra civil deixou 1 milhão de vítimas.

Página dupla anterior: O general Porfirio Díaz foi o inabalável presidente-ditador do México durante 35 anos. Aqui, em julho de 1910, ele preside a uma cerimônia em memória de Benito Juárez. Ele se acha eterno, mas será derrubado em menos de um ano.







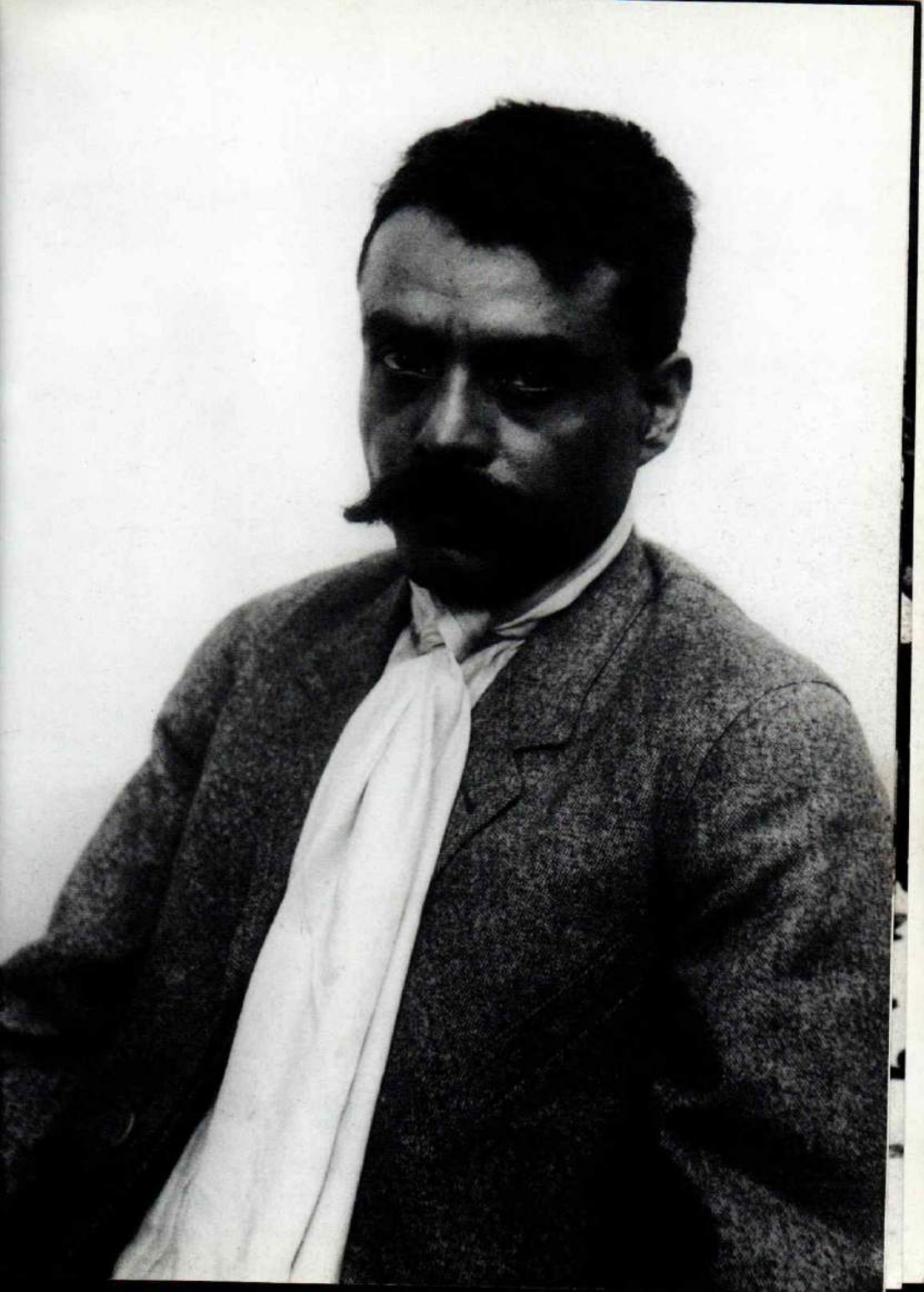
Imagens feitas no México antes e depois da revolução.

Acima: fábrica de tabaco, em 1905.

Ao lado: numa caldeiraria, em 1930, testemunhas da precária industrialização do país. De fato, o mundo operário pouco participará da guerra civil, que será essencialmente rural.

O dirigente liberal Francisco Madero, que derrubou Porfirio Díaz, é aclamado pelos zapatistas em Cuernavaca, em junho de 1912. À direita, quase no limite da foto, o próprio Zapata, coberto por um imenso *sombrero*, teve apenas um papel secundário nesse dia, mas logo retomaria as armas.

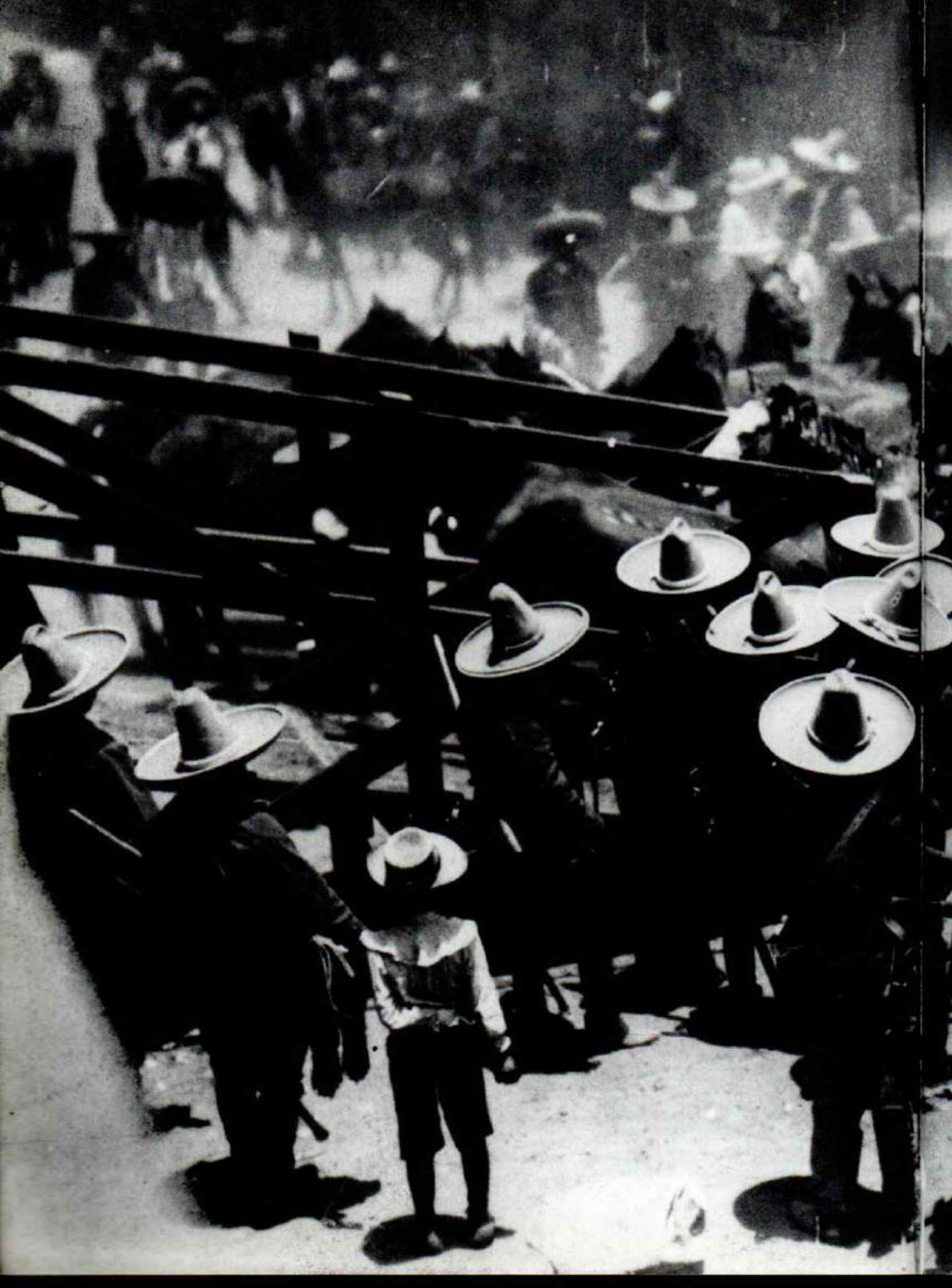
Ao lado: Emiliano Zapata, em 1912. A expressão febril mescla a energia selvagem de um homem decidido a perseguir seus objetivos e a tristeza do herói marcado por seu destino.

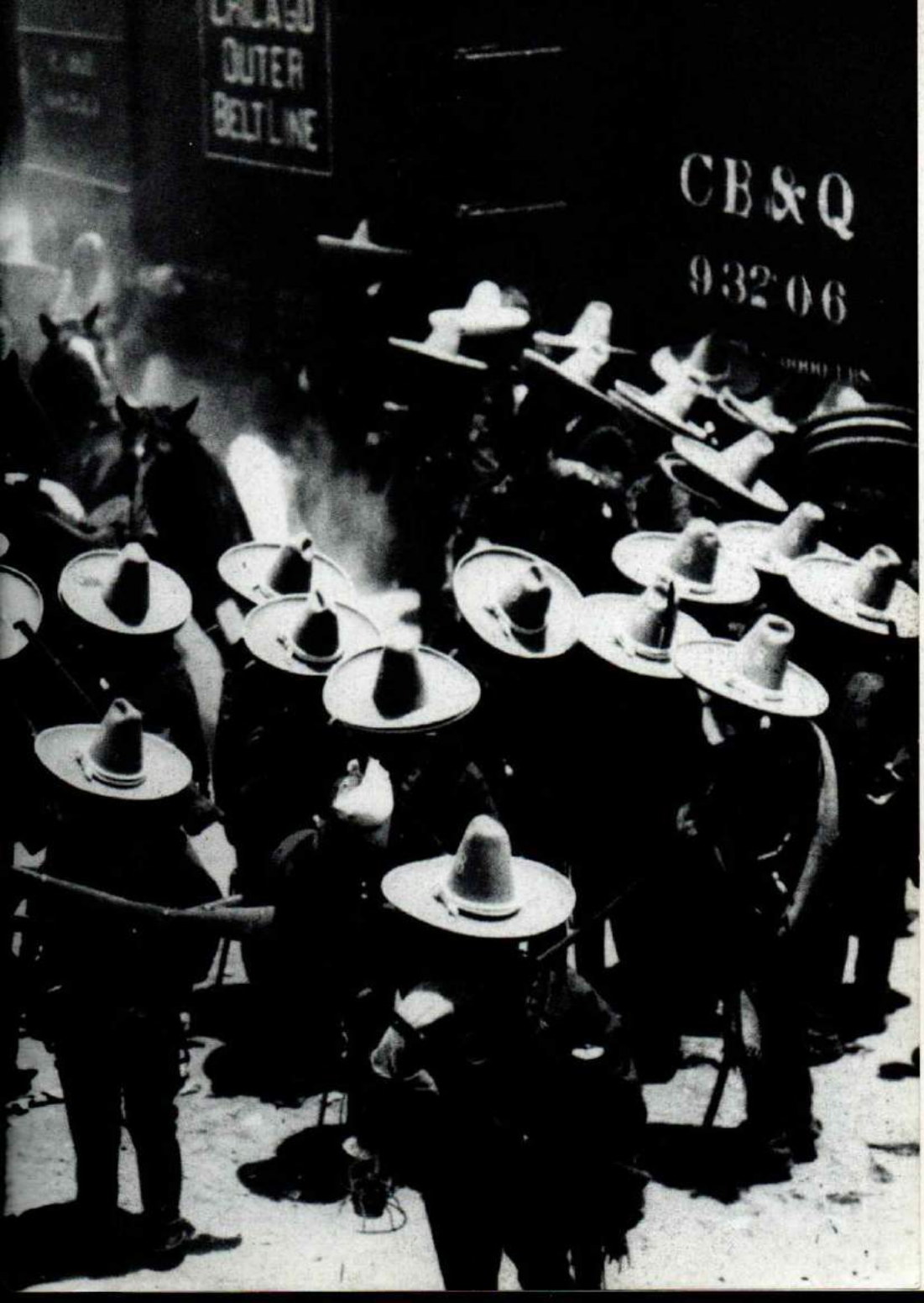


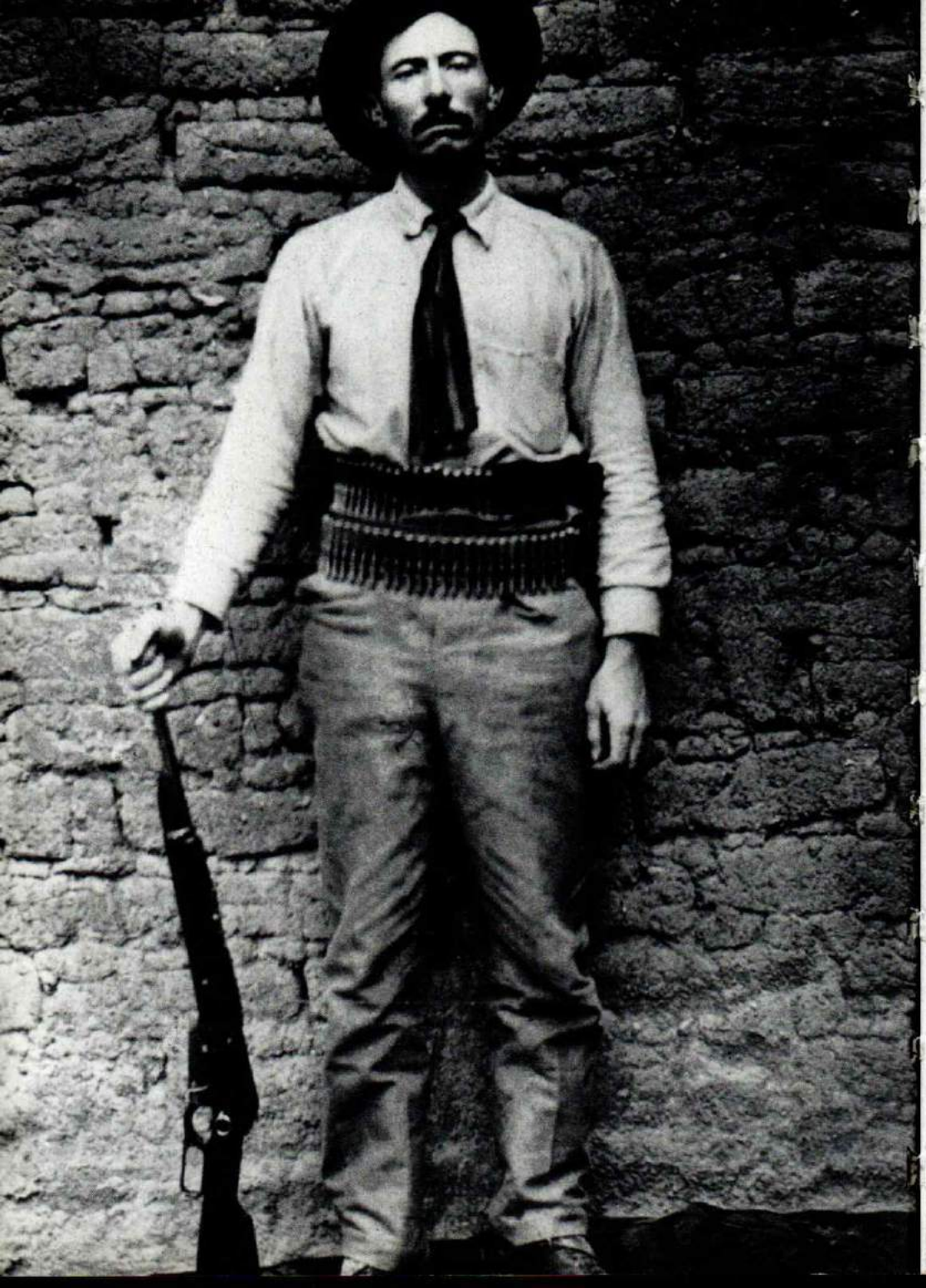
Uma unidade do exército federal nas ruas da Cidade do México, em 1912. As tropas "regulares" não eram nem mais equipadas nem mais disciplinadas do que as tropas dos inimigos.

Ao lado: Comboio de insurgentes feridos na batalha de Ciudad Juárez, em dezembro de 1913. Servindo-se de um trem, Pancho Villa acabara de tomar a cidade.

Página dupla seguinte: Embarque dos cavalos do general Carlos Rincón Gallardo, em Aguascalientes, em maio de 1914. Os trens tiveram um papel militar decisivo, e não apenas logístico. A maioria das batalhas ocorreu ao longo das linhas férreas.




OUTER
BELT LINE
CB&Q
93206



Pancho Villa, que se pôs às ordens de seu rival, o general Huerta (e depois foi destituído e preso por ele), é levado como prisioneiro à Cidade do México, em junho de 1912. No ano seguinte, ele terá uma revanche estrondosa.

Ao lado: Pascal Orozco, chefe dos *colorados*, traiu a revolução para aliar-se ao general Huerta. Vencido por Pancho Villa, será obrigado a exilar-se.

Pancho Villa em 1913, na época de suas maiores vitórias militares, quando sua lenda se consolida.

Ao lado: Nos "dez dias trágicos" de fevereiro de 1913, Madero percorre as ruas da capital para tentar reunir seus partidários. Restam-lhe apenas alguns dias de vida.

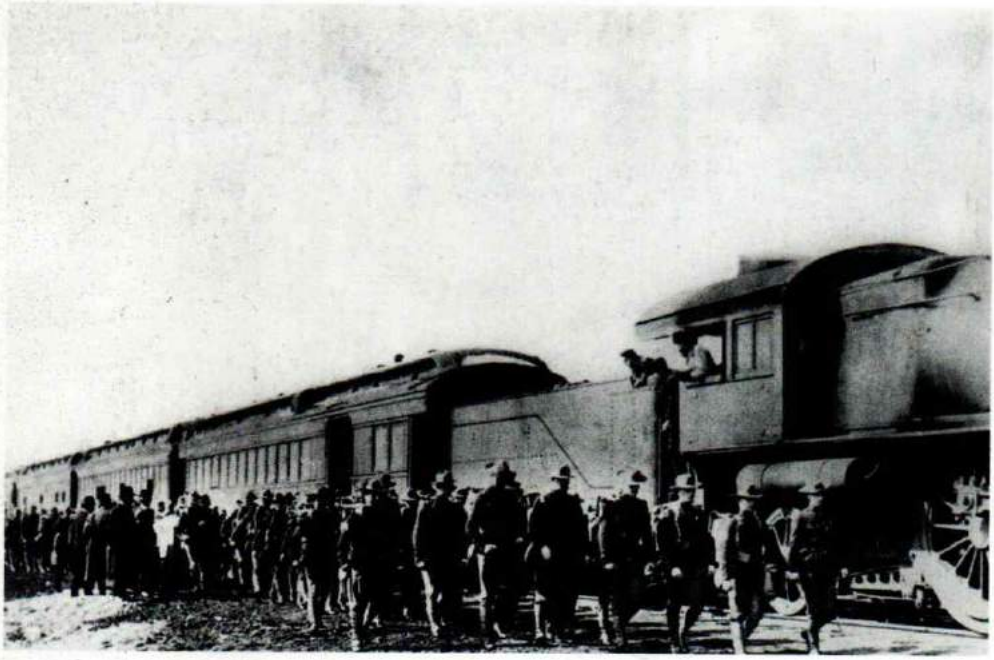
Páginas 294-5: As famosas *soldaderas*, que acompanhavam as tropas na guerra civil. Mães de família ou filhas de soldados, tratavam de alimentar seus homens ou ajudá-los, às vezes pegando em armas.

Páginas 296-7: As tropas federais reúnem-se nas ruas lamacentas da Cidade do México antes de partir para o *front*, em abril de 1913. Carregando suas trouxas, as mulheres se apressam: havia *soldaderas* também nas unidades regulares.

Páginas 298-9: "O general Eufemio Zapata e seu estado-maior", diz orgulhosamente a legenda. Eufemio era irmão de Emiliano Zapata, e a foto foi tirada quando os zapatistas entraram na Cidade do México, em dezembro de 1914.

GRL. EUFEMIO ZAPATA

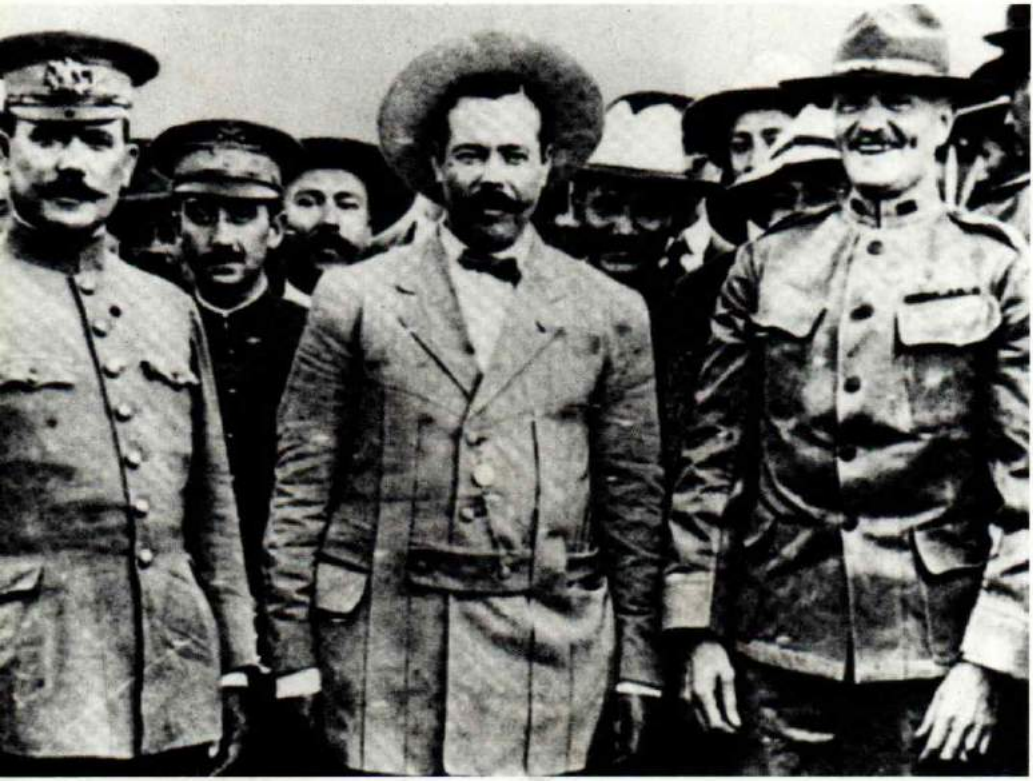
Y SU ESTADO MAYOR



No alto: Unidade de *marines* desembarca de um trem.

Abaixo: Os *marines* revistam as casas de Veracruz.

Ao lado: O almirante Badger, comandante das forças navais norte-americanas.

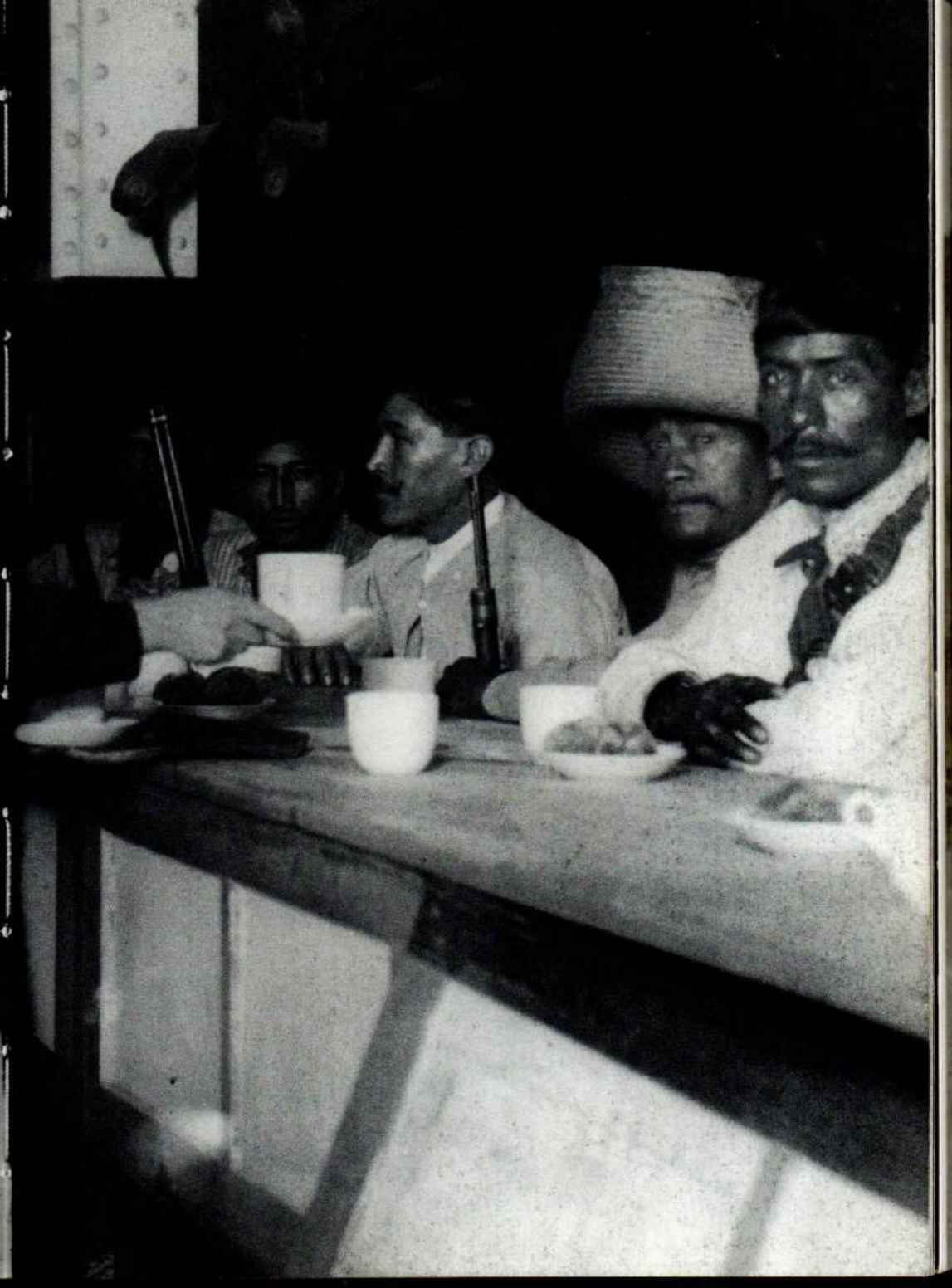


Acima: Pancho Villa com alguns de seus tenentes, em 1914. *Da esquerda para a direita*: Fierro, Villa, Ortega e Medina. Rodolfo Fierro foi o mais sanguinário de todos: massacrou centenas de prisioneiros com as próprias mãos.

Ao lado, no alto: Um banquete reúne os vencedores de Huerta no palácio do governo, em dezembro de 1914. *Da esquerda para a direita*: José Vasconcelos, que terá um papel determinante na política de alfabetização do país nos anos 1920, Pancho Villa, general Eulalio Gutiérrez, um presidente efêmero e pouco à vontade entre seus incômodos aliados, Emiliano Zapata e Felicitas Villaneal.

Ao lado, abaixo: Os heróis do dia posam num salão do palácio. O caráter expansivo de Villa, que se sentou de improviso na cadeira presidencial, contrasta com o de Zapata, que parece ruminar pensamentos sombrios. De pé, atrás dele, uma testemunha privilegiada das revoluções da época: o jornalista John Reed.

Página dupla seguinte: Ainda em dezembro de 1914, cena insólita na Cidade do México: soldados zapatistas, armados até os dentes, mas visivelmente impressionados com o cenário, tomam o café da manhã no bar da loja Sanborns de maneira bem-comportada.

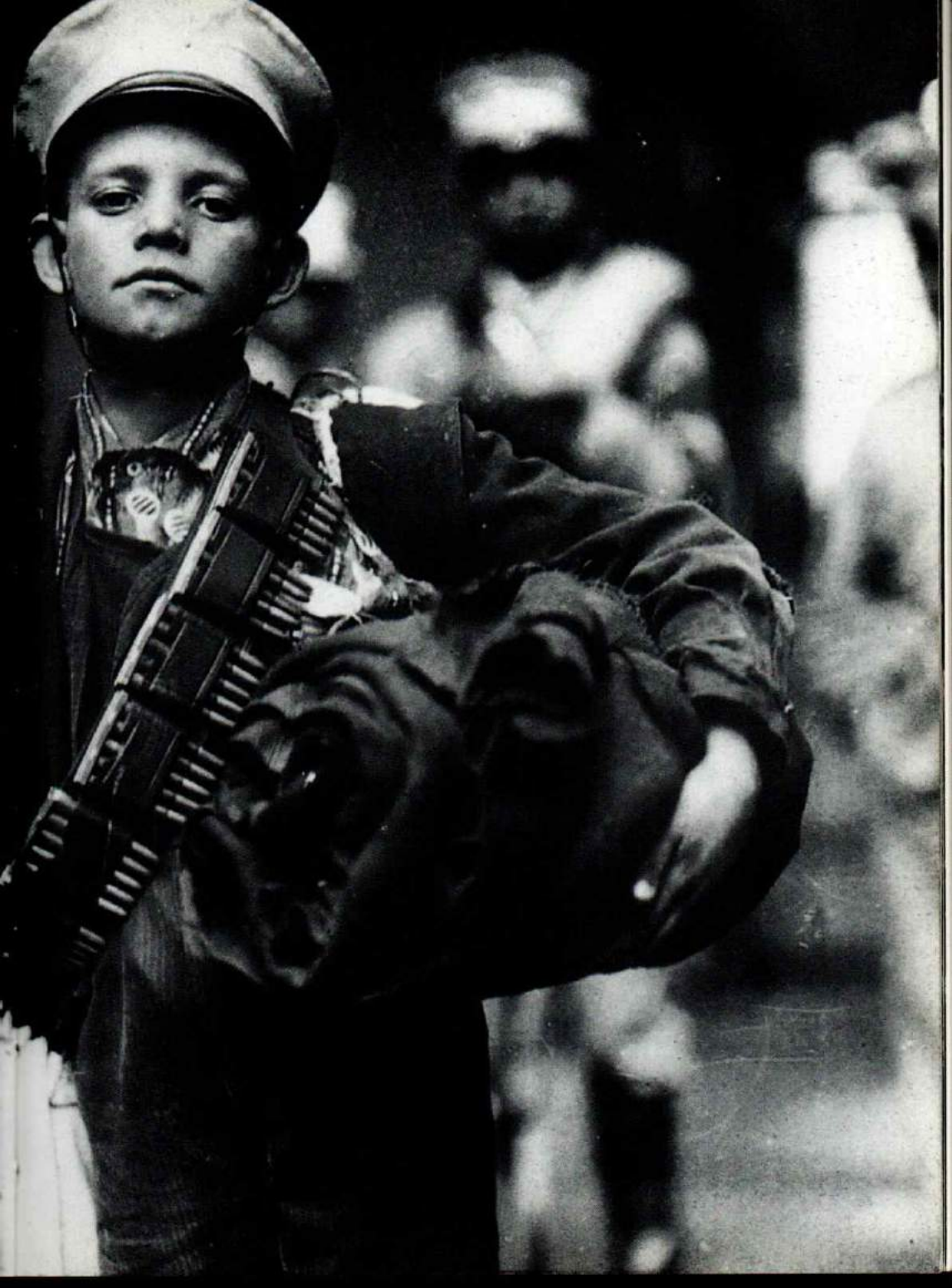


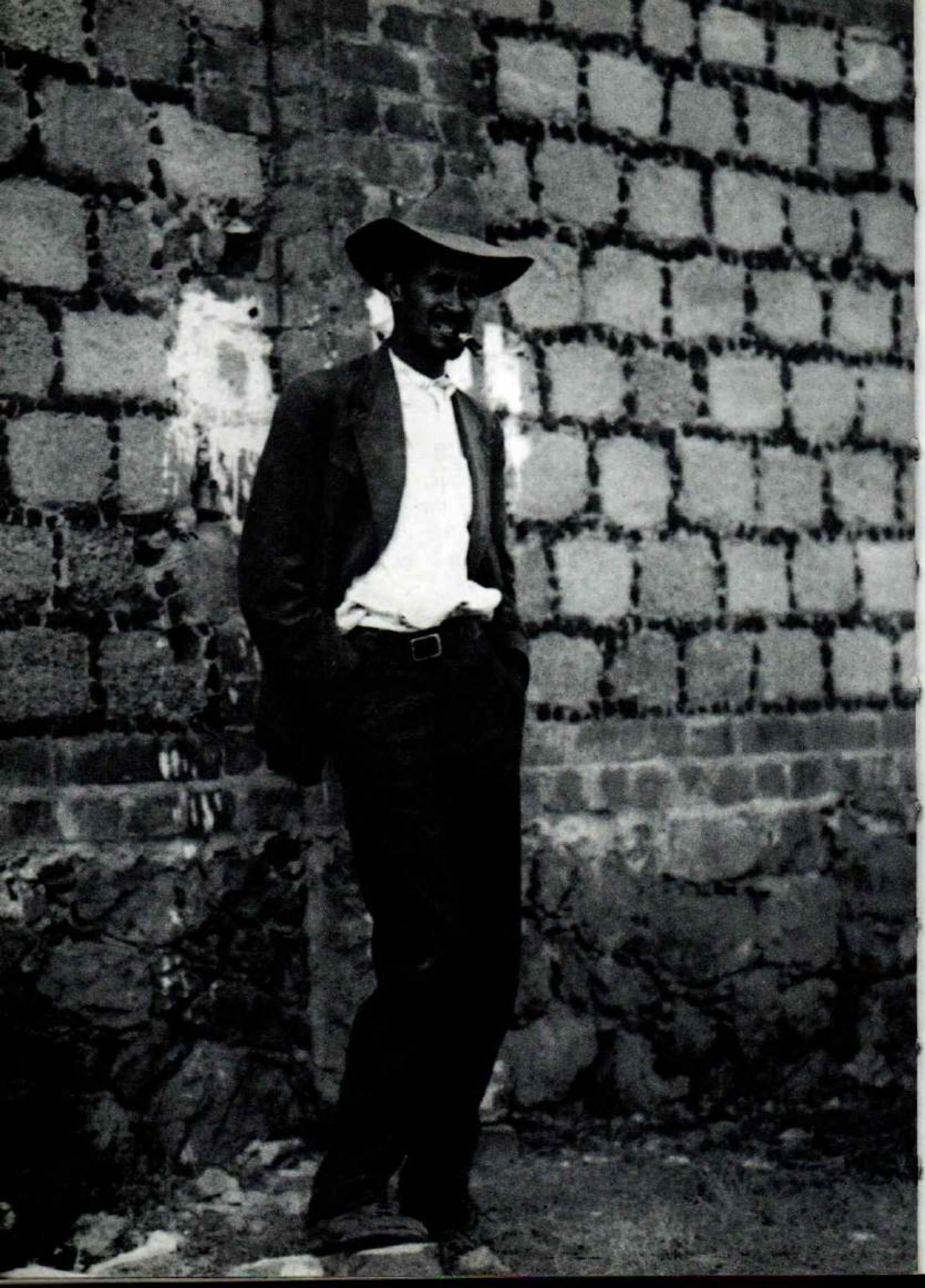
Pancho Villa e seus tenentes em 1915. Os ventos começavam a soprar contra ele, mas sua determinação permanecia intacta.

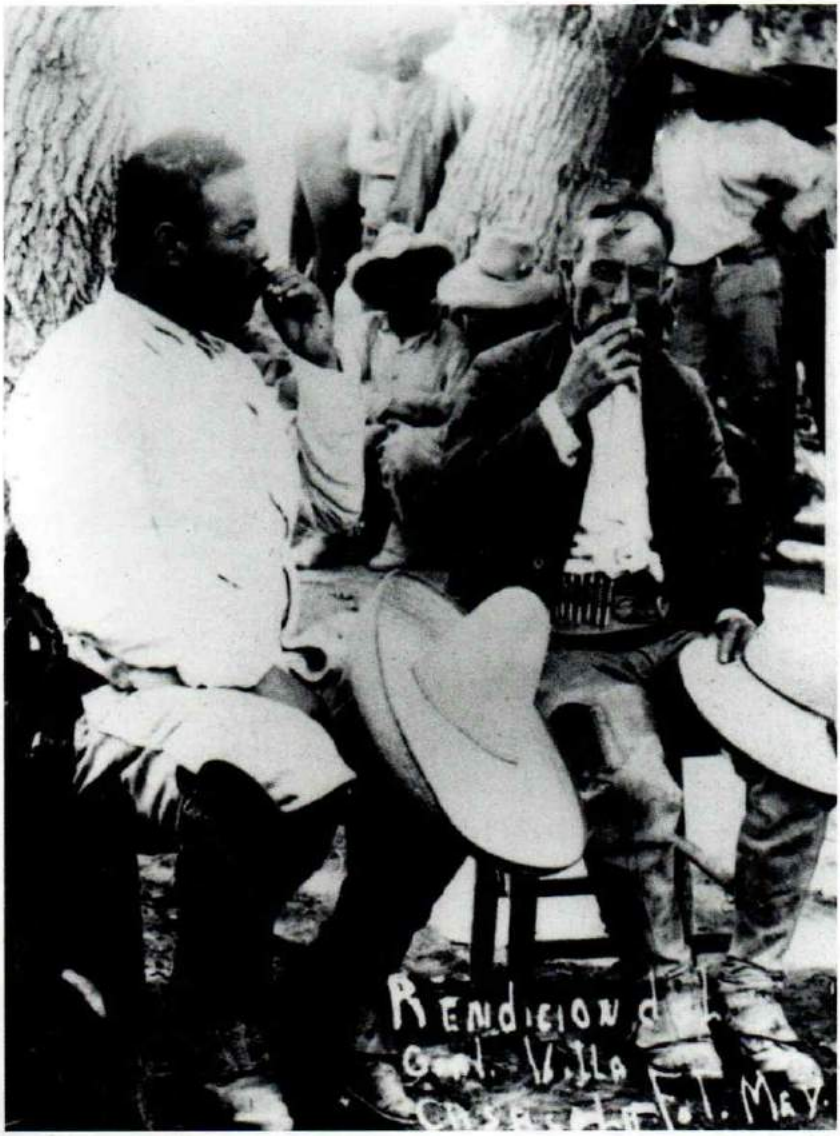
Ao lado: Partida de tropas federais para o *front*, em 1915. Provavelmente por falta de uniformes, um dos recrutas ainda veste trajes civis.

Páginas 308-9: Um menino alistado nas tropas federais, em 1915.

Páginas 310-1: Indiferente ao fotógrafo e à agitação a sua volta, um soldado federal com sua família, em 1915.

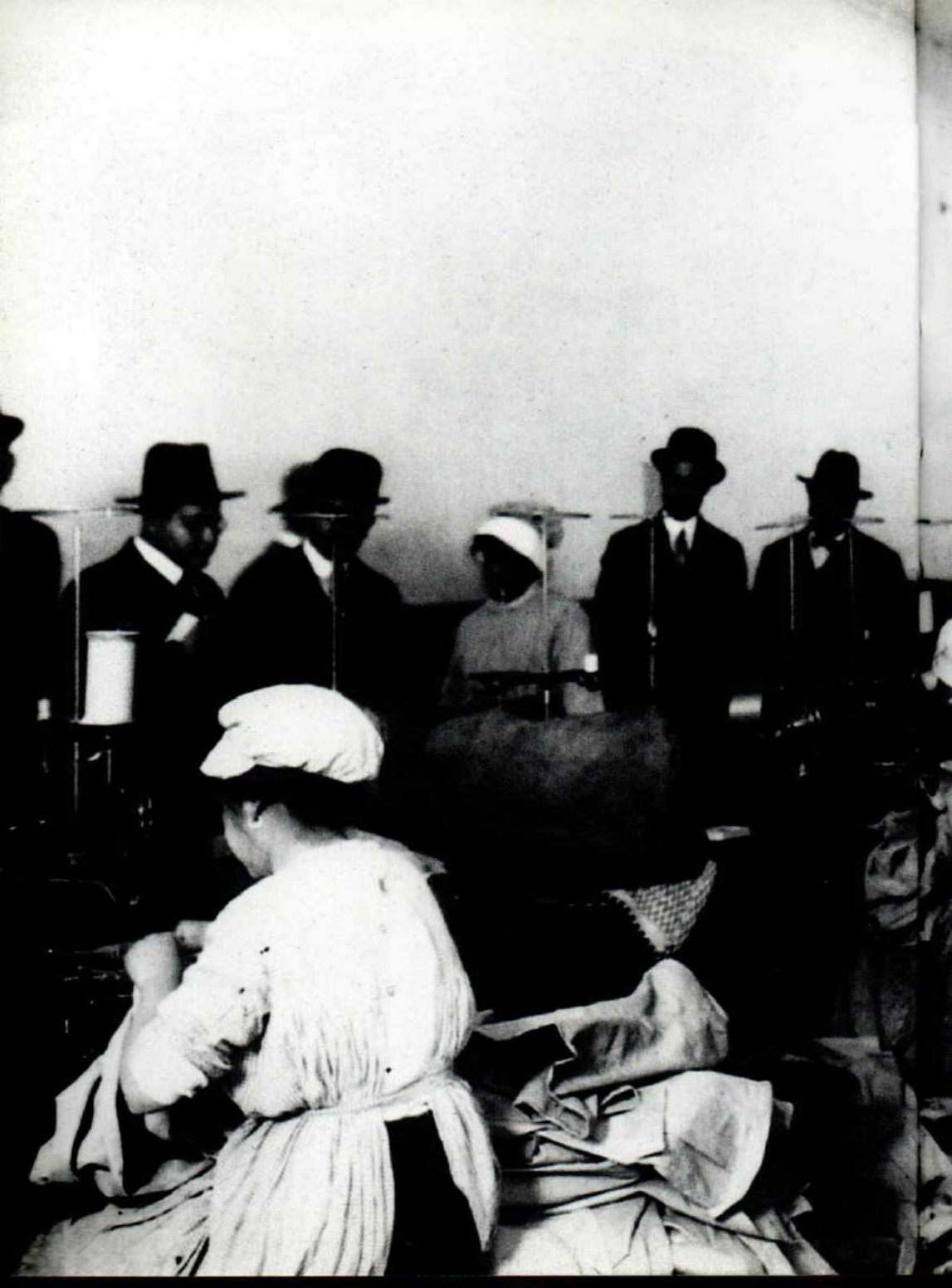






Em julho de 1920, Pancho Villa negocia com o governo uma capitulação que lhe permite retirar-se do combate de cabeça erguida. No entanto, será assassinado três anos depois.

Ao lado: Imagem célebre da Revolução Mexicana: condenado à morte pelo exército federal em janeiro de 1917, o capitão Samano fuma seu último charuto, enquanto sorri para o pelotão de execução.



A fotógrafa comunista Tina Modotti fez fotos tardias, mas que se tornaram emblemáticas do México dessa época. Aqui, um grupo de camponeses lê o jornal revolucionário *El Machete* [O Facão], em 1929.

Ao lado: Outra foto célebre de Tina Modotti: *Mujer con bandera*, de 1928.

Página dupla anterior: O presidente Venustiano Carranza (aqui, em visita a uma fábrica de uniformes em 1918) ostenta uma falsa aparência de tranquilidade. Mandará matar Zapata no ano seguinte. Ele próprio será assassinado em 1920.

1911 e 1949

As Revoluções Chinesas

Pierre Rousset

As Revoluções Chinesas

Cruzadores japoneses, encouraçados franceses e ingleses ancorados na baía de Xangai, onde tropas britânicas desembarcam; cercas de arame farpado protegendo as concessões internacionais; diante de Hankou, frágeis embarcações chinesas cujos passageiros tentam recuperar os panfletos revolucionários jogados na água pela Marinha de Sua Graciosíssima Majestade... Decididamente, as grandes potências não ficaram de fora da guerra civil que estava no auge em 1927 e opôs o Kuomintang* e o Partido Comunista Chinês (PCC), ainda ontem aliados.

A pressão colonial era sentida havia décadas, bem longe até dos centros econômicos. "Ópio e álcool": plantado nos confins birmaneses da China, o negócio – discreto, mas devidamente licenciado – é de uma banalidade cotidiana. Mais do que qualquer outra coisa, traz à memória o longo declínio de uma dinastia manchu incapaz de afrouxar o jugo colonial – a criação precoce de Hong Kong, os "tratados desiguais" do século XIX e as guerras do ópio travadas pela Grã-Bretanha para abrir o mercado chinês para a droga produzida em suas possessões indianas. Enquanto a França espera penetrar no país pela Indochina, novos predadores entram na dispu-

* Partido Nacionalista do Povo, fundado em 1912, após a derrubada da última dinastia imperial chinesa (dinastia Qing). (N. E.)

ta. Os Estados Unidos se instalaram ao longo da costa chinesa, comprando as Filipinas da Espanha em 1898. Em plena mutação, o Japão da era Meiji afirma suas ambições.

1911. Pescoço cortado por cortar as tranças: esse sinal de sujeição à ordem manchu tornou-se intolerável para parte da juventude chinesa. Duas cabeças degoladas, colocadas diretamente sobre o solo: não havia misericórdia para os rebeldes. A imagem tornou-se um clássico da revolução e da contrarrevolução de 1911. Um instantâneo, sem dúvida, mas também um símbolo, o da violência cultural e social do conflito que se iniciava – e não de uma particular crueldade dos leste-asiáticos. Nessa matéria, da Inquisição ao comércio de escravos, ou ao regime concentracionário nazista e ao genocídio dos judeus, o Ocidente não deixa nada a dever; e, infelizmente, a segunda metade do século XX não causa inveja à primeira: torturas francesas na Argélia, crânios despedaçados aos milhares no Camboja de Pol Pot, desastre ruandês e genocídio dos tútsis, estupros coletivos de mulheres na Bósnia, camponeses degolados do outro lado do Mediterrâneo...

A espada para cortar os pescoços, a metralhadora para ceifar os corpos; cadáveres decapitados abandonados na rua, soldados chineses – talvez formados por instrutores alemães – empoleirados num comboio ferroviário. Repressão antiga e guerra moderna. Tradição e revolução. Modernidade e contrarrevolução. O passado e o futuro da China atam-se no presente da crise. O teatro é vasto, os protagonistas numerosos. A cena social renova-se em torno dos centros portuários: os arrozais mecanizados e a indústria de algodão fortalecem uma burguesia tradicionalmente comerciante, mas também fazem nascer uma primeira geração proletária, alteram as relações entre a cidade e o campo. Estudantes e intelectuais entram em contato com o mundo exterior.

A peça não é representada a portas fechadas. Alemanha, Grã-Bretanha, França, Estados Unidos, Japão... A mão das grandes potências dirige mais de um ator. A influência ocidental na Ásia cresceu lentamente. Mas agora ameaça a unidade do Império do Meio, a própria coesão de sua civilização.

O vigor nacional exige a modernização desse país-continente, a destituição de um sistema imperial incapaz de renovar-se. Que ordem social vai suceder à dos manchus? Quais formas políticas e culturais vão renovar ou reduzir a influência confuciana? O Império do Meio deve de sua parte curvar-se ao jugo colonial ou saberá dar uma nova vitalidade a sua unidade, a sua independência? Inversão de situação com redistribuição de papéis. Serão necessárias duas guerras mundiais, três revoluções e quatro décadas para que essas questões encontrem respostas temporárias.

1912–1917. Os retratos em grupo – em que Sun Yat-Sen, o reformador civil, aparece enquadrado, isolado, pelo corpo de oficiais superiores – resumem toda a ambivalência da Primeira Revolução Chinesa, que começa com a sublevação de Wuchang em outubro de 1911 e termina em 1º de janeiro de 1912 com a proclamação da República.

O doutor Sun Yat-Sen havia criado no Japão a Liga Jurada, dotando de um horizonte político os milhares de estudantes radicais influenciados por um coquetel de ideias nacionalistas e liberais, socialistas e anarquistas, de origem norte-americana, europeia ou nipônica. Com a derrubada da ordem manchu, abriu-se uma brecha. O sistema dinástico foi quebrado, a fratura histórica foi consumada e o ideal democrático foi legitimado. Contudo, a casta militar impôs-se e Yuan Shikai assume o controle político, dando feições de uma ditadura pessoal ao novo regime. Com sua morte, em 1916, apesar de uma restauração parlamentar formal, a China entrou na era dos senhores da guerra. O país dividiu-se entre poderes militares rivais: uma dádiva para as potências imperialistas, livres para fazer alianças desiguais com os potentados locais.

No entanto, o campo das possibilidades alarga-se com a Primeira Guerra Mundial e a Revolução de Outubro. A ordem ocidental também está em crise; levando o marxismo para um país "atrasado", os bolcheviques lhe dão uma extensão universal; a revolução torna-se concebível na China, esbo-

çando uma alternativa inédita: a modernização antiautocrática pode ter duas faces, a do capitalismo e a do socialismo? Se o primeiro tem como corolário a dominação imperialista, o segundo pode conjugar-se com a independência nacional?

O precedente russo não saberia responder a essa interrogação. A Rússia é europeia antes de tudo, seus militantes têm familiaridade com o movimento operário ocidental, seu coração urbano é moderno – ainda que não se deva ignorar a importância da revolta antiautocrática, assim como das contradições próprias do universo campesino, no dinamismo russo. O Império do Meio é um oceano camponês ainda mais imenso; dessa vez, seria preciso ultrapassar o abismo da civilização.

Para muitos marxistas, o fato de a revolução ter prevalecido em São Petersburgo antes de Berlim já era uma grande surpresa. Na China, os revolucionários mergulham realmente no desconhecido.

1925–1927. Um "cardápio de fome" como preço da desigualdade social. Na rua, uma criança apanha cuidadosamente, com a ajuda de uma vassourinha, grãos de arroz caídos no chão. A fome tortura os pobres. Uma milícia proletária na grande metrópole de Xangai. Na "escola do soldado", bem alinhados, os operários comunistas aprendem o manejo das armas. Os *coolies**, figuras das camadas urbanas mais baixas, forçam as portas de uma loja inglesa. A Segunda Revolução Chinesa começou no sul, em 1925. Durante muito tempo, teve uma imagem clássica: a ascensão de sindicatos e de uniões camponesas, piquetes de greve, manifestações de massa, insurreições regionais... Violentamente reprimida pelos senhores da guerra na Manchúria, no centro e no vale do Yangzi, o movimento operário vê seus direitos reconhecidos no sul, na zona republicana de Cantão. O Partido Comunista Chinês, fundado em 1921, consegue um verdadeiro enraizamento social.

* Trabalhadores assalariados, empregados em alguma colônia. (N. T.)

O PCC e o Kuomintang aliam-se para formar a expedição do norte e reunificar a China sob a bandeira de Sun Yat-Sen. Impelidas por sublevações populares, as forças sulistas progridem rapidamente. Do lado "republicano", porém, o retrato marcial do general Chiang Kai-Chek personifica melhor do que o do doutor Sun, morto em março de 1925, esses anos convulsos de esperanças loucas e terror abjeto, de revolução e contrarrevolução, que dinamizam e depois destroem o campo progressista. Feições severas, crânio raspado, bigode fino e gola alta, Chiang fazia cálculos. Depois de ter dirigido a Academia Militar de Wampoa ao lado do comunista Zhou Enlai e dos instrutores soviéticos, ordenou ao seu exército que exterminasse os revolucionários.

Os sindicatos insurgentes assumem o controle de Xangai, a grande metrópole costeira, e abrem suas portas a Chiang Kai-Chek. É um massacre. Os militantes operários são mortos pelo exército nacionalista, que recebe o apoio de gangues nessa tarefa. A repressão anticomunista estende-se, provocando dezenas de milhares de mortes. O fracasso da Segunda Revolução Chinesa é consumado em dezembro, com o esmagamento da Comuna de Cantão, sublevação do desespero.

A Primeira Revolução Chinesa fechou um capítulo. A segunda, afirmando-se de saída como social e nacional, coloca de maneira aguda a questão do futuro. E do poder. A influência comunista aumenta. Burgueses e proprietários de terras do sul querem pôr um termo à sublevação popular e assegurar o controle sobre o aparelho político-militar nacionalista. O unanimismo republicano dos primeiros tempos não pode resistir a essa polarização social que se afirma no próprio seio do movimento nacional.

Quem dirige, e para o benefício de quem, o combate pela reunificação política e pela independência da China?

Sangrenta, a lição das coisas marca a ferro o movimento comunista chinês: o desafio nacional não escapa à luta de classes. Nem a luta de classes escapa à questão nacional.

1934–1936. Os "vermelhos", o futuro? Quem teria acreditado nisso depois de oito anos de derrotas sucessivas, uma mais custosa do que a outra? Irredutíveis vencidos da história que, no entanto, fornecerão à China seus futuros dirigentes.

A começar, é claro, por Mao Tsé-Tung. Responsável de segundo escalão durante os primeiros anos de expansão do PCC, impõe-se na difícil hora da derrota. Sua autoridade se afirma durante a lendária Longa Marcha e é reconhecida por ocasião da conferência de Zunyi, no início de 1935. Ele já havia passado dos quarenta. Ao posar nessa ocasião, oferece um rosto confiante ao fotógrafo. A seu lado, Lin Biao, catorze anos mais novo que ele, está prestes a se tornar um dos principais dirigentes político-militares do partido. Boina e cabelos compridos, atento: dois anos depois, quando foi fotografado por Helen Foster Snow em Yan'an, Mao já havia se tornado simplesmente a figura-chave do gabinete político comunista.

Se a tenacidade de Mao Tsé-Tung acaba recompensada, é porque ele sabe responder à situação criada pelo fracasso sangrento da Segunda Revolução Chinesa. As lutas sociais haviam sido dissipadas e os militantes, massacrados. Reconciliado com as potência ocidentais, Chiang Kai-Chek persegue até a morte os "bandidos vermelhos". Mas o PCC ainda controla forças consideráveis, a maior parte recuada na República Soviética de Jiangxi. Surge das sublevações e da derrota um Exército Vermelho que conta com 300 mil soldados já no início dos anos 1930!

Mao concebe as condições geopolíticas de um recuo defensivo nesse país-continente; enxerga o combate revolucionário no longo prazo. A visão é audaciosa: deixar as zonas de implantação tradicionais para mergulhar na China profunda, no mundo rural do interior largamente inexplorado; reunir-se nos confins do Norte, mas fomentando uma rede clandestina em todo o território; enraizar-se no conflito de classes e ao mesmo tempo incitar à unidade nacional em defesa da nação ameaçada (já em 1931–1932, o Japão havia ocupado a Manchúria e atacado Xangai); assegurar também a indepen-

dência de decisão do Partido Comunista, sem com isso romper com o mentor soviético. De fato, em Moscou, a burocracia stalinista seleciona lacaios para chefiar os partidos nacionais. Na China, ele se chama Wang Ming; mas à custa de uma luta interminável entre facções no interior do PCC, a direção maoísta neutraliza de maneira eficaz o eleito de Stalin.

Os soldados do I Exército de frente deixaram o sul da China em outubro de 1934 e trilharam 10 mil quilômetros. Um ano depois, dos 86 mil que partiram, não restavam mais do que 4 mil em Xanxi do norte; mas outros grupos militares juntaram-se a eles em Yan'an e, em 1937, o Exército Vermelho contava de novo com aproximadamente 30 mil homens.

Para além das derrotas, quinze anos depois da fundação do Partido Comunista, nasceu uma geração de quadros: aguerrida pelas provas, segura de uma experiência variada, guiará a revolução até a vitória. A mutação maoísta do PCC efetua-se no calor dessa imensa retirada que é a Longa Marcha. No decurso dos confrontos militares, das batalhas políticas e dos combates entre facções, Mao Tsé-Tung reúne a sua volta (uma de suas muitas qualidades) uma verdadeira equipe de direção, constituída não de espantalhos, mas de fortes personalidades: Zhou Enlai, Zhu De, Lin Biao, Deng Xiaoping, Peng Dehuai...

Quanto às relações de confiança travadas entre o PCC e seu "grande irmão" soviético, elas já não eram apropriadas. O rompimento entre Kuomintang e PC anunciava-se claramente desde 1926 e pelo próprio Chiang Kai-Chek. Fora prevista, notadamente por Chen Duxiu na China e pela oposição de esquerda na URSS. No entanto, cega por seus interesses diplomáticos imediatos, Moscou praticamente proibiu que os militantes se preparassem para o confronto. Longe de uma política chinesa de consequências desastrosas, a facção stalinista impõe ao Komintern* seu controle e sua visão burocrática do mundo.

* Termo usado para designar a Terceira Internacional (1919–1943). (N. E.)

O PCC é o primeiro partido comunista a pagar um preço tão alto pela stalinização da Internacional Comunista. E não será o último.

1937. Cidades devastadas por ataques aéreos. Cenas de desolação urbana. Mulheres acocoradas, impotentes diante de suas casas destruídas, ou tentando apagar um incêndio com a ajuda de uma simples bacia de água. Equipes de socorro em apertadas roupas de couro. Imagens universais de dias seguintes a bombardeios.

A Segunda Guerra Mundial começa cedo no Oriente. O Japão invadiu a China. O controle da periferia costeira e da Manchúria não são mais os únicos em jogo. O exército de ocupação penetra profundamente, submetendo ao mesmo jugo os mundos rural e urbano. Os militantes nacionalistas, a começar pelos estudantes, juntam-se ao Kuomintang e à zona livre no sul ou, em número cada vez maior, ao Exército Vermelho e às organizações de frente unida comandadas pelo PCC. As redes comunistas continuam a operar até nos centros costeiros, mas o movimento operário urbano em massa – já exaurido pela repressão exercida pelos senhores da guerra e depois pelo Kuomintang – permanece um bom tempo inerte.

Dois exércitos fazem frente à invasão nipônica, e ainda um ao outro. Até na emergência nacional, a guerra civil preserva seus direitos. Dois exércitos que, para ganhar, teriam de mobilizar o campesinato, ou seja, a parte mais numerosa da China. O Exército Branco, de feitio clássico e sob as ordens de Chiang Kai-Chek, encarna a ordem presente com suas injustiças. O Exército Vermelho, reorganizado nos confins nórdicos do país, em Yan'an, não inspira confiança. Seus quadros não comem acocorados, no chão mesmo, durante as frugais refeições, diante de uma paisagem de colinas deserdadas, na universidade maoísta de formação político-militar? Contudo, esses miseráveis prometem a reforma agrária, além da independência nacional. Respondem às aspirações do camponês pobre, do operário agrícola, do hilário trabalhador pago por dia, do criado de fazenda que percebe que a mudança enfim é possível e que a libertação do país pode ser também a dele. É ao que se apega, ao

longo de anos de guerra e de revolução, o camponês anônimo cujo cartaz, cuidadosamente caligrafado, talvez escrito por um letrado de pés descalços, saúda a vontade do governo popular de conduzir a partilha das terras.

Em vez de açular os vilarejos uns contra os outros, como muitas vezes acontece, dali por diante, no seio do mundo rural, os conflitos opõem pobres e ricos, despossuídos e notáveis. As vítimas da mais extrema miséria exigem um acerto de contas históricas. Reunidos em "assembleias da amargura", os pobres tomam consciência de sua condição comum; derrubam a ordem ancestral dos poderes. Uma forma de modernização que a *gentry** e a burguesia chinesa apreciam pouco.

Uma dúzia de silhuetas contra um fundo de nuvens encarnam no mesmo instantâneo a multidão camponesa e a aurora de uma nova ordem: toda uma iconografia imortaliza assim os soldados trabalhadores do Exército Vermelho. Eles, que manejam tão bem a pá e a enxada quanto o fuzil e a metralhadora. Eles, que constituem um exército com o qual o povo pode identificar-se, ao menos uma vez.

1937–1945. Obrigados pela urgência patriótica, o Kuomintang e o PCC aliam forças para fazer frente às ofensivas nipônicas. Aperfeiçoada, porém, a guerra civil ainda continua no seio da guerra de defesa nacional. Por trás do biombo da frente unida antijaponesa, comandos e exércitos, divididos, preservam sua independência.

Duas estratégias se afirmam, encarnando, ao mesmo tempo, duas concepções militares, duas ambições políticas, dois enraizamentos sociais. Os exércitos de Chiang Kai-Chek recuam progressivamente rumo ao sudoeste e o PCC aproveita para denunciar a negligência, o abandono nacional do Kuomintang. Isso não tira a razão de ser da política do generalíssimo. Ele sabe que um dia a guerra civil explodirá de novo sem nenhum impedimen-

* Em inglês, pequena nobreza. (N. T.)

to; usa o espaço chinês para manobrar num lento recuo e assim preservar, numa perspectiva de classe, sua capacidade militar. Também antecipa a entrada em combate dos Estados Unidos e conta com a derrota de Tóquio no teatro de operações Ásia-Pacífico, correlata da derrota alemã na Europa. Nessa expectativa, ele ganha tempo. Tempo e espaço.

A direção maoísta também faz bom uso disso. Em vez de recuar para sudoeste, infiltra seu exército na retaguarda japonesa a nordeste, arriscando-se a desguarnecer mais uma vez suas bases de apoio. Como em 1934, o movimento é arriscado, a visão audaciosa – e vantajosa. O PCC desenvolve ações de guerrilha além da linha de frente; procura ativamente o contato com as forças nipônicas e ganha prestígio nacional com isso. Colocando-se fora do alcance das tropas do Kuomintang, tem toda a liberdade para afirmar sua autoridade numa parte da China bem menos excêntrica que Yan'an; assim, em 1945, administra zonas libertadas povoadas por 100 milhões de habitantes. Clama, enfim, pela reforma agrária, dando um conteúdo social à libertação nacional.

1945–1949. Sangrado até a morte pela resistência popular na China, rechaçado pelos Aliados, o Japão imperial sofre na carne o duplo holocausto nuclear de Hiroshima e Nagasaki. Na China, o fim do conflito mundial deixa face a face dois Exércitos, o Branco e o Vermelho. Os números têm a dimensão do país: Chiang Kai-Chek une 4 milhões de homens, muito bem equipados, sob a sua bandeira. Mas o PCC ressurge de longe: suas forças armadas já contam com 1 milhão de recrutas.

Os dois campos sabem que a guerra é inevitável; porém, num país exaurido pelo conflito sino-japonês, têm antes de estabelecer conversações de paz. Iniciam as negociações em Chonqing. Washington representa os intermediários. Podemos ver o embaixador norte-americano Patrick Hurley sendo recebido na saída do avião, em território "vermelho", por Mao e Zhou Enlai, todos sorridentes. No entanto, não há lugar para ilusões. Em outro instantâneo de 1945, braço erguido, indicador estendido, Mao discursa para seu exército, já evocando essa "marcha rumo ao sul" que alguns anos depois o conduzirá à vitória.

O regime militar de Chiang Kai-Chek tem mais de uma carta na manga: a vantagem do número, do material, da logística norte-americana, o controle exclusivo do espaço aéreo, o reconhecimento diplomático, a presença ativa dos Estados Unidos, que garantem por ar e mar o transporte dos exércitos para o nordeste, a fim de que as cidades tomadas dos japoneses não passem para o controle comunista.

É claro que, depois de uma declaração de guerra muito tardia contra o Império do Sol Nascente, as tropas soviéticas penetram na Manchúria, mas com o objetivo de fortalecer o *status* da URSS e não para ajudar o PCC a tomar o poder. Nas conferências de Potsdam e de Yalta, os "grandes" definiram suas zonas recíprocas de influência. Para Moscou, que não perguntou a opinião dos "partidos irmãos" envolvidos, a Indochina e a China pertencem ao campo "ocidental". Stalin não deseja nem acredita na vitória de uma revolução na Ásia.

Era não contar com a independência de decisão das direções comunistas vietnamita e chinesa. E esquecer quanto a crise revolucionária altera os cenários e inverte a própria lógica das relações de força.

Numa guerra clássica, o Kuomintang sairia vencedor, mas tratava-se de uma revolução. Crise econômica, nepotismo autocrático e corrupção minam o regime de Chiang Kai-Chek, consumem sua autoridade até nos grandes centros urbanos – onde a implantação comunista, no entanto, ainda é fraca –, mesmo entre as classes médias, tomadas de pânico diante de uma inflação que acaba provocando a ruína do sistema financeiro. Dezembro de 1946: há uma corrida ao ouro em Xangai. Imensas filas de pequenos poupadores se formam na frente dos bancos para conseguir, antes que não sobrasse mais nada, os quarenta gramas do precioso metal prometido pelo Kuomintang. Ninguém quer arriscar perder o lugar. Os corpos encastram-se realmente uns nos outros. Os rostos são tensos. Curiosamente, parece reinar um ar de ordem, contudo os tumultos fazem uma dezena de mortos nesse dia.

As mobilizações estudantis anti-imperialistas recomeçam: em 1947–1948, desenha-se de fato uma aliança internacional entre o Kuomintang, os Estados Unidos e... o Japão! De novo, o PCC encarna a salvação nacional tanto quanto a reivindicação social. Depois de muito tempo apáticos, os operários (são 2 ou 3 milhões, pouco politizados) entram em greve e conseguem que os salários tenham uma escala móvel. Nos campos, como um rastro de pólvora, a sublevação pela reforma agrária estende-se de norte a sul.

Uma vez declaradas as hostilidades, o PCC vence em apenas três anos: de 1946 a 1949. A derrota do Kuomintang se mostra política e social, mais do que militar. O Exército Vermelho avança, impulsionado por levantes rurais insurrecionais, acolhido com esperança nos centros urbanos onde a população vê com curiosidade esses soldados revolucionários que pouco lembram aqueles por quem tantas vezes foi espoliada: sentados no chão de uma avenida, com as pernas cruzadas, carregam a ração de arroz a tiracolo, em sacos brancos. Frugais, levam nas costas todo o necessário para sua sobrevivência.

De Cantão a Jiangxi, de Yan'an ao Nordeste, a direção comunista completa um longo périplo. Em 10 de outubro de 1949, a República Popular da China é proclamada em Pequim.

Derrotado, Chiang Kai-Chek retira-se com armas e bagagens para a ilha de Taiwan. Durante muito tempo, aos olhos das Nações Unidas, seu governo será o único a representar a China.

1919–1950. Trinta anos se passaram desde o surgimento do marxismo chinês. Pena que o fermento intelectual não possa ser imortalizado pela fotografia tão facilmente quanto uma guerra. Como fazer visualmente justiça ao Movimento 4 de Maio de 1919?

Ele tem por prelúdio as discussões apaixonadas que a vitória nipônica na extrema Sibéria, em 1905, durante a guerra russo-japonesa – faísca que causou um primeiro incêndio revolucionário na Rússia –, provocou entre os estudantes chineses de além-mar. O Oriente pode vencer o Ocidente!

Ao menos desde que assimilasse suas técnicas, mudasse seu regime político. Em que medida essa modernização implica também uma ocidentalização? A pergunta está no centro dos debates anteriores a 1911. Reaparece em 1919. De fato, na conferência de Versalhes, as grandes potências rejeitam as exigências da delegação chinesa: os privilégios alemães em Xandong são transferidos para o Japão, em vez de serem restituídos à China.

Como responder à humilhação?

O Movimento 4 de Maio serve de cadinho para o debate de ideias. A Revolução de Outubro na Rússia não prova que a salvação nacional passa pela revolução social? Uma nova *intelligentsia* de protesto se forja e volta sua atenção, em parte, para os bolcheviques.

O marxismo chinês molda-se em torno de Chen Duxiu e Li Dazhao. O primeiro, mais universalista, empresta do pensamento ocidental elementos com que pudesse dar corpo a uma revolta libertadora contra a ordem confuciana. O segundo, mais nacionalista, busca na autenticidade cultural do país as forças para uma necessária resistência anti-imperialista. Devemos ver no par Chen e Li duas opções irredutivelmente opostas ou antes a expressão de uma tensão inerente a qualquer comunismo revolucionário na China? A introdução de referências marxistas ajuda a *intelligentsia* chinesa a definir uma alternativa para a ordem tradicional e a compreender o mundo contemporâneo moldado pelo capitalismo. No entanto, o marxismo não conseguiria romper sua marginalidade, abandonar os círculos intelectuais modernizadores, enraizar-se no universo chinês e tornar-se realidade política se não se "sinizasse", se não encontrasse suas raízes na civilização do país onde foi acolhido: uma dialética no Tao, uma sociologia dos poderes no confucionismo, uma concepção dinâmica da ação militar em Sun Tzu, por exemplo.

Há, então, ocidentalização do pensamento chinês e ao mesmo tempo desocidentalização do marxismo.

Mesmo "sinizado", o comunismo não se tornou menos plural na China, como em qualquer outro país. Antes das derrotas de 1927, o Partido Comunista havia se aberto para correntes libertárias e seu regime interno se pretendia democrático, sob o impulso de Chen Duxiu. Depois de esmagada a segunda revolução, durante muito tempo este último se sentiu politicamente próximo de Trotski: nascia uma oposição de esquerda na China. Nesses tempos de confrontos militares, sofrendo uma tripla repressão (do Kuomintang, dos senhores da guerra e também do PCC), enfraquecido pelas divisões internas e pela dificuldade de definir uma orientação adequada à situação, o trotskismo não pôde nem soube alçar voo na China. Mas nem por isso deixou de encarnar essa diversidade inerente à referência marxista, mesmo em terras asiáticas.

O próprio PCC nunca foi tão monolítico como reza a lenda; sempre foi teatro de importantes lutas de facções. Do mesmo modo, o "Desabrochar de Cem Flores", nos anos 1950, exprimiu uma espetacular vitalidade pluralista – a tal ponto que Mao teve de pôr fim, brutalmente, a uma abertura liberal que ele mesmo havia iniciado.

A fascinante figura de Mao Tsé-Tung não personifica o marxismo chinês "em geral", mas o marxismo nascido numa conjuntura histórica concreta, originária da década de 1925–1935. Muito menos encarna o comunismo do Terceiro Mundo, da África à América Latina. Nenhum modelo pode conter decididamente a diversidade das experiências, das linhas revolucionárias.

No dia seguinte à vitória, duas primeiras leis fundamentais são adotadas pelo novo regime. Concernem à reforma agrária e ao casamento. De fato, a mobilização das mulheres – e singularmente das mulheres rurais – marcou de maneira profunda, durante várias décadas, a luta revolucionária. Pela igualdade e pelo direito à educação, e contra a violência doméstica, o direito de pernada* e a ordem patriarcal confuciana. Um desses numerosos domínios em que a aspiração revolucionária conduz a uma modernização radical.

* Direito de possuir a mulher de um servo em sua noite de núpcias. (N. T.)

Hoje, a imagem da guerrilheira está na moda, mas são raras as fotografias que fazem realmente justiça ao combate das chinesas para se apropriar da revolução em curso. O clima invernal é rude na China setentrional. A coluna avança a pé, bem agasalhada, atrás de mulas carregadas: uma delegação da Associação das Mulheres vai inspecionar o *front* militar em 1939. Estudantes de Xangai manifestam-se contra o mercado negro, dez anos depois. A objetiva as capta no momento em que passam diante do arranha-céu do banco Soong, o maior estabelecimento financeiro do país, de propriedade do sogro do marechal Chiang Kai-Chek. China do norte ao sul. China rural ou urbana. China dos pobres e das classes médias. Mulheres em luta, de toda China.

Com o correr dos anos, as concepções maoístas oscilaram – muito liberais em Jiangxi, mais conservadoras em Yan'an. No entanto, foram criadas células de mulheres nos povoados. As camponesas organizaram suas próprias "assembleias da amargura" em que acusavam os maridos violentos; armadas de bastões, chegavam por vezes a surrar gravemente um esposo que não queria entender que os tempos mudavam. Engajadas em todas as frentes, as chinesas fizeram por merecer a lei do casamento...

Uma verdadeira revolução, portanto, que deu origem à primeira República Popular do Terceiro Mundo (pouco depois, declarou-se socialista). Mas na qual, ao menos depois dos massacres de 1927, camponeses e mulheres tiveram um papel mais central que a classe operária.

O partido maoísta frustra os prognósticos. Reconstruído do interior do Exército Vermelho, imerso nos campos e largamente distante das cidades, não devia ter se tornado, necessariamente, um simples movimento camponês de guerrilha, ameaçando afundar no banditismo e ser incapaz de qualquer visão política nacional, de qualquer dinamismo histórico?

No entanto, o partido continuou a se subordinar ao Exército – a confiar no fuzil, para retomar a fórmula de Mao. Ele soube definir suas orientações com fineza, em função tanto dos dados nacionais como internacionais. Até

em sua concepção de reforma agrária, afirmou uma percepção de longo prazo, ultrapassando de imediato o horizonte fechado do meio rural. Assim que teve ocasião, concentrou-se de novo nas grandes metrópoles urbanas. Impulsionou o desenvolvimento dos sindicatos (mantidos, é verdade, sob seu controle) e assegurou para parte importante da classe operária – os trabalhadores permanentes das empresas estatais – um estatuto invejável, garantindo emprego por toda a vida e renda.

Perpassando os acasos históricos, o PCC continuou o partido da revolução – da Revolução Chinesa, bem entendido. Mas tornou-se também o partido de uma nova burocracia de estado que emergia nessas imensas zonas libertadas, administradas antes de 1945, e, em seguida, impôs progressivamente sua lei à jovem República Popular. Esse conflito íntimo entre dinamismo revolucionário e conservadorismo burocrático constitui uma das principais "contradições internas" do maoísmo no poder, do Partido-Estado. Ele esclarece muitos aspectos das crises que sacudirão o regime: repressão do Desabrochar de Cem Flores e fracasso do Grande Salto Adiante, esfacelamento da direção coletiva constituída em torno de Mao e tormentos da Revolução Cultural.

O país é coberto de estátuas gigantes do Grande Líder. Sintoma de um câncer que corrói o regime, o culto a sua personalidade, originalmente pensado para contrabalançar o de Stalin, floresce até o delírio dos anos 1960.

Nem por isso o alcance internacional da revolução maoísta deixa de ser enorme. Pelas questões e pelos elementos de respostas que propôs com relação ao curso possível das lutas de libertação nacional ou às vias de desenvolvimento de uma sociedade de transição no Sul. Pela alteração das relações de força geopolíticas que provocou. Desde os anos 1930, a Ásia Oriental entrou em pé de igualdade na arena política mundial: do lado do bloco imperialista, o Japão imperial afirmou suas ambições diante do Ocidente; do lado do bloco soviético, o PCC impôs sua independência política diante de Moscou.

Desde 1949, a importância crucial dessa região nunca se desmentiu.

Cronologia

1830-1842: Guerras do ópio.

1850-1864: Revolta dos Taiping.

1905: Vitória nipônica na guerra russo-japonesa.

1911-1912: Primeira Revolução Chinesa (republicana).

1914-1918: Primeira Guerra Mundial.

1917: Revolução Russa.

1919: Conferência de Versalhes. Movimento 4 de Maio.

1921: Fundação do Partido Comunista Chinês (PCC).

1923-1927: Frente unida Kuomintang e PCC.

1925-1927: Segunda Revolução Chinesa.

1926-1927: Expedição do Norte.

1927: Massacre de Xangai.

1927-1937: Guerra civil opondo Kuomintang e PCC.

1929-1934: República Soviética do Jiangxi.

1931-1932: O Japão ocupa o nordeste, ataca Xangai.

1934-1935: A Longa Marcha.

1937-1945: Guerra sino-japonesa. Frente unida antijaponesa Kuomintang e PCC.

1939-1945: Segunda Guerra Mundial.

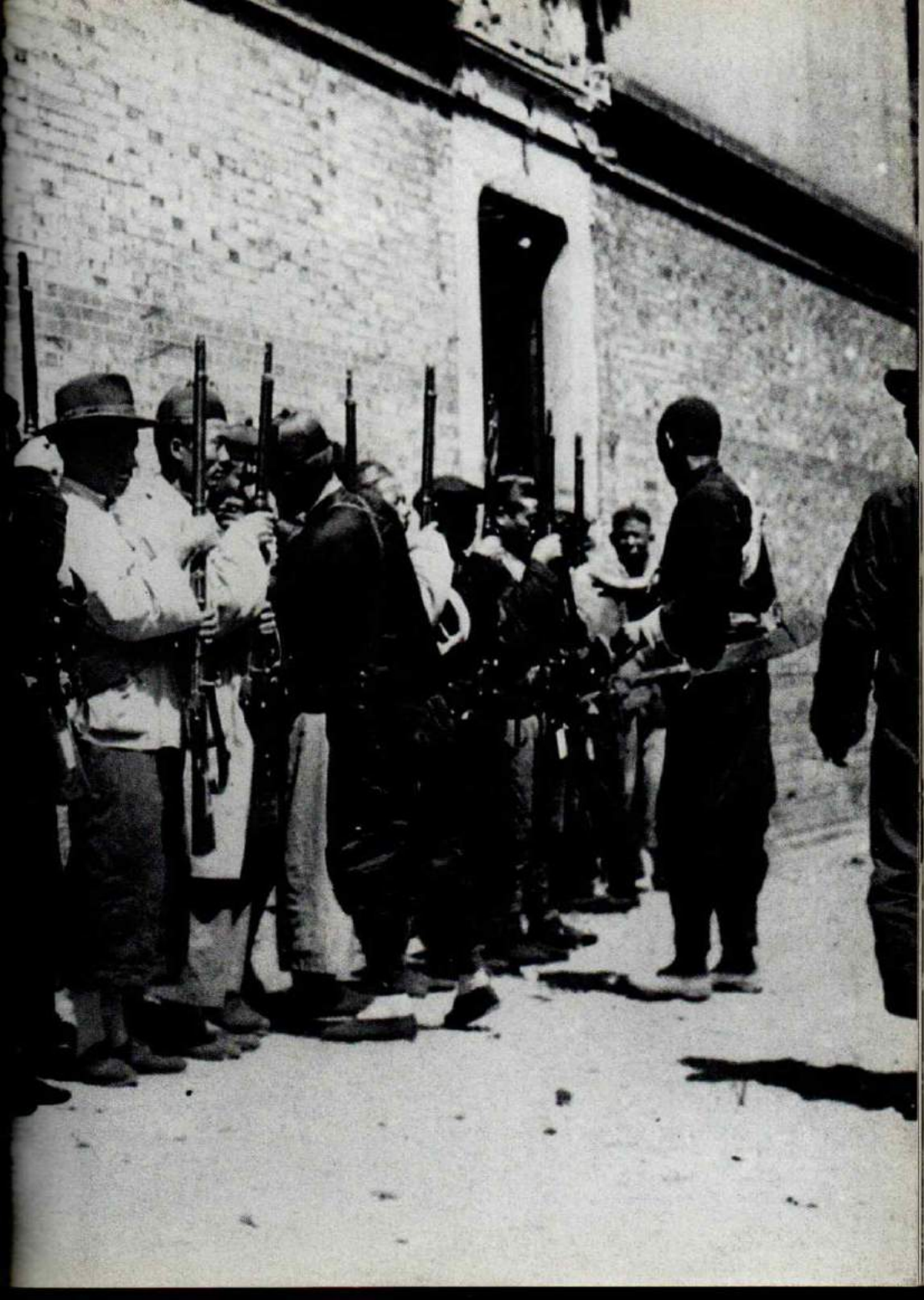
1945: Holocausto atômico em Hiroshima e Nagasaki. Capitulação do Japão na Segunda Guerra Mundial.

1946-1949: Guerra civil opondo Kuomintang e PCC.

1949: Vitória da Terceira Revolução Chinesa (comunista). Fundação da República Popular da China (1º de outubro).

1950: O Kuomintang retira-se para Taiwan. Tratado sino-soviético.

1950-1953: Guerra da Coreia.



Dois jovens chineses foram degolados porque não usavam trança, sinal de sujeição à ordem manchu, em 1911.

Página dupla anterior: Na "escola do soldado" de Xangai, operários comunistas aprendem a manusear armas, em 1927.

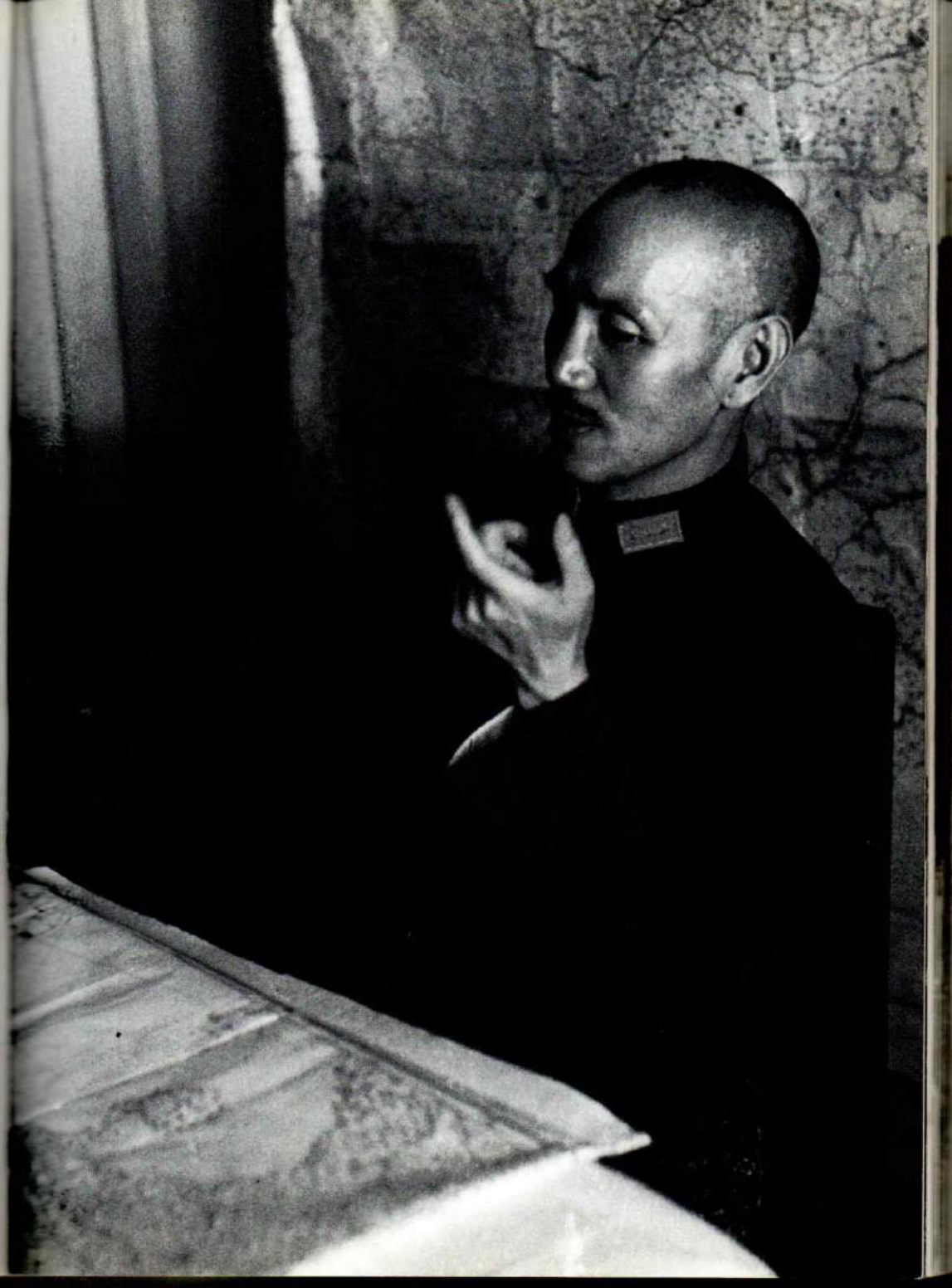
O atraso no pagamento dos salários provoca cenas de pilhagem em Nankin. Em 12 de abril de 1912, os líderes da revolta, condenados à pena capital, são conduzidos à morte.

Viagem de inspeção de Sun Yat-Sen, presidente da República, a Xangai, em 1912.

As tropas rebeldes de Sun Yat-Sen vigiam um comboio de armas, em 1911.

Após a distribuição de arroz, uma menina apanha os grãos do chão com sua vassourinha.

Ao lado: Chiang Kai-Chek assistindo a uma reunião do Conselho Superior de Guerra em Hankou, em 4 de julho de 1938.



No alto: Diante de Hankou, chineses tentam pescar panfletos revolucionários atirados ao mar pela Marinha inglesa, em junho de 1927.

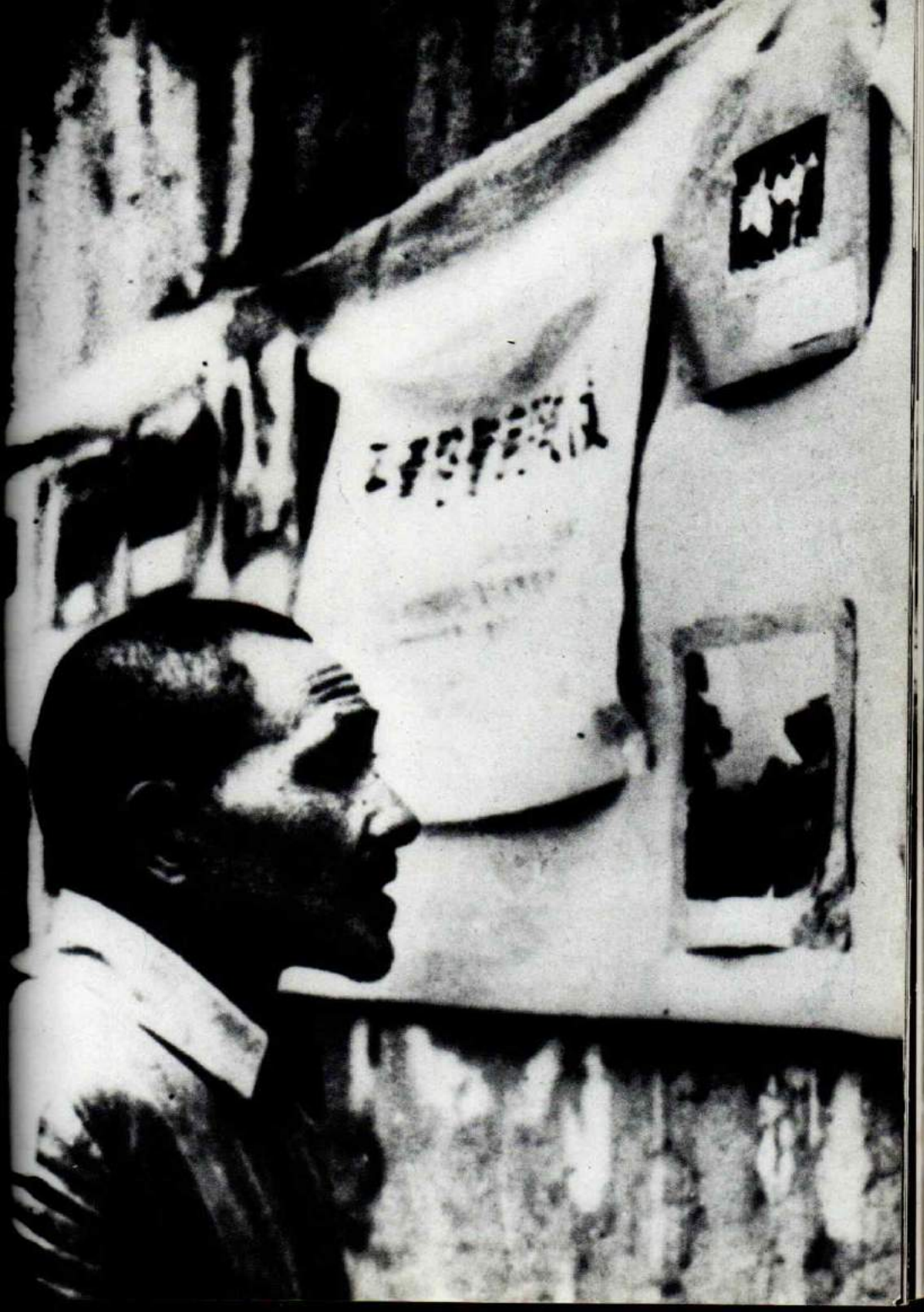
Abaixo: Um cruzador japonês na baía de Xangai, em abril de 1927.

As concessões internacionais em Xangai são protegidas por cercas de arame farpado, em 1927.

Lin Biao (à esquerda) e Mao Tsé-Tung após a conferência de Zunyi, em janeiro de 1935.

Ao lado: Na primavera de 1938, durante a guerra sino-japonesa, Deng Xiaoping exorta os combatentes do condado de Licheng, província de Xanxi, a mobilizar-se.

Página dupla anterior, *da esquerda para a direita*: Zhou Enlai, Mao Tsé-Tung e Lin Biao na cidade de Yan'an, em 1939.



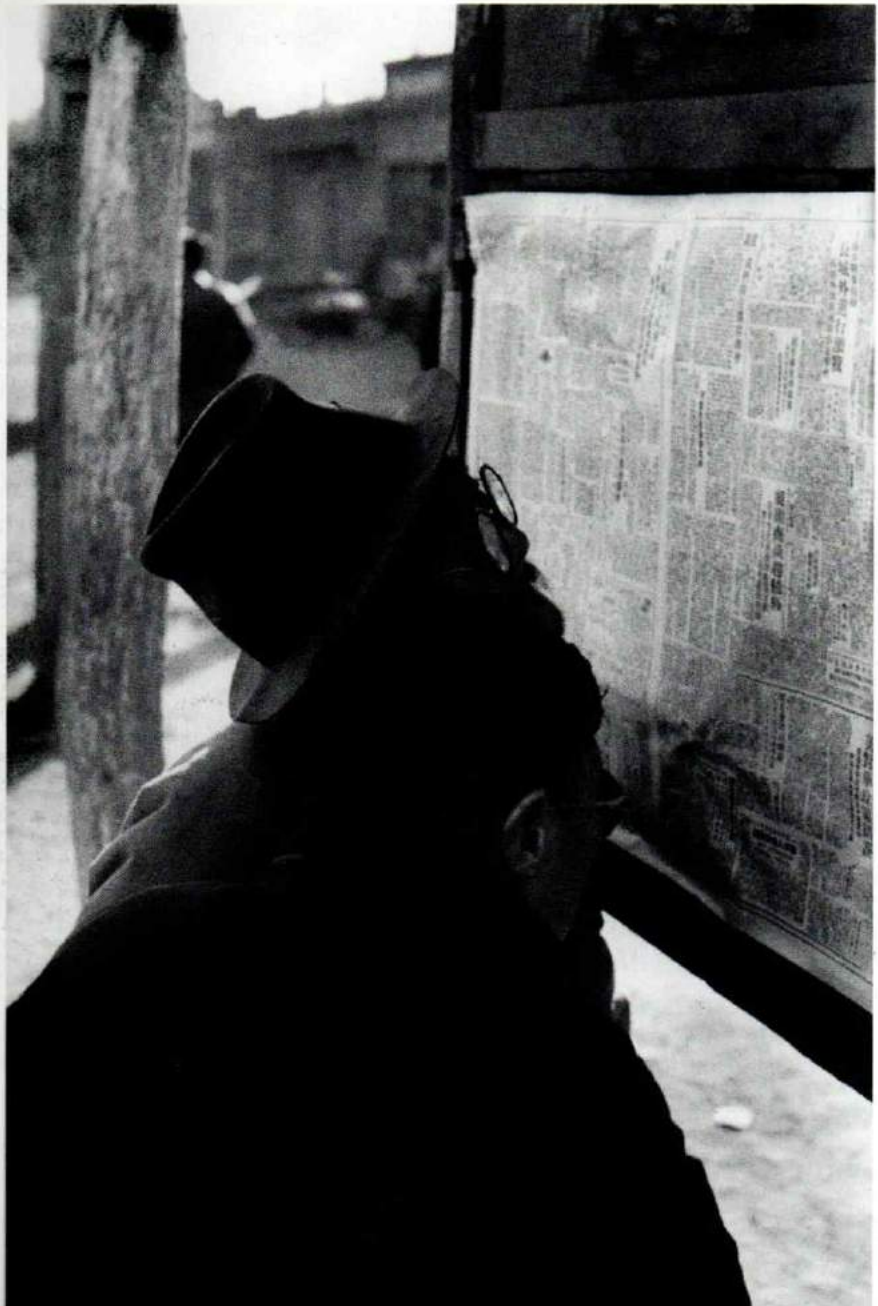
No alto: Mao Tsé-Tung inspeciona as tropas do VIII Exército Comunista, estacionado em Yan'an.

Abaixo: Membros de uma escola especial para formação de chefes políticos e militares do Partido Comunista Chinês na hora da refeição, em 1938.

Após a rendição japonesa, os Estados Unidos supervisionam as negociações entre o Kuomintang e o PCC. *Da esquerda para a direita*: Zhang Zizhong, Mao Tsé-Tung, Patrick Hurley, Zhou Enlai e Wang Ruo-Fei, de partida para Chongqing, em 1945.

Páginas 352-3: Soldados do VIII Exército preparam a terra das zonas desérticas da região de Yan'an para o cultivo, em 1941.

Página 354-5: Após ataque das forças aéreas japonesas contra Hankou, um morador tenta apagar um incêndio, em 1938.



Dois homens leem as notícias do dia em Pequim, em 1948.

Uma casa de chá em Pequim, em 1949.

Páginas 358-9: Voluntários e estudantes da província de Hebei, armados apenas com lanças ornadas com galões vermelhos, partem ao encontro do Exército Vermelho, em 1939.

Páginas 360-1: Diante da inflação, a população tomada de pânico tenta trocar dinheiro por ouro em Xangai, em 1948.

O Exército Popular de Libertação é recebido pela população em Xangai, em 1949.

A chegada do Exército Comunista a Xangai obriga Chiang Kai-Chek a fugir, deixando para trás a cidade em ruínas e atormentada pela fome, em 1949.

No alto: Desfile comunista em Xangai, em junho de 1949.

Abaixo: Conduzidas pela senhora Chen Poer, uma delegação de mulheres chinesas vai inspecionar o *front* do Norte, em 1939.

Ao lado: O culto à personalidade desenvolve-se em torno da figura de Mao Tsé-Tung.

1936

A Guerra Espanhola

Gilbert Achcar

A Guerra Espanhola

A monarquia espanhola está tão doente em 1931 que bastam as eleições municipais para convencer Afonso XIII a abandonar o poder: logo após as eleições de 12 de abril – vencidas nos centros urbanos do reino por uma coalizão republicana das mais heteróclitas, indo do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) e sua central sindical, a União Geral dos Trabalhadores (UGT), aos republicanos de última hora, passando pelos separatistas da Catalunha e do País Basco –, o rei parte para o exílio, cedendo o poder aos vencedores do escrutínio. Decisão prudente, já que logo no dia seguinte às eleições municipais os anarquistas da principal força sindical do país, a Confederação Nacional do Trabalho (CNT), e seu núcleo político, a Federação Anarquista Ibérica (FAI), convocaram greve geral para derrubar a monarquia.

O país está sob forte tensão. Numa rua deserta de Barcelona, veem-se membros da Guarda Civil e inspetores da polícia política revistar homens que se dirigem até eles com as mãos para o alto, sob a ameaça dos fuzis. Eles saem de um edifício que abrigava a sede de um partido republicano, cuja fé na vitória é proclamada por um painel eleitoral, na sacada do primeiro andar: "*La victoria: seguros*".

A coalizão republicana confirmará a vitória, com larga vantagem nas eleições de 28 de junho para a Assembleia Constituinte, num momento em

que a situação social, levada a fogo brando havia anos, começa a atingir seu ponto de ebulição. Desde abril, os anarquistas – que não se reconhecem nessas vitórias obtidas por escrutínio, o qual boicotaram – vêm realizando greves, assim como ações anticlericais. Para eles, a queda da monarquia é somente o prelúdio de uma revolução social que eles se esforçam para estimular por meio da ação direta, levando a um embaraço indubitável uma coalizão republicana dividida entre a esquerda socialista e a direita burguesa, e que o republicano de centro-esquerda Manuel Azaña mal consegue manter unida.

Ministro da Guerra no governo provisório, Azaña torna-se presidente do Conselho em outubro. Uma fotografia o mostra assistindo a uma parada militar: ele olha para o relógio, parece aborrecer-se entre oficiais superiores de uma casta formada sob a monarquia. Tranquilizar o Exército e os homens de negócios, essa será a grande preocupação de Azaña, auxiliado em seus esforços pelo dirigente da ala direita do PSOE, Indalecio Prieto, ministro das Finanças no governo provisório, que vemos ser saudado por um destacamento de carabineiros ao chegar à sede da prefeitura de Madri.

O grande abismo entre a pressão social, operária e camponesa, canalizada pelos anarquistas, e as exigências da burguesia e dos militares se revelará insustentável no longo prazo. Tal é o quadro em que se desenrola a Revolução Espanhola. As lutas sociais endurecem cada vez mais, sem que as reformas adotadas sob pressão pelo governo consigam acalmá-las. Assim, a lei de reforma agrária, adotada em setembro de 1932, não pode impedir que os distúrbios se estendam para o interior. Tampouco a repressão, como a brutal eliminação, em janeiro de 1933, da comuna anarquista de Casas Viejas, na região de Cádiz, quando cerca de trinta militantes morreram no incêndio da casa onde haviam se refugiado. São seus cadáveres que vemos estendidos no chão, no cemitério, diante das expressões enojadas dos repórteres e dos policiais.

O massacre de Casas Viejas acentuou as divisões no interior da esquerda, assim como no próprio PSOE. A coalizão acabara implodindo e os repu-

blicanos de centro-esquerda e os socialistas participam em fileiras separadas das eleições parlamentares de novembro de 1933, quando são derrotados pela direita conservadora. A partir de então, os conflitos sociais e políticos se agravarão, tanto mais que a direita inicia imediatamente o desmantelamento das reformas introduzidas pelo governo precedente. A repressão também se intensifica, já que agora estava livre das inibições devidas às relutâncias políticas do governo de esquerda. Imagem inquietante a do auto de fé da literatura "extremista" imposto pela Guarda Civil, em dezembro de 1933, eco direto do que estava acontecendo ao mesmo tempo na Alemanha do chanceler Hitler e eco longínquo da Inquisição ibérica, à qual remonta o próprio termo auto de fé.

O ciclo de greves, insurreições e repressão continuará cada vez mais intenso, até culminar, em outubro de 1934, no levante dos separatistas catalães e na insurreição dos mineiros asturianos, ambos severamente reprimidos. A comuna revolucionária, proclamada em 5 de outubro pelos operários das minas de carvão da região de Oviedo, nas Astúrias – com a participação de toda a esquerda radical, inclusive dos socialistas, levados por sua ala esquerda –, é brutalmente esmagada alguns dias depois, com a intervenção da Legião Estrangeira e de unidades marroquinas. Essa terrível repressão, do comando da qual participa o general Franco, faz mais de mil mortos e termina com a prisão de vários milhares de pessoas em todo o país (entre 20 mil e 30 mil, segundo as estimativas). À frente da coluna de mineiros de boinas bascas, detidos num bosque e conduzidos pelos homens da Guarda Civil, marcha com orgulho e determinação uma mulher de avental listrado; na quarta fila, um jovem mineiro ostenta um sorriso largo, são operários que ainda confiam naquilo que o futuro lhes reserva.

Os tribunais militares, instituídos para o julgamento das pessoas detidas, surgirão ao longo dos meses seguintes. Os quatro militantes que comparecem diante do Conselho de Guerra serão condenados à prisão perpétua. Em outra fotografia, vê-se Francisco Largo Caballero diante do tribunal: o dirigente histórico do PSOE tornou-se figura de proa da ala esquerda de

seu partido. Ele assumiu a responsabilidade política pela insurreição das Astúrias. A detenção aumentará consideravelmente a popularidade desse que será chamado de "Lenin espanhol".

Enquanto a direita no governo se enreda em crises ministeriais e escândalos financeiros, a campanha democrática unitária da esquerda republicana, no outono de 1935, ganha enorme amplidão, como mostra o gigantesco encontro de Madri em que Azaña se dirige a uma multidão estimada em 350 mil pessoas. Para tentar sair da instabilidade governamental, o Parlamento acabará dissolvido em janeiro de 1936 e novas eleições serão convocadas para o mês seguinte. Uma Frente Popular composta pelos republicanos dirigidos por Azaña, pelos socialistas, pelos comunistas, pela esquerda separatista e até mesmo pelos "trotskistas" – ou ao menos tidos como tal – do Partido Operário de Unificação Marxista (Poum) foi criada nessa perspectiva, com um programa social moderado e a exigência de anistia para todas as pessoas implicadas nos acontecimentos de outubro de 1934.

Nas eleições parlamentares de 16 de fevereiro de 1936, a Frente Popular consegue uma vitória retumbante, com larga maioria de cadeiras no Parlamento, o que permite a Manuel Azaña voltar à frente do governo espanhol, antes de se tornar presidente da República, em maio. A anistia é decretada em 22 de fevereiro e, nesse contexto de júbilo popular, os prisioneiros políticos são libertados, como mostram as fotos da multidão diante da prisão de Barcelona e no trajeto triunfal de Lluis Companys, presidente do Governo da Catalunha, preso com seus ministros após o levante separatista. Ou ainda a foto de Dolores Ibárruri, a célebre Pasionaria comunista, discursando num encontro de massa em Madri, depois de sua libertação: ela havia sido condenada a quinze anos de prisão após a insurreição das Astúrias.

Mais uma vez, a vitória eleitoral da esquerda serve de catalisador para a radicalização social e política. Dessa vez, porém, a radicalização divide de imediato as fileiras da esquerda: contra a vontade de Prieto, os socialistas dirigidos por Largo Caballero se recusam a participar do governo

de Manuel Azaña, ou do sucessor que havia designado após sua eleição à presidência, Santiago Casares Quiroga. O gabinete restringe-se então aos republicanos de centro-esquerda, enquanto os partidos de esquerda da Frente Popular tentam disputar o terreno da radicalização social com os anarquistas, numa espécie de competição iniciada logo no dia seguinte às eleições de 1936.

Os stalinistas do Partido Comunista Espanhol (PCE), galvanizados pela popularidade de sua Pasionaria, aproveitam igualmente da legitimação que lhes foi assegurada pela guinada radical da ala esquerda do PSOE. A foto de um encontro numa sala de cinema, em que Largo Caballero aparece discursando, ilustra bem o fato: "Viva a frente única", clama uma faixa vermelha no centro da qual impera Marx, com Lenin à esquerda e Pablo Iglesias, fundador do Partido Socialista Espanhol e da UGT, à direita; "Viva a união marxista", proclama outra, e "Viva o marxismo revolucionário", diz a terceira, cada qual ostentando a foice e o martelo dos comunistas e a estrela da Juventude Socialista. Esta se funde às juventudes comunistas em abril de 1936, dando origem à Juventude Socialista Unificada (JSU), que não tardará a cair no poder do PCE. Uma operação similar, com resultado político idêntico, ocorre na Catalunha: em julho, surge o Partido Socialista Unificado da Catalunha (PSUC), pelo qual os stalinistas absorverão os socialistas catalães.

A primavera de 1936 assiste à rápida escalada das tensões sociais e políticas, com o endurecimento da direita. A celebração do quinto aniversário da proclamação da Segunda República é perturbada por um atentado a bomba em Madri e leva a confrontos entre militantes da esquerda e membros do partido fascista das Falanges. Desde maio, as lutas operárias e camponesas atingem novos picos nas principais cidades e regiões do país. Esses operários, que de punhos erguidos e sorriso nos lábios colocam um vagão na frente da entrada da fábrica, depois de expulsar os diretores, ilustram bem a confiança renovada dos trabalhadores. As organizações sindicais e políticas dos trabalhadores são a única base real em que o governo pode apoiar-se.

Situação intolerável para a direita e para as classes dominantes, que leva os meios conservadores, reacionários e fascistas do exército a unir-se e arriscar todas as fichas. A vitória eleitoral da Frente Popular na França, na primavera de 1936, só fez aumentar suas angústias e os estimulava ainda mais a agir. Em 17 de julho, as unidades do Exército localizadas nas possessões espanholas no Marrocos rebelam-se contra o governo de Madri, seguidas, em 18 de julho, por uma insurgência militar no próprio território espanhol. Sairá vitoriosa inicialmente no oeste da Andaluzia, com a tomada de Sevilha e de Cádiz, e no norte do país, onde toma o controle das províncias da Galícia, Leão, Castela Velha, Navarra e de uma parte de Aragão. A foto de civis alinhados debaixo de sol, com as mãos na cabeça, na aldeia de Urtrera, nos arredores de Sevilha, enquanto soldados os submetem à revista, é uma imagem clássica dos *putsche* [golpes] militares do século XX.

A insurgência é posta em xeque nas outras regiões, em especial nas duas maiores cidades do país, a capital Madri e a metrópole catalã, Barcelona. Nelas, como em outras regiões que se mantêm leais, os sindicatos e os militantes dos partidos de esquerda têm papel decisivo no abortamento do *putsch*. As mesmas cenas se repetirão por todo lado, à imagem dessa foto, tirada no dia 18 de julho em Madri, em que dois milicianos posam diante de uma das numerosas limusines requisitadas pelas organizações operárias e transformadas em veículos militares, enquanto uma mulher sentada, na frente do carro, ergue o punho na janela. Ou, ainda, a imagem dessa barricada de paralelepípedos erigida em Barcelona, atrás da qual se encontra uma amostra bastante representativa das faixas etárias nas milícias populares: jovens, menos jovens e muito jovens. Os milicianos improvisados parecem se divertir como num tiro ao alvo de quermesse.

Quando o primeiro ministro Casares Quiroga se demitiu, outro membro da esquerda moderada lhe sucede em 19 de julho: José Giral, que aceitou a condição imposta pelos dirigentes socialistas, a saber, a distribuição de armas aos sindicatos e às milícias de esquerda. Imediatamente, 50 mil fuzis são postos à disposição das organizações populares de Madri, mas sem as cula-

tras. Estas se encontram no quartel de Montaña, ocupado por militares insurgentes e milicianos falangistas. Em 20 de julho, o quartel é tomado de assalto pela esquerda madrilena, o que leva a imagens inversas daquelas que precederam: agora, são os militares uniformizados – no caso, oficiais de Montaña – que levantam as mãos para o alto e os civis armados quem os escoltam. Os que marcham adiante, segurando o fuzil com ambas as mãos, estão de terno e gravata! Os novos ocupantes do quartel se parecem muito pouco com os antigos: no pátio, um miliciano que aparenta se divertir, ao lado de uma orgulhosa *mamá* com uma menina no colo. A pequena ergue o punho esquerdo e segura com a mão direita uma pistola automática, pelo tempo de posar para uma fotografia... que chegou até nós.

A estreita imbricação entre a Igreja e o Estado monarquista e conservador na Espanha, assim como a força anticlerical do movimento anarquista, fizeram que as explosões revolucionárias dos anos 1930 se voltassem regularmente contra o clero e os edifícios e símbolos religiosos. A angústia criada pela insurgência militar de julho de 1936 acentuará ainda mais os comportamentos de extravasamento antirreligioso, não isentos de certa forma de superstição, pois associava-se manifestamente ao exorcismo. É o caso desses milicianos que parecem ter prazer em cometer um "sacrilégio", exibindo diversos objetos tirados de uma igreja, e ainda mais claramente o desses homens que atiram contra uma imagem de Cristo, perto de Madri, tal qual um pelotão de fuzilamento. A mulher que os observa, com as mãos nos quadris, provavelmente deve estar pensando com seus botões que eles não passam de grandes crianças.

Apesar de tudo, nessa Guerra Civil Espanhola, que está apenas começando, mas produzirá massacres horrendos e muita violência de parte e outra, as mulheres estão nas primeiras filas, no campo da esquerda, em sua primeira fase. No entanto, não é o que se deduz dessa fila de espera em Barcelona, em frente ao cinema Havaí, transformado em escritório de alistamento das milícias operárias. Vemos apenas homens e, como que para acentuar o tom machista, os painéis publicitários ainda trazem o

título do último filme de "sucesso" exibido na sala: *Tu mujer es mía*. Esses homens, vários deles com as mãos nos bolsos, parecem achar que estão numa fila de desempregados diante de uma agência de empregos. E com o tempo será de fato cada vez mais o caso: para muitas pessoas reduzidas ao desemprego por causa do estado de guerra, o alistamento nas milícias, e depois no Exército, será o único meio de obter alguma renda, por mais módica que fosse.

Mas, nesses primeiros dias da guerra civil, o levante operário contra a insurgência acaba em revolução. Na capital catalã em particular, uma formidável energia popular encontra o caminho da organização espontânea, comandada a custo, no início, pelas organizações sindicais e políticas que formam um Comitê Central de milícias antifascistas. Essa comuna de Barcelona, dotada também de um Comitê Central da Guarda Nacional, precisava apenas de um conselho eleito e revogável para se parecer em tudo com a Comuna de Paris. Uma versão espanhola do "comunismo de guerra", muito mais alegre que o original russo, será instalada nos primeiros meses da revolução. Contra um fundo de coletivização das terras e das empresas, os comitês distribuirão alimento à população: na fotografia, vemos um caminhão carregado de comida em frente a um centro do comitê de alimentação da CNT-FAI.

Nos primeiros meses, as mulheres não se limitam a esse tipo de atividade, como as merendeiras e as enfermeiras da Comuna de Paris, mas combatem também nas milícias. É o desenho de uma mulher brandindo um fuzil que homens armados observam nos cartazes, em catalão, que convocam ao alistamento nas milícias: "As milícias precisam de você". E são mulheres determinadas que vemos na fotografia de uma unidade da milícia a caminho do *front* em Aragão, principal objetivo da mobilização catalã.

Para tentar tirar Saragoça das mãos dos insurgentes e expulsá-los de Aragão, Barcelona fornecerá um enorme reforço. Todas as forças disponíveis serão enviadas ao *front*: tanto as milícias como as tropas legalistas do exér-

cito regular que se uniram a elas. A diferença entre ambas tende a diminuir na primeira fase da mobilização revolucionária: esses soldados de partida para o *front*, desfilando numa grande avenida de Barcelona, no meio de uma multidão considerável, amontoada nas calçadas – alguns até pendurados nos postes ou nas árvores – como numa parada militar, parecem bem pouco marciais e disciplinados. Desfilam também as milícias, com seu equipamento improvisado, assim como esses anarquistas que transportam um canhão num caminhão civil e colchões em vez de sacos de dormir. A diversidade de boinas e chapéus é um bom exemplo da observação de George Orwell, que dizia que o gênero de coisas que serviam para cobrir a cabeça na milícia era quase tão numeroso quanto aqueles que os usavam.

À frente da primeira coluna de reforços saída de Barcelona rumo ao *front* de Aragão, em 24 de julho, percebe-se num belo conversível (mais um carro requisitado), pintado com a sigla CNT-FAI, o lendário herói anarquista, Buenaventura Durruti, comandante dessa coluna que receberá seu nome. Em segundo plano, caminhões transportam milicianos e colchões. Durruti, que vemos mais uma vez, de binóculos pendurado no pescoço, entre os milicianos, entendia a tarefa de sua coluna como dupla: militar diante da insurgência e revolucionária nas regiões percorridas ou libertadas, onde seriam criadas "comunas libertárias".

Todavia, a ajuda fornecida pela aviação alemã e italiana aos militares insurgentes, desde o início de agosto, permite que estes efetuem um transporte maciço de tropas marroquinas e unidades da Legião Estrangeira rumo a Andaluzia, onde o general Franco assumiu o comando. As célebres fotos da tomada do vilarejo de Constantina pela Legião, ao nordeste de Sevilha, causam arrepios. Mostram os habitantes do vilarejo implorando aos soldados – sobretudo as mulheres, já que muitos homens provavelmente haviam fugido ou se escondido para escapar da chacina –, como a mulher que vemos estender um lençol branco diante de sua porta. Talvez pense que essa espécie de touro, que o vermelho da menor bandarilha tem o dom de enfurecer, possa ser sossegado pela visão de uma capa branca. Em outra foto,

vemos um caminhão voltando a Sevilha, provavelmente com prisioneiros vigiados por soldados marroquinos.

Os atiradores marroquinos do exército espanhol talharam a terrível reputação de sanguinários e violadores na Guerra Civil. Pobres bugres incultos, recrutados para um combate que não era seu, mas de seus opressores diretos, e impelidos ainda mais à violência na medida em que eram encorajados e encontravam uma recompensa nisso: atacar os compatriotas dos conquistadores de seu próprio país. Pobres bugres que a República não soube conquistar para a sua causa, omitindo-se de afirmar sua vontade de acabar com a dominação colonial em território marroquino, porque receava desagradar as potências coloniais amigas, que eram a França e o Reino Unido.

À frente das tropas provenientes do Marrocos, as mais aguerridas do exército espanhol, Franco começará seu avanço inexorável rumo ao norte. A mobilização ainda entusiasta no campo republicano não poderá fazer nada. Os trens de partida para o *front*, apinhados de recrutas voluntários, como os joviais milicianos de punhos erguidos na estação de Barcelona, retornam cada vez mais carregados de feridos e estropiados. As tropas insurgentes não só são muito mais bem treinadas, como também estão muito mais bem equipadas, graças ao apoio da Alemanha nazista e da Itália fascista.

E não são os blindados improvisados pelos metalúrgicos – como esse tanque da CNT, em Barcelona, que mais parece destinado a um filme "B" de ficção científica – que podem compensar a inferioridade técnica das forças de esquerda. Menos ainda os magníficos animais da cavalaria que foram levados pelas milícias, e que Orwell lamentou que não tivessem sido poupados (o cavaleiro em segundo plano, que observa um outro agitar a bandeira vermelha do Poum, poderia ser o *comandante* belga, Georges Kopp, que o escritor inglês descrevera em posição similar). E o que dizer dos asnos e das mulas, tão utilizados pelas milícias nas regiões rurais por falta de outros meios de locomoção e transporte... A foto de uma miliciana montada num asno, verificando a identidade dos passageiros de um veículo,

mostra a pobreza das milícias revolucionárias, o que também é ilustrado pela imagem da coluna de milicianos anarquistas passando pelo Arco do Triunfo, no fim de agosto, em Barcelona.

Alguns dias depois, apenas um mês após o início de sua ofensiva, Franco consegue juntar-se a oeste de Madri às tropas revoltosas do Norte, que avançavam em sentido contrário sob o comando do principal organizador da insurgência de julho, o general Mola. Uma foto mostra os dois generais reunidos em Burgos, capital provisória da insurgência. Franco ostenta um sorriso satisfeito, enquanto Mola está com ar de preocupação: um mês depois, o primeiro, promovido a generalíssimo e chefe provisório do governo pela junta reacionária, proclamou-se chefe do Estado, em prejuízo do segundo.

A gravidade da situação no início de setembro convenceu os socialistas e seus aliados stalinistas a assumir a responsabilidade do poder. O popular Largo Caballero – quem vemos segurando um fuzil, aos 67 anos, entre milicianos sorridentes no *front* de Guadarrama, ao norte de Madri, numa fotografia manifestamente destinada a levantar o moral dos republicanos – forma um novo governo, do qual participam socialistas, republicanos de centro-esquerda e dois ministros comunistas. Por seu lado, a CNT e o Poum juntam-se ao Conselho do Governo da Catalunha, depois de terem sido um poder paralelo dentro do Comitê Central das Milícias.

O novo governo será submetido a uma intensa pressão por parte dos stalinistas, que se erigiram em campeões da ordem "republicana" e da moderação. Sua influência não emana tanto de sua força – ainda secundária, apesar de crescer rapidamente –, mas da estreita ligação com a URSS, único apoio externo com o qual a República Espanhola ainda pode contar. O espetáculo da considerável multidão no cais do porto de Barcelona, em outubro, recepcionando o cargueiro soviético Zirianin, um dos primeiros navios soviéticos a levar ajuda aos republicanos, mostra bem o prestígio que os partidários locais de Moscou ganharam com esse auxílio.

Da mesma forma, os combatentes das Brigadas Internacionais, que por decisão do Komintern começam a chegar em grande número, reforçam a influência do PCE, já que são na maioria stalinistas ou comandados por stalinistas, como os combatentes da brigada alemã "Thaelmann" – nome do dirigente do Partido Comunista Alemão, preso pelos nazistas. A força relativa do PCE é maior em Madri que na Catalunha. Na procissão de crianças recrutadas na capital espanhola, uma menina de três palmos de altura parece ter dificuldades para carregar uma bandeira maior do que ela, dedicada à União dos Irmãos Proletários (UHP). Atrás dela, um adolescente ergue o retrato da Pasionaria, que ilustra bem o caráter religioso da fé stalinista: emergindo de um halo brilhante, o busto da dirigente comunista é coroado por uma foice que parece traçar uma auréola sobre sua cabeça...

Início de novembro, pouco antes da ofensiva dos militares golpistas contra Madri, os anarquistas decidem unir-se ao governo de Largo Caballero. Madri resistirá valentemente numa batalha épica, em que se destacarão as Brigadas Internacionais vindas em seu auxílio. A ofensiva reacionária será vencida. O campo republicano precisava dessa vitória, depois de ter amargado uma série impressionante de derrotas. A felicidade que se lê nos rostos dos milicianos em Madri é testemunho disso. Quantos *flamencos* não devem ter sido dançados então – à maneira do bailado executado pelo miliciano e pela miliciana, com o fuzil a tiracolo – para celebrar essa vitória que logo se tornou lendária?

Mas a batalha de Madri também conta entre suas vítimas o ilustre Durruti, que foi ao socorro da cidade à frente de sua coluna de milicianos. A morte do dirigente anarquista, assassinado em circunstâncias obscuras, marca uma virada simbólica na Guerra Civil Espanhola. Barcelona lhe oferecerá um enterro imponente: na foto, vemos seu caixão coberto com a bandeira vermelha e negra dos anarquistas, carregado nos ombros de seus camaradas. As expressões estão sérias: uma lenda viva se apagou, arrastando com ela uma parte da extraordinária esperança libertária dos primeiros meses da

Revolução Espanhola. No rol das personalidades oficiais que participaram do cortejo fúnebre, um homem de nariz pontudo e óculos pesados dá o braço a Lluis Companys, presidente do Governo da Catalunha: trata-se de Vladimir Antonov-Ovseenko, o prestigiado codirigente da insurreição de outubro de 1917, ex-colaborador de Trotski, que virou a casaca e foi enviado por Stalin, em 1936, como cônsul geral da URSS em Barcelona, antes de ser chamado de volta a Moscou, "julgado" no processo dos "direitistas e trotskistas" e executado, em 1938...

É o próprio Antonov-Ovseenko que obtém em dezembro a demissão do catalão Andrés Nin do Conselho do governo, dirigente e teórico do Poum e, aos olhos de Stalin, culpado de ter condenado... os processos de Moscou! Os meses seguintes verão o domínio dos stalinistas estender-se nas instituições centrais do Estado republicano espanhol, num processo que anuncia aquilo que certos países do Leste da Europa conhecerão no fim da Segunda Guerra Mundial. É nesse período que George Orwell viverá na Catalunha, onde chega em dezembro e a qual descreverá tão vivamente em seu *Lutando na Espanha*. É ele que vemos no fim da fila, uma cabeça mais alta que as dos outros milicianos, numa foto tirada na frente do "quartel Lenin" do Poum, em Barcelona.

A pressão do PCE e de Moscou sobre o governo de Largo Caballero se intensifica nos primeiros meses de 1937, quando o próprio primeiro-ministro se torna alvo dos ataques stalinistas. Essa pressão se concentra, em particular, na exigência de "militarização das milícias" em benefício do exército regular, que os stalinistas defendiam em nome da eficácia do combate antifascista, com o apoio de Prieto, ministro da Marinha e da Aviação. O mesmo argumento serve para exigir, de maneira geral, o restabelecimento da ordem burguesa estatal, social e econômica. Como o principal obstáculo para isso era o eixo revolucionário, constituído pelos anarquistas e pelo Poum, era preciso liquidar este e dobrar aqueles – fortes demais para serem eliminados. Local da operação: a Catalunha, bastião da extrema esquerda antistalinista.

Depois dos confrontos com os anarquistas pelo controle dos postos de fronteira nos Pireneus em abril, será a vez de a torre da central telefônica da capital catalã sofrer o ataque das tropas governamentais, enviadas em 3 de maio de 1937 pelo conselheiro da Ordem Pública do Governo e membro do PCUC. Daí resultarão graves confrontos entre os anarquistas, apoiados pelo Poum, e a polícia, reforçada por batalhões de choque vindos de Valência, sede do governo republicano desde que abandonou Madri. As Marchas de Maio foram descritas por George Orwell; são uma das cenas principais do filme de Ken Loach, *Terra e liberdade* (1995). As barricadas de paralelepípedos, fotografadas em 7 de maio, depois dos confrontos, não foram erguidas contra a reação, mas contra um ataque vindo de dentro do próprio campo republicano – um ataque cuja natureza é bem representada pelo desfile de tropas de choque que marca o restabelecimento da "ordem" nas ruas de Barcelona, alguns dias após o combate. Tudo está lá: no contraste comovente entre essa imagem e as imagens dos desfiles dos milicianos revolucionários.

As Marchas de Maio precipitam o desenrolar dos acontecimentos. Os ministros stalinistas fazem pressão sobre Largo Caballero para que interdite o Poum e reprima os anarquistas. Diante da recusa do velho dirigente socialista, os ministros stalinistas se demitem, forçando a queda do governo. Em 17 de maio, um novo gabinete é formado sob a presidência do socialista Juan Negrín, aliado do PCE; Prieto é nomeado ministro da Guerra.

Em junho, os dirigentes do Poum, considerados responsáveis pelos confrontos de maio e acusados de "espionagem" pelos stalinistas, são detidos pela polícia sob controle stalinista, com a participação de agentes "especiais" vindos de Madri. Nin será assassinado por agentes de Moscou pouco depois de seu sequestro, enquanto seus camaradas serão "julgados" posteriormente e condenados à prisão. Albert Camus qualificará a morte do fundador do Poum como uma "virada na tragédia do século XX, que é o século da revolução traída".

O Conselho de Aragão, dominado pelos anarquistas e reconhecido pelo governo precedente, é dissolvido em agosto de 1937. Adotaram-se medidas de descoletivização, enquanto se criava o sinistro Serviço de Investigação Militar (SIM) dominado pelo PCE e por agentes de Moscou...

A Revolução Espanhola agonizava, estrangulada em nome da República. Menos de dois anos depois, esta sucumbia por sua vez.

Cronologia

1931

12/04: Os republicanos vencem as eleições municipais nas cidades.

13/04: A CNT anarquista convoca uma greve geral.

14/04: Um governo provisório é formado. A república é proclamada. O rei Afonso XIII parte para o exílio.

28/06: A esquerda republicana tem a maioria das cadeiras da Assembleia Constituinte.

14/10: Azaña é nomeado chefe do governo.

1932

Setembro: Autonomia da Catalunha. Reforma agrária.

1933

Janeiro: Esmagamento de uma comuna libertária em Casas Viejas.

19/11: Novas eleições parlamentares. A esquerda dividida é derrotada.

1934

Outubro: Insurreição dos mineiros nas Astúrias. Repressão sangrenta: mais de mil mortos, mais de 20 mil detidos em todo o país.

1935

Julho: VII Congresso do Komintern, em Moscou. Adoção da política de "frente popular" antifascista.

1936

15/01: Fundação da Frente Popular (republicanos de centro-esquerda, PSOE-UGT, PCE, Poum).

16/02: Vitória da Frente Popular para o Parlamento. Azaña forma um novo governo exclusivamente de centro-esquerda.

22/02: Libertação dos prisioneiros políticos.

07/04: Azaña se torna presidente da República e nomeia Casares Quiroga como primeiro-ministro.

Maio-junho: Onda de greves. Tensão entre direita e esquerda.

17-18/07: Insurgência militar em Marrocos e na Espanha.

19/07: Giral se torna chefe do governo. Armamento das milícias.

21/07: Comitê Central de milícias antifascistas na Catalunha.

Agosto: Transporte maciço de tropas do Marrocos para a Espanha.

3/09: Junção norte-sul das tropas insurgentes em Talavera.

04/09: Largo Caballero forma um novo governo PSOE, PCE e republicanos de centro-esquerda.

26/09: A CNT-FAI e o Poum se unem ao Governo da Catalunha. Fim do Comitê Central das milícias.

01/10: Como generalíssimo e chefe do governo da insurgência, Franco se proclama chefe do Estado.

04/11: A CNT entra para o governo de Largo Caballero.

Novembro: Batalha de Madri. Intervenção das Brigadas Internacionais. Derrota da ofensiva franquista.

19/11: Morte de Durruti no *front* de Madri.

17/12: Expulsão do Poum do Governo da Catalunha.

1937

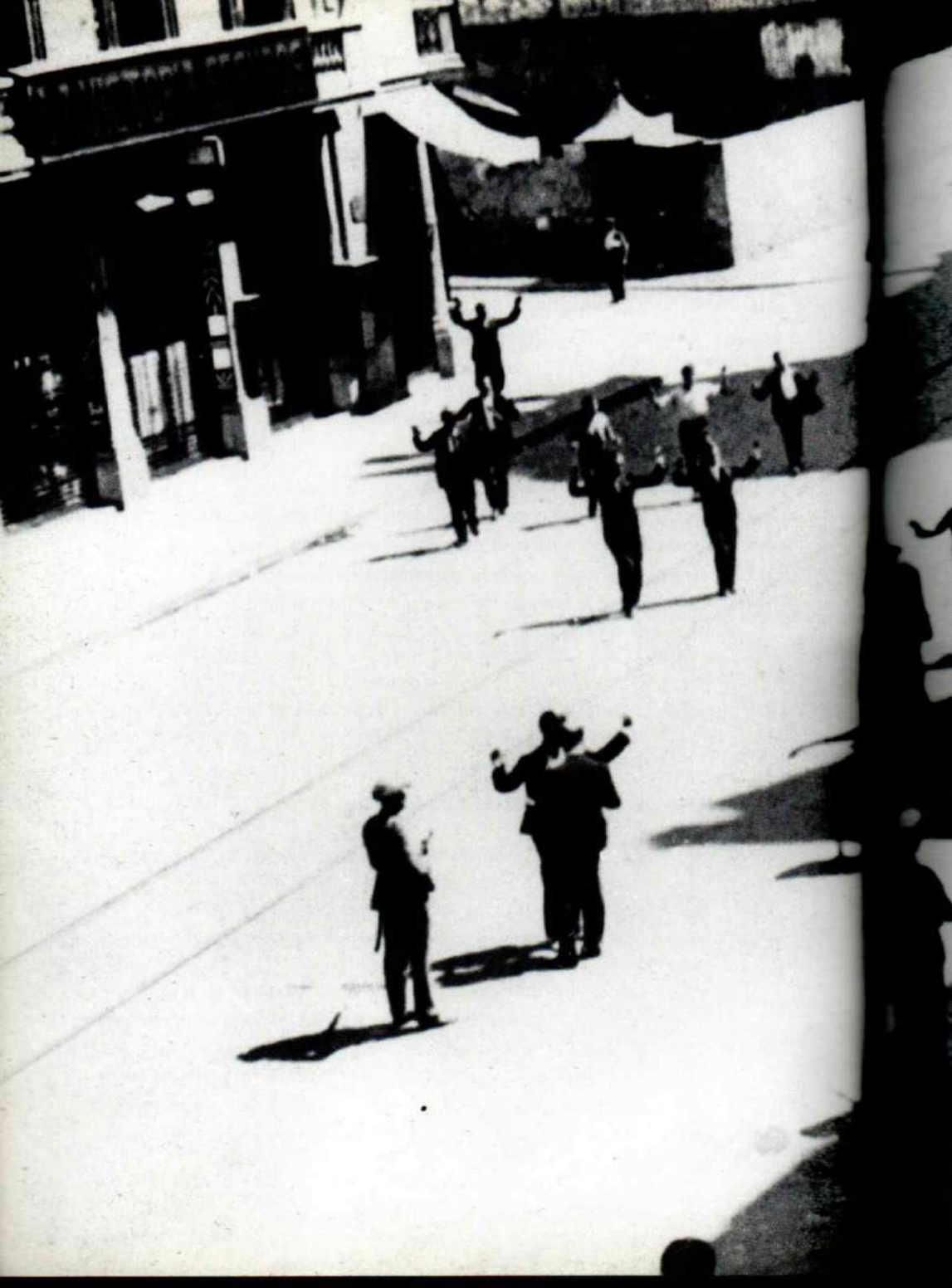
03-07/05: Enfrentamentos CNT-FAI e Poum contra a Generalidade.

17/05: Demissão forçada de Largo Caballero. Negrín forma um novo governo.

16/06: Prisão dos dirigentes do Poum, seguida do assassinato de Nin.

11/08: Dissolução do Conselho de Aragão, dominado pelos anarquistas.

15/08: Criação do SIM, polícia político-militar dominada pelos stalinistas e por Moscou.



Rodeado de oficiais de infantaria, Azana, ministro da Guerra, assiste a uma demonstração militar, em 1936.

Páginas 388-9: Nas ruas de Barcelona, transeuntes são revistados pela Guarda Civil e por inspetores da polícia política, em 1931.

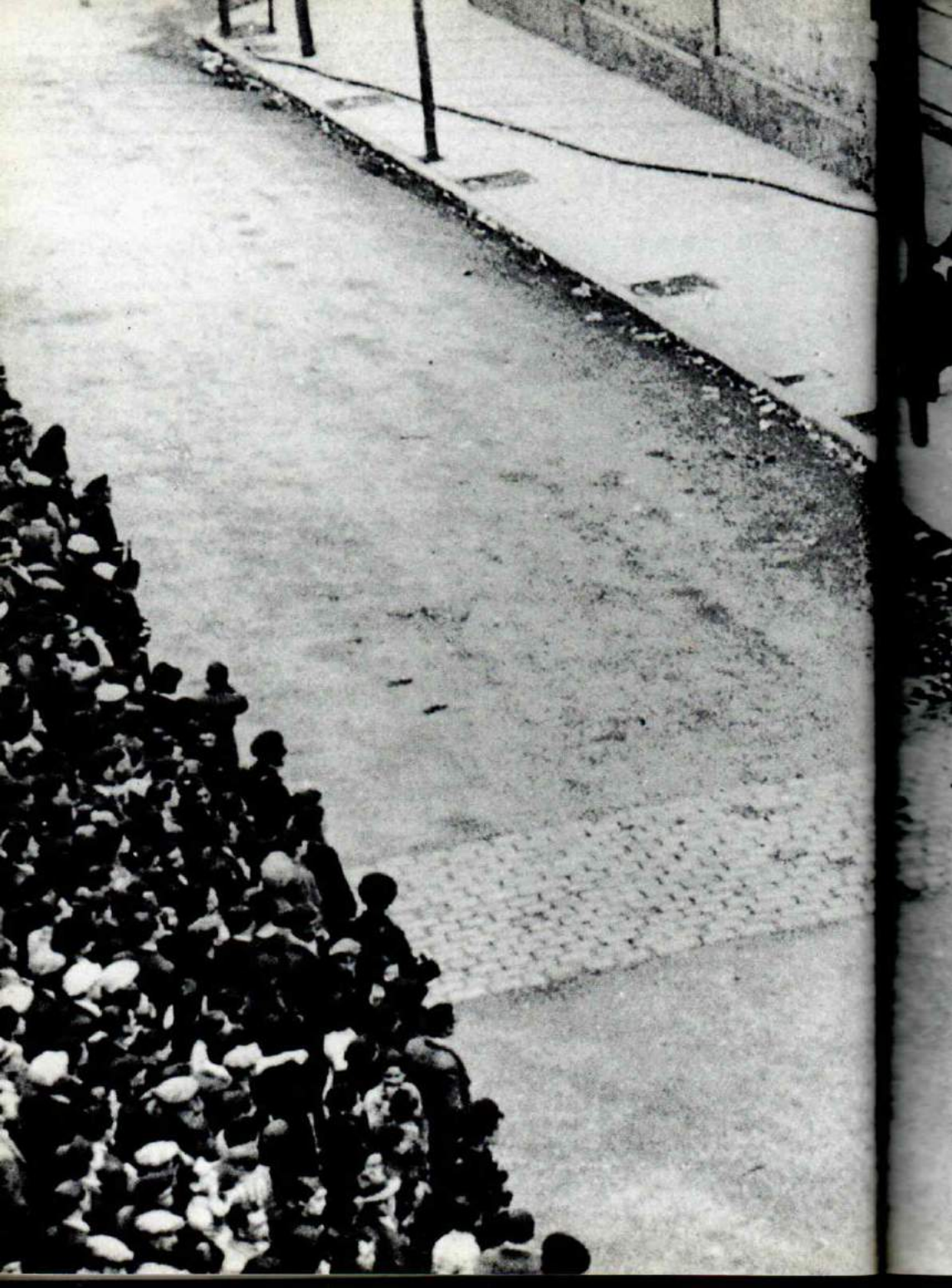
Páginas 390-1: Numa floresta nos arredores de Las Branoseras (Astúrias), um grupo de mineiros é conduzido pela Guarda Civil após as greves insurrecionais de outubro de 1934.

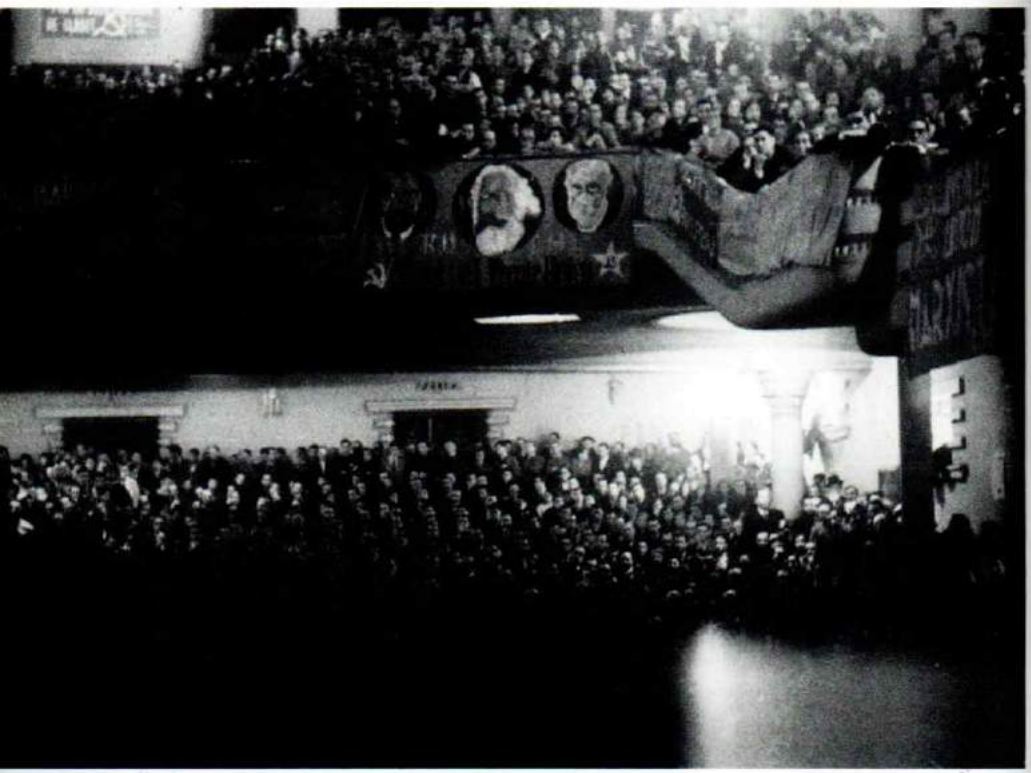
No alto: Auto de fé de livros e folhetos "extremistas" apreendidos em Briones pela Guarda Civil, em 23 de dezembro de 1933.

Abaixo: Após a repressão da revolta, os cadáveres são estendidos num cemitério de Casas Viejas, província de Cádiz, sob o olhar de policiais e de jornalistas, em janeiro de 1933.

Quatro militantes asturianos são julgados por um Conselho de Guerra, em outubro de 1934. Foram condenados a trabalhos forçados perpétuos.

O dirigente socialista Largo Caballero durante um interrogatório em Madri, em 1935.





Assembleia numa sala do cinema Europa, em 1936.

Páginas 396-7: Durante a greve antifalangista em Barcelona, em abril de 1936.

Páginas 398-9: Em sua chegada a Barcelona, em 7 de março de 1936, depois de libertado e recém-eleito presidente do Governo da Catalunha, Lluis Companys tem uma recepção triunfal.

Pouco após sua libertação, Dolores Ibárruri – a Pasionaria – dirige-se à população num comício em Madri, em 29 de fevereiro de 1936.

UHP

Manifestação contra os falangistas, em 17 de abril de 1936.

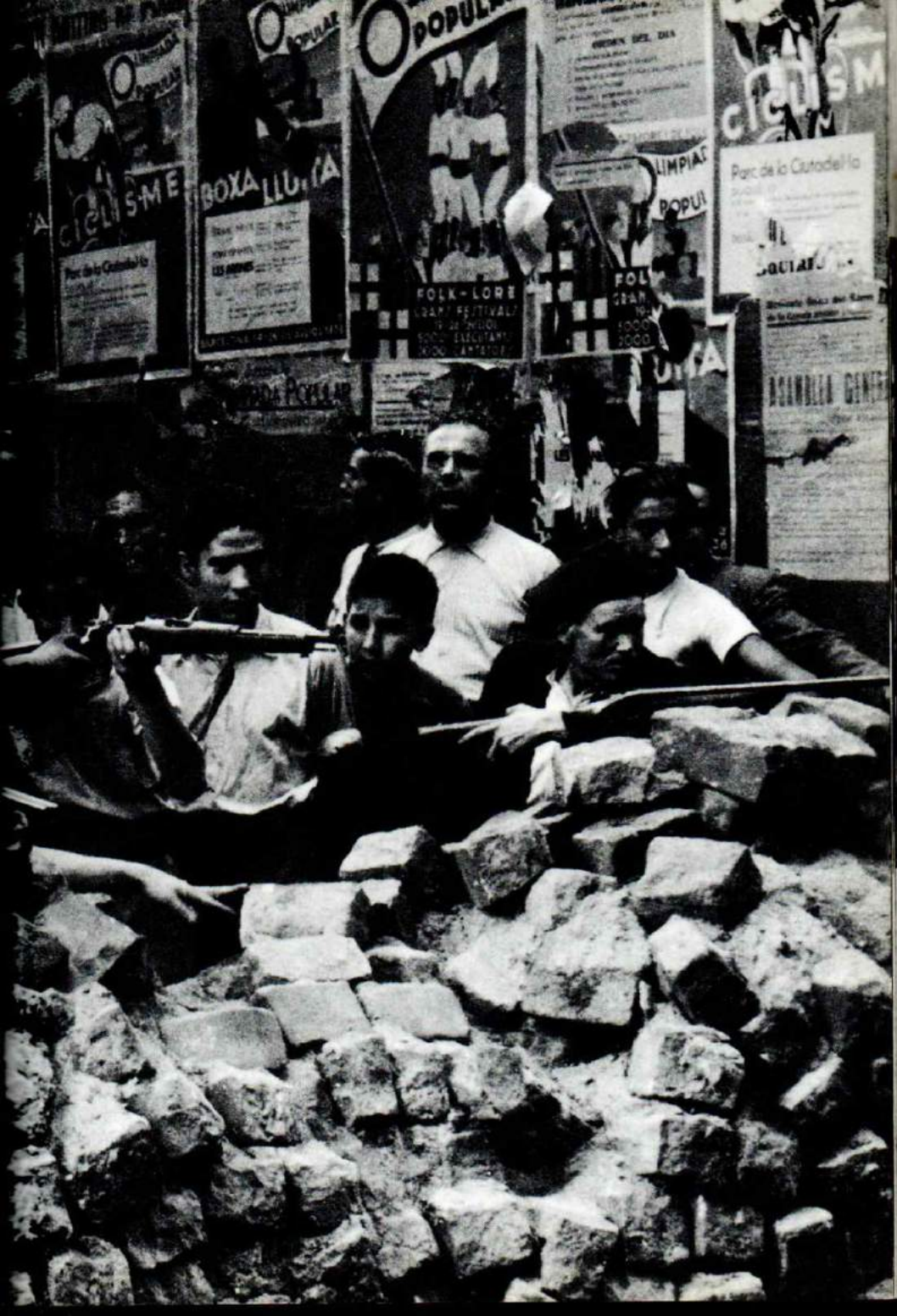
Ao lado: Num desfile comunista em 1936, uma menina carrega a bandeira da União dos Irmãos Proletários (UHP), enquanto um adolescente ostenta um retrato da Pasionaria.

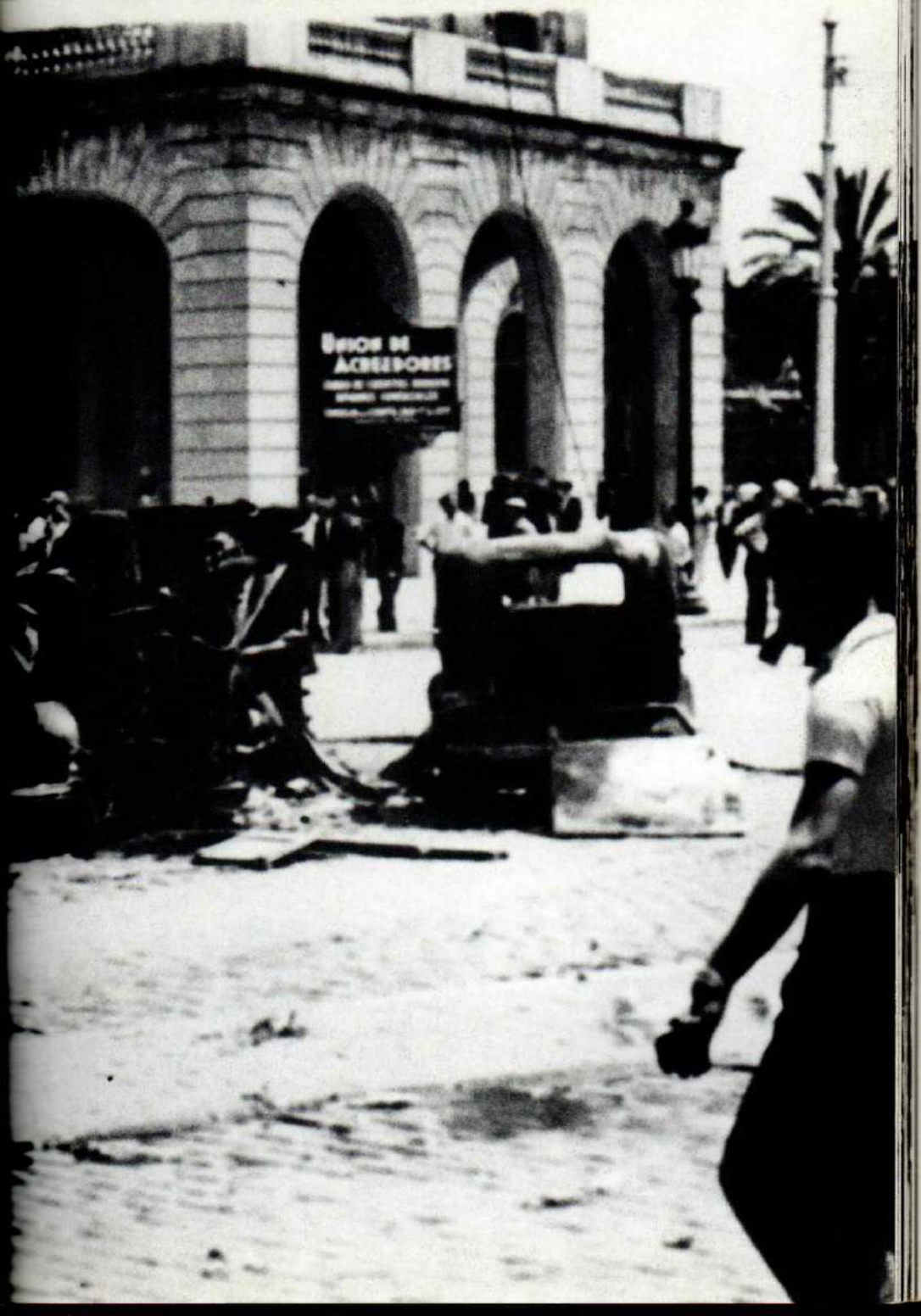
Cena da estatização dos bondes em Ciudad Lineal, na periferia de Madri, em 1936.

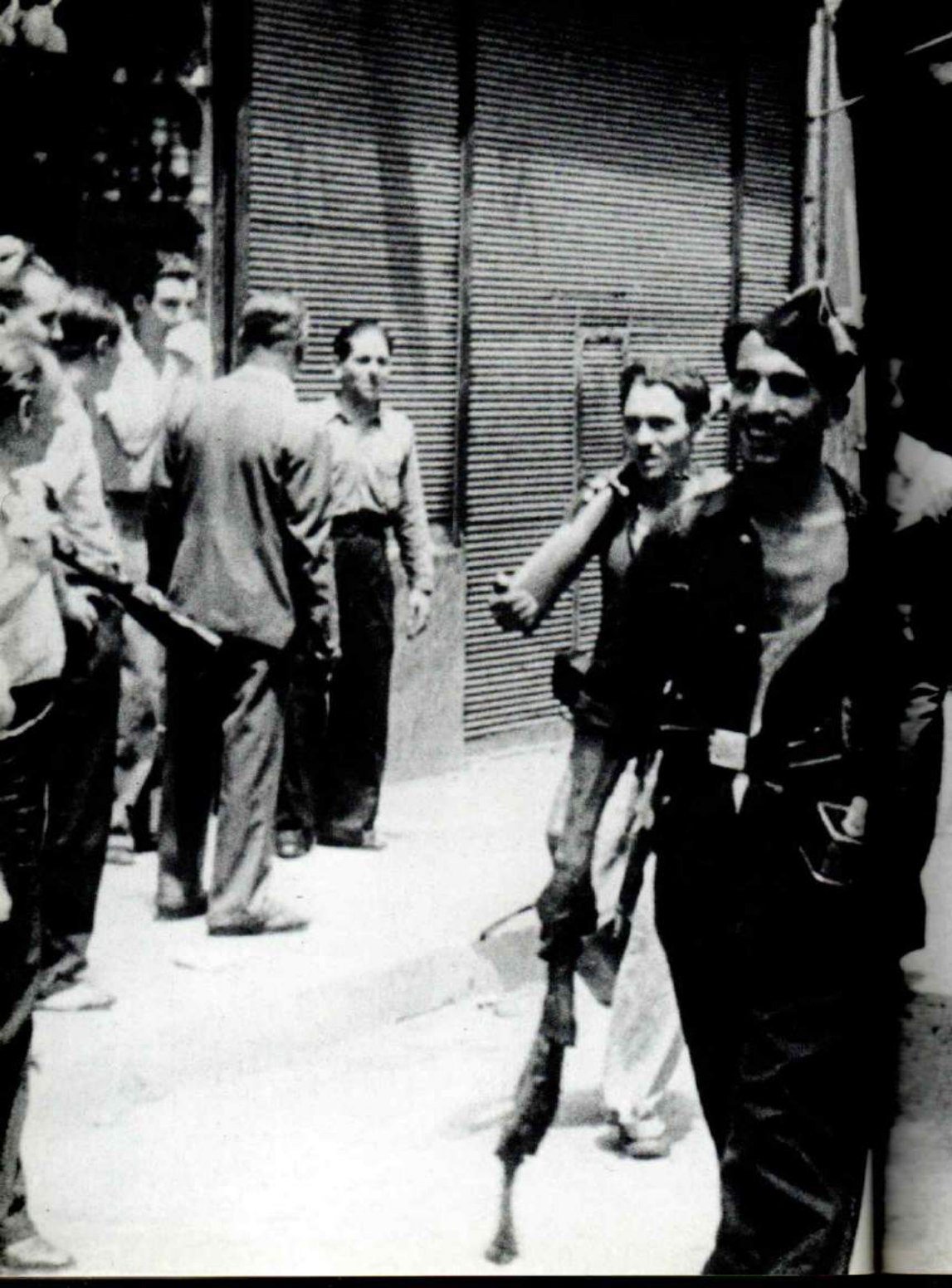
Distribuição de mantimentos em frente a um prédio do Comitê para a Alimentação da CNT-FAI, em 1936.

Caminhão do grande sindicato anarquista CNT distribui armas à população de Madri, em 1936.

Em Madri, oficiais insurgentes detidos em La Montaña são levados por voluntários armados da milícia popular, em julho de 1936.


CICLISME
BOXA
FOLK-LORE
Parc de la Ciutadella


UNION DE
ACREEDORES

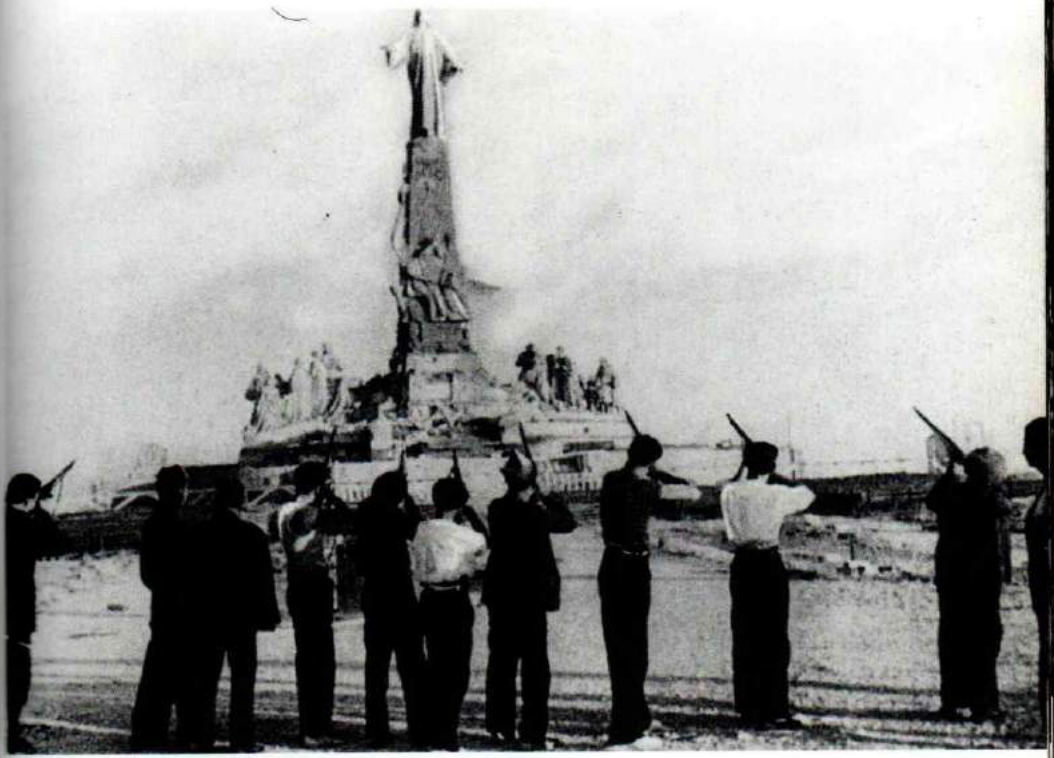


Grupo de milicianos fantasiados com trajes do culto católico.

Páginas 408-9: Barricada em Barcelona, em julho de 1936.

Páginas 410-1: Carros incendiados em Las Ramblas, Barcelona, em julho de 1936.

Páginas 412-3: Voluntários da milícia popular em Madri, em 1936.



Um pelotão simula a execução do "Cristo da colina dos Anjos", perto de Madri, em 1936.

es milicies
necessiten!
C. T.
de la Industria de la Piel
y Alpargatería
GENERAL
ECCION

Voluntários fazem fila diante do cinema Hawai, transformado em escritório de alistamento das milícias operárias, em 1936.

Ao lado: "As milícias precisam de você!", em Madri, em 1936.

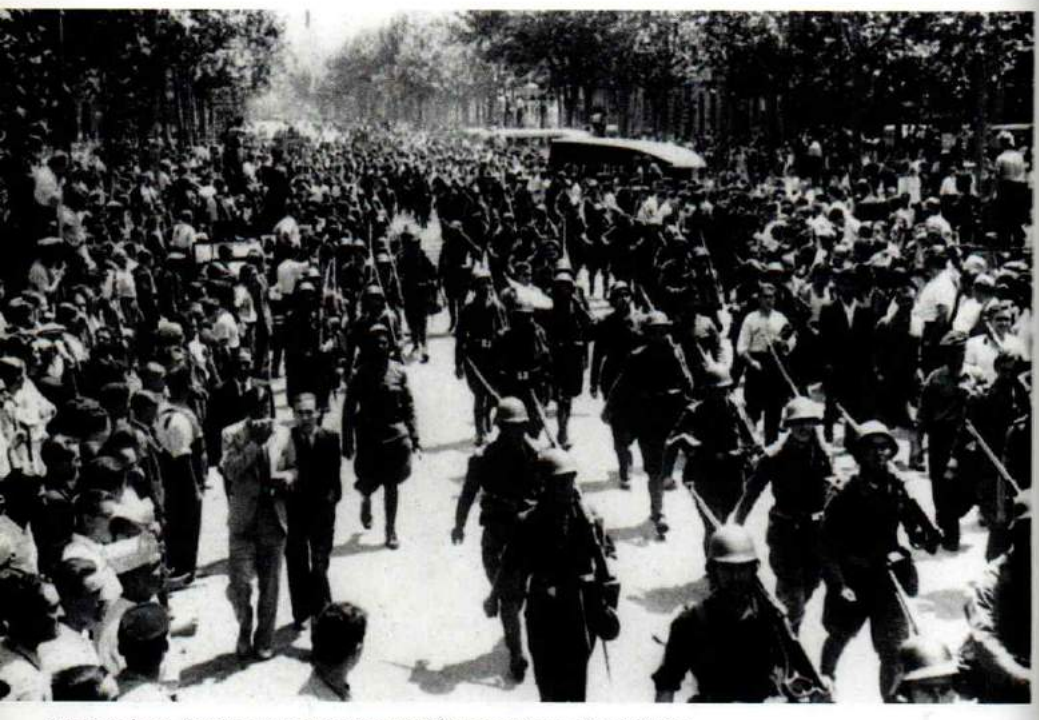
Ao l
em M

Pági
milíc

Milicianos anarquistas a caminho do *front* desfilam com um canhão montado num caminhão civil, em 1936.

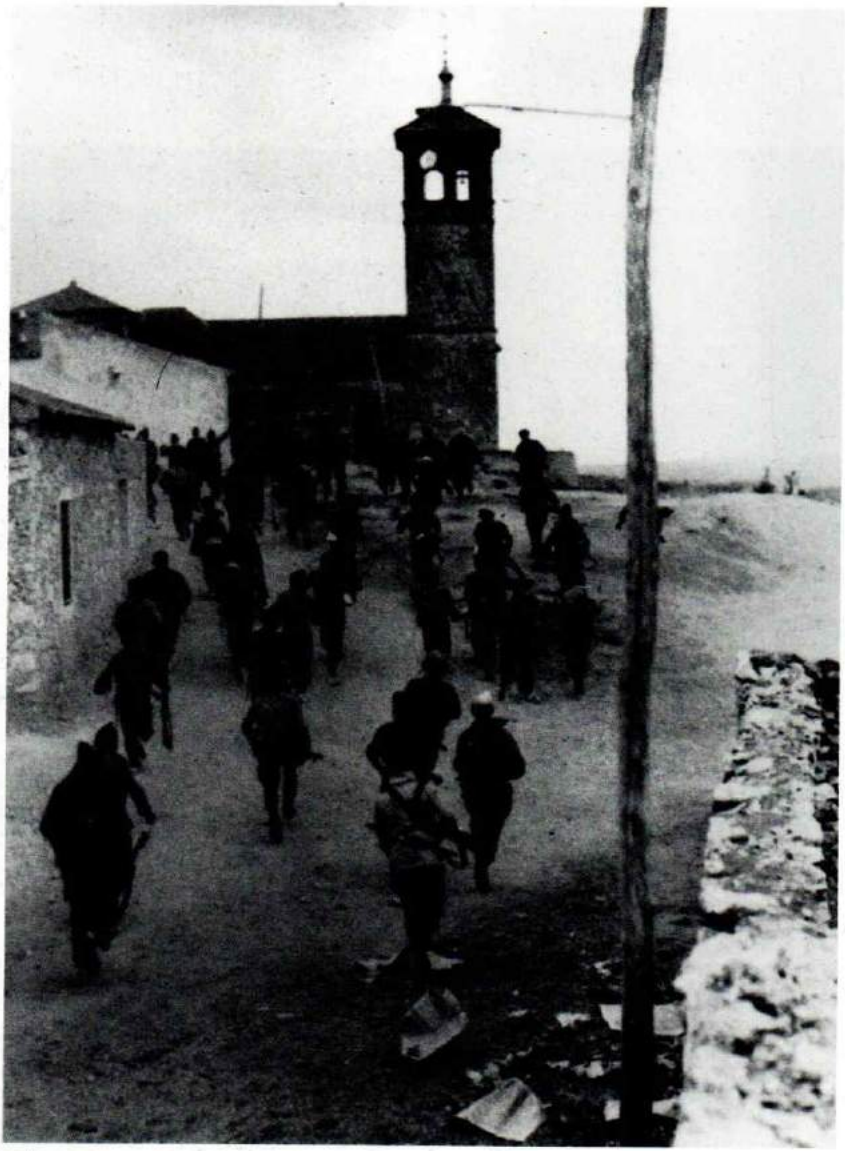
Ao lado: Uma miliciana apoiada num fuzil, em Madri, em julho de 1936.

Página dupla anterior: Voluntários(as) da milícia popular em Saragoça, em 1936.



Em Barcelona, tropas que permaneceram fiéis ao governo são enviadas para combater os insurgentes de Saragoça, em julho de 1936.

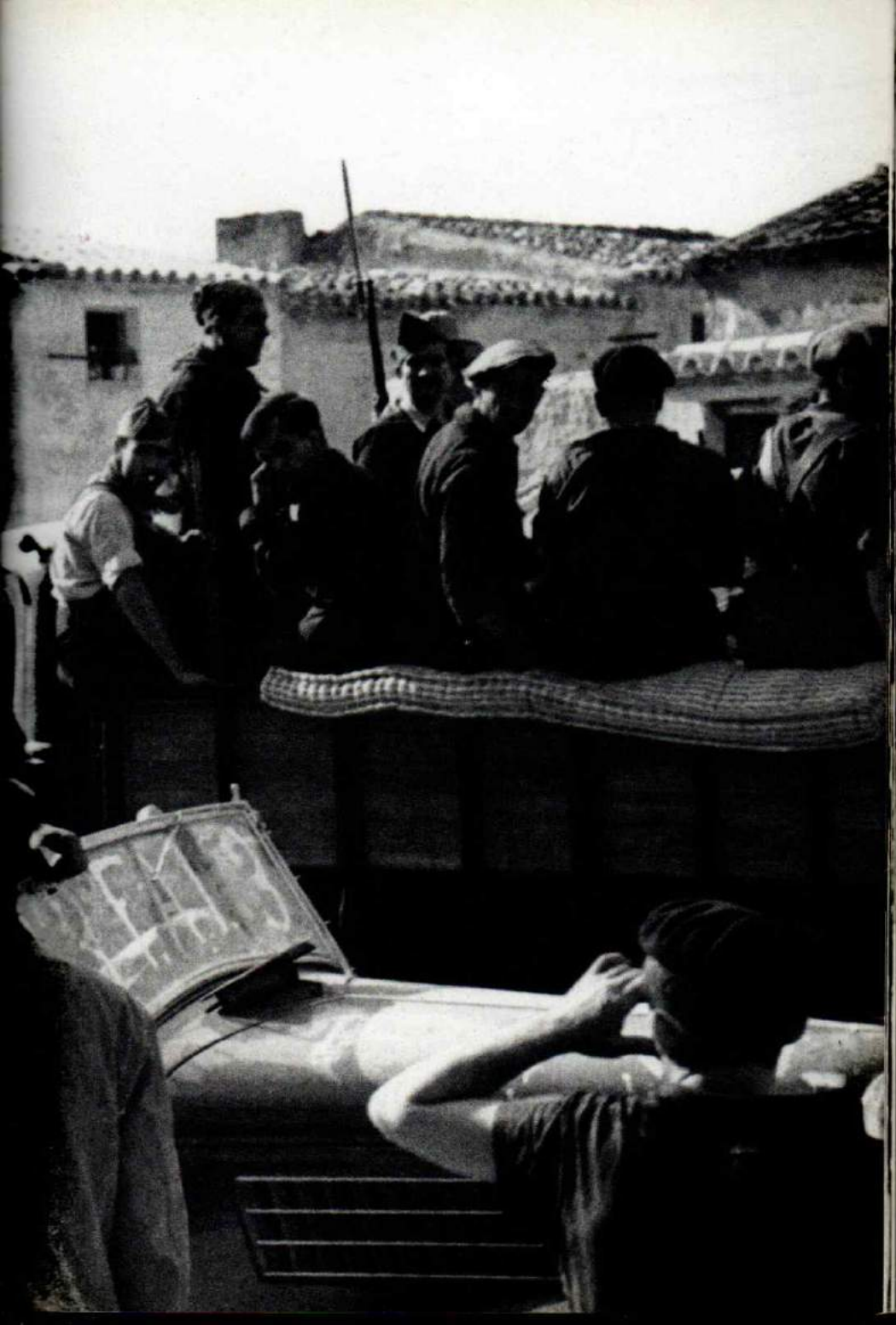
Um trem carregado de voluntários legalistas parte de Barcelona para os locais de combate, em julho de 1936.

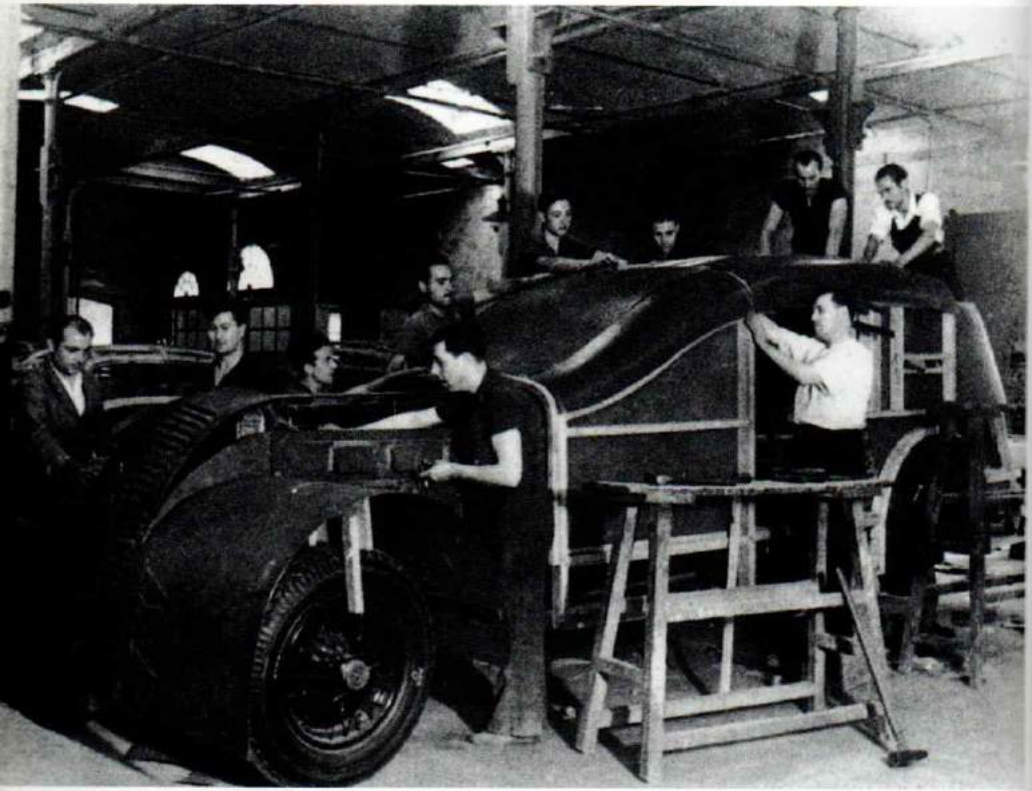


Milícias na estrada que liga Toledo a Madri, em 1936.

Ao lado: Após deixar o quartel Bakunin, a coluna Garcia Oliver passa pelo Arco do Triunfo, em Barcelona, a caminho do *front* do Norte, em 28 de agosto de 1936.

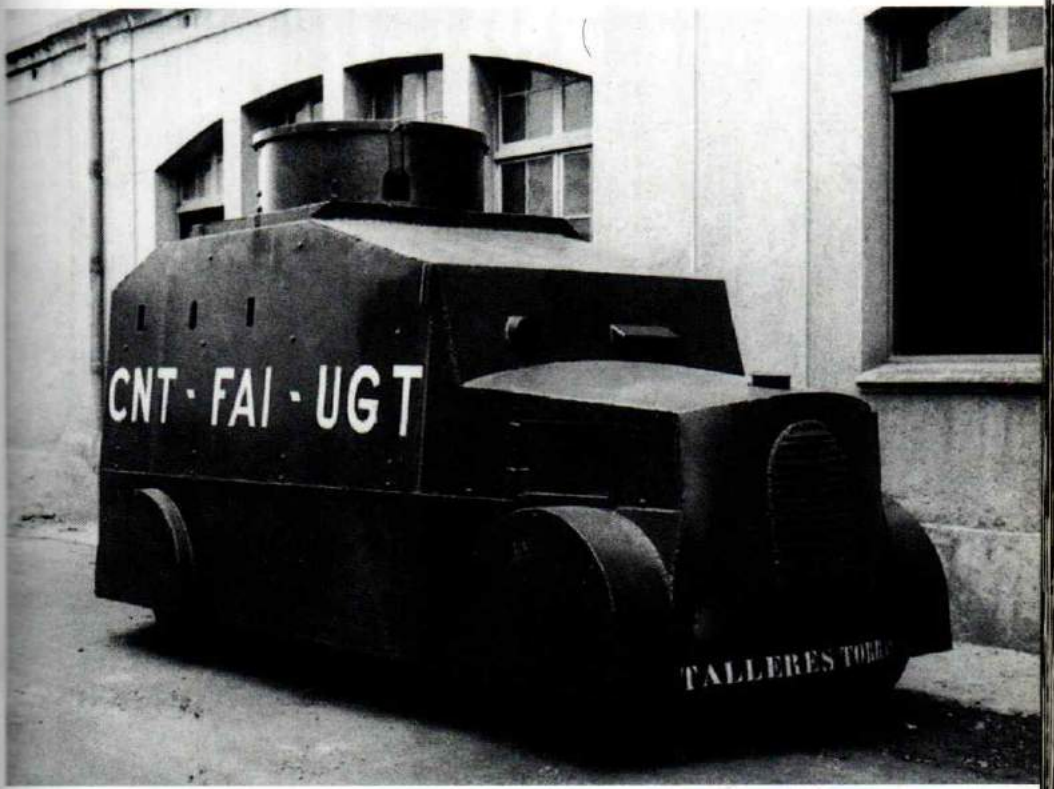
C.N.T.



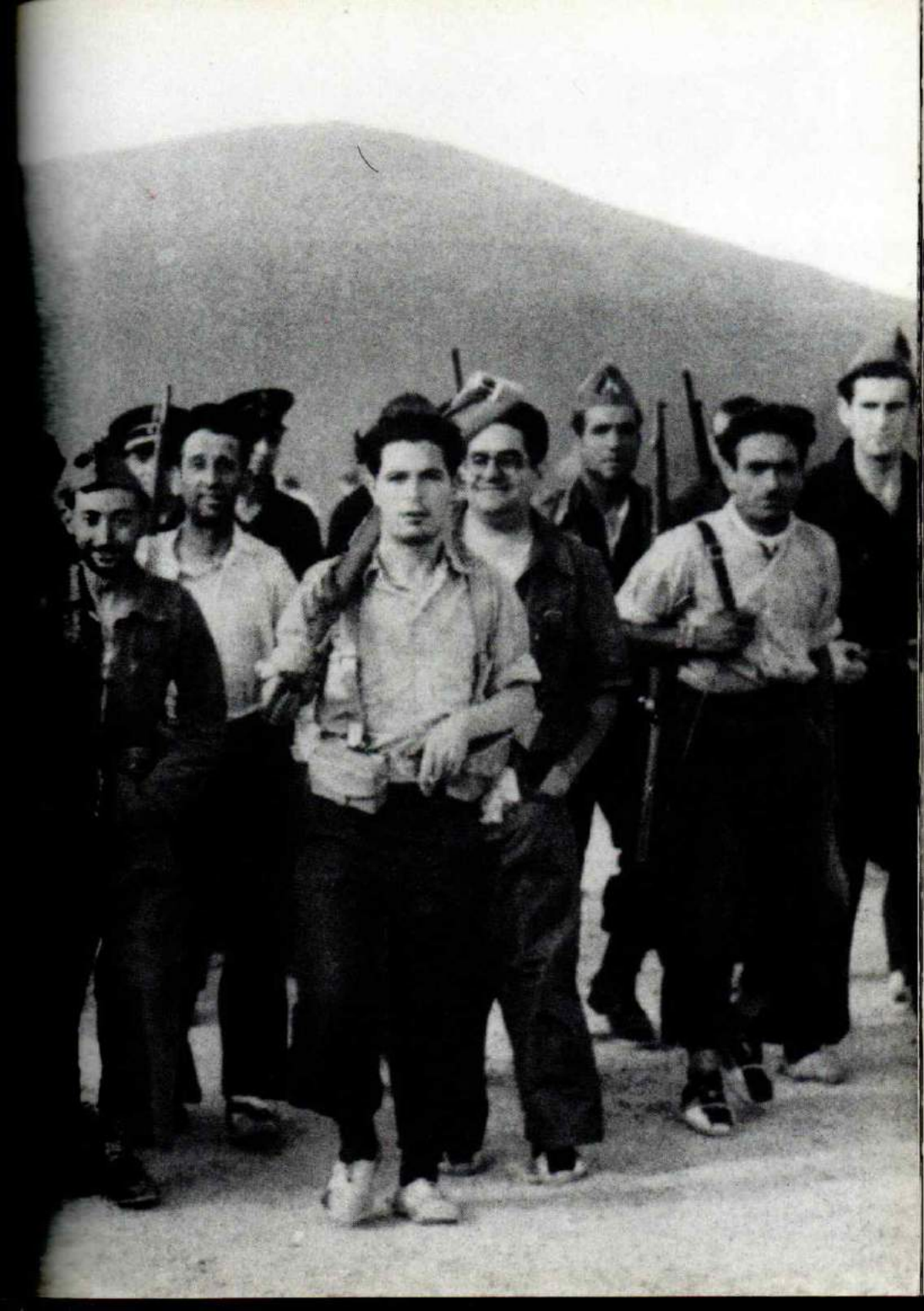


Blindagem de carros nas fábricas da Hispano-Suiza, em Barcelona, em 1936.

Página dupla anterior: Partida da primeira coluna de reforços para o *front* de Aragão, em 24 de julho de 1936. Em primeiro plano, Durruti comanda uma das colunas anarquistas.



Carro blindado numa rua de Barcelona, em 1936.



Os insurgentes tomam a aldeia de Pantillana, a 30 quilômetros a nordeste de Sevilha, em 15 de agosto de 1936.

Página dupla anterior: Largo Caballero, líder da Frente Popular, entre seus milicianos no *front* de Guadarrama, em agosto de 1936.

Depois que o general traidor Queipo de Llano tomou Sèvilha, tropas insurgentes regressam do *front* de Choron com prisioneiros.

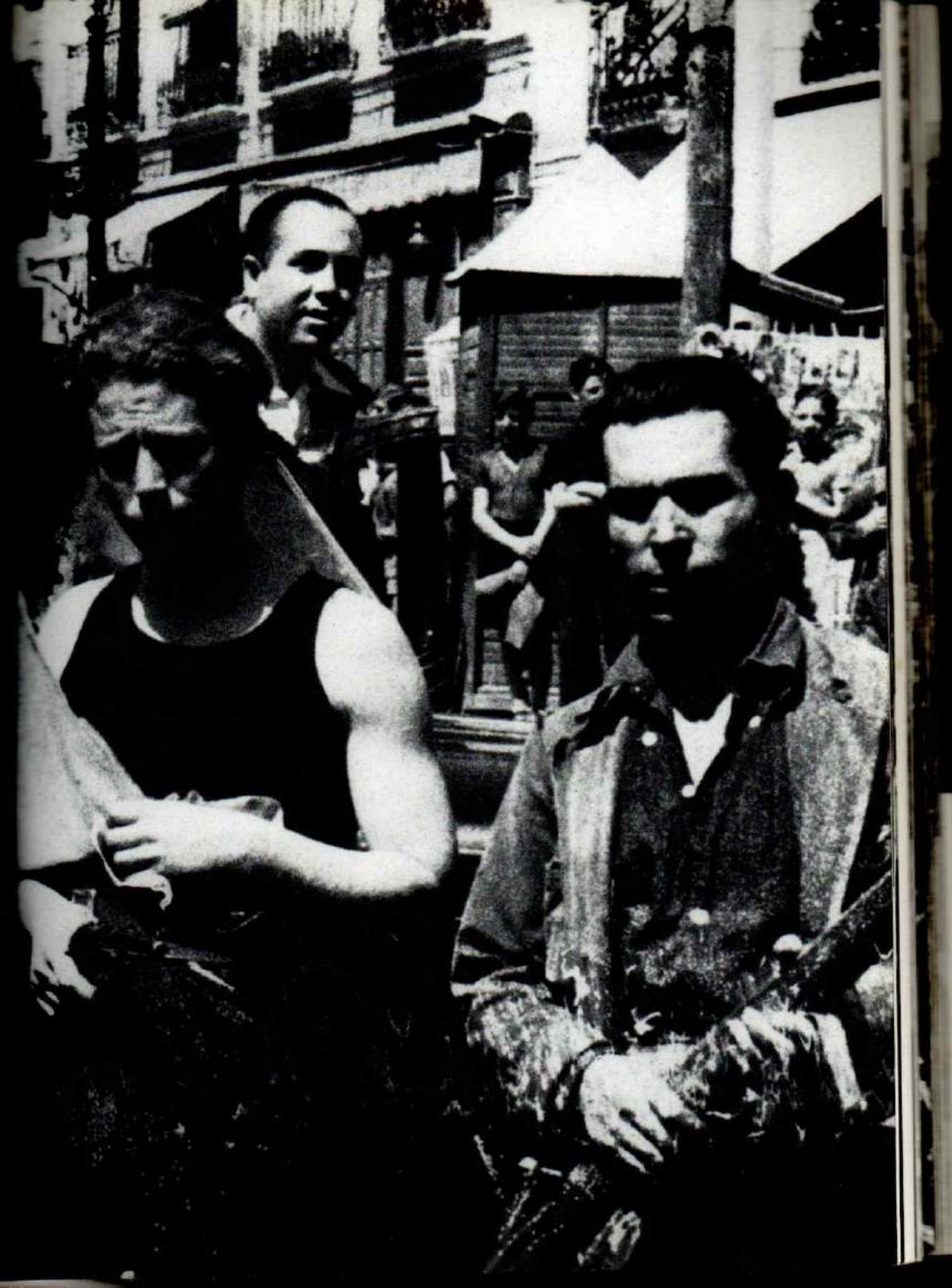
Milicianos do Poum (Partido Operário da Unidade Marxista), de inspiração trotskista.

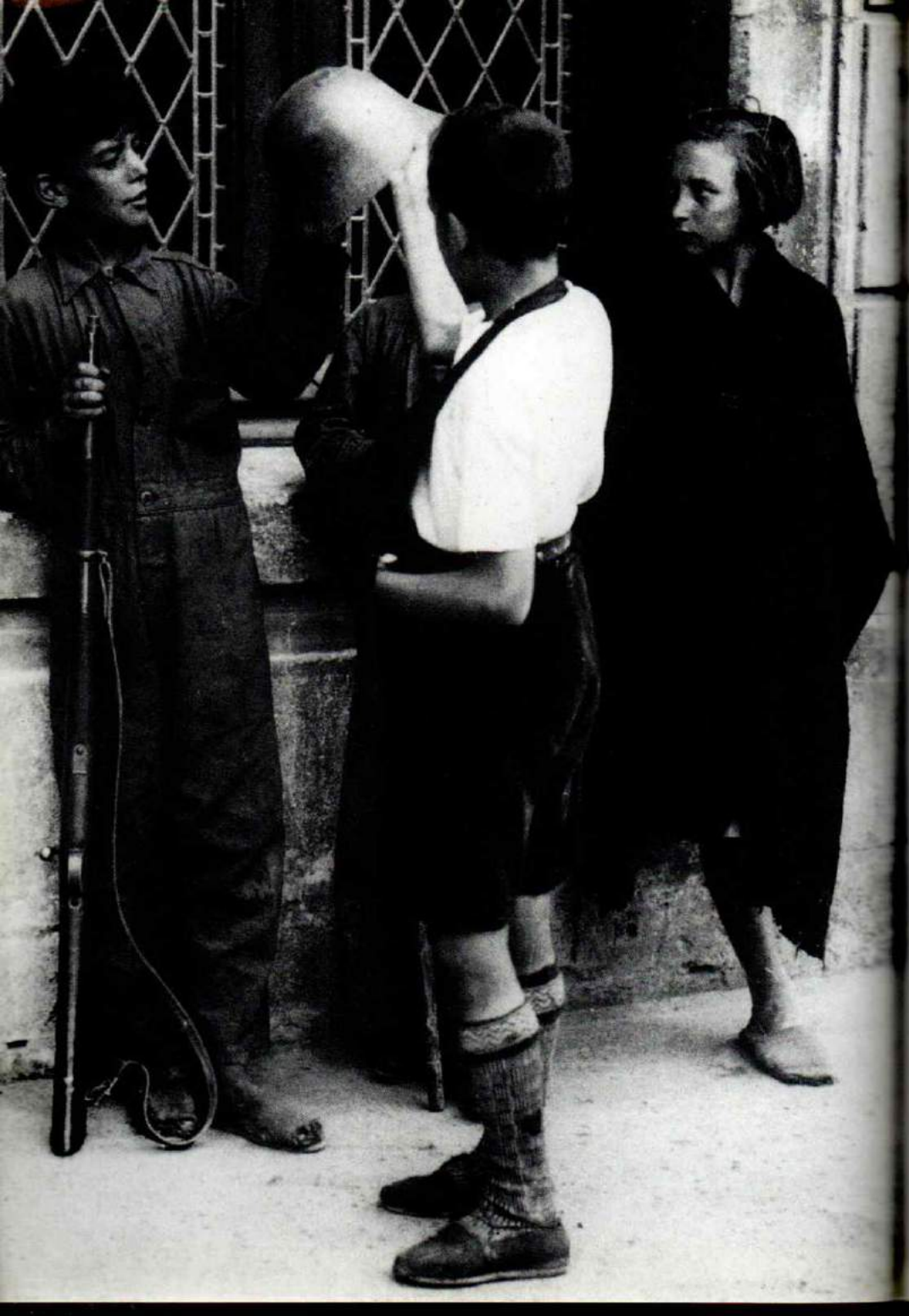
Ao lado: Entre as brigadas internacionais, as "milícias antifascistas alemãs - grupo Thaelmann" (homenagem ao chefe do Partido Comunista Alemão, então prisioneiro dos nazistas), em Barcelona, em 1936.

Páginas 436-7: O cargueiro soviético Zirianin é recebido por uma imensa multidão ao chegar ao porto de Barcelona, em outubro de 1936.

Páginas 438-9 e 440-1: Milicianos e milicianas nas ruas e no *front*, em 1936.

MILICIAS ANTIFACISTAS
ALEMANAS
THAELMANN
PSU



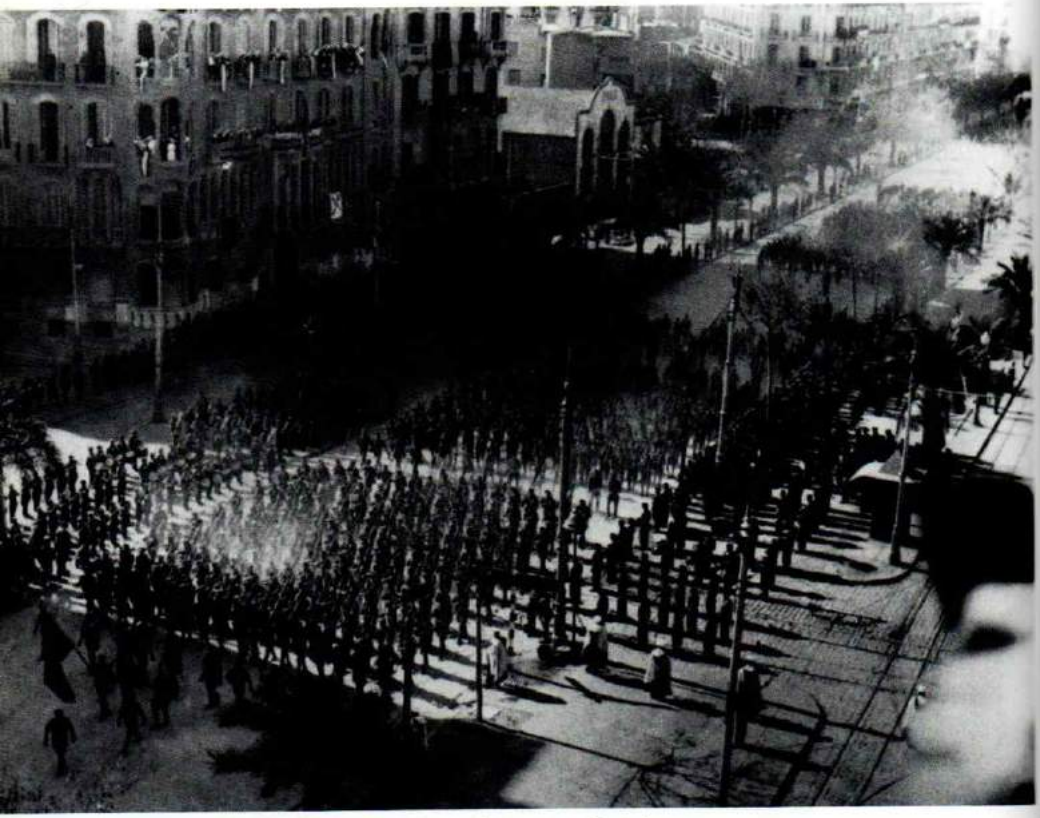


Ao lad

No alto: Controle de tráfego próximo a Madri, sem data.

Abaixo: Dança flamenca no *front*, em 15 de setembro de 1936.

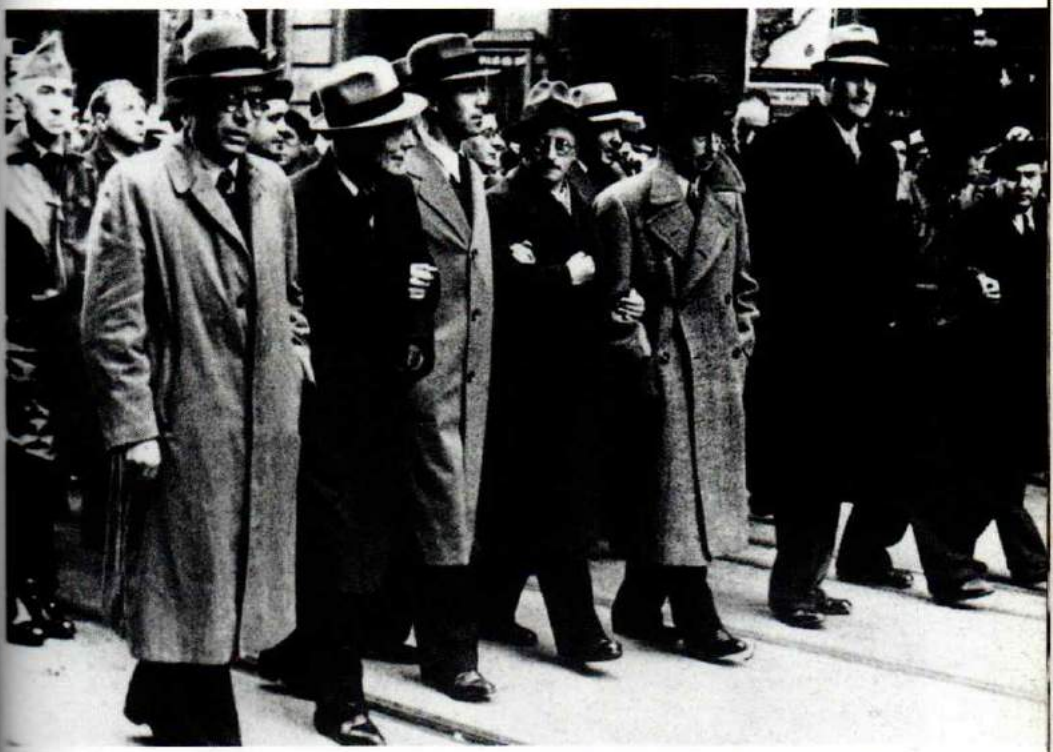
do: Crianças "fantasiadas" nas ruas de Barcelona, em setembro de 1936.



Desfile das tropas franquistas diante do general Franco, em Barcelona.

O general Franco nas ruas de Burgos, entre os generais Cavalcanti (à esquerda) e Mola (à direita), em agosto de 1936.

Funeral de Durruti, morto nos arredores de Madri em novembro de 1936: o corpo do dirigente anarquista é carregado por milicianos de sua coluna, vindos especialmente do *front*.



Personalidades políticas assistem ao funeral de Durruti.

Passeata em Barcelona pelo aniversário da Revolução Russa, em 8 de novembro de 1936.

Ao lado: Militantes anarquistas.

1953-1967

A Revolução Cubana

Janette Habel

A Revolução Cubana

No cassino do Hotel Nacional, uma loira norte-americana de olhar vazio joga roleta. Inclinado sobre seu ombro num gesto protetor, e com um charuto no bolso da *guayabera* branca (camisa de algodão branco finamente bordada que os cubanos usam nos dias de passeio), um homem segue de perto o desenrolar do jogo. Cassinos, prostituição, loterias, jogos de azar: nesses anos 1950, Havana é um gueto dourado para milionários, o bordel dos Estados Unidos. Nesse reino de corrupção, quem manda é a máfia; o neologismo importado da Sicília, que significa tanto miséria como capanga, ou mesmo miséria explorada por capangas, resume bem o que é o poder do chefe do lugar, Meyer Lansky.

Meio bêbados, com a boina de viés, os *marines* assobiam para as prostitutas cubanas que passam pelo Malecon, avenida à beira-mar da capital. Nos momentos livres, urinam na estátua de José Martí, herói nacional das guerras de independência. No Jóquei Clube, no Havana Biltmore Yacht, os *yankees* sentem-se em casa.

Continental Hotel, Hilton Hotel, Riviera Hotel: o falso brilho importado dos néons é emblemático. Na calçada, um homem espera. Nas ruas estreitas da velha Havana, Chevrolets, Studebakers e Cadillacs estacionam sob os letreiros sugestivos do Savoy Bar Club ou do Jicky Bar. Aqui, tudo é

made in USA. Exceto a miséria. A dois passos dos luxuosos *buildings* ultramodernos estendem-se as favelas: os *bohios*, uma espécie de barraco coberto de folhas de palmeiras. Crianças de barriga inchada brincam no meio de montes de lixo. Paira um odor de decomposição. A querida cidade das mil colunas do escritor Alejo Carpentier parece ter perdido sua identidade.

O general Fulgencio Batista, presidente da República, reina nos cassinos e nos prostíbulos por intermédio da máfia. Ele tomou o poder, em março de 1952, com um golpe de Estado, e tinha a alta proteção de Washington, apesar do caráter ditatorial de seu regime.

No país, porém, a revolta estrondava. Um ano depois do golpe, os jovens se rebelam. Em 26 de julho de 1953, atacam ao amanhecer o quartel de La Moncada, na região oriental da ilha, para protestar contra a ditadura. O assalto fracassa. Surpresos, os militares revidam, a repressão é terrível. Dos 120 jovens que participaram do ataque, 71 são mortos. Jazem no chão sob a umidade tropical. O cheiro de sangue seco invade o quartel. Em seus uniformes cor de milho, fuzil a tiracolo, os guardas satisfeitos contemplam do alto suas vítimas. Homens jovens. Um deles, de rosto rosado e olhos arregalados, tem o abdômen crivado de balas. Os cadáveres torturados são expostos na relva do cemitério, estendidos junto dos caixões.

Para o PSP (Partido Socialista Popular, nome do partido comunista cubano da época), os combatentes são "aventureiros pequeno-burgueses". O ataque ao quartel de Santiago é uma derrota militar, mas se revelará uma vitória política. Um homem encarna a partir de então a resistência à ditadura. Oriundo do partido ortodoxo, chama-se Fidel Castro. Levado à justiça, chega algemado no dia do julgamento. Ele aceita o desafio; de acusado, torna-se acusador. Condenado a quinze anos de prisão, proclama: "A história me absolverá!"

A história se bifurca. Do ataque frustrado contra o quartel de La Moncada nasce uma nova organização política: o Movimento 26 de Julho. Anistiado, Fidel Castro parte para o México a fim de praticar a guerrilha sob o

comando de um velho oficial da Guerra Espanhola. Entre seus companheiros, há um jovem médico argentino que conheceu no México, Ernesto Guevara, e que vinha da Guatemala, onde assistiu à derrubada do governo democrático de [Jacob] Arbenz por mercenários armados pela CIA. Guevara junta-se à luta armada contra a ditadura de Batista.

Em 24 de novembro de 1956, 82 homens partem do México a bordo do barco Granma rumo à costa oriental da ilha. Os militantes do Movimento 26 de Julho e seu jovem e prestigiado líder, Frank País, esperam. Eles vão salvá-los. Vítima de sérios reveses militares de início, a guerrilha rapidamente se beneficia do reforço de jovens vindos de Santiago de Cuba e, em seguida, dos *guajiros* [camponeses] da região. Instalados em Sierra Maestra, recebem treinamento militar, comandados por Fidel Castro. A foto o mostra com um charuto aceso, ensinando um *guajiro*, de braçadeira vermelha e negra do Movimento 26 de Julho, a usar o fuzil. As vitórias militares reforçam o prestígio do exército rebelde, a revolta se espalha pelo país, a luta contra a opressão ganha pouco a pouco toda a sociedade. Em dezembro de 1958, os chefes do exército de Batista revelam que 90% da população de Santiago apoia a guerrilha. De fato, Fidel Castro tinha o apoio constante da resistência urbana (*el llano*) organizada por Frank País, que o abastecia de armas, munições, víveres e medicamentos e contribuía para torná-lo conhecido da grande imprensa internacional, em particular da norte-americana. Contudo, Batista ainda foi recebido em Washington, em 1958, como um hóspede distinto. De pé numa limusine cintilante, teve a proteção de medidas de segurança excepcionais. Uma ala de policiais escoltou o casal presidencial, pois temia-se um atentado.

Em Sierra Maestra, os rebeldes progridem e se fortalecem; as manifestações populares se multiplicam. Ocorreram sublevações espontâneas na província de Camaguey. No outono de 1958, a guerrilha organiza-se em colunas para preparar a marcha rumo a Havana. A mais importante delas é dirigida pelo médico argentino Ernesto Guevara, que havia acabado de ser promovido a comandante; os guerrilheiros o apelidaram de Che, e ele conservará

esse nome, interjeição argentina que selará sua identidade. É visto marchando a pé entre os *barbudos*, a partir de então armados e desde já impelidos por uma vontade irredutível. Ele prepara a travessia da ilha, uma epopeia por pântanos e tempestades do outono tropical, realizada por um bando de homens famintos. Encabeçando uma tropa que afunda os pés descalços nas águas lamacentas, prepara-se para desferir o último golpe de misericórdia no regime: com o apoio decisivo da população local, Che descarrilha um trem blindado, carregado de armas pesadas, enviado por Batista e toma a cidade de Santa Clara, no centro da ilha, em 30 de dezembro de 1958. Estratégia vitoriosa de uma batalha decisiva, que se desenrolou numa cidade que lhe era totalmente desconhecida algumas semanas antes e fez o homem de boina estrelada entrar para a história. De barba rala, rosto magro, seguido de um guarda-costas que não tem nem vinte anos e com uma bombinha na mão para controlar a asma, ele escuta com atenção as informações que lhe passa seu interlocutor.

Cinco anos depois do ataque de La Moncada, a ditadura desmoronou sob os repetidos ataques do exército rebelde. A vitória de Santa Clara assinala a ruína de Batista. Fidel Castro, que ainda se encontra em Sierra Maestra, lança um apelo à greve geral. Esta paralisa o país inteiro. Na noite de Ano Novo, em 1º de janeiro de 1959, Batista foge. O ex-comandante do Exército general Tabernilla o acompanha. Mais tarde, ele escreverá: "Aos olhos de nossos companheiros, que abandonamos à sua própria sorte, aos olhos do povo cubano e para o mundo inteiro, nós partimos como covardes, ladrões, aproveitadores sem o menor sentimento patriótico". A vitória é total. As manifestações espontâneas acontecem por toda parte. Quando Fidel Castro entra em Santa Clara, a cidade recém-libertada por Che, os rebeldes sentados em tanques têm dificuldade para abrir caminho em meio à multidão entusiasmada que os acolhe. Nas lojas, os letreiros norte-americanos da Firestone e da Esso assistem impotentes ao triunfo dos rebeldes.

Enquanto isso, nas ruas devastadas de Havana, os simpatizantes do Movimento de 26 de Julho, de braçadeira formam barricadas para impedir a

fuga dos policiais da ditadura. Após longos dias de marcha, Fidel Castro chega à capital. A população o recebe como um libertador. Ele atravessou a ilha. De pé num tanque coberto com a bandeira cubana, estandarte da estrela solitária, cercado por uma multidão entusiasmada que também brande o emblema nacional, símbolo da independência enfim conquistada. Mais espetacular ainda é a chegada dos *guajiros*, os camponeses de chapéus de palha enfeitados com a estrela, escarrapachados em suas mulas. Pelo acostamento da estrada, outros marcham em fila indiana entre as palmeiras reais, lado a lado com os Chevrolets norte-americanos. Na velha Havana, os habitantes os saúdam de suas sacadas. Incrédulo, com o chapéu na mão esquerda e o facão na mão direita, cabaça d'água pendurada na sela, um cortador de cana manifesta seu entusiasmo.

Uma nova etapa se inicia. O velho regime corrompido e suas instituições são destruídos. Nesse momento histórico, dois homens conversam. O colóquio entre Fidel Castro e Camilo Cienfuegos, um dos brilhantes comandantes de Sierra Maestra, é evocativo. Um, torso rijo, quepe bem enfiado na cabeça e olhar voltado para o futuro, transforma-se desde já em instituição; o outro, com a cabeleira desgrenhada e o chapéu atravessado, interroga aquele que já é o chefe, o "líder máximo". Sozinho, Che escuta com o olhar inquieto, mas determinado, romântico, metódico e rigoroso, tal como em si mesmo a eternidade o fixará depois. Ele sabe que os desafios mais perigosos ainda estão por vir.

Desde os primeiros meses do ano de 1959, as relações se tornam tensas com os Estados Unidos. A missão militar norte-americana abandona Cuba na esteira do ditador. Os policiais e os carrascos batistianos, acusados de abusos e assassinatos sob a ditadura, são executados após julgamentos sumários, suscitando protestos de Washington. A população exige a punição dos culpados. Ela não esqueceu a brutalidade e a selvageria da repressão dos policiais, cuja primeira vítima foi a juventude cubana. Os acusados são conduzidos para a fortaleza de La Cabaña, para onde Che Guevara fora relegado. Com as mãos sobre a cabeça, aterrorizados,

desarmados, incrédulos, de olhos baixos, estão amontoados num pequeno escritório. Diante deles, os milicianos do Movimento 26 de Julho, com os fuzis carregados, aguardam. Sombra e luz. O relógio de parede indica a hora: meio-dia. A história tremeu.

Julgados, serão logo executados, apesar dos violentos protestos dos Estados Unidos. Em Havana, as críticas são consideradas inadmissíveis e reforçam o nacionalismo. A população grita por vingança, não esqueceu o apoio ao ditador, ao qual os Estados Unidos haviam fornecido armas até março de 1958.

É somente em abril de 1961 que os Estados Unidos reconhecerão num livro branco:

> o caráter do regime de Batista em Cuba tornou quase inevitável uma violenta reação popular. A cobiça dos chefes, a corrupção do governo, a brutalidade da polícia, a indiferença do regime às carências do povo em matéria de educação, cuidados médicos, moradia, justiça social e emprego, tudo aquilo que em Cuba, como em outros países, era um convite aberto à revolução.

Essa lucidez tardia não os impedirá de preparar a derrubada do novo regime de 1959 em diante.

No ambiente revolucionário desses primeiros meses, há greves nas empresas estrangeiras, das quais os assalariados por vezes exigem a expropriação, especialmente quando se trata de firmas que haviam tido ligações privilegiadas com a ditadura. Dá-se o mesmo no interior, onde ocorrem conflitos agrários nos grandes latifúndios açucareiros. A lei de reforma agrária, decretada em maio de 1959, é moderada, mas já em junho desse ano a Casa Branca protesta oficialmente contra os abusos e as irregularidades cometidas, segundo ela, na aplicação da reforma agrária nas propriedades norte-americanas. Em breve, os canaviais são incendiados.

Em Havana, essas tensões provocam a primeira crise ministerial e, em julho, a saída do presidente cubano, Manuel Urrutia, um moderado. Diante da multiplicação dos atentados, o governo decide criar milícias populares.

O país é agora esquadrinhado por silhuetas familiares, masculinas e femininas, vestidas com uma camisa azul e uma calça verde oliva, o quepe enfiado na cabeça, fuzil pendurado no ombro, que vigiam os locais de trabalho e os quartéis.

Em novembro de 1959, Che Guevara é nomeado presidente do Banco Nacional. Cabelos longos, olhar inquieto, barba malfeita, uniforme às vezes descuidado, o novo presidente não tem físico para o cargo, com exceção do charuto cuja fumaça o envolve. Sua mulher, Aleida March, é cubana, membro do Movimento de 26 de Julho. Eles se conheceram durante a luta insurrecional. Sorridente, ela participa das reuniões de trabalho e o acompanha em suas múltiplas atividades. Ele já se exaure na empreitada e passa longas noites em claro no escritório, estudando o sistema bancário. Rapidamente, decide vender as reservas de ouro de Cuba que estavam depositadas no Forte Knox, nos Estados Unidos, e transfere o dinheiro para bancos suíços e canadenses, a fim de impedir o confisco por Washington... Com efeito, as relações entre Cuba e os Estados Unidos se deterioram cada vez mais: Washington acusa Havana de ceder à influência comunista. Em fevereiro de 1960, o dirigente soviético Anastas Mikoyan assina em Cuba o primeiro acordo bilateral entre os dois países. Em 4 de março de 1960, um cargueiro francês, La Coubre, carregado de armas belgas, explode no porto de Havana e as relações se agravam ainda mais. Fidel Castro acusa o governo norte-americano de sabotagem. Em 17 de março de 1960, o presidente Eisenhower autoriza a CIA a treinar os exilados cubanos com o intuito de preparar a invasão da ilha.

A explosão mortífera do cargueiro faz cem mortos. É atribuída à CIA. Alberto Korda registra para a imortalidade a imagem de Che, seu olhar sombrio. A fotografia deu a volta ao mundo. Doravante, o homem de boina estrelada encarnará, na história do século XX, a revolta contra a injustiça.

Os acontecimentos se precipitam. Em junho de 1960, o governo exige das refinarias estrangeiras que façam o beneficiamento do petróleo bruto sovié-

tico: diante da recusa, serão expropriadas. É o início da escalada. Em 3 de julho, o Congresso dos Estados Unidos autoriza o presidente a suprimir a cota de açúcar cubano. Em 5 de julho, o Conselho de Ministros de Cuba autoriza a expropriação de todas as propriedades norte-americanas. Em 6 de julho, o presidente Eisenhower suprime a cota de açúcar cubano. Em 7 de agosto, todas as grandes empresas norte-americanas, industriais ou agrícolas, são estatizadas; seguidas dos bancos, em 17 de setembro.

Nesse mês de setembro de 1960, Fidel Castro vai a Nova York, onde estava sendo realizada a Assembleia das Nações Unidas. Deixando o bairro da ONU, onde está confinado, muda-se e instala-se no Harlem. Ali, encontrou-se com o líder negro Malcolm X e com Nikita Kruchov. Ao lado de um encantado líder soviético, o líder cubano – de uniforme e quepe na mão – saboreia seu triunfo e, ao mesmo tempo, com um gesto de mão, silencia os habitantes do bairro que o aclamam. Ele responde às perguntas dos jornalistas. Sabe que, a partir de agora, pode contar com a ajuda econômica e militar da URSS. A sobrevivência da revolução parece provisoriamente garantida.

Mas, em 19 de outubro de 1960, a administração Eisenhower proíbe todas as exportações com destino à ilha, com exceção de certos produtos farmacêuticos: a ilha foi posta em quarentena, como dirá mais tarde o presidente Nixon.

A resposta cubana não tarda. Em 24 de outubro, Havana expropria todos os bens norte-americanos, inclusive o comércio de varejo. A Revolução Cubana transpôs uma etapa decisiva: todos os bancos, todas as empresas industriais e comerciais importantes passam para o controle do Estado, ou seja, cerca de 382 empresas cubanas e estrangeiras, das quais as usinas de açúcar, a indústria do tabaco, as minas, o café etc. Ao mesmo tempo, o governo promulga uma lei de reforma urbana que permite aos locatários se tornarem proprietários de suas moradias, depois de pagar aluguel por períodos que iam de cinco a vinte anos.

O embaixador norte-americano, Philip Bonsal, deixa a ilha em 29 de outubro. O rompimento das relações diplomáticas, ocorrido em janeiro de 1961, coincide com o fim da administração Eisenhower. Em alguns meses, a ruptura é consumada entre os dois países.

Em Havana, é hora de mobilização. Em 1º de janeiro de 1961, é lançada uma campanha nacional de alfabetização. Nos campos, cerca de 25% dos habitantes são analfabetos. Ao apelo do governo, milhares de jovens deixam suas casas durante várias semanas para ensinar os camponeses a ler. No Malecon, de frente para o mar, um imenso painel luminoso proclama: "*Cuba, territorio libre de analfabetismo*". O relatório oficial da Unesco, publicado em 1965, fala em "obra-prima de organização". O campo militar de Colombia e o quartel de La Moncada de Santiago foram transformados em escolas-modelo: este último agora abriga moças estudiosas, que se aplicam na redação dos deveres. O ano de 1961 será declarado "*Año de la educación*", e a palavra de ordem "*Patria o muerte*" agora rematava todos os discursos.

O "líder máximo" está em toda parte. Com seu jipe, vai às vilas e fala com os camponeses e com as mulheres. Os guarda-costas o protegem a custo: trinta anos depois, podemos vê-lo em Havana num Mercedes preto blindado, com as cortinas puxadas e ladeado por dois outros dois Mercedes, seguindo em quincunce pelas ruas onde a circulação foi interrompida para lhe dar passagem.

Os vínculos com a URSS se fortalecem, inclusive no plano militar, agravando a hostilidade de Washington ao regime cubano.

A intervenção militar está na ordem do dia: diversas personalidades cubanas exiladas preparam nos Estados Unidos a criação de um "Conselho Revolucionário Cubano". Constitui-se em março de 1961, em Miami, com a disposição de transformar-se em "governo cubano livre". É presidido por José Miró Cardona, ex-primeiro-ministro do governo revolucionário entre janeiro e fevereiro de 1959. O futuro governo provisório conta com o

apoio da brigada 2506, composta de exilados armados pelos Estados Unidos que treinam na Nicarágua e na Guatemala para preparar a invasão da ilha. O roteiro lembra o que fora utilizado para derrubar o presidente Arbenz, da Guatemala, em 1954, e que tanto contribuiu para a radicalização política do jovem Che Guevara.

John Kennedy, novo presidente dos Estados Unidos, assume suas funções em 20 de janeiro de 1961 e ratifica o plano, com a condição de que as forças norte-americanas não tenham de participar. O ataque é desencadeado em 15 de abril de 1961, no centro-sul de Cuba, na praia Giron, na Baía dos Porcos. A mobilização é geral. As milícias populares desfilam em massa. Ombro a ombro, mulheres uniformizadas, negras e brancas, preparam-se para o combate. Outras montam guarda na frente de prédios oficiais. Os combatentes se amontoam nas caçambas de estacas altas de madeira, normalmente destinadas ao transporte da cana-de-açúcar, e partem em caravana pela estrada que leva ao local do desembarque. Jovens e velhos brandem suas metralhadoras e correm pela praia ao encontro dos invasores. Os caminhões atolam na lama dos brejos, mas nada detém os milicianos. Não serão necessárias mais do que 72 horas para vencer a invasão. A vitória é deles. O entusiasmo popular, a pujança da mobilização infligem aos agressores uma derrota sem precedentes. Ali mesmo, Fidel Castro, com gestos largos e o charuto na mão, discursa para os soldados e, em seguida, observa um avião abatido. Jamais o fervor nacional terá sido tão forte. Havana enterra seus mortos. Centenas de milhares de pessoas acompanham os caixões cobertos com a estrela solitária da bandeira cubana. Uma faixa gigante traduz o sentimento popular: "*Yanquis asesinos*".

Os mercenários são detidos às centenas. De pé com suas calças de brim norte-americano, eles baixam a cabeça e se perguntam sobre a sorte que lhes será reservada. O julgamento dos invasores contrários à revolução será retransmitido para toda a América Latina. Sentados no banco dos réus, ouvem alguém testemunhar e confirmar a participação da CIA na inter-

venção militar, que havia recebido sinal verde do presidente Kennedy. Havana detém quase 1.200 prisioneiros. É uma verdadeira surra.

O governo cubano negocia com Washington a libertação dos prisioneiros e, como contrapartida, recebe indenizações financeiras (63 milhões de dólares por danos de guerra) e compensações materiais.

Pela primeira vez no século XX, uma intervenção preparada e armada por Washington foi derrotada. A repercussão na América Latina é sem precedentes.

No 1º de Maio de 1961, na praça da Revolução, centenas de milhares de cubanos desfilam sob uma gigantesca bandeira, que flutua ao vento. Na euforia da vitória, Fidel Castro proclama o caráter socialista da Revolução Cubana: "Sim, em Sierra Maestra, combatemos pelo programa de La Moncada; em Giron, nosso povo heroico derramou seu sangue pelo socialismo". De mãos dadas, a imensa multidão canta a "Internacional" e brande milhares de bandeiras e cartazes onde se pode ler: "*Viva la revolución socialista*".

Mas a trégua dada pela vitória da praia Giron durará pouco. Washington não havia desistido de derrubar o governo cubano, dessa vez com o apoio dos principais governos latino-americanos. Em janeiro de 1962, durante a reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA), em Punta del Este, Cuba é excluída da organização*. No Panamá, Robert MacNamara declara que a ilha ameaça o hemisfério ocidental: os Estados Unidos e seus aliados devem se preparar para enfrentar o perigo, inclusive por meios militares. Em Havana, a mobilização popular atinge o ápice. O sentimento nacional é exacerbado. A segunda "Declaração de Havana" é um revide à exclusão de Cuba da OEA. Junta-se uma multidão em torno de um imenso caixão sobre o qual se colocou uma cartola norte-americana. Iniciais gigantes dizem "*EPD OEA*" (Que a OEA descanse em paz). Nos cartazes, o humor cubano se esbalda. Sob um crocodilo simbolizando o tio Sam,

* Em junho de 2009, a OEA revogou a resolução que expulsou Cuba. (N. E.)

pode-se ler: "Cuidado com o jacaré!" "Com ou sem a OEA, nós somos livres!", declara outro cartaz carregado pelos sindicalistas.

No entanto, o país está de novo em pé de guerra. De onde virá a agressão dessa vez? Ninguém sabe, mas todos se preparam. Havana toma a dianteira e pede à União Soviética que defenda sua soberania. Moscou prepara um golpe estrondoso. A instalação de mísseis balísticos a menos de 200 quilômetros da costa dos Estados Unidos altera o equilíbrio das forças nucleares entre as duas grandes potências.

Em 22 de outubro de 1962, John Kennedy denuncia a instalação de foguetes nucleares soviéticos em Cuba, exige a retirada dos "mísseis ofensivos" e impõe um bloqueio naval à ilha. Em resposta ao discurso do presidente norte-americano, o primeiro-ministro convoca mais uma vez à mobilização geral. Caminhões carregados de unidades de combate da milícia revolucionária cruzam as ruas da capital. O clima está tenso. A capital é coberta de cartazes que dizem: "*Comandante en jefe, ordene!*". Não há um ímpeto desordenado de milicianos precipitando-se para a praia, como no episódio da baía dos Porcos. A infantaria cubana desfila em uniforme, semblante severo, ar marcial, passos cadenciados. Dessa vez, os riscos são de uma outra magnitude. Fora de Havana, imensos reboques circulam protegidos por toldos, que escondem algo como cilindros indistintos. São conduzidos por soldados soviéticos. O povo os chama de "etc.", porque Fidel Castro, ao descrever as armas que Cuba possuía para se defender, concluiu a longa enumeração com misteriosos "etc.". São os famosos mísseis entregues "clandestinamente" pela URSS e que os aviões espiões dos Estados Unidos não tardaram a descobrir debaixo da sombra das palmeiras. O mundo está à beira da guerra nuclear.

Inicia-se uma negociação direta entre Washington e Moscou, da qual Havana é excluída. A URSS aceitará retirar as ogivas nucleares desde que os Estados Unidos se comprometam – num memorando mantido em segredo – a não atacar Cuba. A direção cubana não foi consultada. Fidel Castro responde com uma declaração com cinco pontos. O "líder máxi-

mo" mal consegue esconder a raiva. Para se vingar, exige a evacuação da base naval norte-americana de Guantánamo e rejeita a inspeção das defesas cubanas locais pela ONU. Washington exigiu o sobrevoo do território para verificar a retirada das armas estratégicas. A crise se desata graças ao compromisso entre os dois "grandes", mas à custa de um primeiro rompimento entre Moscou e Havana que deixará marcas.

Embora santificada pelo compromisso firmado, Cuba é objeto de uma guerrilha incessante, encorajada do exílio, no centro do país, nas montanhas de Escambray. Por outro lado, o embargo norte-americano agrava uma situação econômica que se torna tensa. Os dois primeiros anos permitiram a elevação do nível de vida da população e a alfabetização, mas agora é preciso atacar o problema do desenvolvimento. O desafio é imenso nesse pequeno país sem recursos energéticos, no quintal dos Estados Unidos. Como absorver pouco a pouco a monocultura do açúcar? O debate sobre a estratégia econômica ia de par com a difícil implantação de instituições políticas: as tensões são fortes e os conflitos entre as forças políticas que apoiam o processo revolucionário são numerosos. Foram provocados pela influência crescente da União Soviética, que se valeu de um agrupamento interno bem organizado, o PSP, velho partido comunista muito ligado à embaixada soviética. No entanto, a colaboração com Batista nos anos 1940, a rejeição da insurreição e, depois, a adesão tardia ao projeto de Fidel o desacreditaram e suscitaram a hostilidade de numerosos setores. O Movimento de 26 de Julho é minado por divisões internas; havia herdado uma estrutura militar, a do exército rebelde, mas não tinha armas para enfrentar as novas tarefas políticas. Quanto ao Diretório Estudantil, ele fora decapitado pela repressão de Batista. Em 1961, Fidel Castro tenta unificar essas três forças no que será denominado Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), que terão uma existência efêmera. Rapidamente, instala-se uma crise. Em março de 1962, Anibal Escalante, ex-dirigente stalinista do PSP, secretário na organização das ORI, é acusado de querer afastar os membros do Movimento de 26 de Julho e do Diretório em benefício dos velhos

militantes do PSP. Ele é exilado na Checoslováquia. Esse é o primeiro conflito aberto entre a jovem Revolução Cubana e a corrente comunista ligada a Moscou. Após a crise dos foguetes, Ernesto Che Guevara já havia começado a distanciar-se daquilo que hoje se chama "socialismo real".

Pouco a pouco, o poder político consolida-se sob a autoridade do "líder máximo", sem a implantação de instituições verdadeiras. Para tanto, serão necessários quinze anos. A organização dos poderes é retardada pelos problemas de defesa e pela deterioração da situação econômica, que impõe medidas urgentes.

Como continuar? Como sobreviver? Essa é a preocupação lancinante do governo. A ilha ainda depende das exportações de açúcar e charutos. Nas oficinas de produção, ainda se enrolam à mão os Upman e os Partagas comprados a preço de ouro pelos amantes dos havanas.

No curto prazo, a renda do açúcar é indispensável para financiar o desenvolvimento. Nos canaviais, vemos as mulheres cubanas colherem a mão, sob um sol tórrido, os longos caules cheios de açúcar. Em 1963, Fidel Castro decide retardar a industrialização do país e reforçar a produção açucareira. Pouco a pouco, a colheita da cana será mecanizada graças à construção de máquinas soviéticas. Em 1964, acordos comerciais de longo prazo são assinados com Moscou, que toma o lugar dos Estados Unidos na compra de quantidades cada vez maiores de açúcar cubano. Com isso, a dependência açucareira da ilha perpetua-se. Trinta anos depois, o custo será terrível.

Graças ao crédito soviético, os cubanos constroem uma enorme quantidade de moradias nos arredores da capital para substituir as antigas favelas e alojar os camponeses. Ninguém presta atenção na falta de transportes. Três décadas depois, a ruína dos pré-fabricados causará pena.

Como ministro da Indústria, Che Guevara quer diversificar a economia e industrializar o país. Ele está no centro dos debates sobre a estratégia econômica. Incansável, passa as noites no ministério e os domingos nos canaviais

ou nas empresas para impulsionar a produção – e dar um novo sentido ao trabalho voluntário. Entre uma reunião e outra, recebe escritores, entre eles Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, e escreve alguns poemas.

A confrontação que ele organiza opõe dois projetos de socialismo, os partidários do socialismo soviético e os promotores de um socialismo diferente, cujos contornos Che Guevara tentará definir empiricamente. Apesar de ter sido um dos artífices da radicalização da revolução e da reaproximação com a URSS, o ministro da Indústria distancia-se rapidamente de Moscou. Mas será vencido. Sua reflexão se torna cada vez mais crítica. Num discurso em Argel, em fevereiro de 1965, ele critica a política comercial soviética. Essas divergências expressas publicamente pelo representante de um governo aliado tão prestigiado no Terceiro Mundo não podiam ser toleradas pelo Kremlin. Che deixará Cuba, uma partida negociada com Fidel Castro cujas condições se ignoram. No Congo, e depois na Bolívia, ele tentará alavancar a luta revolucionária. Duas tentativas que resultarão em dois fracassos e, em seguida, em sua morte.

Chegou às margens do lago Tanganica em abril de 1965 e aí ficará até o fim do ano, acompanhado de cerca de cem cubanos negros, voluntários para combater Moïse Tchombe a seu lado. Os descendentes dos escravos fazem no sentido contrário a travessia do Atlântico efetuada por seus ancestrais africanos em condições desumanas para serem vendidos como mão de obra escrava nos canaviais das Antilhas. Contudo, com o assassinato do primeiro-ministro congolês, Patrice Lumumba, em março de 1961, as forças congolesas de libertação nacional se desorganizam, estão divididas e na defensiva. Elas não participam do combate e a corrupção reina entre os chefes. Che deixa o Congo com a constatação do fracasso. Mas para onde iria?

Em outubro de 1965, Fidel Castro anunciou a fundação do novo partido único, o Partido Comunista Cubano. Che Guevara não é membro de seu Comitê Central. Oito meses se passaram desde a sua partida. Ele está no Congo quando o comandante em chefe lê perante os congres-

sistas a carta de adeus deixada pelo ex-ministro da Indústria: "Eu renuncio formalmente às minhas responsabilidades na direção do Partido, ao meu posto de ministro, à minha patente de comandante, à minha condição de cubano. Outras terras do mundo exigem a contribuição de meus modestos esforços". Ernesto Guevara parte para a Bolívia, onde chega em novembro de 1966. Está irreconhecível: calvo, maxilar proeminente e ligeiramente barrigudo, apresenta-se sob a identidade de um comerciante uruguaio.

Por que e como a Bolívia? Trinta anos depois, essa escolha ainda é objeto de múltiplas interrogações. Encorajado por Moscou, que não quer um conflito com Washington em seu quintal, o Partido Comunista Boliviano, um dos supostos pilares essenciais da operação, é contra. Concebidos como campos de treinamento, os acampamentos guerrilheiros são descobertos prematuramente e qualquer contato de Che com Havana é logo interrompido. As redes urbanas de apoio, infiltradas desde o início pela CIA, são desmanteladas. Obrigados a lutar depois de serem descobertos pelo Exército, os guerrilheiros ficaram isolados numa região hostil, sem logística e sem armas. Em poucos meses, a guerrilha é dizimada pelos Rangers, que cercam a região. A presença de Che é revelada. Os contatos com Havana nunca serão restabelecidos. Em 9 de outubro de 1967, Che é executado em La Higuera por um oficial boliviano por ordem da CIA. Ele morre sozinho, abandonado. Com o torso nu, magro, o cadáver é estendido sobre uma pia. A cabeça levemente inclinada, os cabelos longos sobre os ombros e os olhos arregalados lembram o Cristo de Mantegna. Mais tarde, ícones homenagearão "Santo Ernesto de la Higuera".

A morte de Che sanciona o fracasso das guerrilhas nascidas nos anos 1960. Em nome da razão de Estado, que prevalece ao internacionalismo, o governo de Fidel muda a tática. Diante das ameaças de retaliação econômica por parte de Moscou, ele estreitará as relações com a URSS, fonte essencial de ajuda econômica. No fim da década 1960, os dados são lançados: Fidel Castro adere ao bloco soviético.

Entretanto, o ano de 1968 parece contradizer os maus presságios. Após a ofensiva vitoriosa do Tet no Vietnã, há a greve geral de Paris, em maio de 1968: Che renasce em cartazes, revive nas palavras de ordem, a juventude proclama sua solidariedade com os povos do Terceiro Mundo. Mas em Praga, em agosto de 1968, os tanques soviéticos invadem a Checoslováquia. Fidel Castro aprova a intervenção militar.

Cinquenta anos depois da vitória da revolução, Cuba vive um período de sucessão no qual se desenvolve um intenso debate sobre o futuro do socialismo, tanto entre seus adversários como entre os que o defendem, mas com o desejo de vê-lo evoluir.

Cronologia

1952

10/03: O general Fulgencio Batista derruba o governo instituído por um golpe. Nenhuma reação por parte de Washington.

1953

26/07: Fidel Castro e seus companheiros atacam o quartel de la Moncada.

1956

02/12: Desembarque do Granma na costa oriental da ilha. Fidel Castro e Ernesto Che Guevara começam a luta armada em Sierra Maestra.

1959

01/01: Vitória do exército rebelde, que entra em Havana sob o comando de Che Guevara e de Camilo Cienfuegos. Fuga de Batista.

Fevereiro: Fidel Castro substitui José Miró Cardona no posto de primeiro-ministro.

10/03: Reunião secreta do Conselho Nacional de Segurança dos Estados Unidos para preparar a derrubada do governo de Fidel.

Maio: Primeira reforma agrária.

1960

Primeiro acordo comercial com a URSS. Em outubro, Washington decreta as primeiras medidas de embargo contra Cuba.

1961

Campanha de alfabetização. Em abril, exilados cubanos treinados pela CIA desembarcam na Baía dos Porcos para derrubar o regime cubano. São repelidos pelas tropas cubanas. É a primeira derrota norte-americana na América Latina.

1962

Janeiro: Cuba é expulsa da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Outubro: Um avião espião dos Estados Unidos descobre mísseis nucleares em Cuba. O presidente Kennedy decreta um bloqueio naval total da ilha. O mundo está à beira de uma guerra nuclear. O acordo entre a URSS e os Estados Unidos põe fim à crise.

1963

Primeira visita de Fidel Castro à URSS. Segunda reforma agrária.

1965

Fevereiro: Che Guevara ataca publicamente a URSS num discurso em Argel, diante dos representantes do Terceiro Mundo. Ele retorna a Cuba e nunca mais aparecerá em público.

Abril: Combatentes cubanos comandados por Ernesto Che Guevara partem para o Congo.

Outubro: Fundação do novo Partido Comunista Cubano (PCC). Ernesto Che Guevara não é membro de seu Comitê Central.

1966

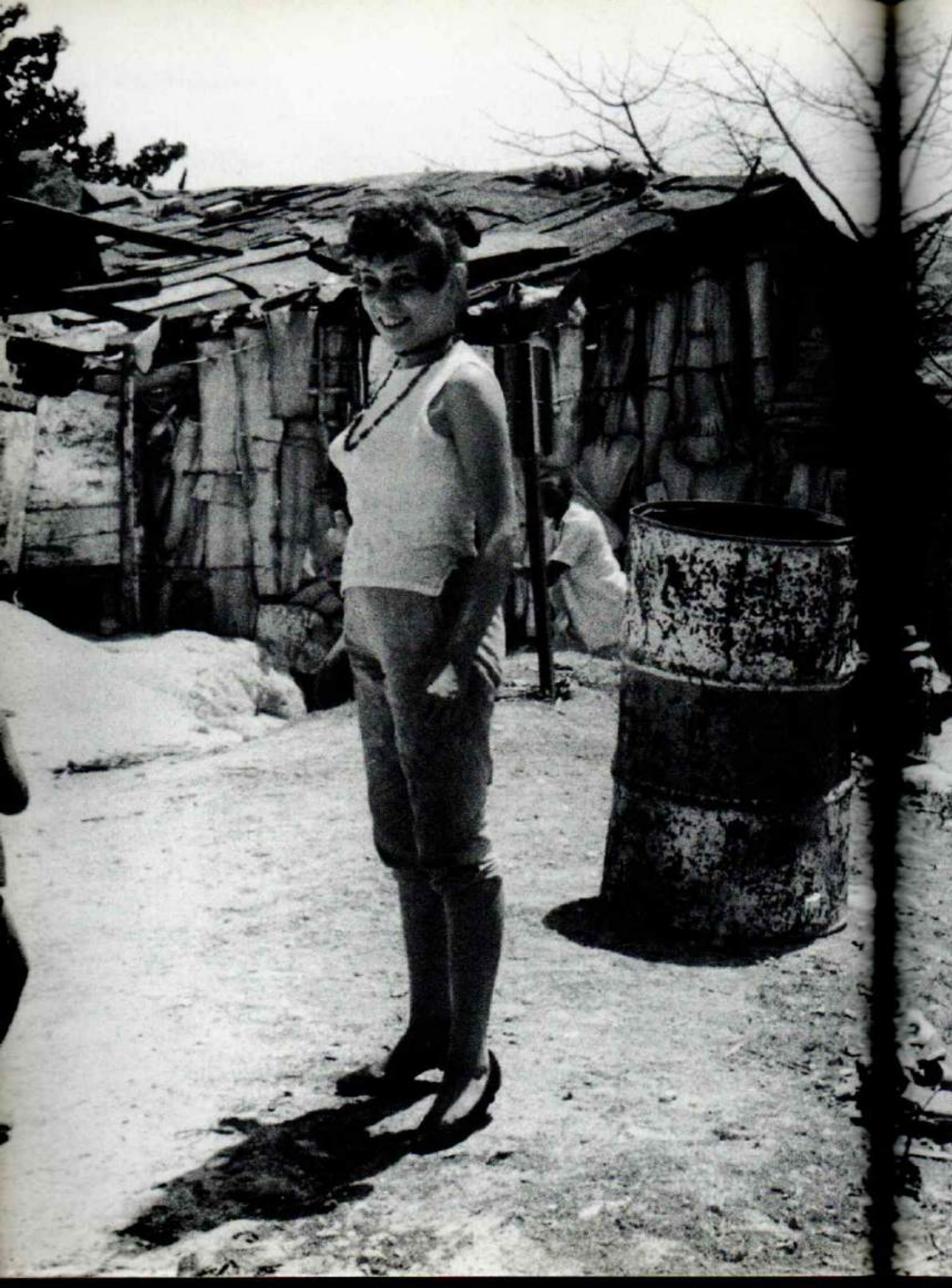
Novembro: Após o fracasso no Congo, Che Guevara vai para a Bolívia organizar um centro de guerrilha continental, prematuramente descoberto.

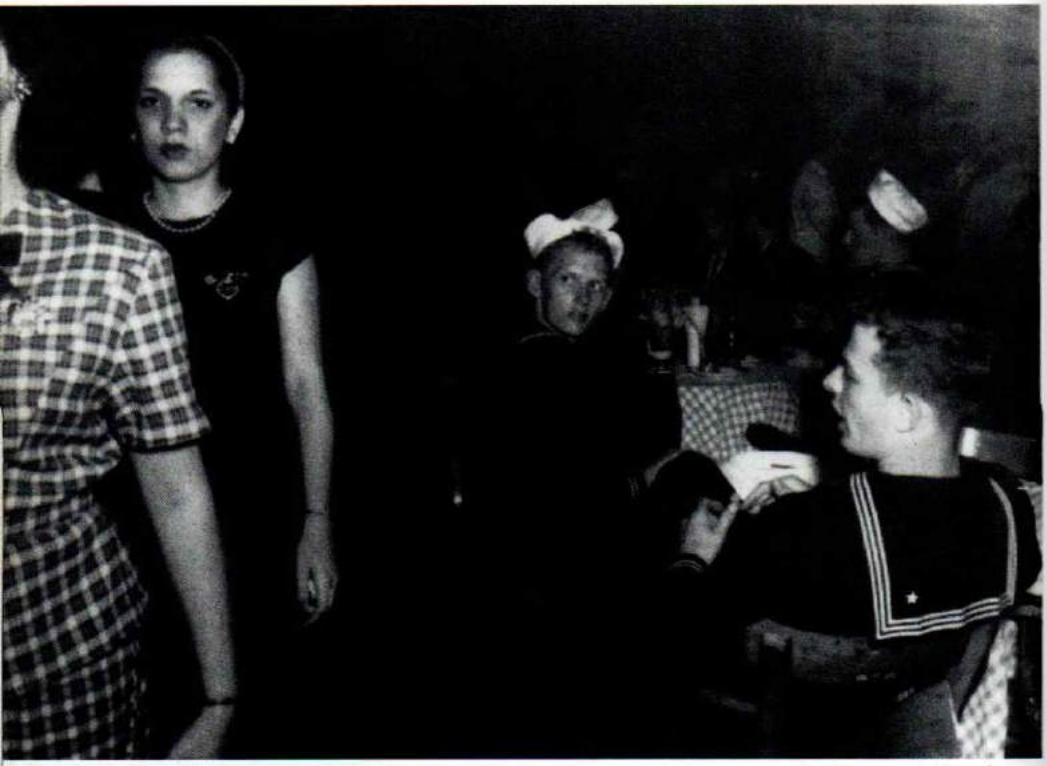
1967

09/10: Che Guevara é assassinado em La Higuera, na Bolívia.

1968

Agosto: Fidel Castro aprova a intervenção soviética na Checoslováquia.



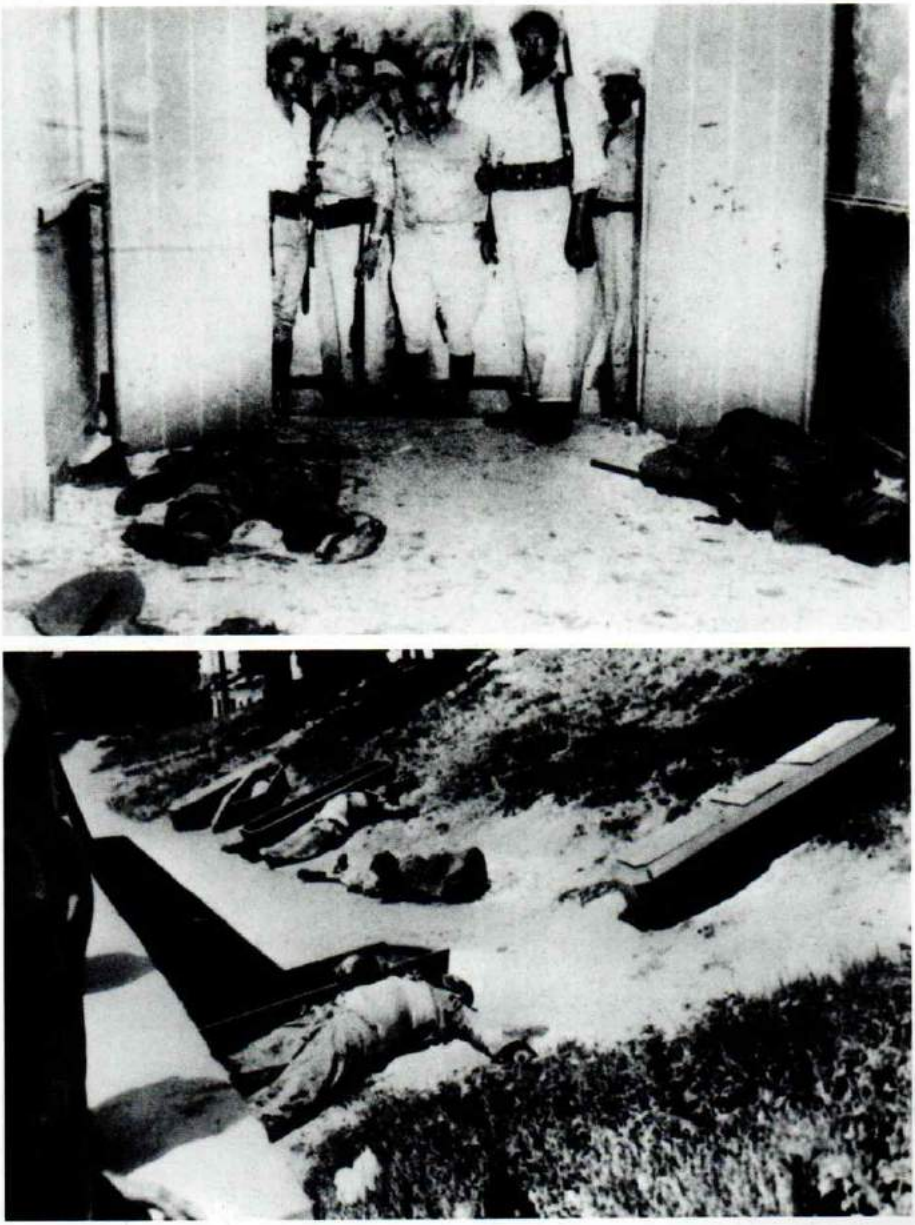


Marines norte-americanos observam a passagem de prostitutas no Malecon, em Havana, em 1958.

Página dupla anterior: Favela de Havana, em 1958.

Roleta no Hotel Nacional de Havana, em 1958.

Ac
do



Após o ataque ao quartel de La Moncada, os soldados de Batista observam os cadáveres dos guerrilheiros cubanos.

lado: Fidel Castro é levado a julgamento por ter participado assalto ao quartel de La Moncada, em 26 de julho de 1953.

Um grupo de guerrilheiros em Sierra Maestra. Em primeiro plano, Che Guevara.

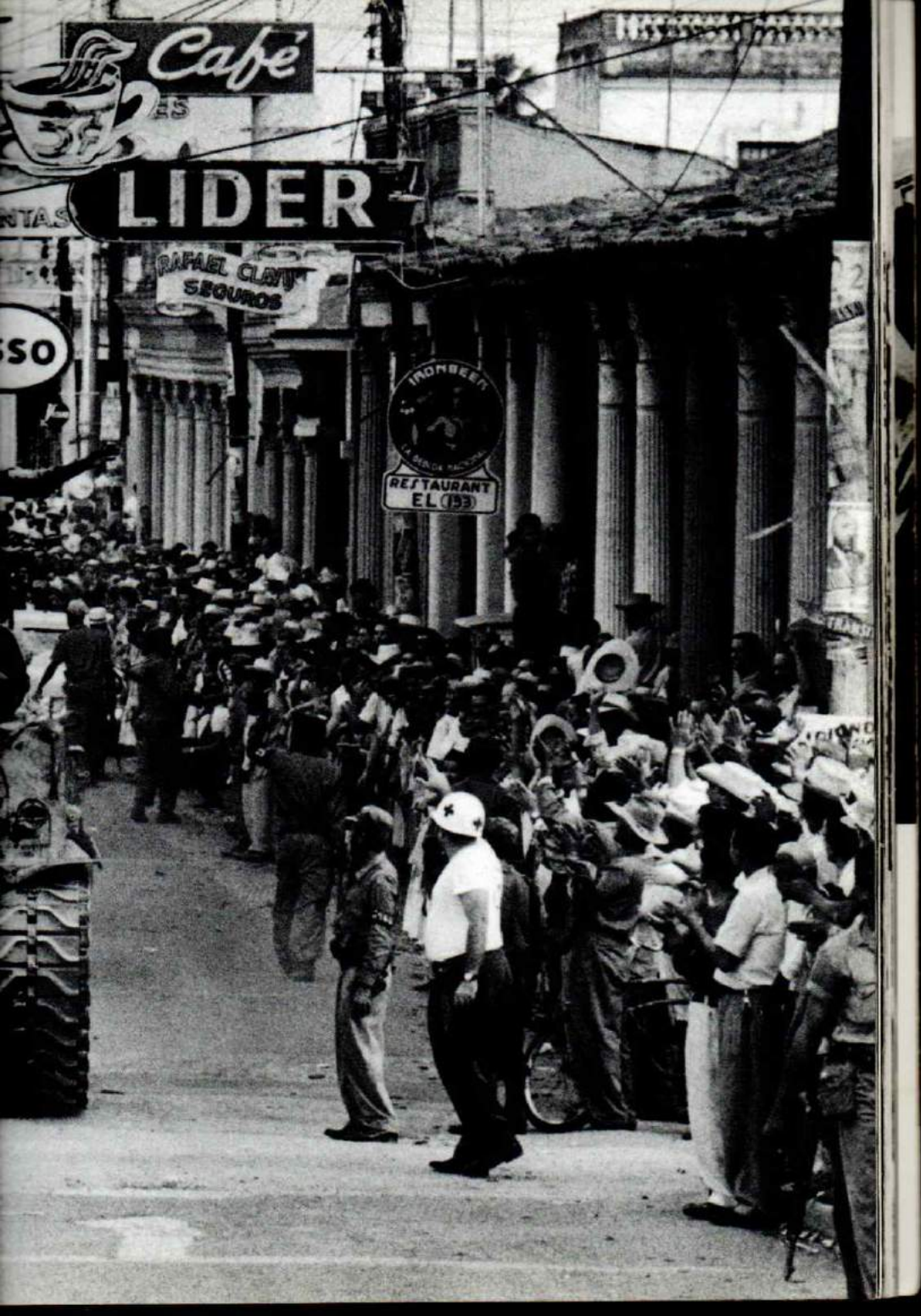
Ao lado: Na mata, Fidel Castro ensina os recém-chegados a utilizar uma arma.

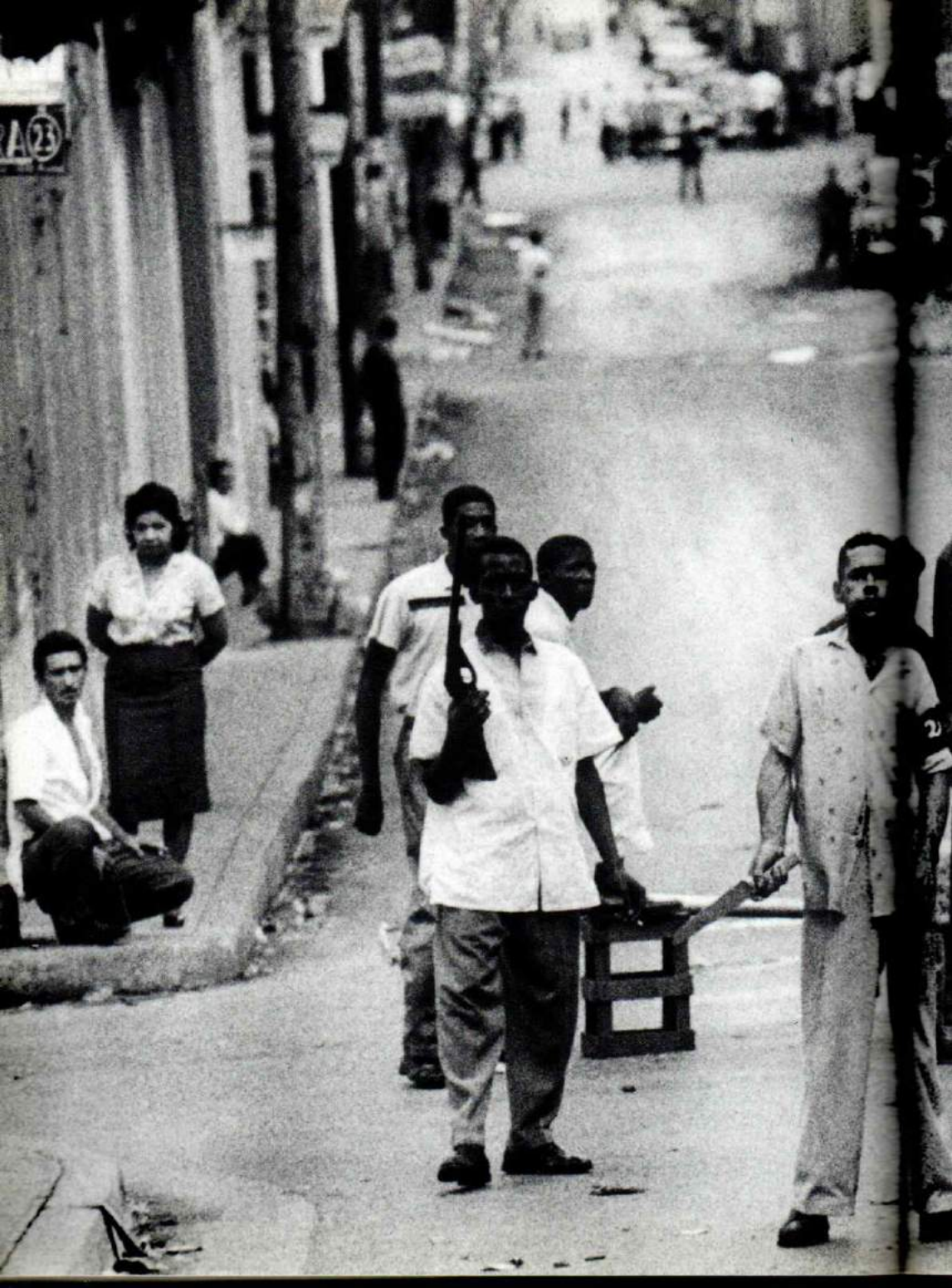
No alto e ao lado: *Guajiros* [camponeses] ajudam Fidel Castro e suas tropas a cruzar as montanhas, em janeiro de 1959.

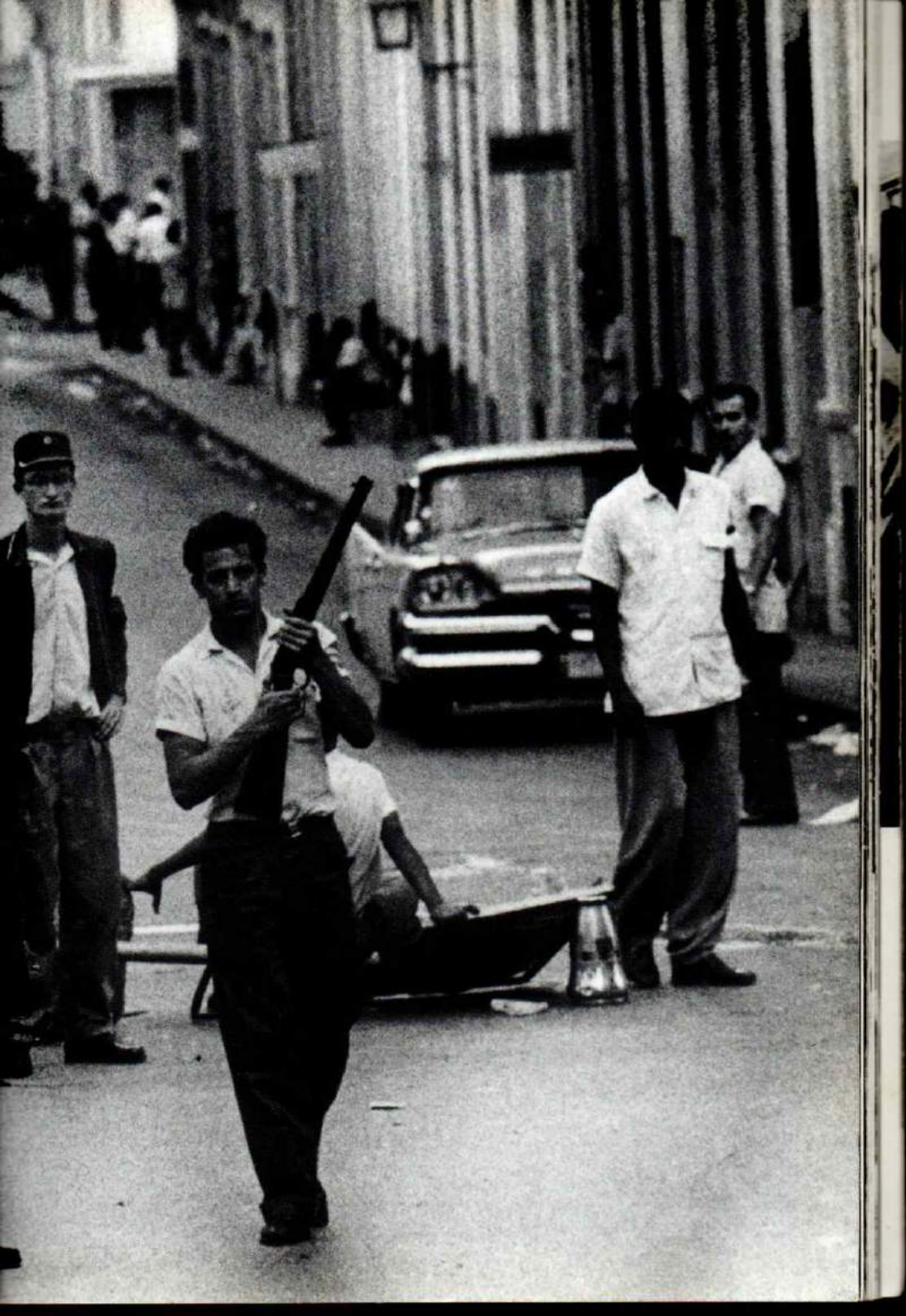
Depois de terem prestado uma grande ajuda a Castro, os camponeses entram em Havana, em janeiro de 1959.

Ao lado: A chegada de Fidel Castro e de suas tropas a Havana, em janeiro de 1959.

HOTEL
SAN CARLOS
Firesto
EL CUÑO
DEPOSITO
EUROPA
NIDAD Y HNO


Café
LIDER
RAFAEL CLAVIJO
SEGUROS
INDABEER
RESTAURANT
EL (93)



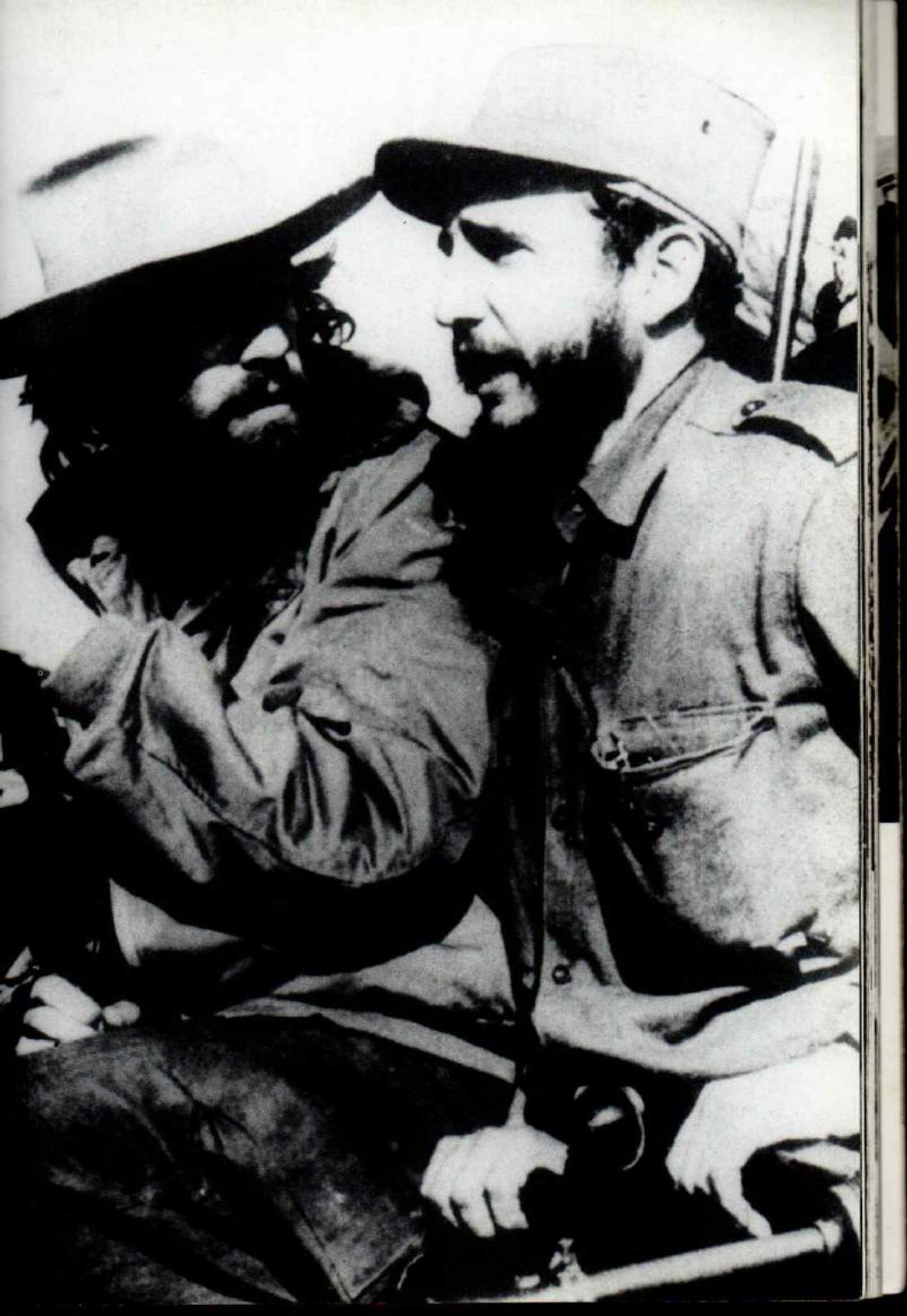


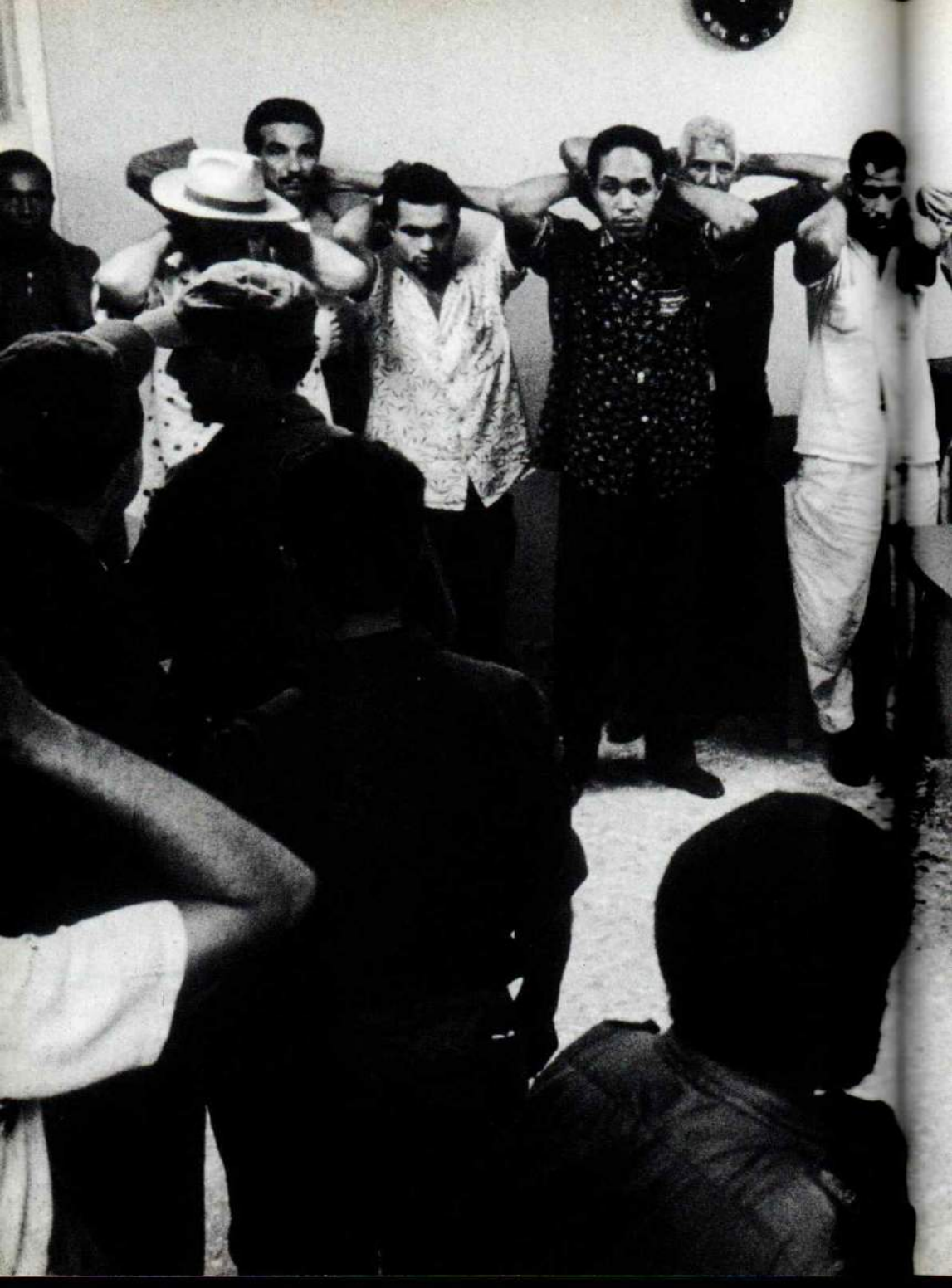
Fidel Castro e oficiais cubanos em Havana, em janeiro de 1959.

Ao lado: Fidel Castro e Camilo Cienfuegos entrando em Havana, em janeiro de 1959.

Páginas 484-5: As tropas de Castro nas ruas de Santa Clara, libertada por Che Guevara em janeiro de 1959.

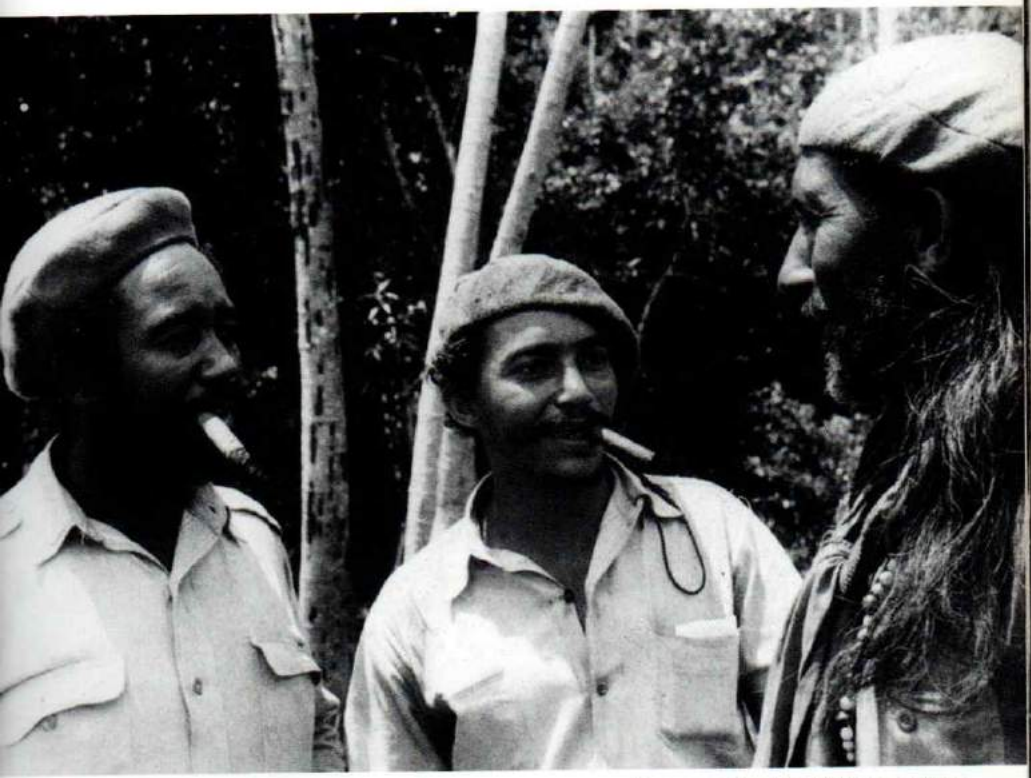
Páginas 486-7: Partidários de Castro tomaram Havana; ergueram-se barricadas para impedir a fuga dos que permaneceram fiéis a Batista, em janeiro de 1959.





Desfile de milicianas.

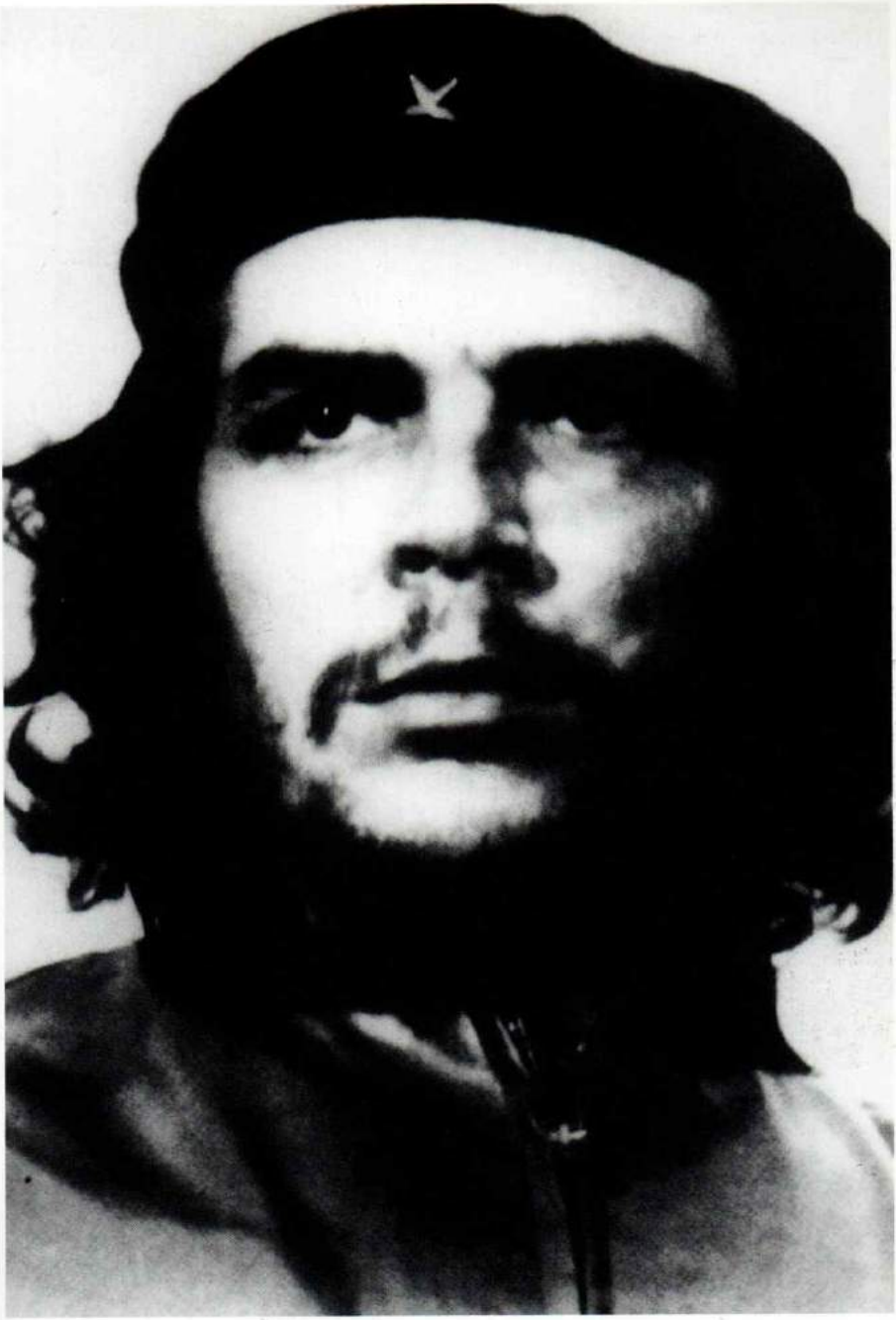
Página dupla anterior: Membros da polícia e agentes secretos, partidários de Batista, são presos pelas tropas de Fidel em Havana, em janeiro de 1959.



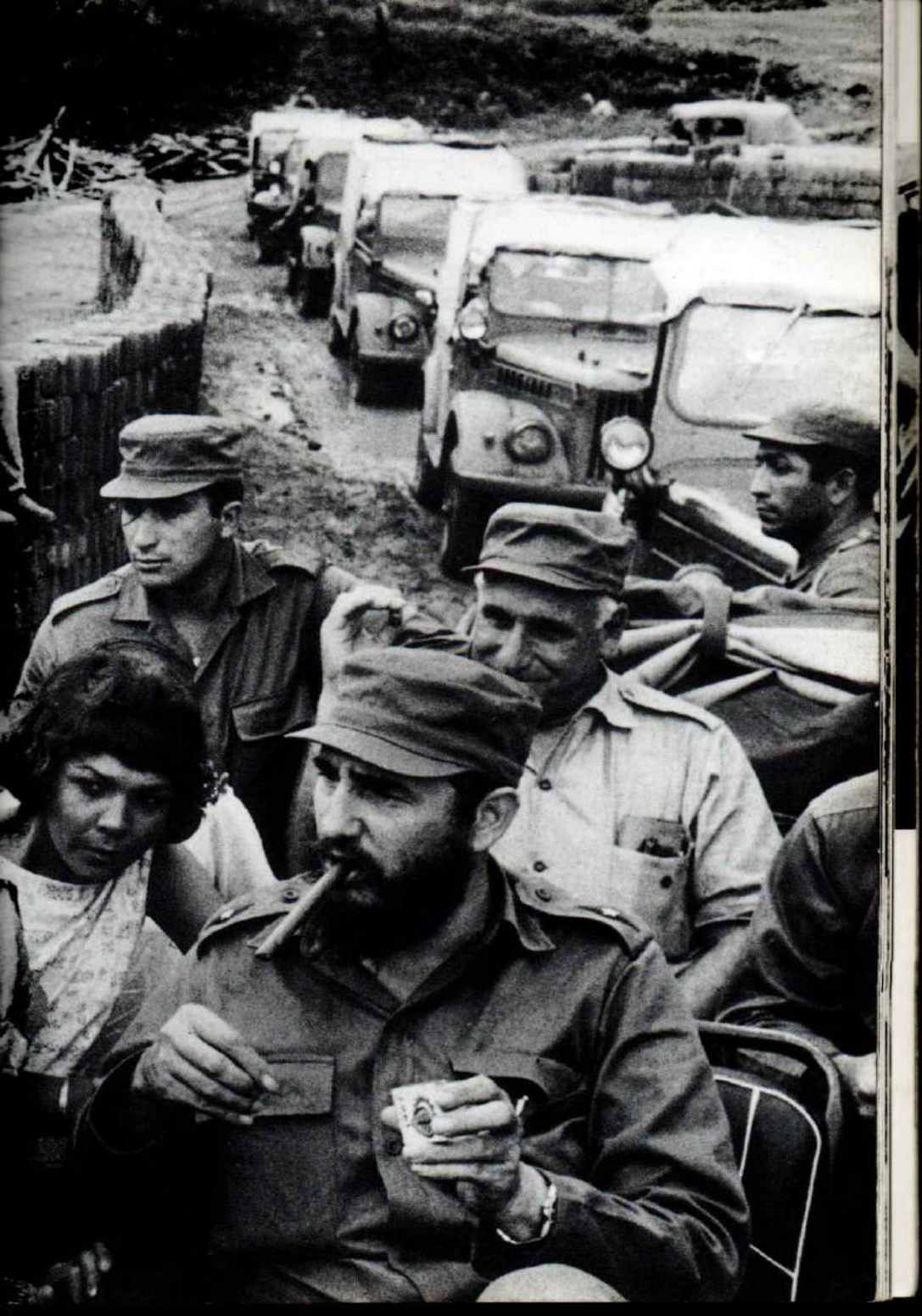
Duas gerações de milicianos em Cuba.

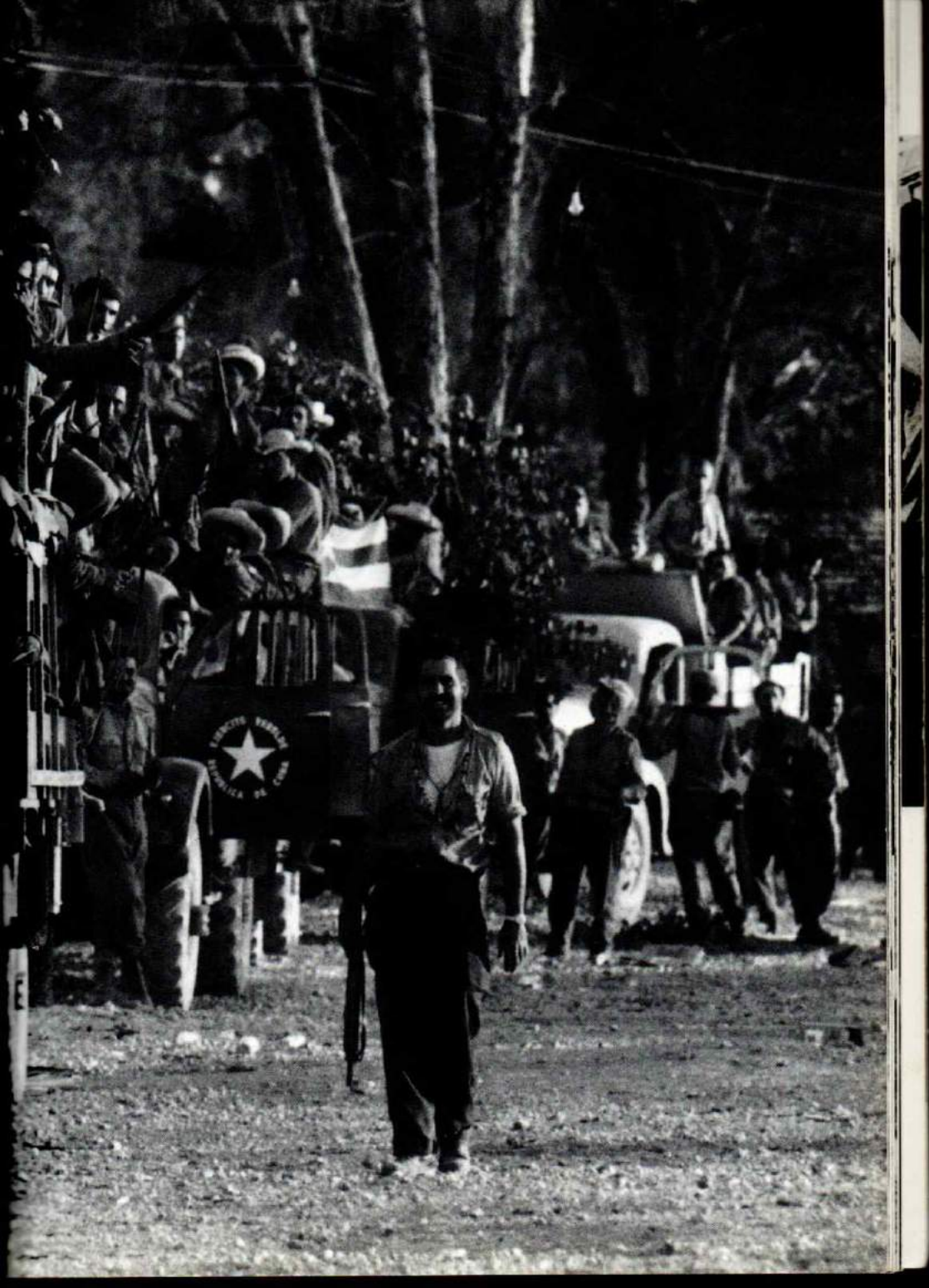
Che Guevara entre sua mulher, Aleida March, e Fidel Castro numa entrevista coletiva.

Ao lado: Essa fotografia de Che, tirada por Alberto Korda, deu a volta ao mundo. Data de 5 de março de 1960, dia das exéquias das vítimas da explosão do navio francês La Coubre, no porto de Havana.



NO
PARKING
EXCEPT
EMBASSY
CARS





Baía dos Porcos antes do início dos combates, em abril de 1961.

Páginas 496-7: Fidel Castro com Nikita Kruchov em Nova York, em setembro de 1960.

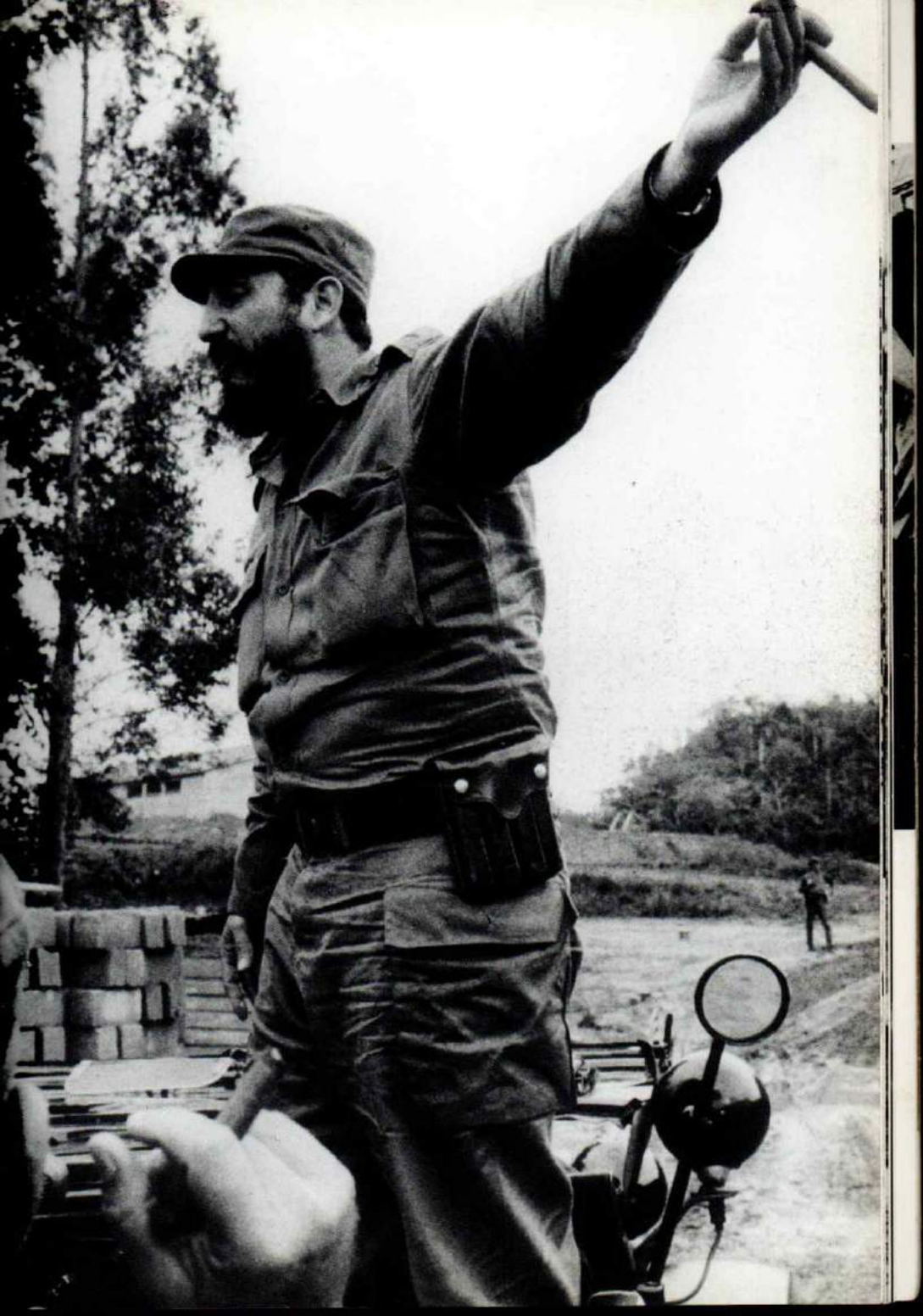
Páginas 498-9: Fidel Castro em Sierra Maestra, em 1961.

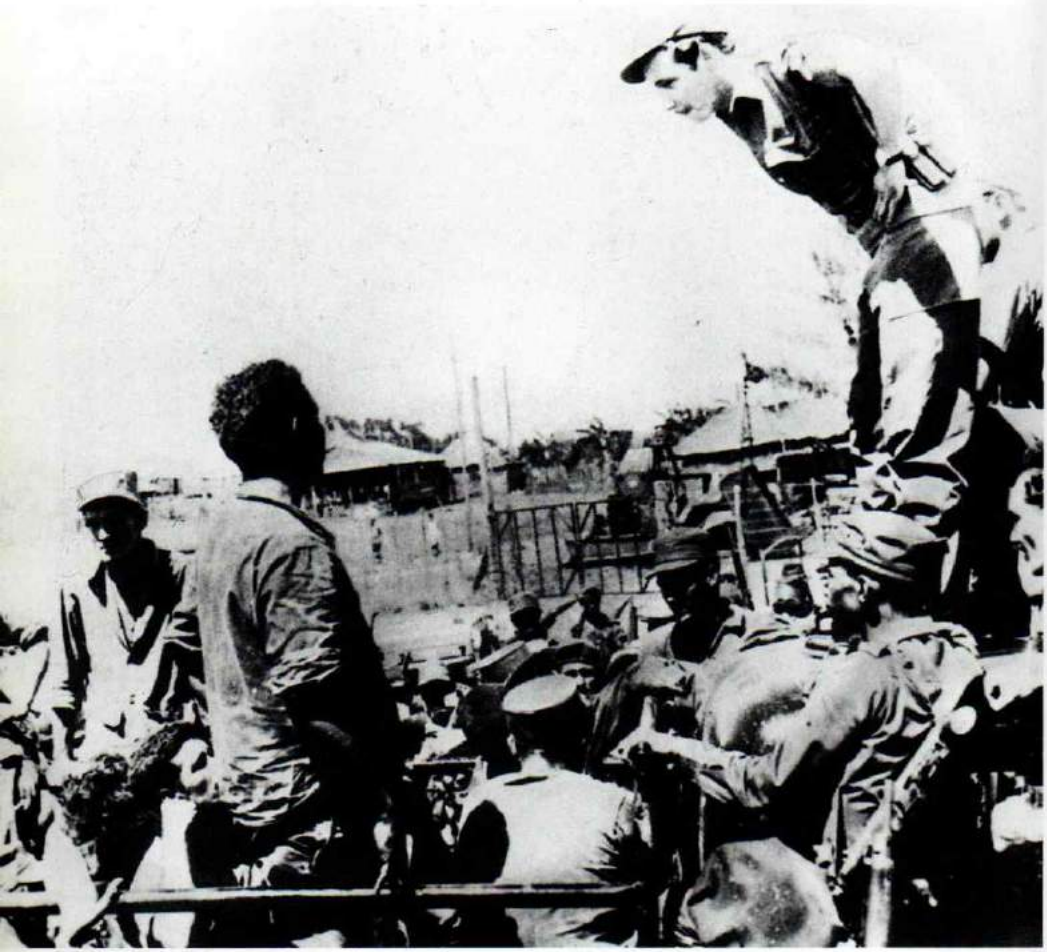
Páginas 500-1: Milicianos cubanos na Baía dos Porcos antes dos combates, em abril de 1961.

Combates na Baía dos Porcos, em abril de 1961.

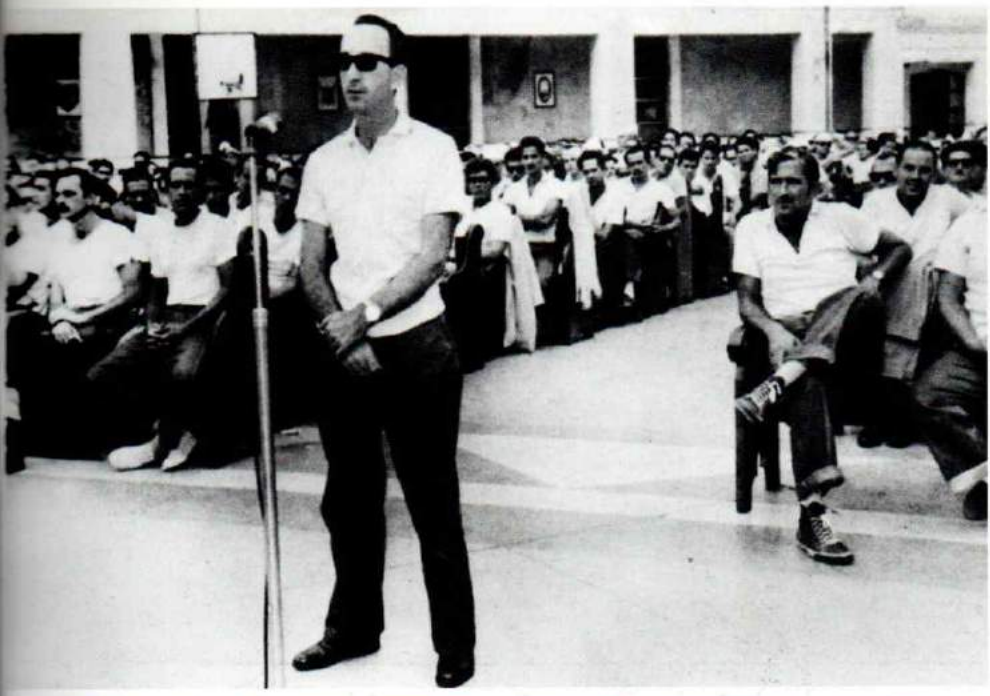
Fidel Castro na praia Giron, local da invasão norte-americana, ao lado de um avião espatifado, em 1961.

Ao lado: Fidel Castro, em 1961.





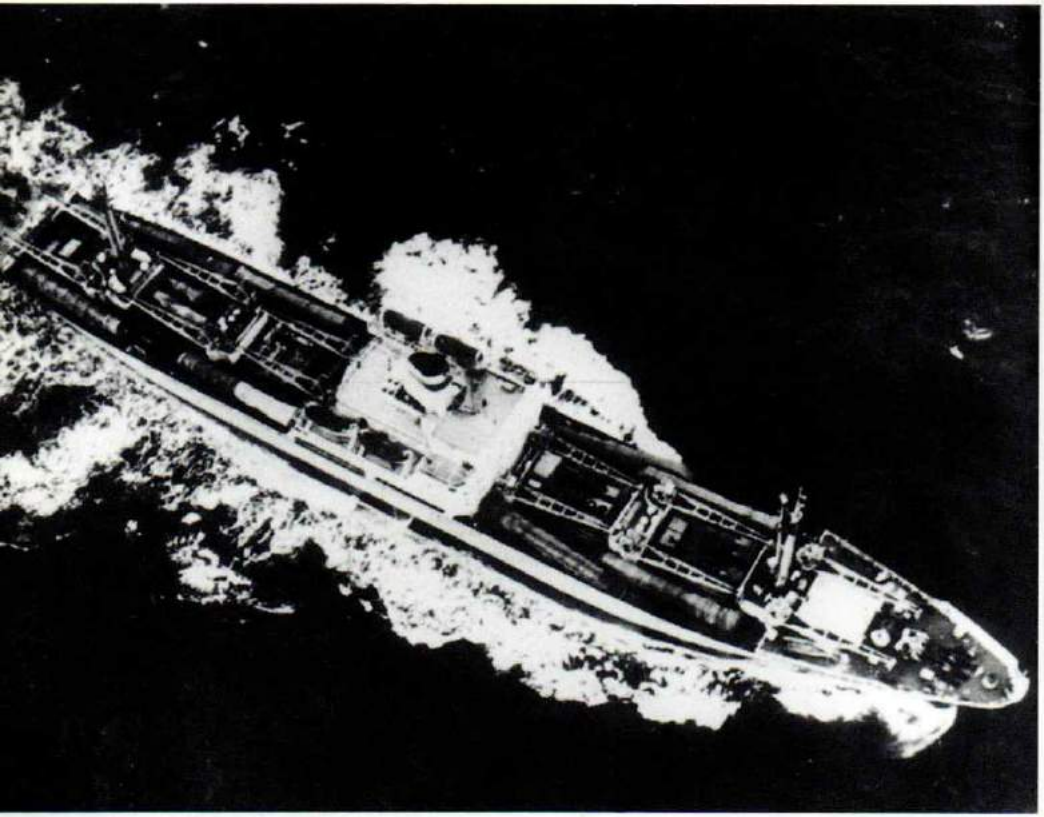
Repressão da contrarrevolução. Raúl Castro, irmão de Fidel, interroga prisioneiros, em 21 de novembro de 1960.



Julgamento dos mercenários contrários à revolução.

Para protestar contra a exclusão de Cuba da Organização dos Estados Americanos, a multidão carrega um imenso caixão com uma cartola nas cores dos Estados Unidos, em janeiro de 1962.

Ao lado: No 1º de Maio de 1961, mulheres cubanas comemoram a vitória.



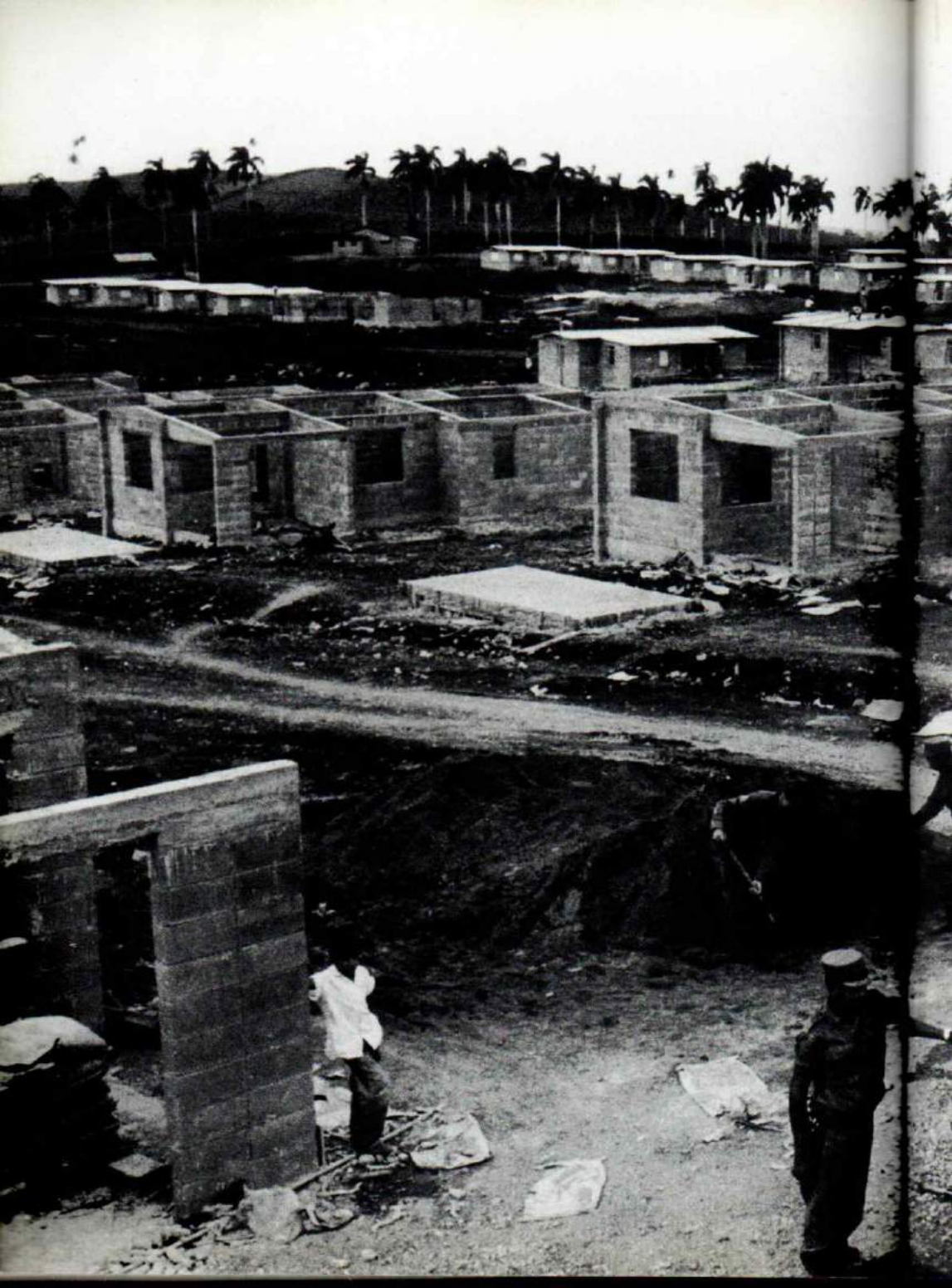
Os mísseis soviéticos deixam Cuba a bordo de cargueiros russos.

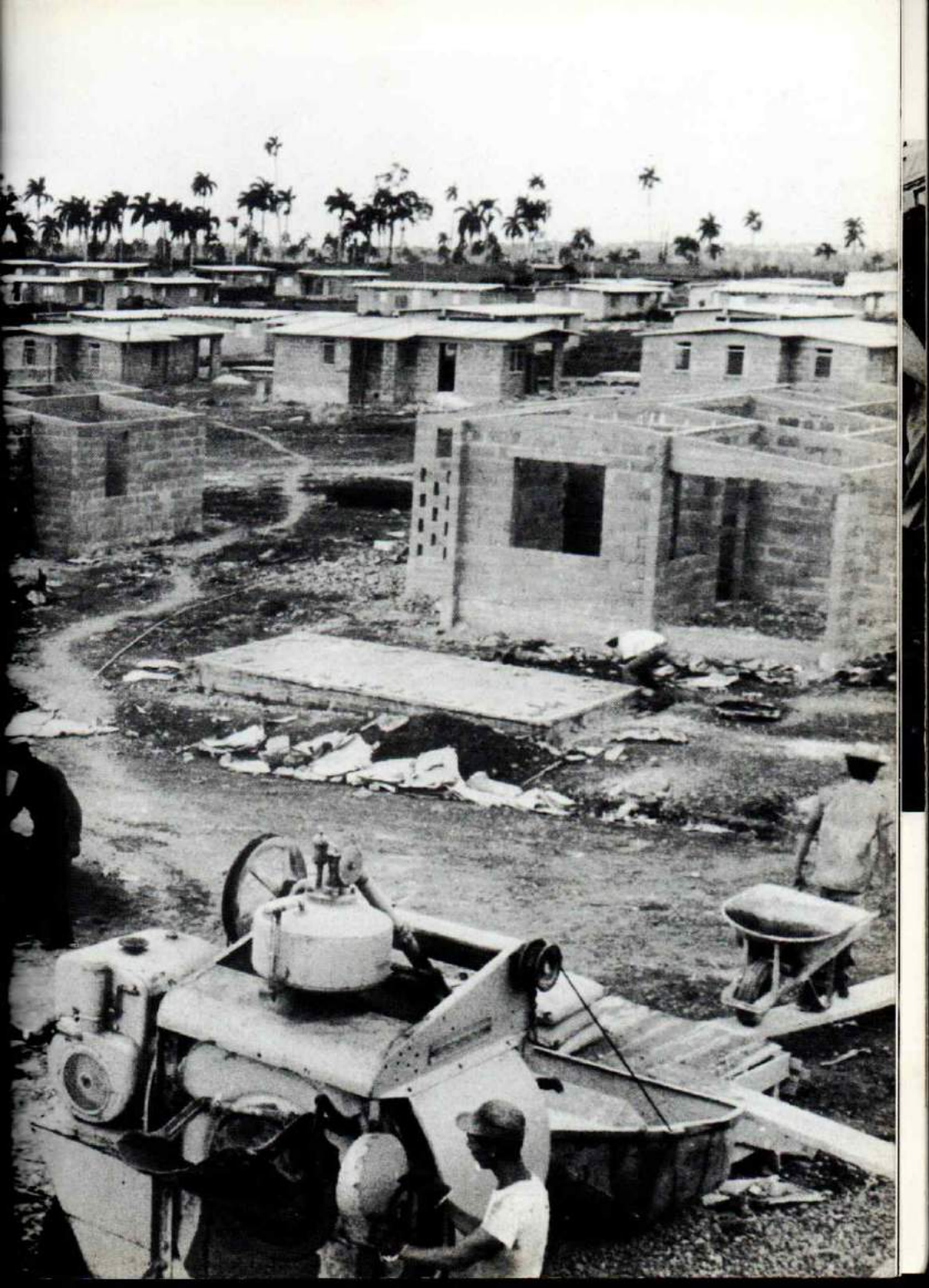
No alto: Soldados soviéticos nas ruas de Havana, em dezembro de 1962.

No centro e abaixo: Em consequência do anúncio do bloqueio decretado pelos Estados Unidos, os trabalhadores de Havana organizam manifestações, em outubro de 1962.

Uma fábrica de charutos em Havana, em 1961.

Ao lado: *La Zafra* (colheita da cana-de-açúcar) realizada por trabalhadores voluntários, em 1962.



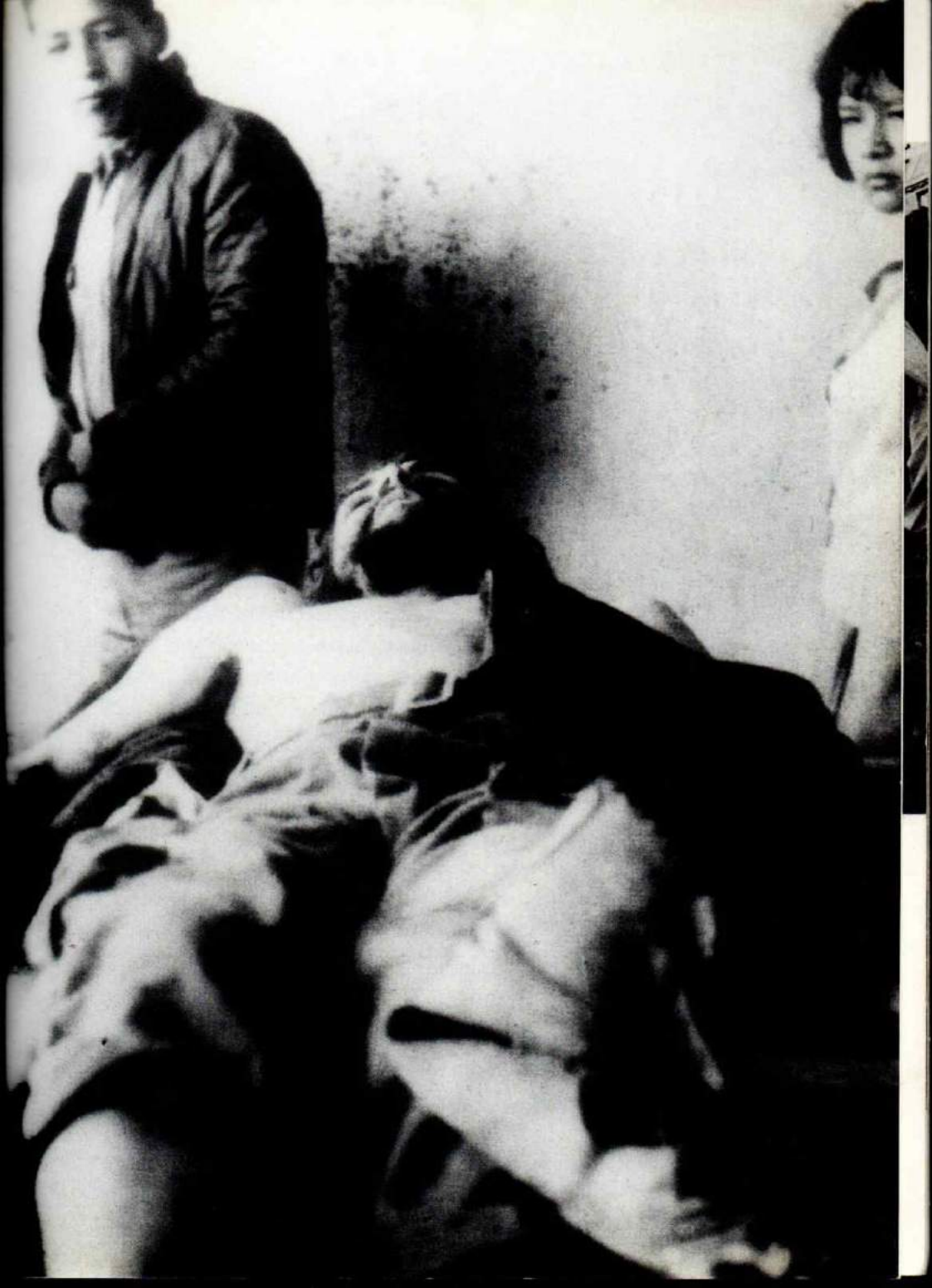


Che Guevara no Congo, em abril de 1965.

Página dupla anterior: Construção em massa de moradias na província de Matanzas, em 1962.

Che Guevara na Bolívia, em 1967.

No alto e ao lado: O cadáver de Che Guevara é exposto no hospital de Vallegrande, na Bolívia, em 9 de outubro de 1967.



A história não terminou

Michael Löwy

A história está longe de ter terminado. No decorrer dos últimos trinta anos assistimos à sucessão, na Europa e no mundo, de uma série de eventos revolucionários da maior importância social e política – ainda que não se trate de revoluções clássicas, como nas décadas anteriores. Entre essas sublevações de vocação emancipadora, cinco inflamaram a imaginação e os espíritos, muito além dos países em que se produziram: Maio de 1968 na França, a Revolução dos Cravos em Portugal (1974), a insurreição sandinista na Nicarágua (1979), a queda do muro de Berlim (1989) e, mais recentemente, a sublevação zapatista no México (1994). Ainda que se trate de eventos muito diferentes, com lógicas políticas distintas e situados em universos sociais e culturais bastante desiguais, eles têm em comum um mesmo impulso libertador, uma mesma alegria popular, uma participação maciça da juventude. Cada qual à sua maneira, marcaram a história do último terço do século XX e deixaram marcas na memória coletiva dos povos.

Maio de 1968 não foi uma revolução, mas uma imensa onda de contestação social, cultural e política, sustentada em suas expressões mais radicais por uma aspiração revolucionária. Seu imaginário se alimentava de revoluções do passado e do presente – desde a Comuna de Paris até as revoluções vietnamita e cubana; trata-se, porém, de um evento inovador, com características originais. Os gestos herdados do passado, como a construção de

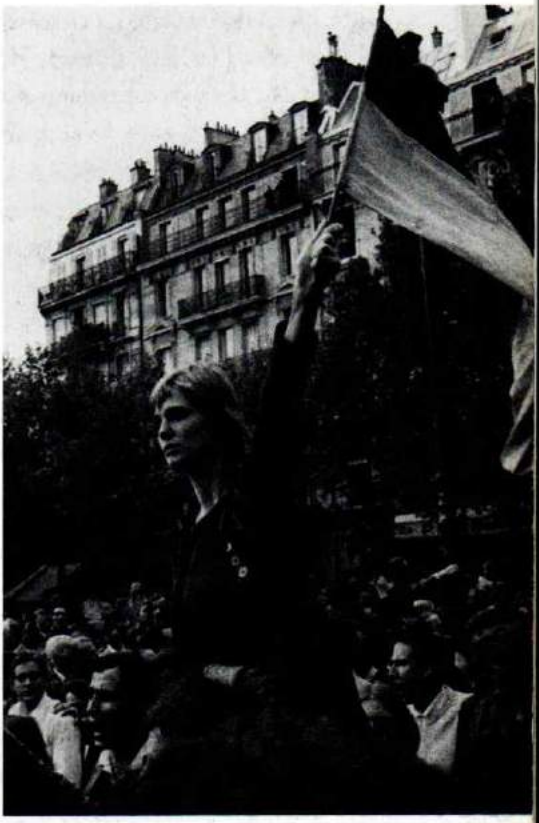
barricadas com paralelepípedos que passam de mão em mão numa cadeia solidária, não têm mais a mesma função: são atos simbólicos. Não há fuzis ou granadas, e menos ainda metralhadoras ou canhões. A violência é controlada e limita-se ao arremesso de pedras e de paralelepípedos, ao qual respondem – do lado das "forças da ordem" – com o cassetete e o gás lacrimogêneo. Às vezes os jovens lançam coquetéis molotov, que servem sobretudo para incendiar os carros – encarnação material da alienação mercantil – ou as próprias barricadas, a fim de impedir o avanço da polícia. O brilho dos incêndios nas ruas de Paris iluminou a imaginação social das últimas décadas, não só na França, mas um pouco em todo o mundo.

São os jovens, é claro, que lançam o movimento, que se inicia na Universidade de Nanterre, em 22 de março de 1968. Também são jovens os dirigentes e porta-vozes que os representam, como Alain Geismar, Jacques Sauvageot, Daniel Cohn-Bendit e Michel Recanati, vulgo Ludo, chefe do serviço de segurança das JCR (Juventudes Comunistas Revolucionárias), que se suicidou alguns anos mais tarde (em 1978) e cujo itinerário foi retraçado por Romain Goupil, em seu filme *Mourir à trente ans* [Morrer aos trinta anos] (1982).

Se o jovem e ruivo "anarquista judeu-alemão" Daniel Cohn-Bendit pôde se tornar a figura mais representativa do movimento, é sem dúvida por exprimir de maneira louvável o espírito libertário e insolente de Maio de 1968. Há uma célebre foto – transformada em serigrafia – que o mostra desafiando um policial, armado somente de um sorriso zombeteiro, uma imagem perfeita desse atrevimento, desse humor irônico e corrosivo que em iídiche é chamado de *chuzpah*.

As fotografias da época nos surpreendem pela grande participação feminina, não somente nas greves e nas ocupações das fábricas, nos debates nas universidades e nas manifestações de rua, mas também na construção das barricadas. Não é por acaso que a foto que se torna símbolo – ou, se preferirmos, alegoria – de Maio de 1968, reproduzida milhares de vezes em inúmeras

publicações, é a de uma jovem judia montada nos ombros de um rapaz e segurando a bandeira da Revolução Vietnamita. Graças a uma reportagem do jornal *Le Monde* publicada nos anos 1990, soubemos que se tratava de uma jovem aristocrata inglesa que pagou caro por seu gesto de rebelião: quando a foto foi conhecida, seu avô a deserdou...



Maio de 1968: participação feminina.

Não podemos esquecer que Maio de 1968 foi também uma grande e imensa festa, em que a imaginação pôde se não tomar o poder, ao menos cobrir os muros de Paris com cartazes esplêndidos, artesanalmente confeccionados pelo Ateliê Popular da Escola de Belas-Artes, e com inscrições poético-subversivas, frequentemente de inspiração situacionista. Uma festa musical também, seja pelo violão de Jean Ferrat diante de operários em greve da fábrica da Renault ou de pianistas anônimos no coração da Sorbonne.

A Sorbonne estudantil e a Renault operária foram os dois locais simbólicos de Maio de 1968, locais de ocupação, de discussão e de festa. Lá se encontram, concentradas, as forças e as fraquezas dos dois movimentos cuja convergência – apesar dos desacordos, dos conflitos e das desconfianças recíprocas – por pouco não derrubou o general de Gaulle e sua Quinta República.

A Revolução dos Cravos, em abril de 1974, em Portugal, não se assemelha muito ao Maio francês. Trata-se de um movimento efetivamente revolucionário, que derrubou uma das mais antigas ditaduras da Europa, o regime salazarista, de inspiração autoritária, corporativista e fascista. Contudo, fato raro na história moderna, a iniciativa do movimento partiu de um grupo de jovens militares, descontentes com a interminável guerra colonial na África. Reunidos em torno do capitão Otelo de Carvalho, esses oficiais derrubam a ditadura carcomida de Caetano, herdeiro de Salazar, por meio de um levante armado na noite de 25 de abril de 1974.

A multidão desce imediatamente às ruas e precipita-se para as prisões a fim de libertar os presos políticos e saquear os arquivos da Pide (Polícia Internacional de Defesa do Estado), a temível polícia política do regime. As fotos de identificação policial dos perigosos militantes "subversivos" acabarão nas latas de lixo da história.

Carros cruzam Lisboa carregados de jovens em júbilo que fazem o sinal da vitória. Surpreendente é a participação maciça de soldados e marinheiros nas manifestações de rua. Os mesmos fuzileiros navais que, alguns meses antes, ainda desfilavam a passo diante dos dignitários do regime estão em revolução. Pode-se vê-los marchando alegremente, cantando ou gritando frases revolucionárias, com um cravo numa mão e, na outra, uma palavra de ordem muito popular: "Retorno imediato dos soldados" – os soldados enviados à África para lutar contra os movimentos de libertação das colônias portuguesas de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau –, assinada com a foice e o martelo cruzados e o número 4 (provavelmente para designar a Quarta Internacional). É preciso voltar às cenas da Revolução Russa de 1905, em Odessa – ou, antes, à versão cinematográfica criada por Eisenstein, *O encouraçado Potemkin* (1925) –, para encontrar soldados, marinheiros, estudantes, trabalhadores e mulheres do povo, desfilando juntos, de braços dados.

Uma das primeiras medidas do novo poder provisório, constituído essencialmente pelos oficiais insurgentes (o MFA, Movimento das Forças Armadas), é

o retorno dos exilados políticos. Multidões reúnem-se na frente das estações para receber os líderes comunistas, como Álvaro Cunhal, ou socialistas, como Mário Soares. "Liberdade, democracia, socialismo" são as palavras que parecem resumir as aspirações revolucionárias dos portugueses. Há um certo ar de Maio de 1968 nas incontáveis manifestações que agitam as ruas e as praças de Lisboa, com multidões de jovens que se instalam sobre os monumentos e levantam o punho, gesto tradicional dos "vermelhos" de todos os países e de todos os continentes.

Revolução dos Cravos, Portugal: os tenentes tomam o poder.

O 1º de Maio de 1974 é o primeiro encontro público, unitário e maciço de um povo de esquerda reprimido por meio século de ditadura. Uma multidão imensa enche o estádio de Lisboa e desfila faixas e bandeiras. Algo novo se inicia, uma mudança profunda está em marcha. A esquerda exige que os soldados sejam chamados de volta da África e, alguns meses depois, eles desembarcam no porto de Lisboa, aguardados de braços abertos por suas famílias, que deixam explodir sua alegria: a revolução pôs fim a uma "guerra suja" colonial que durava havia muitos anos.

Um ano depois, em 25 de abril de 1975, acontecem as eleições para a Assembleia Constituinte. Longas filas se formam em frente às urnas, mesmo nos vilarejos mais distantes: todos, jovens e velhos, mulheres e homens, estudantes e camponeses analfabetos, querem participar dessas primeiras eleições democráticas após meio século. A esquerda – socialistas e comunistas – sai

amplamente majoritária, mas as divergências entre as duas forças impedem uma ação unitária. Pouco depois, a revolução estará terminada: os militares mais marcados à esquerda serão afastados e Portugal se "normalizará" sob a direção de um governo social-democrata dirigido por Mário Soares.

De todos os movimentos dos últimos trinta anos, a Revolução Sandinista de 1979 é talvez aquela cujas imagens mais se assemelham às revoluções paradigmáticas do século XIX e da primeira metade do século XX: barricadas ornadas de fuzis, insurreição armada, revolta de multidões, confrontos sangrentos, derrubada da tirania são os momentos-chave dessa nova época latino-americana.

A revolta se dirigia, acima de tudo, contra a dinastia dos Somoza, que reinava soberana na Nicarágua desde meio século antes. Como o pai, Anastasio Somoza exercia um poder ditatorial graças à fraude, à corrupção e sobretudo a uma guarda pretoriana – a Guarda Nacional da Polícia Militar – onipresente.

A Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), fundada no início dos anos 1960 por Carlos Fonseca Amador, prevalecia-se da memória de Augusto César Sandino, o lendário guerrilheiro que combateu os *marines* norte-americanos e foi assassinado em 1929 pelo general Somoza – fundador da dinastia. Foi apenas em 1978, após longos anos de guerrilha rural em condições difíceis, que a FSLN conseguiu superar suas divisões e tornar-se uma força real, gozando de grande apoio popular.

Um dos fatores que contribuíram para a força dos sandinistas foi a adesão de um número considerável de cristãos ao movimento. O mais conhecido era o frei Ernesto Cardenal, padre e poeta, católico e revolucionário: com seus longos cabelos brancos, seus jeans e sua boina onipresente, tornou-se – inicialmente na Nicarágua e depois no exílio – uma das personalidades mais populares do sandinismo. Seu irmão, o professor jesuíta Fernando Cardenal, desempenhou um papel importante na integração de muitos de jovens e estudantes cristãos à FSLN. Graças ao desenvolvimento de uma corrente inspirada na Teologia da Libertação na Nicarágua, a Revolução Sandinista foi a primeira

Barricada sandinista: presença maciça de jovens.

na história moderna em que os cristãos foram um componente reconhecido e decisivo do movimento. Isso se traduz não só pela presença na direção da FSLN de padres e de personalidades cristãs conhecidas, mas também pela participação maciça de jovens cristãos na revolução.

Ao redor do pequeno núcleo de guerrilheiros experientes, vindos frequentemente das montanhas ou das matas fechadas – e que se reconhecem pelos uniformes e pelos fuzis modernos –, juntam-se milhares de jovens que participaram das diferentes tentativas insurrecionais locais e obtêm, em julho de 1979, a queda do regime dos Somoza. A primeira coisa que surpreende nas fotos de 1978–1979 é a pouca idade desses combatentes, designados, aliás, pelo nome genérico de *muchachos*: jovens ou crianças. Frequentemente armados com simples pistolas, e treinando o arremesso de granadas com pedras, lutavam protegidos por trincheiras improvisadas contra os tanques dos militares. A foto da barricada mostra o caráter rudimentar dessa frágil construção: a juventude dos combatentes que ocultam seu rosto com um lenço e o armamento precário de que dispunham.

Provisoriamente vencidos, dispersavam-se, escondiam-se, reorganizavam-se para partir novamente ao ataque alguns dias depois. Daí a importância das

máscaras que se veem amiúde nas fotos: ora simples lenços que (mal) escondem parte do rosto, ora máscaras utilizadas em jogos e celebrações populares. Elas protegiam os insurgentes de serem identificados pela polícia e pelos militares que, nas horas seguintes à revolta vencida, faziam buscas casa a casa, levando com eles todos os suspeitos – e um jovem era quase automaticamente considerado como tal...

Uma comitiva de combatentes sandinistas, encabeçada por um caminhão, celebra a queda de Somoza em 17 de julho de 1979. A imagem capta o entusiasmo com que a população saúda esses rapazes que libertaram a Nicarágua daquela sinistra dinastia. A multidão jubila e braços se levantam, buscando um toque de mão com os sandinistas.

Porém, após o triunfo, o sonho sandinista não durará mais que uma dezena de anos. Combatidos pelo governo norte-americano (Reagan), pela hie-

Nicarágua, 17 de julho de 1979: fim da ditadura.

rarquia conservadora da Igreja e pelos "contra" – coalizão de ex-militares somozistas e outros opositores da revolução –, os sandinistas serão vencidos nas eleições de 1990.

Ergue-se a cortina para um cenário totalmente diferente: a queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989. Símbolo do autoritarismo burocrático nos países do Leste, essa sinistra construção que dividia a cidade em duas desde 1961 foi vigiada dia e noite por seguranças armados até os dentes ajudados por cães policiais. O objetivo era impedir a todo custo – pela morte, se necessário – que os cidadãos de Berlim Oriental passassem para "o outro lado".

Em 1989, está longe a Berlim espartaquista insurgente de 1919. A burocracia "socialista" dos herdeiros de Stalin havia confiscado e trancafiado a revolução atrás de um muro. Mas o regime está em crise, a nova direção soviética (Gorbatchev) não apoia mais Honecker e o povo sai às ruas. Uma multidão tranquila, que não tem medo e sabe o que quer: democracia, eleições livres, abertura das fronteiras. Homens e mulheres, operários e intelectuais, estudantes e aposentados marcham lado a lado nas manifestações, sorridentes, irônicos e irreverentes. O combate é dirigido contra o stalinismo e o "stasinismo" – termo derivado do nome da temível polícia política, a Stasi (abreviação de *Staatssicherheit*, segurança de Estado), cujo enterro se deseja realizar o quanto antes.

Enquanto o regime burocrático, desesperado, tenta ganhar tempo, a multidão passa à ofensiva e ataca o símbolo do poder autoritário, a barreira que corta a cidade em dois, o obstáculo que impede a livre circulação das pessoas: o muro. Rapidamente, mãos armadas com alicates cortam os arames farpados, enquanto outras, munidas de picaretas, abrem buracos. Em algumas horas, segmentos inteiros do muro ruem e as pessoas podem passar, ir e vir livremente.

Ao contrário da Nicarágua em 1979, na Alemanha não há mortos nem feridos, nem bombardeios aéreos nem barricadas: a violência é simbólica e

a revolta, pacífica. O regime, que um ano antes ainda procurava dispersar as manifestações, reconheceu a derrota política e não tenta opor-se ao desejo popular de mudanças.

As imagens da queda do Muro de Berlim circularam pelo mundo. Coincidindo com o bicentenário da Revolução Francesa, apelaram para a memória coletiva dos povos: como a Bastilha, dois séculos antes, o Muro de Berlim tombou sob pressão de multidões ávidas por liberdade. Essas imagens sem dúvida contribuíram para acelerar a decomposição de outros regimes autoritários na Europa do Leste, em geral (exceto a Romênia!) de forma pacífica e não violenta, como em Berlim Oriental. Esse é um exemplo de que a fotografia pode ser não apenas o reflexo de uma realidade, mas também um componente do processo histórico de transformação social.

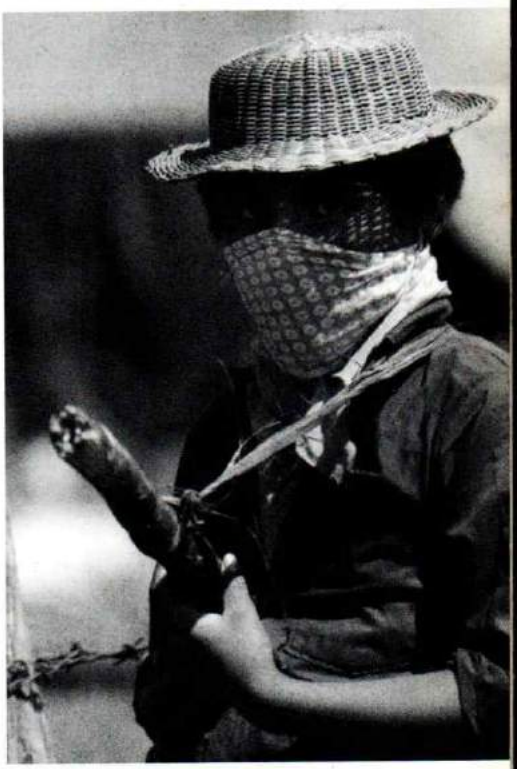
Em pouco tempo não havia sobrado mais nada do muro detestado, exceto pedaços – verdadeiros ou falsos, pouco importa – que foram objeto de um comércio lucrativo entre berlinenses ou turistas à procura de "suvenires originais".

A realidade dos anos seguintes, porém, muitas vezes será decepcionante para os habitantes da ex-República Democrática Alemã, que logo descobrirão os aspectos sinistros do capitalismo ocidental: desemprego, insegurança social, falta de solidariedade, individualismo e desmantelamento das conquistas sociais.

O movimento zapatista nasceu em Chiapas, no sul do México, em janeiro de 1994, por meio de uma revolta que surpreendeu todos os observadores. O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) protestava contra a ausência de democracia no México, onde um mesmo partido político, com o apoio do Exército, dominava o país havia setenta anos. Mas o movimento era sobretudo a expressão da revolta das comunidades indígenas de Chiapas, de origem maia, contra as condições miseráveis em que viviam. Reivindicando a herança de Emiliano Zapata, os combatentes do EZLN, armados de maneira rudimen-

tar, são herdeiros de cinco séculos de resistência indígena e camponesa contra a "civilização" (hispânica) e a "modernização" (norte-americana). Se escondem o rosto com um lenço – como os sandinistas da Nicarágua – ou com uma balaclava, é para evitar que sejam identificados pelas autoridades policiais e militares. O EZLN não é um grupo guerrilheiro no sentido tradicional, mas uma espécie de "exército indígena", composto de famílias ou vilarejos inteiros, que uma hora ou outra podia vestir a balaclava e pegar o fuzil. A grande presença de mulheres no movimento zapatista – até entre os comandantes – é uma novidade em relação ao machismo da sociedade mexicana.

Como a Frente Sandinista em 1978, o exército zapatista se compõe de dois elementos: de um lado, um núcleo de combatentes aguerridos, os jovens armados de fuzis na selva Lacandona; de outro, as famílias indígenas organizadas pelos zapatistas. A imagem da jovem combatente com rosto encoberto e "arma" em punho ilustra a dimensão inovadora do EZLN. A foto é de 1998 – os zapatistas já haviam concordado com uma trégua, mas nem por isso entregaram as armas.



Jovem zapatista em Chiapas, 1998.

Num primeiro momento, diante da revolta de janeiro de 1994 e da ocupação da cidade de San Cristobal de Las Casas pelos insurgentes, o Exército mexicano responde com repressão, enviando tanques, viaturas blindadas e tro-

pas. Mas o apoio e a simpatia que o EZLN suscita em toda a sociedade mexicana, assim como as manifestações contra a guerra na Cidade do México, obrigam as autoridades a negociar, apelando para a mediação de monsenhor Samuel Ruiz, "o bispo dos índios".

Os comunicados do EZLN – frequentemente redigidos por seu porta-voz, o célebre subcomandante Marcos, um intelectual mestiço de formação marxista – distinguem-se por seu estilo imagético, irônico, poético, repleto de mitos indígenas. Contribuíram em muito para a popularidade do EZLN e para o eco bem além das montanhas do sul mexicano, como mostra o sucesso da Conferência Intergaláctica contra o Neoliberalismo e pela Humanidade, organizada pelos zapatistas em Chiapas durante o verão de 1996.

Posfácio à edição brasileira

Revoluções brasileiras?

Michael Löwy

Ao contrário de outros países da América Latina, como México, Bolívia, Cuba e Nicarágua, o Brasil nunca conheceu uma verdadeira revolução social. A independência de 1822 foi um assunto entre pai (d. João VI) e filho (d. Pedro I), como sabe qualquer aluno de ensino médio. A República, um *pronunciamento* militar contra d. Pedro II. A assim chamada Revolução de 1930, conflito entre oligarquias regionais (Rio Grande do Sul e Minas Gerais contra São Paulo), tinha muito pouco de revolucionária – apesar das veleidades democráticas de alguns dos jovens "tenentes" que apoiaram Getúlio Vargas – e poderia, no máximo, ser considerada, segundo o termo irônico de Gramsci, uma "revolução passiva", isto é, uma mudança sociopolítica "de cima para baixo", sem participação popular. A queda de Getúlio Vargas em 1945 e o fim do Estado Novo foram outro assunto decidido entre militares. A pretensa Revolução de 31 de Março de 1964 não passou de um golpe militar reacionário e antipopular patrocinado pelos Estados Unidos. E, por fim, a redemocratização de 1985 deu-se sem rupturas: os militares decidiram entregar o governo novamente aos civis, mas não permitiram eleições diretas, apesar da enorme pressão popular.

Não tivemos, portanto, revoluções no Brasil, apenas alguns movimentos de rebelião que, em certa medida, podem ser considerados revolucionários no sentido amplo da palavra.

No fim do século XIX, teve lugar no Nordeste um importante movimento local de resistência armada contra o Estado (republicano), com amplas bases populares no campesinato pobre; o conflito assumiu proporções épicas e chegou a tomar formas de uma guerra civil. Entretanto, é difícil definir Canudos como um movimento revolucionário, considerando que o milenarismo arcaico desses "rebeldes primitivos" – para usar o conceito do historiador Eric Hobsbawm – não tinha nenhum programa social ou político radical, mesmo se fizermos abstração do discurso religioso antirrepublicano e pseudomonarquista de seu iluminado chefe carismático, Antônio Conselheiro. Entretanto, é inegável o caráter de rebelião social de Canudos, cujos defensores combateram heroicamente – e "misticamente" – até o último deles, como testemunha Euclides da Cunha. O massacre dos combatentes sertanejos feitos prisioneiros – barbárie do Exército "republicano" e "civilizador", denunciada nas últimas páginas de *Os sertões** – é ilustrado pela célebre foto

Prisioneiros sobreviventes de Canudos.

* Euclides da Cunha, *Os sertões* (Rio de Janeiro, Ediouro, 2009). (N. E.)

Greve geral de 1917, em São Paulo.

dos prisioneiros sobreviventes no fim da campanha: quase exclusivamente mulheres e crianças, humildes figuras de famílias camponesas lamentando num desesperado silêncio a morte de seus filhos e maridos.

Totalmente diferente é o caráter deste outro grande movimento de rebeldia, a greve geral de 1917 em São Paulo, dirigida pelos anarcossindicalistas. Não se tratou de uma insurreição, mas, para seus protagonistas libertários, a greve geral era, sem dúvida, parte de um projeto social revolucionário. Chegou a existir na cidade uma espécie de "duplo poder" exercido pelo comitê de greve. Tive a ocasião de conhecer um dos dirigentes desse movimento, o velho militante anarquista Edgard Leuenroth, cujo magnífico arquivo a respeito do movimento operário no Brasil encontra-se atualmente na Unicamp. Ele me contava com orgulho que o comitê de greve controlava toda a cidade: nem um automóvel podia circular sem a sua autorização.

Como ilustra a foto acima, publicada na imprensa da época, tratou-se de um movimento pacífico. Dezenas de milhares de trabalhadores com bandeiras ver-

melhas e negras – adivinham-se as cores no preto e branco – acompanham o caixão de Antônio I. Martinez, um operário morto pela repressão policial. A homenagem aos mártires é um aspecto importante da tradição anarcossindicalista, basta lembrar os mártires de Chicago, no 1º de Maio. Observamos que a grande maioria dos trabalhadores que aparecem na foto são homens e brancos (alguns talvez sejam pardos); a ausência de negros e de mulheres foi um dos limites desse primeiro movimento operário brasileiro, que terminou com uma vitória parcial das reivindicações sindicais, seu ponto mais alto[1].

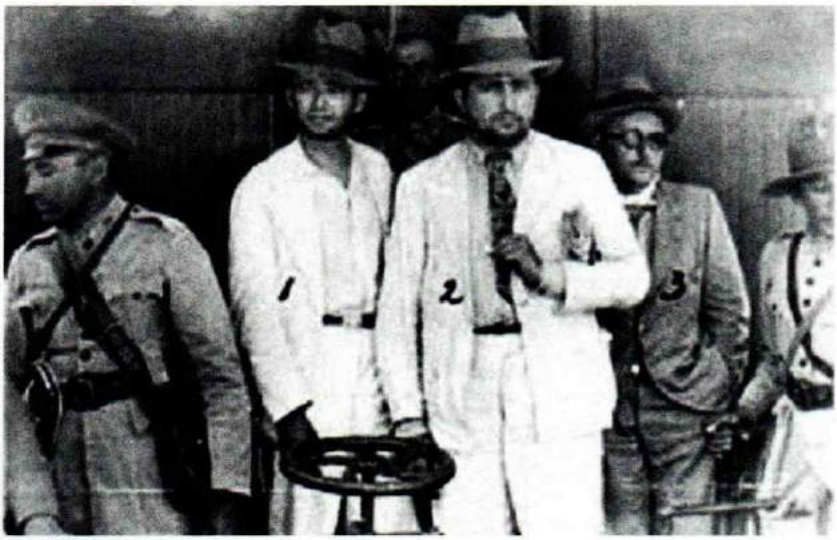
Sem nenhum vínculo com o movimento operário, outros protagonistas rebeldes vão aparecer no curso dos anos 1920: os assim chamados "tenentes". Um desses levantes militares deu origem à célebre Coluna Prestes (1924–1927), um destacamento que percorreu o Brasil de alto a baixo, escapando dos cercos militares e pregando com atos a reforma agrária e a democracia. Seu principal dirigente, o capitão Luís Carlos Prestes, tornou-se rapidamente uma figura lendária, o Cavaleiro da Esperança, celebrado mais tarde por uma biografia, com o mesmo título, de Jorge Amado*. Na conhecida foto ao lado, Prestes aparece "a cavalo" – na verdade, um modesto jegue –, de barba e com seu inseparável lenço vermelho. Trata-se, sem dúvida, de um chefe carismático, como sugere a respeitosa distância com que o sargento o segue. Contrariamente a este, Prestes não carrega nenhuma arma visível. Seria a Coluna Prestes um movimento revolucionário? Seu caráter é ambivalente. Vários de seus protagonistas aderiram a Getúlio Vargas e participaram da tomada do poder em 1930. Não foi o caso do Cavaleiro da Esperança, que se exilou no Uruguai e na Argentina e se radicalizou politicamente. Após uma efêmera aproximação com a oposição de esquerda (trotskista), ele aderiu ao Partido Comunista do Brasil (PCB), do qual se tornou o principal dirigente durante várias décadas.

---

[1] Permito-me uma nota pessoal: fiquei tão impressionado com o relato do amigo Leuenroth, e com essa foto que ele me mostrou em alguma ocasião, que assinei meu primeiro artigo como militante socialista, por volta de 1956, com o pseudônimo de Antônio I. Martinez, em homenagem a esse militante operário caído em 1917.

* Jorge Amado, *O Cavaleiro da Esperança* (34. ed., Rio de Janeiro, Record, 1987). (N. E.)

Depois de alguns anos na União Soviética, Prestes voltou clandestinamente ao Brasil para tomar a direção da Aliança Nacional Libertadora (ANL), um movimento amplo, mas dirigido pelos comunistas, com objetivos de luta contra o fascismo integralista, o imperialismo, a oligarquia e o poder autoritário de Vargas. Contando com o apoio de um número importante de "tenentes" e suboficiais do Exército, Prestes considerou reunidas as condições para que a ANL – posta fora da lei por Vargas – tomasse o poder. Um levante civil-militar em Natal, em novembro de 1935, chegou a tal objetivo durante alguns dias. Sua principal característica é que não só militares, mas também militantes comunistas, trabalhadores e sindicalistas tomaram parte ativa no levante. Essa foto abaixo nos mostra alguns dos personagens desse efêmero "governo revolucionário", o único que o Brasil conheceu: Lauro Cortês Lago, secretário do Interior; João Batista Galvão, secretário de Viação; e José Macedo, secretário de Finanças. Esses três dirigentes comunistas não tiveram tempo de fazer muitas mudanças, mas pelo



Acima: "Governo revolucionário" de Natal (1935).

Página anterior: O Cavaleiro da Esperança em 11 de março de 1925.

menos decretaram a gratuidade dos transportes públicos para grande alegria do povo de Natal. (Aliás, a foto parece ter sido tomada em cima de um bonde.)

Outra tentativa, no mesmo momento, fracassa em Recife. O mesmo acontece, poucos dias depois, no Rio de Janeiro, onde se insurgiram militares comunistas e "prestistas" do 2º e 3º Regimentos de Infantaria (Praia Vermelha), do Batalhão de Comunicações (Vila Militar) e da Escola de Aviação (Campo dos Afonsos). O levante, que Vargas chamou de Intentona Comunista, fracassou em poucas horas e foi seguido, durante os anos seguintes, de uma feroz repressão contra a esquerda, culminando na proclamação, em 1937, do Estado Novo.

Levante no Rio (1935).

Na célebre foto ao lado os dirigentes do levante do 3º Regimento de Infantaria, já derrotados, saem sem armas na Praia Vermelha. Encabeçado pelo tenente Agildo Barata (à esquerda), militante comunista que se tornaria mais tarde um dos dirigentes do PCB, o grupo sorridente, de braços dados, parece desafiar o adversário vencedor. Essa foto ilustra o caráter estritamente militar, sem nenhum elemento de apoio popular, que teve o movimento no Rio de Janeiro. É evidente que Prestes tinha se iludido a respeito da dimensão de seu prestígio (real) no seio das Forças Armadas. Marginalizados, os setores civis do PCB e da ANL não participaram do levante, salvo em Natal. Obviamente, não se trata de uma "revolução", mas sem dúvida de um levante com ambições revolucionárias.

Outro movimento com ambições revolucionárias, ocorrido 33 anos depois, foi a resistência armada contra a ditadura militar que se implantou

no país em 1964. Um movimento como a Ação de Libertação Nacional (ALN), fundado por Carlos Marighella, dirigente comunista dissidente, obviamente se inspirava na ANL de 1935. Já o MR-8, constituído por jovens comunistas dissidentes da Guanabara, remetia, antes de tudo, à figura de Che Guevara, assassinado em 8 de outubro de 1967. Contrariamente aos revolucionários de 1935, salvo algumas exceções, os revolucionários não eram, como o capitão Lamarca, oficiais do Exército, mas sim estudantes, sindicalistas e militantes de esquerda. Sem conseguir mobilizar as massas populares, a resistência atraiu amplos setores da juventude. O objetivo era não só derrubar a ditadura, mas também abrir o caminho para o socialismo. A ação mais bem-sucedida dessa resistência, do ponto de vista militar e político, foi o rapto do embaixador americano no Brasil, Charles Elbrick, em maio de 1969, que obrigou o regime militar a libertar quinze prisioneiros políticos. A célebre foto ao lado mostra treze desses prisioneiros em frente ao Hércules 56 que os levaria para o exílio – os dois outros, Gregório Bezerra, histórico dirigente comunista, e Mário Zanconato, embarcaram no Recife. Ainda algemados, posam na clássica formação de clube de futebol, com alguns de pé e outros agachados. A foto ilustra a composição social da resistência: vários dirigentes estudantis (como Luiz Travassos e José Dirceu, à esquerda, e Wladimir Palmeira, no centro, entre os agachados), alguns dirigentes sindicais (José Ibrahim, o terceiro à esquerda, e Rolando Fratti, o primeiro à direita), um militar (o sargento Onofre Pinto, o quarto à esquerda) e uma só mulher (Maria Augusta Carneiro, à direita). Houve ainda alguns outros raptos sensacionais de embaixadores de potências imperialistas, mas a partir de 1970–1971 o movimento de resistência foi esmagado pela repressão policial-militar, que utilizava como método principal a tortura dos prisioneiros políticos.

Embora o Brasil tenha conhecido grandes movimentos sociais durante os últimos anos da ditadura, como as greves operárias do ABC em 1978 e 1979 e a grande mobilização popular pelas eleições diretas em 1985, a transição

Hércules 56: resistência à ditadura atraiu a juventude.

democrática fez-se sem rupturas. Durante os anos da Nova República que se seguiram, muitos episódios de luta popular tiveram lugar, como a derrubada do presidente Fernando Collor em 2000 ou a mobilização contra o pagamento da dívida externa em 2006, com o apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Entretanto, o movimento social que mais se aproxima de uma visão social revolucionária, no sentido amplo da palavra, é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Ocupação de terra em Rio Bonito do Iguaçu (SC), 17 de abril de 1996.

A conhecida foto de Sebastião Salgado ilustra a natureza do MST: um movimento de camponeses pobres, radical, mas não violento, cujas únicas armas são as simbólicas foices, e que trata de impor a reforma agrária no terreno pela ocupação dos latifúndios. Passando por cima da sacrossanta "propriedade privada", os sem-terra derrubam cercas, abrem portões trancados e apropriam-se das terras monopolizadas pelas elites rurais e pelo agronegócio. A cena é carregada de grande emoção, e transparece no comportamento dos protagonistas aquilo que o MST chama de "mística" do movimento.

Bibliografia

A Comuna de Paris

BRUHAT, Jean; DAUTRY, Jean; TERSEN, Émile (orgs.). *La Commune de 1871*. Paris, Éditions Sociales, 1970.

LISSAGARAY, Prosper-Olivier. *A história da Comuna de 1871* (1876). São Paulo, Ensaio, 1991.

MARX, Karl. A guerra civil na França. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas*. São Paulo, Alfa-Omega, 1971, vol. 2.

MICHEL, Louise. *La Commune* (1898). Paris, Stock, 1970.

NOËL, Bernard. *Dictionnaire de la Commune*. Paris, Hazan, 1971.

ROUGERIE, Jacques. *Paris insurgé:* la Commune de 1871. Paris, Gallimard, 1995.

SERMAN, William. *La Commune de Paris*. Paris, Fayard, 1986.

A Revolução Russa de 1905

ASCHER, Abraham. *The Revolution of 1905:* Russia in Disarray. Stanford, Universidade Stanford, 1988.

COQUIN, François-Xavier. *La Révolution russe manquée*. Bruxelas, Complexe, 1985. (Coleção La mémoire du siècle).

TROTSKI, Leon. *1905* (1909). Paris, Minuit, 1969.

VOLIN. *A revolução desconhecida* (1947). São Paulo, Global, 1980.

A Revolução Russa de 1917

ASTROW, W.; SLEPKOW, A., J. Thomas (orgs.). *Illustrierte Geschichte der russischen Revolution 1917*. Berlim, Will Münzenberg, 1928.

DEUTSCHER, Isaac. *Trotski:* o profeta armado, 1879-1921. 3. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

MARKOVITCH, M. *La Révolution russe par une française.* Paris, 1918. Citado por: FERRO, Marc. *La Révolution de 1917.* Paris, Albin Michel, 1997.

REED, John. *10 dias que abalaram o mundo.* Porto Alegre, L&PM, 2002.

TROTSKI, Leon. *História da Revolução Russa.* São Paulo, Paz e Terra, 1980. 2 vols.

_____. *Minha vida.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.

A Revolução Húngara

BARDY, Roland. *1919: la Commune de Budapest.* Paris, Éditions de la Tête de Feuille, 1972.

GAUCHERON, Jacques. Apresentação. In: *La république des Conseils:* Budapest, 1919. Paris, Les Éditeurs Français Reunis, 1979.

KUN, Béla. *La république hongroise des Conseils.* Budapeste, Kossuth, 1962.

A Revolução Alemã

BADIA, Gilbert. *Le Spartakisme:* les dernières années de Karl Liebknecht et Rosa Luxemburg. Paris, Maspéro, 1970.

BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". In: _____. *Obras escolhidas:* Magia e técnica, arte e política. 10. ed., São Paulo, Brasiliense, 1996.

_____. "Pequena história da fotografia". In: _____. *Obras escolhidas:* Magia e técnica, arte e política. 10. ed., São Paulo, Brasiliense, 1996.

BROUÉ, Pierre. *Révolution en Allemagne.* Paris, Minuit, 1971.

COLETIVO. *Revolution und Fotografie:* Berlin 1918/19. Berlim, Nishen, 1989.

ETTINGER, Elzbieta. *Rosa Luxemburgo*: uma vida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.

FLECHTHEIM, Ossip. *Karl Liebknecht.* Hamburgo, Junius Verlag, 1986.

KRACAEUR, Siegfried. *O ornamento da massa.* São Paulo, Cosac Naify, 2008.

PEUKERT, Detlev K. *La République de Weimar.* Paris, Aubier, 1995.

A Revolução Mexicana

CAMP, Jean. *En selle avec Pancho Villa.* Paris, Amiot-Dumont, 1952.

GILLY, Adolfo. *La Révolution mexicaine:* 1910-1920. Paris, Syllepse, 1995.

GUZMAN, Martin Luiz. *L'aigle et le serpent.* Paris, Gallimard, 1967.

HERZOG, Jesus Silva. *La Révolution mexicaine.* Paris, Maspéro, 1968.

IBANEZ, Vicente Blasco. *La Révolution mexicaine et la dictature militaire*. Paris, Vuibert, 1923.

MEYER, Jean. *La Révolution mexicaine*. Paris, Calmann-Lévy, 1973.

NUNES, Américo. *As revoluções do México*. São Paulo, Perspectiva, 1999.

OUDIN, Bernard. *Villa, Zapata et le Mexique en feu*. Paris, Gallimard, 1989.

REED, John. *México rebelde*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

WOMACK, John. *Zapata e a Revolução Mexicana*. Lisboa, Edições 70, 1980.

As Revoluções Chinesas

BELDEN, Jack. *La Chine ébranle le monde*. Paris, Gallimard, 1951.

BIANCO, Lucien. *La Chine*. Paris, Flammarion, 1994.

_____. *Les origines de la révolution chinoise:* 1915-1949. Paris, Gallimard, 1987.

CHESNEAUX, Jean. Histoire Contemporaine. In: _____ (org.). *La Chine*. Paris, Universidade Hatier, 1969-1977. 4 tomos.

D'ENCAUSSE, Hélène Carrère; SCHRAM, Stuart. *Le marxisme et l'Asie:* 1853-1964. Paris, Armand Colin, 1965.

DE, Zhu. *Oeuvres choisies*. Pequim, Éditions de Pékin, 1986.

ENLAI, Zhou. *Oeuvres choisies*. Pequim, Éditions de Pékin, 1981-1989. 2 tomos.

GUILLERMAZ, Jacques. *Histoire du parti communiste chinois*. Paris, Payot, 1975. 2 vols.

HINTON, William H. *Fanshen:* la Révolution communiste dans uns village chinois. Paris, Plon, 1966.

ISAAC, Harold. *La tragédie de la Révolution chinoise:* 1925-1927. Paris, Gallimard, 1967.

LEW, Roland. *L'intellectuel, l'état et la révolution:* essais sur le communiste chinois et le socialisme réel. Paris L'Harmattan, 1997.

ROUSSET, Pierre. La Révolution chinoise. *Cahiers d'étude et de formation*. Amsterdã, Institut International de Recherche et de Formation (IIRF), n. 2/3, 1986-1987.

SCHRAM, Stuart. Présentation. In: *Mao Tsé-Toung*. Paris, Armand Colin, 1972.

SHOAQI, Liu. *Oeuvres choisies*. Pequim, Éditions de Pékin, 1983-1990. 2 tomos.

SNOW, Edgar. *Étoile rouge sur la Chine*. Paris, Stock, 1965.

TSÉ-TUNG, Mao. *Oeuvres choisies*. Pequim, Éditions de Pékin, 1966-1977. 5 tomos. [Ed. bras.: *Obras escolhidas*. São Paulo, Alfa-Omega, 1979. Tomos 3 e 4].

XIAOPING, Deng. *Oeuvres choisies*. Pequim, Éditions de Pékin, 1985-1994. 3 tomos.

YUN, Chen. *Oeuvres choisies*. Pequim, Éditions de Pékin, 1988.

A Guerra Espanhola

BROUÉ, Pierre; TÉMIME, Émile. *La Révolution et la guerre d'Espagne*. Paris, Minuit, 1961.

CARR, Raymond. *The Spanish Civil War:* A History in Pictures. Londres, Allen & Unwin, 1968.

HERMET, Guy. *La guerre d'Espagne*. Paris, Seuil, 1996.

ORWELL, George. "Homenagem à Catalunha (1938)". In: _____. *Lutando na Espanha*: Homenagem à Catalunha, recordando a Guerra Civil Espanhola e outros escritos. São Paulo, Globo, 2006.

PAZ, Abel. *Guerre d'Espagne*. Pariz, Hazan, 1997.

TÉMIME, Émile. *La guerre d'Espagne*. Bruxelas, Complexe, 1996.

THOMAS, Hugh. *A Guerra Civil Espanhola* (1961). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964. 2 vols.

A Revolução Cubana

DEBRAY, Régis. *A guerrilha do Che*. São Paulo, Edições Populares, 1980.

DUMONT, René. *Cuba est-il socialiste?* Paris, Seuil, 1970.

FRANCOS, Ania. *La fête cubaine*. Paris, Julliard, 1962.

GUEVARA, Ernersto Che. *Che, guerrilha:* diário da Bolívia. Lisboa, Tinta da China, 2009.

HABEL, Janette. *Ruptures à Cuba*. Éditions La Brèche, 1992.

JULIEN, Claude. *La Révolution cubaine*. Paris, Julliard, 1961.

KALFON, Pierre. *Che*. Paris, Seuil, 1997.

KAROL, K. S. *Les guérilleros au pouvoir*. Paris, Robert Laffont, 1970.

PATTERSON, Thomas G. *Contesting Castro:* The United States and the Triumph of the Cuban Revolution. Nova York, Universidade Oxford, 1994.

SZULC, Tad. *Castro:* trente ans de pouvoir absolu. Paris, Payot, 1987.

Crédito das imagens

Acervo Alberto Korda: 495.

Arquivo pessoal de Anita Leocadia Prestes: 537, 539.

Arquivo Edgard Leuenroth, Coleção História da Industrialização: 535.

Austin, The University of Texas at Austin: 66a.

Berlin, A B Z: 260a-c, 261 @ Willy Römer.

Berlin, Bildarchiv Preubischer Kulturbesitz: 82-3, 98b, 104, 226, 227, 231, 232-3, 234-5, 236, 237, 238-9, 242-3, 300a, 302, 303b, 307, 313, 341, 342, 502.

Berlin, Ullstein: 224-5, 244, 254-5, 262, 343.

Pachuca, arquivo Casasola @ Conaculta-Sinafo-Fototeca INAH: 278-9, 280, 282, 283, 285, 291, 294-5, 296-7, 304-5, 310-1, 312, 314-5.

Paris, Biblioteca Nacional da França, Departamento de gravuras: 52, 58.

Paris-Berlin, A K G: 60, 85, 86, 94, 95a-b, 99, 128, 129a-b, 132, 134-5, 138, 139, 144, 145, 149, 152-3, 154-5, 157, 160, 162, 163a, 164, 165, 228, 229, 230, 240, 241, 256a-b, 257, 258, 259, 263, 281, 284, 287, 288-9, 298-9, 303a, 306, 308-9, 489, 503a, 507b.

Paris, Bulloz: 36-7.

Paris, Keystone: 344, 395, 434, 435, 436-7, 444, 446, 447, 476, 477a-b, 479, 507a, 508, 509, 510, 511b-c.

Paris, Keystone, arquivos *L'Humanité*: 494.

Paris, L'Illustration/ Keystone: 100-1, 126-7, 130, 140-1, 142-3, 147, 148, 150, 151, 156, 158-9, 163b, 178, 183a, 188-9, 190, 192-3, 204, 205, 290, 340, 346a-b, 347, 393a, 396-7, 398-9, 407, 412-3, 418-9, 421, 422, 423.

Paris, Magnum: 483, 486-7, 490-1, 488.

Paris, Musée de L'armée: 46.

Paris, Roger Pic: 472-3, 493, 498-499, 512, 513, 514-5.

Paris, Roger-Viollet: 38, 39, 40-1, 42a, 44, 50-1, 53, 54, 55, 56-7, 59a-b, 60, 62, 63a-b-c.

Paris, Sipa: 87, 90, 92, 93a-b, 161, 394, 400, 401, 402, 403, 408-9, 414, 417, 426-7, 440-1, 474, 475, 492, 496-97, 500-1, 503b, 511a.

Paris, Sygma: 390-1.

Paris, L 'Illustration/ Sygma: 84, 88-9, 96, 97, 98a, 102-3, 105, 106, 107, 124-5, 131, 133, 136, 137a-b, 146, 196-7, 198-9, 200-1, 286, 292, 293, 300b, 301, 338-9, 388-9, 393b, 410-1, 415, 430-1, 432, 433, 438-9, 445.

Rio de Janeiro, *Correio da Manhã*: 538.

Rio de Janeiro, Museu da República: 534.

Saint-Denis, Musée d'Art et d'Histoire: 47, 48, 49, 64, 65, 67.

São Paulo, Arquivo do Estado: 541.

© Burt Glinn: 484-5.

© Carlos Granja: 525.

© Henri Cartier-Bresson: 360-1, 362, 363, 364, 365, 366a.

© Henriques: 480, 481, 482, 504.

© JAF: 348-9, 350, 356a.

© Jean Pierre Rey: 523.

© Marc Riboud: 367.

© Matthew Naythons/ Getty Images News: 527-8.

© New China Pictures: 351.

© Omar Menezes: 531.

© Robert Capa: 345, 354-5.

© Sebastião Salgado/ Amazonas Images: 542.

As letras indicam a posição na página, de cima para baixo. Não foi possível identificar a autoria de muitas fotos publicadas neste livro. Localizados os fotógrafos, a editora se propõe a creditá-los imediatamente nas próximas edições. As ilustrações sem crédito fazem parte do acervo da editora francesa.

Sobre os autores

Bernard Oudin: historiador, é especialista em história da Revolução Mexicana. Viveu na Alemanha e foi professor da Universidade de Heidelberg. Publicou, entre outros livros, *Villa, Zapata et le Mexique en feu* (Gallimard, 1989) e, com Michèle Georges, *Histoires de Berlin* (Perrin, 2000).

Enzo Traverso: historiador italiano radicado na França, é professor na Universidade de Picardie Jules Verne. Autor de diversos livros sobre as origens do nazismo. Publicou, dentre outros, *Les marxistes et la question juive* (Kimé, 1998) e *La violence nazie, une généalogie européenne* (La Fabrique, 2002).

Gilbert Achcar: professor da School of Oriental and African Studies da Universidade de Londres e membro do International Institut for Research and Education. Tem vasta linha de pesquisa, incluindo políticas de desenvolvimento econômico de países do Oriente Médio e norte da África, além de sociologia da religião em geral. É autor de diversos livros, dentre eles, *Les arabes et la Shoah* (Sindbad, 2009) e *La poudrière du Moyen-Orient* (Fayard, 2007), este em colaboração com Noam Chomsky.

Janette Habel: professora na Universidade de Marne-la-Vallée e no Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL) na Universidade Paris III. Suas pesquisas abordam Cuba, a política externa dos Estados

Unidos direcionada à América Latina, assim como à América Latina contemporânea. Também faz parte do Centre de Recherches sur l'Amérique Latine et les Caraïbes, na Universidade Aix-Marseille. É autora de *Ruptures à Cuba: le castrisme en crise* (La Brèche, 1992).

Michael Löwy: nascido no Brasil, formado em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, vive em Paris desde 1969. É diretor emérito de pesquisas do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). Homenageado, em 1994, com a medalha de prata do CNRS em Ciências Sociais, é autor de *A teoria da revolução no jovem Marx* (Vozes, 2002), *Walter Benjamin: aviso de incêndio* (Boitempo, 2005) e *Lucien Goldmann ou a dialética da totalidade* (Boitempo, 2009), dentre outras publicações.

Rebecca Houzel: historiadora, tem pesquisado sobre as representações da polícia política na sociedade soviética.

Pierre Rousset: doutor em história, vinculado ao International Institute for Research and Education in Amsterdam (IIRE-Amsterdam), integra a Europe Solidaire Sans Frontières e foi assessor do Parlamento Europeu. É autor de *Le Parti Communiste Vietnamien* (Maspéro, 1973) e de *Communisme et nationalisme vietnamien* (Galilée, 1978), entre outros trabalhos sobre as revoluções asiáticas.